

Socialismo e Outras Teorias de Organização  
Econômica  
Wikipédia

# Conteúdo

<b>1</b>	<b>Socialismo</b>	<b>1</b>
1.1	História . . . . .	1
1.2	Tipos de Socialismo . . . . .	2
1.2.1	Socialismo utópico . . . . .	2
1.2.2	Socialismo científico . . . . .	3
1.2.3	Anarquismo . . . . .	3
1.2.4	Socialismo cristão . . . . .	4
1.3	Divergências . . . . .	4
1.4	Críticas ao socialismo . . . . .	5
1.5	Partidos socialistas lusófonos . . . . .	5
1.6	Ver também . . . . .	6
1.7	Referências . . . . .	6
1.7.1	Bibliografia . . . . .	7
1.8	Ligações externas . . . . .	8
<b>2</b>	<b>Capitalismo</b>	<b>9</b>
2.1	Etimologia . . . . .	9
2.2	História . . . . .	10
2.2.1	Mercantilismo . . . . .	10
2.2.2	Industrialismo . . . . .	11
2.2.3	Keynesianismo e neoliberalismo . . . . .	11
2.2.4	Globalização . . . . .	12
2.3	Teoria capitalista . . . . .	12
2.4	Modo de produção capitalista . . . . .	12
2.5	Democracia, Estado e quadros jurídicos . . . . .	13
2.5.1	Propriedade privada . . . . .	13
2.5.2	Instituições . . . . .	13
2.5.3	Democracia . . . . .	13
2.6	Benefícios políticos . . . . .	14
2.6.1	Crescimento econômico . . . . .	14
2.6.2	Liberdade política . . . . .	15
2.6.3	Auto-organização . . . . .	15
2.7	Críticas . . . . .	15

2.8	Ver também . . . . .	16
2.9	Referências . . . . .	16
2.9.1	Bibliografia . . . . .	18
2.10	Ligações externas . . . . .	18
<b>3</b>	<b>Comunismo</b> . . . . .	<b>19</b>
3.1	Conceitos . . . . .	19
3.1.1	Um planejamento geral . . . . .	20
3.1.2	Transformação pelo poder . . . . .	20
3.1.3	Terminologia . . . . .	20
3.2	História . . . . .	21
3.2.1	Origem . . . . .	21
3.2.2	Revolução Russa de 1917, derrocada comunista e burocratização . . . . .	22
3.3	Teorias e correntes do comunismo . . . . .	25
3.3.1	Utópicos . . . . .	25
3.3.2	O socialismo científico . . . . .	26
3.3.3	Libertários . . . . .	26
3.3.4	Desenvolvimentos posteriores à Revolução Russa . . . . .	27
3.3.5	Cisões . . . . .	28
3.4	Comunismo e anarquismo . . . . .	28
3.5	Críticas . . . . .	28
3.5.1	Condenação oficial da Igreja Católica . . . . .	29
3.6	Ver também . . . . .	30
3.7	Referências . . . . .	30
3.7.1	Bibliografia . . . . .	32
3.8	Ligações externas . . . . .	32
<b>4</b>	<b>Karl Marx</b> . . . . .	<b>33</b>
4.1	Biografia . . . . .	33
4.1.1	Juventude . . . . .	33
4.1.2	Casamento e vida política . . . . .	34
4.1.3	Morte . . . . .	35
4.2	Influências . . . . .	35
4.2.1	Influência da filosofia idealista . . . . .	36
4.2.2	Influência do socialismo utópico . . . . .	36
4.2.3	Influência da economia política clássica . . . . .	37
4.2.4	Colaboração de Engels . . . . .	37
4.3	Teoria e obras . . . . .	37
4.3.1	Metodologia . . . . .	38
4.3.2	Classes sociais . . . . .	38
4.3.3	Crítica da religião . . . . .	38
4.3.4	Revolução . . . . .	39

4.3.5	Crítica ao anarquismo	39
4.3.6	<i>A práxis</i>	39
4.3.7	<i>A mais-valia</i>	40
4.3.8	<i>O Capital</i>	40
4.3.9	Outras obras	40
4.4	Legado	41
4.5	Críticas	42
4.6	Ver também	43
4.7	Notas	43
4.8	Notas e referências	43
4.8.1	Bibliografia	46
4.9	Ligações externas	46
<b>5</b>	<b>Friedrich Engels</b>	<b>48</b>
5.1	Biografia	48
5.2	Principais obras	48
5.3	Ver também	50
5.4	Referências	50
5.5	Bibliografia	50
5.6	Leitura complementar	50
<b>6</b>	<b>Manifesto Comunista</b>	<b>51</b>
6.1	Edições	51
6.2	Conteúdo	51
6.3	Lenin e o Manifesto Comunista	52
6.4	Trotsky e o Manifesto	52
6.5	Ver também	53
6.6	Referências	53
6.7	Bibliografia	53
6.8	Ligações externas	53
<b>7</b>	<b>O Capital</b>	<b>54</b>
7.1	Observação quanto ao conteúdo	54
7.2	Seu preparo e livros económicos anteriores	54
7.2.1	A publicação de “O Capital” em francês e em inglês	55
7.2.2	A publicação de “O Capital” na Rússia	55
7.2.3	A publicação de <i>O Capital</i> no Brasil	55
7.3	O Capital	56
7.3.1	Livro 1 - o processo de produção do capital 1867	56
7.3.2	Livro 2 - o processo de circulação do capital 1885	56
7.3.3	Livro 3 - o processo global da produção capitalista 1894	56
7.3.4	Livro 4 - Teorias da mais valia 1905	56

7.3.5	Capítulo VI inédito de O Capital	57
7.4	Resumos e obras derivadas	57
7.4.1	Resumos	57
7.4.2	Obras derivadas	57
7.4.3	Quadrinhos/banda desenhada	57
7.5	Conteúdo Livro 1	57
7.5.1	Seção I, 1.1 Os dois fatores da mercadoria: valor de uso e valor (substância do valor, grandeza do valor)	57
7.5.2	Seção I, 1.2 O duplo caráter do trabalho representado na mercadoria	59
7.5.3	A compra e venda da força de trabalho: origem da mais-valia	59
7.5.4	Entesourador x capitalista	59
7.5.5	Teoria da Abstinência	59
7.5.6	Acumulação primitiva	59
7.6	Conteúdo Livro 4	59
7.6.1	Reposição de máquinas (Capital constante)	59
7.7	Referências	60
7.8	Ligações externas	60
<b>8</b>	<b>Lenin</b>	<b>61</b>
8.1	Início de vida	61
8.1.1	Infância: 1870–87	61
8.1.2	Universidade e radicalização política: 1887–93	62
8.2	Ativismo revolucionário	63
8.2.1	Ativismo precoce e prisão: 1893–1900	63
8.2.2	Munique, Londres e Genebra: 1900–05	64
8.2.3	Revolução de 1905 e suas consequências: 1905–14	65
8.2.4	Primeira Guerra Mundial: 1914–17	66
8.2.5	Revolução de Fevereiro e os Dias de Julho: 1917	67
8.2.6	Revolução de Outubro: 1917	68
8.3	Governo	68
8.3.1	Organização do governo soviético: 1917-18	69
8.3.2	Reformas sociais, jurídicas e econômicas: 1917-18	70
8.3.3	Tratado de Brest-Litovsk: 1917-18	71
8.3.4	Campanhas Anti-Cúlaques, Cheka e Terror Vermelho: 1918-22	72
8.3.5	Guerra Civil e Guerra Polaco-Soviética: 1918-20	73
8.3.6	Comintern e revolução mundial: 1919–20	74
8.3.7	Fome e Nova Política Econômica: 1920–22	75
8.3.8	Declínio de saúde e discussões com Stalin: 1920–23	76
8.3.9	Morte e funeral: 1923–24	78
8.4	Ideologia política	78
8.5	Vida pessoal e características	80
8.6	Legado	81

8.7	Morte	82
8.8	Principais obras	82
8.9	Ver também	82
8.10	Notas	83
8.11	Referências	83
8.12	Ligações externas	93
8.12.1	Principais obras para leitura	93
<b>9</b>	<b>Leon Trótski</b>	<b>94</b>
9.1	Primeiros anos	94
9.2	Os dias da revolução: De Outubro a Brest-Litovski	94
9.3	Comissário da Guerra	95
9.3.1	1918: Formulação da política militar e primeiros sucessos	95
9.3.2	1919: Crise e restauração de prestígio	96
9.3.3	O Pós-Guerra Civil	97
9.4	Derrota diante de Stalin	97
9.5	Exílio e morte	98
9.6	A morte de Trotsky na imprensa	100
9.7	Biografias	100
9.8	Ver também	100
9.9	Notas	101
9.10	Referências	101
9.11	Bibliografia	101
9.12	Ligações externas	101
<b>10</b>	<b>Anarquismo</b>	<b>103</b>
10.1	Etimologia e terminologia	103
10.2	História	104
10.2.1	Antecedentes	104
10.2.2	A Associação Internacional dos Trabalhadores, surgimento e desenvolvimento	105
10.2.3	Primeira onda (1868-1894)	106
10.2.4	Segunda onda (1895-1923)	108
10.2.5	Terceira onda (1924-1949)	110
10.2.6	Quarta onda (1950-1989)	111
10.2.7	Quinta onda (1990 ao presente)	113
10.3	Princípios políticos e ideológicos do anarquismo	114
10.3.1	Crítica da dominação	114
10.3.2	Defesa da autogestão	117
10.3.3	Estratégia do anarquismo	119
10.4	Debates e questões internas	121
10.4.1	Debates relevantes em torno da autogestão	121
10.4.2	Debates relevantes em torno da estratégia	123

10.5	Correntes do anarquismo . . . . .	126
10.5.1	Anarquismo insurrecionário . . . . .	126
10.5.2	Anarquismo social ou de massas . . . . .	127
10.6	Críticas . . . . .	128
10.7	Ver também . . . . .	128
10.8	Notas . . . . .	128
10.9	Referências . . . . .	129
10.10	Bibliografia . . . . .	132
10.11	Ligações externas . . . . .	133
<b>11</b>	<b>Proletariado</b>	<b>134</b>
11.1	História . . . . .	134
11.1.1	Tempos atuais . . . . .	135
11.2	Críticas . . . . .	135
11.3	Galeria . . . . .	135
11.4	Ver também . . . . .	136
11.5	Referências . . . . .	136
<b>12</b>	<b>Luta de classes</b>	<b>137</b>
12.1	Origens . . . . .	137
12.2	Ver também . . . . .	138
12.3	Referências . . . . .	138
12.4	Ligações externas . . . . .	138
<b>13</b>	<b>Meios de produção</b>	<b>139</b>
13.1	Referências . . . . .	139
13.2	Ver também . . . . .	139
<b>14</b>	<b>Burguesia</b>	<b>140</b>
14.1	A formação da burguesia . . . . .	140
14.2	Ascensão da burguesia . . . . .	141
14.3	Aprofundamento . . . . .	141
14.4	Economia . . . . .	141
14.5	Ver também . . . . .	142
14.6	Referências . . . . .	142
<b>15</b>	<b>Mais-valia</b>	<b>143</b>
15.1	A mais-valia em Marx e na Escola Clássica Inglesa . . . . .	143
15.2	Mais-valia absoluta e relativa . . . . .	144
15.3	Marxismo e economia neoclássica . . . . .	144
15.4	Ver também . . . . .	144
15.5	Referências . . . . .	144
15.6	Ligações externas . . . . .	145

15.7 Fontes . . . . .	145
15.8 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças . . . . .	146
15.8.1 Texto . . . . .	146
15.8.2 Imagens . . . . .	149
15.8.3 Licença . . . . .	156

# Capítulo 1

## Socialismo

**Socialismo** refere-se a qualquer uma das várias teorias de organização econômica que advogam a administração e propriedade pública ou coletiva dos meios de produção e distribuição de bens, propondo-se a construir uma sociedade caracterizada pela igualdade de oportunidades e meios para todos os indivíduos, com um método isonômico de compensação.<sup>[1]</sup> Atualmente, teorias socialistas são partes de posições da esquerda política, relacionadas com as atuações de Estado de bem-estar social.

O socialismo moderno surgiu no final do século XVIII tendo origem na classe intelectual e nos movimentos políticos da classe trabalhadora que criticavam os efeitos da industrialização e da sociedade sobre a propriedade privada. Karl Marx afirmava que a luta de classes era responsável pela nossa realidade social, e que este conflito inevitavelmente resultaria no socialismo através de uma revolução do proletariado, tornando-se uma fase de transição do capitalismo para um novo modelo de sociedade que não é dividido em classes sociais hierárquicas, um modelo essencialmente comunista.<sup>[2][3]</sup>

A maioria dos socialistas possuem a opinião de que o capitalismo concentra injustamente a riqueza e o poder nas mãos de um pequeno segmento da sociedade - denominado por Marx de *Burguesia* - que controla o capital e deriva a sua riqueza através da exploração, criando uma sociedade desigual, que não oferece oportunidades iguais para todos a fim de maximizar suas potencialidades.<sup>[4]</sup>

Friedrich Engels, um dos fundadores da teoria socialista moderna, e o socialista utópico Henri de Saint Simon defendem a criação de uma sociedade que permite a aplicação generalizada das tecnologias modernas de racionalização da atividade econômica, eliminando o caos na produção do capitalismo.<sup>[5][6]</sup> Isto permitiria que a riqueza e o poder fossem distribuídos com base na quantidade de trabalho despendido na produção, embora não haja concordância entre os socialistas sobre como e em que medida isso poderia ser alcançado.

O socialismo não é uma filosofia de doutrina e programa fixos; seus ramos defendem um certo grau de intervencionismo social e racionalização econômica (geralmente sob a forma de planejamento econômico), às vezes opostas entre si, como o socialismo de estado e o socialismo libertário. Uma característica da divisão do

movimento socialista é entre os reformistas, chamados de socialistas democráticos, e revolucionários sobre como uma economia socialista deveria ser estabelecida. Alguns socialistas defendem a nacionalização completa dos meios de produção, distribuição e troca, outros defendem o controle estatal do capital no âmbito de uma economia de mercado.

### 1.1 História

Socialistas inspirados no modelo soviético de desenvolvimento econômico têm defendido a criação de economias de planejamento central dirigido por um Estado que controla todos os meios de produção. Sociais democratas propõem a nacionalização seletiva das principais indústrias nacionais nas economias mistas, mantendo a propriedade privada do capital da empresa e de empresas privadas. Sociais democratas também promovem programas sociais financiados pelos impostos e regulação dos mercados. Muitos democratas sociais, especialmente nos estados de bem-estar europeus, referem-se a si mesmos como socialistas. O socialismo libertário (incluindo o anarquismo social e o marxismo libertário) rejeita o controle estatal e de propriedade da economia e defende a propriedade coletiva direta dos meios de produção através de conselhos cooperativos de trabalhadores e da democracia no local de trabalho. O socialismo de mercado também busca uma economia com a ascensão da propriedade social dos meios de produção (cooperativas) mas, quando não mutualista, favorece a existência de um Estado administrador, mas não proprietário da atividade econômica, com exceção de setores estratégicos.<sup>[carece de fontes?]</sup>

O socialismo moderno se originou no século XVIII em movimentos políticos intelectuais e da classe trabalhadora, criticando os efeitos da industrialização e da propriedade privada na sociedade. Os socialistas utópicos, incluindo Robert Owen (1771-1858), tentaram encontrar formas de criar comunas autossustentáveis por secessão de uma sociedade capitalista. Henri de Saint Simon (1760-1825), o primeiro a utilizar o termo *socialismo*, foi o pensador original que defendia a tecnocracia e o planejamento industrial. Os primeiros socialistas previram um

mundo melhor, através da mobilização de tecnologia e combinando-a com uma melhor organização social. Os primeiros pensadores socialistas tendem a favorecer uma autêntica meritocracia combinada com planejamento social racional, enquanto muitos socialistas modernos têm uma abordagem mais igualitária.

Vladimir Lenin, com base em ideias de Karl Marx, de “baixa” e “alta” fases do socialismo,<sup>[7]</sup> definiu o “socialismo” como uma fase de transição entre o capitalismo e o comunismo.<sup>[8]</sup>

## 1.2 Tipos de Socialismo

### 1.2.1 Socialismo utópico



Estátua de Robert Owen em Manchester.

A reação operária aos efeitos da Revolução Industrial fez surgir críticos ao progresso industrial que propunham reformulações sociais e a construção de uma sociedade mais justa.<sup>[9]</sup> Os primeiros socialistas, ao formularem profundas críticas ao progresso industrial, ainda estavam impregnados de valores liberais.<sup>[9]</sup> Atacam os grandes proprietários, mas tinham, em geral, muita estima pelos pequenos, acreditando ser possível haver um acordo entre as classes sociais.<sup>[9]</sup> Elaboraram soluções que não chegaram, porém, a constituir uma doutrina, e sim modelos idealizados, sendo por isso chamados de utópicos.<sup>[9]</sup>

Um dos principais teóricos dessa fase inicial do socialismo era o conde francês Claude de Saint-Simon, que havia aderido à revolução de 1789.<sup>[9]</sup> Um racionalista, como a maioria de seus contemporâneos, propôs em *Cartas de um habitante de Genebra* (1802), a formação de uma sociedade em que não haveria ociosos (como ele considerava os militares, os religiosos, os nobres e os magistrados) nem a exploração econômica de grupos de indivíduos por outros.<sup>[9]</sup> Propôs, ainda, a divisão da sociedade em três classes: os sábios, os proprietários e os que não tinham posses.<sup>[9]</sup> O governo seria exercido por um conselho formado por sábios e artistas.<sup>[9]</sup>

Outro teórico da fase inicial do socialismo foi o francês Charles Fourier, que, ao lado de Pierre Leroux, teria sido um dos primeiros a utilizar a palavra “socialismo”.<sup>[10][11]</sup> Filho de comerciantes, era herdeiro da ideia de Jean-Jacques Rousseau de que o homem é naturalmente bom, mas a sociedade e as instituições o pervertem.<sup>[9]</sup> Acreditava ser possível reorganizar a sociedade a partir da criação de falanstérios, fazendas coletivas agroindustriais. Nunca conseguiu o apoio de empresários para levar o projeto adiante, apesar de alegar que os falanstérios superariam a desarmonia capitalista, surgida da divisão do trabalho e do papel anárquico exercido pelo comércio na sociedade.<sup>[9]</sup> Após sua morte, alguns falanstérios surgiram no continente americano, como os de Réunion e da Falange Norte-americana nos Estados Unidos e o do Saí no Brasil.

A expressão “socialismo” foi consagrada por Robert Owen na anglosfera a partir de 1834.<sup>[11]</sup> Jovem administrador de uma fábrica de algodão em Manchester, observou de perto as condições desumanas de trabalho e se revoltou com as perspectivas do desenvolvimento industrial.<sup>[9]</sup> Defendendo a impossibilidade de se formar um ser humano superior no interior de um sistema egoísta e explorador como o capitalismo, buscou a criação de uma comunidade ideal, de igualdade absoluta.<sup>[9]</sup> Na Escócia, onde assumiu o controle de algumas fábricas de algodão em New Lanark por 25 anos, Owen chegou a aplicar suas ideias, implantando uma comunidade alto padrão, na qual as pessoas trabalhavam dez horas por dia e tinha acesso a instrução de alto nível.<sup>[9]</sup> O sucesso da cooperativa e suas críticas à propriedade privada e à religião, no entanto, levaram Owen a abandonar a Grã-Bretanha e se refugiar nos Estados Unidos, onde fundou a comunidade de New Harmony no estado da Indiana.<sup>[9]</sup>

Após presenciar, em seu retorno ao Reino Unido, a falência de suas cooperativas, dedicou-se, no fim da vida, à organização de sindicatos.<sup>[9]</sup>

### 1.2.2 Socialismo científico

Paralelamente às propostas do socialismo utópico, surgiu o socialismo científico, cujos teóricos propunham compreender a realidade e transformá-la mediante a análise dos mecanismos econômicos e sociais do capitalismo, constituindo, assim, uma proposta revolucionária do proletariado.<sup>[9]</sup> Daí se origina o termo “científico”, uma vez que seus teóricos se baseavam numa análise histórica e filosófica da sociedade, e não apenas nos ideais de justiça social.<sup>[12]</sup>

O maior teórico dessa corrente foi o filósofo e economista alemão Karl Marx, que contou com a contribuição do compatriota Friedrich Engels em muitas de suas obras.<sup>[9]</sup> No Manifesto Comunista (1848), Marx e Engels esboçaram as proposições do socialismo científico, que seriam definidas de forma completa em *O Capital*, obra mais conhecida de Marx, que causaria uma verdadeira revolução na economia e nas ciências sociais.<sup>[9]</sup> Entre os princípios expostos na obra, destacam-se uma interpretação socioeconômica da história, conhecida como materialismo histórico, os conceitos de luta de classes, de mais-valia e de revolução socialista.<sup>[9]</sup>

Segundo o materialismo histórico, toda sociedade é determinada, em última instância, por suas condições socioeconômicas, chamada de “infraestrutura”.<sup>[9]</sup> Adaptadas a ela, as instituições, a política, a ideologia e a cultura como um todo compõem o que Marx chamou de “superestrutura”.<sup>[9]</sup> Um exemplo claro da relação entre essas estruturas é a Revolução Francesa: naquele momento, era necessário transformar a ultrapassada ordem político-jurídica do Antigo Regime (a “superestrutura”) para manter a “infraestrutura” vigente.<sup>[9]</sup>

A luta de classes, na análise marxista, é o agente capaz de transformar a sociedade.<sup>[9]</sup> O antagonismo entre dominadores e dominados induz às lutas e às transformações sociais.<sup>[9]</sup> Em termos sociais, se trata do motor da história humana, só terminando com o aparecimento da sociedade comunista perfeita, onde desapareceria a exploração de classes e as injustiças sociais.<sup>[12]</sup> Já o conceito de mais-valia corresponde ao valor não-remunerado do trabalho do operário, que é apropriado pelos capitalistas.<sup>[9][12]</sup>

Contra a ordem estabelecida pela sociedade burguesa, Marx considerava inevitável a ação política do operariado organizado, a revolução socialista, que iria inaugurar a construção de uma nova sociedade.<sup>[9]</sup> Num primeiro momento, o controle do Estado ficaria na mão da ditadura do proletariado, quando ocorreria a socialização dos meios de produção através da eliminação da propriedade privada.<sup>[9]</sup> Numa etapa posterior, a meta seria o comunismo perfeito, onde todas as desigualdades sociais e econômicas, além do próprio Estado, acabariam.<sup>[9]</sup>

### 1.2.3 Anarquismo



*Pierre-Joseph Proudhon, primeiro anarquista autoproclamado do mundo.*

Outra corrente socialista surgida no século XIX foi o anarquismo.<sup>[9]</sup> Pregava a supressão de toda e qualquer forma de governo, defendendo a liberdade de forma geral.<sup>[9]</sup> O principal precursor desta doutrina é Pierre-Joseph Proudhon, que se vale dos pressupostos do socialismo utópico (sendo considerado um socialista utópico por alguns historiadores<sup>[12]</sup>) para criticar os abusos do capitalismo em sua obra *O que é a propriedade?* (1840). Respeita a pequena propriedade e propõe a criação de cooperativas e de bancos que concedessem empréstimos a juros zero aos empreendimentos produtivos, além de crédito gratuito aos trabalhadores.<sup>[12]</sup> Proudhon foi o primeiro anarquista autoproclamado, apesar de ser considerado um socialista utópico pelos marxistas, rótulo que jamais aceitou.

Ao propor a criação de uma sociedade sem classes, sem exploração, sem Estado, formada por homens livres e iguais, Proudhon inaugurou o anarquismo.<sup>[9]</sup> Ele propunha a destruição dos Estados nacionais e sua substituição pelas “repúblicas de pequenos proprietários”.<sup>[9]</sup> Suas propostas inspiraram, principalmente, o teórico russo Mikhail Bakunin, que se tornou líder do chamado “anarquismo terrorista”.<sup>[9]</sup> Defendia que a violência era a única forma de se alcançar uma sociedade livre de Estados e de desigualdades, um mundo de felicidades e liberdades para os operários.<sup>[9]</sup>

O anarquismo, também conhecido como “comunismo libertário”, e o socialismo científico de Marx coincidem quanto ao objetivo final: atingir o comunismo, estagio

em que não existem mais divisões de classes, exploração, e nem mesmo o Estado.<sup>[9]</sup> Entretanto, para os marxistas, antes dessa meta faz-se necessária uma fase intermediária, a ditadura do proletariado.<sup>[9]</sup> Já na concepção dos anarquistas, as classes, as instituições e as tradições devem ser erradicadas imediatamente, tendo como finalidade a aniquilação do Estado.<sup>[9]</sup> As críticas mútuas entre anarquistas e marxistas levaram a uma convivência de choques e divergências, comprovada pelas rivalidades que ocorreram posteriormente nos países onde ambas as facções coexistiram na luta contra a ordem estabelecida,<sup>[9]</sup> tais como na Rússia após a Revolução e na Espanha durante a Guerra Civil.

### 1.2.4 Socialismo cristão

Durante a Revolução Industrial, uma série de teóricos cristãos, como Robert Lamennais, Adolph Wagner e J.D. Maurice, entre outros, lançaram apelos às classes dominantes para que aliviassem os sofrimentos das classes trabalhadoras.<sup>[12]</sup> Nasceu, dessa forma, o socialismo cristão, uma tentativa de aplicar os ensinamentos de Cristo sobre amor e de respeito ao próximo aos problemas sociais gerados pela industrialização.<sup>[12]</sup> A grande mobilização operária levou a cúpula da Igreja Católica a definir oficialmente seu papel nos novos problemas sociais.<sup>[9]</sup>

Em 1891, o papa Leão XIII lançou a encíclica *Rerum Novarum*, em que expunha o pensamento social do catolicismo.<sup>[12]</sup> Nela, reavivava o papel da Igreja como instrumento de reforma e justiça social.<sup>[9]</sup> Reconhecia o direito à propriedade privada e rejeitava o fortemente ateu socialismo científico de Marx<sup>[9]</sup>, mas condenava a ganância capitalista e a exploração desumana da força de trabalho.<sup>[12]</sup> O papa propunha que os empregadores reconhecessem os direitos fundamentais dos proletários, como a limitação da jornada de trabalho, o descanso aos fins de semana, o estabelecimento de salários dignos, as férias remuneradas, entre outros.<sup>[12]</sup> A encíclica recomendava também a intervenção do Estado no mercado privado a fim de melhorar as condições de vida dos trabalhadores nos setores da habitação e da saúde.<sup>[12]</sup>

Após a publicação dessa encíclica, a Igreja não mais se desligou da questão social e de suas concepções políticas, caráter reforçado sobretudo após o concílio Vaticano II (1962-1965).<sup>[9]</sup>

É comum confundirem a expressão “socialismo cristão”, uma teoria política com cunho cristão, baseada na igualdade dos homens perante Deus, com a visão da Igreja Católica sobre o aspecto social e político dos povos Doutrina Social da Igreja.

## 1.3 Divergências

As diferentes teorias socialistas surgiram como reação ao quadro de desigualdade, opressão e exploração que en-

xergavam na sociedade capitalista do século XIX, e tinham a proposta de buscar uma nova harmonia social por meio de drásticas mudanças, como a transferência dos meios de produção das classes proprietárias para os trabalhadores. Uma consequência dessa transformação seria o fim do trabalho assalariado e a substituição do mercado por uma gestão socializada ou planejada, com o objetivo de distribuir a produção econômica e todo tipo de serviço segundo as necessidades da população. O comunismo seria a última fase, onde as pessoas já estivessem tão acostumadas a viver nesse tipo de sociedade que não exigiriam ter mais do que o vizinho. Tais mudanças exigiriam necessariamente uma transformação radical do sistema político. Alguns teóricos postularam a revolução social como único meio de alcançar a nova sociedade. Outros, como os social-democratas, consideravam que as transformações políticas deveriam se realizar de forma progressiva, sem ruptura, e dentro do sistema capitalista.

No aspecto político o socialismo, ao contrário do que se costuma pensar, não tem um Estado. Isso quer dizer que antes do socialismo a sociedade passa por uma fase chamada de ditadura do proletariado para garantir o domínio da classe proletária sobre as demais (ex.: o feudalismo tinha uma estrutura estatal que garantia o domínio dos senhores feudais; o capitalismo tem uma estrutura estatal que garante o domínio dos proprietários/capitalistas), no entanto, a ditadura do proletariado, ou seja o Estado Operário trabalha no sentido da sua auto abolição. Segundo Engels<sup>[13]</sup>, o Estado seria abolido concomitantemente com a abolição das classes e, portanto, na primeira fase da sociedade comunista, chamada de socialismo, não existiria mais Estado. O Estado Operário caracteriza-se pelo domínio dos trabalhadores sobre a burguesia, é o ato revolucionário de expropriação dos meios de produção e quebra da resistência burguesa ao passo que constrói o socialismo e cria as bases para uma sociedade sem classes. Mas, como todo Estado, ele tem formas diferentes de relações entre as diversas instituições.

Segundo Trotsky podemos definir basicamente duas formas de regime num Estado socialista: as democracias operárias e os Estados Operários Burocráticos. As democracias operárias caracterizaram-se pelo alto controle dos trabalhadores sobre a planificação econômica (controle operário); criação de mecanismos de controle pela base; fusão dos poderes executivos e legislativos; revogabilidade permanente dos mandatos, indicados pelos organismos de base; eleição direta via organismos para todos os cargos (inclusive militares), com cláusulas de impedimento de reeleição; separação do Estado e partido; ampla liberdade entre os trabalhadores para expressarem suas posições, à exceção dos casos de sublevação armada.

Os regimes de Estado Operário Burocrático eram caracterizados pelo domínio de uma casta burocrática; supressão, ou manutenção apenas na forma, dos organismos de base; planificação por essa burocracia, sem controle operário; alta hierarquização no serviço público; fusão de Estado e partido; e supressão da liberdade de imprensa.

O primeiro pode ser encontrado como experiência histórica em caráter embrionário no processo conhecido como Comuna de Paris, em 1871 e, na revolução espanhola. O segundo, no estado russo a partir da NEP, na República Popular da China, na Coreia do Norte, em Cuba e no Leste Europeu. É interessante observar que os dois regimes não são tão semelhantes como era de se esperar (já que ambos recebem o rótulo de socialistas) e que o Estado Operário Burocrático foi duramente criticado e rechaçado por Trotsky, um conhecido pensador socialista. Esse exemplo serve bem para ilustrar como o pensamento socialista pode tomar formas diferentes e frequentemente conflitantes.

É importante salientar que esta designação não aparece em Marx e já aparecia em Lênin, que antes de morrer reconhecia a URSS como capitalismo de Estado e como uma burocracia forte e nascente<sup>[14]</sup>.

## 1.4 Críticas ao socialismo

Entre os principais críticos do socialismo encontram-se John Stuart Mill, Alexis de Tocqueville, Bernard-Henri Lévy, Karl Popper, Joseph Schumpeter, Carl Menger, Ludwig von Mises<sup>[15]</sup>, Max Weber, Michael Voslensky, Friedrich Hayek, Eugen von Böhm-Bawerk, Milovan Djilas, Milton Friedman, Eric Voegelin, Murray Rothbard, Václav Havel e Pitirim Sorokin

Os economistas liberais e libertários pró-capitalismo veem a posse privada dos meios de produção e o mercado de câmbio como entidades naturais e direitos morais, fundamentais para independência e liberdade. As maiores críticas ao sistema socialista baseiam-se na distorção sistema de preços,<sup>[16][17]</sup> o que impossibilitaria um planejamento econômico eficiente. Além disso, críticos alegam que num sistema socialista haveria redução de incentivos,<sup>[18][19][20]</sup> redução de prosperidade<sup>[21][22]</sup> baixa viabilidade<sup>[16][17][23]</sup> e efeitos sociais e políticos negativos.<sup>[24][25][26][27][28]</sup> Hayek escreveu em "*O Caminho da Servidão*" que qualquer tentativa de controlar a economia implica numa concentração de poder estatal e na diminuição da liberdade política. O socialismo terminaria sendo um sistema econômico em que um indivíduo ou grupo de indivíduos controla os demais membros da sociedade mediante a coerção e a compulsão organizada. Exemplos de governos totalitários nesses moldes foram a URSS, especialmente durante o regime de Josef Stalin, a China de Mao Tse-tung e outros experimentos na África e na Ásia. Em sua defesa os socialistas argumentam que esses países, apesar de se considerarem socialistas, nunca teriam aderido ao socialismo pois, na prática, ele nunca teria existido. Também existem os socialistas-libertários, que são simultaneamente a favor da derrubada da propriedade privada, do capital e do Estado, vistos como única forma de assegurar simultaneamente a ampla liberdade e igualdade em direito. Ainda segundo Hayek, o planejamento econômico proposto pelos socialistas era menos

eficiente no provimento do bem-estar social que o livre mercado.<sup>[carece de fontes?]</sup>

Os economistas neoclássicos criticam o estatismo e a centralização de capital alegando que faltam incentivos às instituições estatais para agirem de forma eficiente como as empresas capitalistas. Como as estatais não trabalham com tantas restrições orçamentárias, elas podem acabar por prejudicar a economia geral e causar efeitos negativos no bem-estar da sociedade.<sup>[29]</sup> A Escola Austríaca completa o argumento afirmando que apenas o livre mercado pode informar à sociedade sobre a alocação mais racional dos recursos e do uso mais produtivo dos bens de capital. Para os austríacos, o planejamento econômico socialista é inviável pela impossibilidade de realizar um cálculo econômico devido à falta de parâmetro e de um livre sistema de preços.<sup>[30]</sup>

Karl Popper afirmava que o historicismo marxista não poderia ser considerado uma teoria científica, pois não é falsificável pela experiência humana, considerando este historicismo como inimigo da sociedade aberta, por ser ontologicamente impossível de negá-lo.

## 1.5 Partidos socialistas lusófonos

### Angola

- Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)
- Partido Socialista Angolano (PSA)

### Brasil

- Partido Democrático Trabalhista (PDT - 12)<sup>[31]</sup>
- Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU - 16)
- Partido Comunista Brasileiro (PCB - 21)
- Partido da Causa Operária (PCO - 29)<sup>[32]</sup>
- Partido Socialista Brasileiro (PSB - 40)
- Partido Socialismo e Liberdade (PSOL - 50)
- Partido Comunista do Brasil (PC do B - 65)<sup>[33]</sup>
- Partido dos Trabalhadores (PT - 13)
- Partido Popular Socialista (PPS - 23)
- Partido Pátria Livre (PPL - 54)

### Guiné-Bissau

- Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC)

- Partido Democrático Socialista (PDS)
- Partido Socialista da Guiné-Bissau (PSGB)
- Partido dos Trabalhadores (PT)

### Moçambique

- Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo)<sup>[34]</sup>

### Portugal

- Bloco de Esquerda (BE)
- Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses (PCTP)
- Partido Comunista Português (PCP)
- Partido Operário de Unidade Socialista (POUS)
- Partido Socialista (PS)

### Timor-Leste

- Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN)
- Partido Socialista Timorense (PST)

## 1.6 Ver também

- Comunismo
- Antiglobalização
- Anticomunismo
- Ecosocialismo
- Anticapitalismo
- Capitalismo
- Marxismo
- Luta de classes
- Revolução Industrial
- Estado de bem-estar social
- Lista de países por carga tributária

## 1.7 Referências

- [1] Newman, Michael. (2005) *Socialism: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, ISBN 0-19-280431-6
- [2] Marx, Karl, *Communist Manifesto*, Penguin (2002)
- [3] Marx, Karl, *Critique of the Gotha Program*
- [4] Socialism, (2009), in Encyclopædia Britannica. Retrieved October 14, 2009, from Encyclopædia Britannica Online: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/551569/socialism>, “Main” summary: “Socialists complain that capitalism necessarily leads to unfair and exploitative concentrations of wealth and power in the hands of the relative few who emerge victorious from free-market competition—people who then use their wealth and power to reinforce their dominance in society.”
- [5] Socialism: Utopian and Scientific at Marxists.org
- [6] Frederick Engels. *Socialism: Utopian and Scientific*. [S.l.: s.n.] p. 92-111 Chapter III: Historical Materialism
- [7] Lenin refers specifically to Marx’s *Critique of the Gotha Program* in his 1917 book *State and Revolution*
- [8] “In striving for socialism, however, we are convinced that it will develop into communism”, Lenin, *State and Revolution*, Selected Works, Progress publishers, Moscow, 1968, p. 320. (End of chapter four)
- [9] Vincentino, Cláudio. *História para o ensino médio*. pp. 342-346. São Paulo: Scipione, 2001. ISBN 85-262-3789-6.
- [10] Oxford English Dictionary, etymology of socialism
- [11] Russell, Bertrand (1972). *A History of Western Philosophy*. Touchstone. p. 781
- [12] COTRIM, Gilberto. *História Global*. 5ª edição. pp. 240–241. São Paulo: Editora Saraiva, 1999. ISBN 85-02-02449-3.
- [13] Williams, Raymond (1976). *Keywords: a vocabulary of culture and society*. [S.l.]: Fontana. ISBN 0006334792
- [14] Serge, Victor, *From Lenin to Stalin*, p. 55.
- [15] «O que é Socialismo?». [passeiweb.com](http://passeiweb.com). 7 de abril de 2011. Consultado em 13 de janeiro de 2012
- [16] Von Mises, Ludwig (1990). *Economic calculation in the Socialist Commonwealth* (PDF). [S.l.]: Ludwig von Mises Institute. Consultado em 8 de setembro de 2008
- [17] F. A. Hayek, (1935), “The Nature and History of the Problem” and “The Present State of the Debate,” om in F. A. Hayek, ed. *Collectivist Economic Planning*, pp. 1–40, 201–43.
- [18] Zoltan J. Acs & Bernard Young. *Small and Medium-Sized Enterprises in the Global Economy*. University of Michigan Press, p. 47, 1999.
- [19] Mill, John Stuart. *The Principles of Political Economy*, Book IV, Chapter 7.

- [20] John Kenneth Galbraith, *The Good Society: The Humane Agenda*, (Boston, MA: Houghton Mifflin Co., 1996), 59–60.”
- [21] <http://www.mises.org/etexts/Soc&Cap.pdf>
- [22] Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*, Indianapolis, IN: Liberty Fund, Inc.. 1981, trans. J. Kahane, IV.30.21
- [23] «On Milton Friedman, MGR & Annaism». Sangam.org. Consultado em 30 de outubro de 2011
- [24] F.A. Hayek. *The Intellectuals and Socialism*. (1949).
- [25] Alan O. Ebenstein. *Friedrich Hayek: A Biography*. (2003). University of Chicago Press. ISBN 0-226-18150-2 p. 137
- [26] Friedrich Hayek (1944). *The Road to Serfdom*. [S.l.]: University Of Chicago Press. ISBN 0-226-32061-8
- [27] Bellamy, Richard (2003). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. [S.l.]: Cambridge University Press. p. 60. ISBN 0-521-56354-2
- [28] Self, Peter. *Socialism. A Companion to Contemporary Political Philosophy*, editors Goodin, Robert E. and Pettit, Philip. Blackwell Publishing, 1995, p. 339 “Extreme equality overlooks the diversity of individual talents, tastes and needs, and save in a utopian society of unselfish individuals would entail strong coercion; but even short of this goal, there is the problem of giving reasonable recognition to different individual needs, tastes (for work or leisure) and talents. It is true therefore that beyond some point the pursuit of equality runs into controversial or contradictory criteria of need or merit.”
- [29] Heilbroner, Robert. «Socialism: The Concise Encyclopedia of Economics | Library of Economics and Liberty». Econlib.org. Consultado em 30 de outubro de 2011
- [30] Ludwig Von Mises, *Socialism*, p. 119
- [31] Partido Democrático Trabalhista. «Carta Mendes (documento de fundação do PDT)». 23 de janeiro de 1983. Consultado em 6 de dezembro de 2010. O PDT assume, com inabalável e definitiva convicção e firmeza, pelo seu programa, sua prática e objetivos, a causa do socialismo democrático no Brasil. O PDT é um Partido Socialista. O nosso Socialismo há de ser construído através do voto livre, numa sociedade pluralista e civil, sem discriminar ou excluir quem quer que seja.
- [32] “A única candidatura operária e socialista à presidência”. Partido da Causa Operária. 28 de junho de 2010.
- [33] “Programa Socialista para o Brasil”. Partido Comunista do Brasil. 8 de novembro de 2009.
- [34] Frente de Libertação de Moçambique. «Programa do Frelimo». 10-15 de Novembro de 2006. Consultado em 6 de dezembro de 2010. Nós, a FRELIMO, Partido de moçambicanos e para moçambicanos, guiamo-nos pelos princípios do socialismo democrático, da liberdade, paz, solidariedade, justiça e responsabilização.

## 1.7.1 Bibliografia

- Guy Ankerl, *Beyond Monopoly Capitalism and Monopoly Socialism*, Cambridge MA: Schenkman, 1978.
- Beckett, Francis, *Clem Attlee*, Politico’s (2007) 978-1842751923
- G.D.H. Cole, *History of Socialist Thought, in 7 volumes*, Macmillan and St. Martin’s Press, 1965; Palgrave Macmillan, 2003 reprint; 7 volumes, hardcover, 3160 pages, ISBN 1-4039-0264-X.
- Friedrich Engels, *Socialism: Utopian and Scientific*, Pathfinder; 2r.e. edition (December 1989) 978-0873485791
- Friedrich Engels, *The Origin of the Family, Private Property and the State*, Zurich, 1884. Predefinição:LCC
- Albert Fried and Ronald Sanders, eds., *Socialist Thought: A Documentary History*, Garden City, NY: Doubleday Anchor, 1964. .
- Phil Gasper, *The Communist Manifesto: A Road Map to History’s Most Important Political Document*, Haymarket Books, paperback, 224 pages, 2005. ISBN 1-931859-25-6.
- Élie Halévy, *Histoire du Socialisme Européen*. Paris, Gallimard, 1948.
- Michael Harrington, *Socialism*, New York: Bantam, 1972. .
- Jesús Huerta de Soto, *Socialismo, cálculo económico y función empresarial (Socialism, Economic Calculation, and Entrepreneurship)*, Unión Editorial, 1992. ISBN 84-7209-420-0.
- Makoto Itoh, *Political Economy of Socialism*. London: Macmillan, 1995. ISBN 0-333-55337-3.
- Kitching, Gavin (1983). *Rethinking Socialism*. [S.l.]: Meuthen. ISBN 0416358403
- Oskar Lange, *On the Economic Theory of Socialism*, Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1938. .
- Michael Lebowitz, *Build It Now: Socialism for the 21st Century*, Monthly Review Press, 2006. ISBN 1-58367-145-5.
- Marx, Engels, *The Communist Manifesto*, Penguin Classics (2002) 978-0140447576
- Marx, Engels, *Selected works in one volume*, Lawrence and Wishart (1968) 978-0853151814
- Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*, Liberty Fund, 1922. ISBN 0-913966-63-0.

- Joshua Muravchik, *Heaven on Earth: The Rise and Fall of Socialism*, San Francisco: Encounter Books, 2002. ISBN 1-893554-45-7.
- Michael Newman, *Socialism: A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 2005. ISBN 0-19-280431-6.
- Bertell Ollman, ed., *Market Socialism: The Debate among Socialists*, Routledge, 1998. ISBN 0-415-91967-3
- Leo Panitch, *Renewing Socialism: Democracy, Strategy, and Imagination*. ISBN 0-8133-9821-5.
- Emile Perreau-Saussine, *What remains of socialism ?*, in Patrick Riordan (dir.), *Values in Public life: aspects of common goods* (Berlin, LIT Verlag, 2007), pp. 11–34
- Richard Pipes, *Property and Freedom*, Vintage, 2000. ISBN 0-375-70447-7.
- John Barkley Rosser and Marina V. Rosser, *Comparative Economics in a Transforming World Economy*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004. ISBN 978-0-262-18234-8.
- Maximilien Rubel and John Crump, *Non-Market Socialism in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. ISBN 0-312-00524-5.
- David Selbourne, *Against Socialist Illusion*, London, 1985. ISBN 0-333-37095-3.
- Katherine Verdery, *What Was Socialism, What Comes Next*, Princeton. 1996. ISBN 0-691-01132-X
- James Weinstein, *Long Detour: The History and Future of the American Left*, Westview Press, 2003, hardcover, 272 pages. ISBN 0-8133-4104-3.
- Peter Wilberg, *Deep Socialism: A New Manifesto of Marxist Ethics and Economics*, 2003. ISBN 1-904519-02-4.
- Edmund Wilson, *To the Finland Station: A Study in the Writing and Acting of History*, Garden City, NY: Doubleday, 1940. .
- História do Socialismo em *What Next?*
- PBS' "Heaven on Earth: the Rise and Fall of Socialism"
- *Towards a New Socialism* by W. Paul Cockshott and Allin Cottrell
- 21st Century Socialism web magazine
- "We Are All Socialists Now" by Jon Meacham and Evan Thomas, *Newsweek*, February 16 2009
- Reimagining Socialism: Rising to the Occasion by Barbara Ehrenreich & Bill Fletcher Jr., *The Nation*, March 4 2009
- What is Democratic Socialism?
- Karl Marx y Friedrich Engels - Biblioteca de Autores Socialistas

## 1.8 Ligações externas

- Arquivo marxista na internet (em português)
- Reason in Revolt: Marxism and Modern Science By Alan Woods and Ted Grant
- Science, Marxism & the Big Bang: A Critical Review of Reason in Revolt by Peter Mason
- History of socialism at Spartacus Educational
- Modern History Sourcebook on socialism

## Capítulo 2

# Capitalismo

O **capitalismo** é um sistema econômico onde os meios de produção, distribuição, decisões sobre oferta, demanda, preço e investimentos são em grande parte ou totalmente de propriedade privada, com fins lucrativos. Os lucros são distribuídos para os proprietários que investem em empresas. Predomina o trabalho assalariado. É dominante no mundo ocidental desde o final do feudalismo.<sup>[1]</sup>

Alguns definem o capitalismo como um sistema onde todos os meios de produção são de propriedade privada, outros o definem como um sistema onde apenas a “maioria” dos meios de produção está em mãos privadas, enquanto uma terceira abordagem trata de propriedade mista dos meios de produção, como é o caso da maioria dos países da América Latina. A propriedade privada no capitalismo implica o direito de controlar a propriedade, incluindo a determinação de como ela é usada, quem a usa, seja para vender ou alugar, e o direito à renda gerada pela propriedade.<sup>[2]</sup> O capitalismo também se refere ao processo de acumulação de capital. Não há consenso sobre a definição exata do capitalismo, nem como o termo deve ser utilizado como categoria analítica.<sup>[3]</sup> Há, no entanto, pouca controvérsia que a propriedade privada dos meios de produção, criação de produtos ou serviços com fins lucrativos num mercado, e preços e salários, são elementos característicos do capitalismo.<sup>[4]</sup> Há uma variedade de casos históricos em que o termo *capitalismo* é aplicado, variando no tempo, geografia, política e cultura.<sup>[5]</sup>

Economistas, economistas políticos e historiadores tomaram diferentes perspectivas sobre a análise do capitalismo. Economistas costumam enfatizar o grau de que o governo não tem controle sobre os mercados (*laissez faire*) e sobre os direitos de propriedade. A maioria<sup>[6][7]</sup> dos economistas políticos enfatizam a propriedade privada, as relações de poder, o trabalho assalariado e as classes econômicas.<sup>[8]</sup> Há um certo consenso de que o capitalismo incentiva o crescimento econômico,<sup>[9]</sup> enquanto aprofunda diferenças significativas de renda e riqueza. O grau de liberdade dos mercados, bem como as regras que definem a propriedade privada, são uma questão da política e dos políticos, e muitos Estados que são denominados economias mistas.<sup>[8]</sup>

O capitalismo se tornou dominante no mundo ocidental depois da queda do feudalismo.<sup>[10]</sup> Este sistema gra-

dualmente se espalhou pela Europa e, nos séculos XIX e XX, forneceu o principal meio de industrialização na maior parte do mundo.<sup>[5]</sup> As variantes do capitalismo são: o ultraliberalismo (também chamado de “anarcocapitalismo”), o capitalismo corporativo, o capitalismo de compadrio, o capitalismo financeiro, o capitalismo *laissez-faire*, capitalismo tardio, o capitalismo de estado e o tecnocapitalismo.

## 2.1 Etimologia

A palavra *capital* vem do latim *capitale*, derivado de *capitalis* (com o sentido de “principal, primeiro, chefe”), que vem do proto-indo-europeu *kaput* significando “cabeça”.<sup>[18]</sup> *Capitale* surgiu em Itália nos séculos XII e XIII (pelo menos desde 1211) com o sentido de fundos, existências de mercadorias, somas de dinheiro ou dinheiro com direito a juros. Em 1283 é encontrada referindo-se ao capital de bens de uma firma comercial.<sup>[19]</sup>

O termo *capitalista* refere-se ao proprietário de capital, e não ao sistema econômico, e o seu uso é anterior ao do termo *capitalismo*, datando desde meados do século XVII. O *Hollandische Mercurius* usa o termo em 1633 e 1654 para se referir aos proprietários de capital.<sup>[19]</sup> David Ricardo, na sua obra *Principles of Political Economy and Taxation* (1817), usa frequentemente a expressão “o capitalista”.<sup>[20]</sup>

Samuel Taylor Coleridge, poeta inglês, usou o termo *capitalista* em seu trabalho *Table Talk* (1823).<sup>[21]</sup> Pierre-Joseph Proudhon usou o termo *capitalista* em seu primeiro trabalho, *O que é a propriedade?* (1840) para se referir aos proprietários de capital. Benjamin Disraeli usou o termo capitalista em seu trabalho *Sybil* (1845).<sup>[22]</sup> Karl Marx e Friedrich Engels usaram o termo *capitalista* (*Kapitalist*) em *O Manifesto Comunista* (1848) para se referir a um proprietário privado de capital.

O termo *capitalismo* surgiu em 1753 na *Encyclopédia*, com o sentido estrito do “estado de quem é rico”.<sup>[19]</sup> No entanto, de acordo com o *Oxford English Dictionary* (OED), o termo *capitalismo* foi usado pela primeira vez pelo escritor William Makepeace Thackeray em seu

trabalho *The Newcomes* (1845), onde significa “ter a posse do capital”.<sup>[22]</sup> Ainda segundo o OED, Carl Adolph Douai, um socialista teuto-estadunidense e abolicionista, usou o termo *capitalismo privado* em 1863.

O uso inicial do termo *capitalismo* em seu sentido moderno foi atribuída a Louis Blanc, em 1850, e Pierre-Joseph Proudhon, em 1861.<sup>[23]</sup> Marx e Engels foram os primeiros a referirem ao *sistema capitalista* (*kapitalistisches System*)<sup>[24][25]</sup> e ao modo de produção capitalista (*kapitalistische Produktionsform*) em *Das Kapital* (1867).<sup>[26]</sup> O uso da palavra “capitalismo” em referência a um sistema econômico aparece duas vezes no Volume I de *Capital*, p. 124 (Edição alemã) e, em *Theories of Surplus Value*, tomo II, p. 493 (Edição alemã).

## 2.2 História

### 2.2.1 Mercantilismo

 Ver artigo principal: Mercantilismo

O período entre os séculos XVI e XVIII é comumente



Uma pintura de um porto francês de 1638, no auge do mercantilismo.

descrito como mercantilismo.<sup>[27]</sup> Associa-se este período à exploração geográfica da Era dos Descobrimentos por parte de mercadores, especialmente da Inglaterra e dos Países Baixos; à colonização europeia das Américas; e ao rápido crescimento do comércio exterior. O mercantilismo foi um sistema de comércio com fins lucrativos, embora as *commodities* ainda fossem em grande parte produzidas por métodos de produção não-capitalista.<sup>[5]</sup>

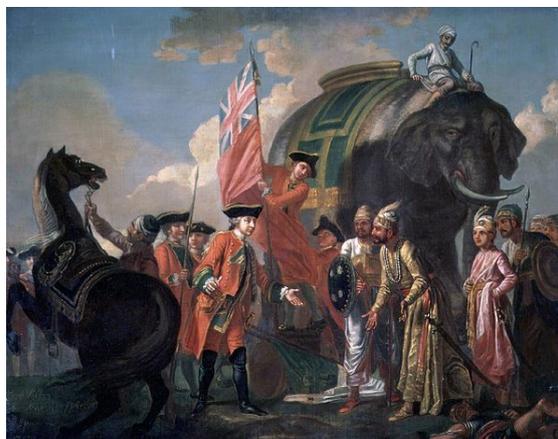
Enquanto alguns estudiosos vêem o mercantilismo como o primeiro estágio do capitalismo, outros argumentam que o capitalismo não surgiu até mais tarde. Por exemplo, Karl Polanyi, observou que “o mercantilismo, com toda a sua tendência para a comercialização, nunca atacou as salvaguardas que protegeram [os] dois elementos básicos do trabalho de produção e da terra de se tornar os elementos do comércio”; assim atitudes mercantilistas para o regulamento da economia estão mais próximas

das atitudes feudais, “eles discordavam apenas sobre os métodos de regulação.”

Além disso, Polanyi argumentava que a marca do capitalismo é a criação de mercados generalizadas para o que ele referia como “mercadorias fictícias”: terra, trabalho e dinheiro. Assim, “não foi até 1834 um mercado de trabalho competitivo, com sede na Inglaterra, portanto, não pode-se dizer que o capitalismo industrial, como um sistema social, não existiu antes desta data.”<sup>[28]</sup>

Evidências de comércio mercante de longa distância, orientado e motivado pelo lucro foram encontradas já no segundo milênio aC, com os antigos mercadores assírios.<sup>[29]</sup> As primeiras formas de mercantilismo da época formaram-se já no Império Romano e, quando este expandiu-se, a economia mercantilista também foi ampliada por toda a Europa. Após o colapso do Império Romano, a maior parte da economia europeia passou a ser controlada pelos poderes feudais locais e mercantilismo entrou em declínio. No entanto, o mercantilismo persistiu na Arábia. Devido à sua proximidade com países vizinhos, os árabes estabeleceram rotas de comércio para o Egito, Pérsia e Império Bizantino. Como o islã se espalhou no século VII, o mercantilismo espalhou-se rapidamente para a Espanha, Portugal, Norte da África e Ásia. O sistema mercantilista finalmente retornou à Europa no século XIV, com a propagação mercantilista de Espanha e Portugal.<sup>[30]</sup>

Entre os princípios fundamentais da teoria mercantilista estava o bulionismo, uma doutrina que salientava a importância de acumular metais preciosos. Mercantilistas argumentavam que o Estado devia exportar mais bens do que importava, para que os estrangeiros tivessem que pagar a diferença de metais preciosos. Teóricos mercantilistas afirmavam que somente matérias-primas que não podem ser extraídas em casa devem ser importadas e promoveram os subsídios do governo, como a concessão de monopólios e tarifas protecionistas, que foram necessários para incentivar a produção nacional de bens manufaturados.



Robert Clive após a Batalha de Plassey. A batalha começou o domínio da Companhia das Índias Orientais na Índia.

Comerciantes europeus, apoiados por controles, subsídios e monopólios estatais, realizaram a maioria dos seus lucros a partir da compra e venda de mercadorias. Nas palavras de Francis Bacon, o objetivo do mercantilismo era “a abertura e o bem-equilíbrio do comércio, o apreço dos fabricantes, o banimento da ociosidade, a repressão dos resíduos e excesso de leis suntuárias, a melhoria e administração do solo; a regulamentação dos preços...”<sup>[31]</sup>

Práticas semelhantes de arregimentação econômica tinham começado mais cedo nas cidades medievais. No entanto, sob o mercantilismo, dada a ascensão contemporânea do absolutismo, o Estado substituiu a corporações locais como regulador da economia. Durante esse tempo, as guildas funcionavam essencialmente como um cartel que monopolizava a quantidade de artesãos que ganham salários acima do mercado.<sup>[32]</sup>

No período compreendido entre o século XVIII, a fase comercial do capitalismo, originada a partir do início da Companhia Britânica das Índias Orientais e da Companhia das Índias Orientais Holandesas.<sup>[33][34]</sup> Estas empresas foram caracterizadas por suas potências coloniais e expansionistas que lhes foram atribuídas por Estados-nação.<sup>[33]</sup> Durante esta época, os comerciantes, que haviam negociado com o estágio anterior do mercantilismo, investiram capital nas Companhias das Índias Orientais e de outras colônias, buscando um retorno sobre o investimento. Em sua “História da Análise Econômica”, o economista austríaco Joseph Schumpeter reduz as proposições mercantilistas a três preocupações principais: controle do câmbio, monopólio de exportação e saldo da balança comercial.<sup>[35]</sup>

### 2.2.2 Industrialismo

🔍 Ver artigo principal: [Revolução industrial](#)

Um novo grupo de teóricos da economia, liderado por



*Uma máquina a vapor de Watt. O motor a vapor, abastecido primeiramente com carvão, impulsionou a Revolução Industrial no Reino Unido.*<sup>[36]</sup>

David Hume<sup>[37]</sup> e Adam Smith, em meados do século XVIII, desafiou as doutrinas mercantilistas fundamentais,

como a crença de que o montante da riqueza mundial permaneceu constante e que um Estado só pode aumentar a sua riqueza em detrimento de outro Estado.

Durante a Revolução Industrial, o industrial substituiu o comerciante como um ator dominante no sistema capitalista e efetuou o declínio das habilidades de artesanato tradicional de artesãos, associações e artífices. Também durante este período, o excedente gerado pelo aumento da agricultura comercial encorajou o aumento da mecanização da agricultura. O capitalismo industrial marcou o desenvolvimento do sistema fabril de produção, caracterizado por uma complexa divisão do trabalho entre e dentro do processo de trabalho e a rotina das tarefas de trabalho; e, finalmente, estabeleceu a dominação global do modo de produção capitalista.<sup>[27]</sup>

O Reino Unido também abandonou a sua política protecionista, como abraçada pelo mercantilismo. No século XIX, Richard Cobden e John Bright, que baseavam as suas crenças sobre a escola de Manchester, iniciou um movimento para tarifas mais baixas.<sup>[38]</sup> Em 1840, o Reino Unido adotou uma política menos protecionista, com a revogação das Leis dos Grãos e do Ato de Navegação.<sup>[27]</sup> Os britânicos reduziram as tarifas e quotas, de acordo com Adam Smith e David Ricardo, para o livre comércio.

Karl Polanyi argumenta que o capitalismo não surgiu até a mercantilização progressiva da terra, dinheiro e trabalho, culminando no estabelecimento de um mercado de trabalho generalizado no Reino Unido na década de 1830. Para Polanyi, “o alargamento do mercado para os elementos da indústria - terra, trabalho e dinheiro - foi a consequência inevitável da introdução do sistema fabril numa sociedade comercial.”<sup>[39]</sup> Outras fontes alegaram que o mercantilismo caiu após a revogação dos Atos de Navegação, em 1849.<sup>[38][40][41]</sup>

### 2.2.3 Keynesianismo e neoliberalismo

🔍 Ver artigo principal: [Escola keynesiana e Neoliberalismo](#)

No período seguinte à depressão global dos anos 1930,



*Andar dos operadores da New York Stock Exchange (1963).*

o Estado desempenhou um papel de destaque no sistema capitalista em grande parte do mundo.

Após a Segunda Guerra Mundial, um vasto conjunto de novos instrumentos de análise nas ciências sociais foram desenvolvidos para explicar as tendências sociais e econômicas do período, incluindo os conceitos de sociedade pós-industrial e do Estado de bem-estar social.<sup>[27]</sup> Esta época foi muito influenciada por políticas de estabilização econômica keynesianas. O *boom* do pós-guerra terminou no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, e a situação foi agravada pelo aumento da estagflação.<sup>[42]</sup>

A inflação excepcionalmente elevada combinada com um lento crescimento da produção, aumento do desemprego, recessão e, eventualmente, causaram uma perda de credibilidade no modo de regulação keynesiano de bem-estar estatal. Sob a influência de Friedrich Hayek e Milton Friedman, os países ocidentais adotaram as normas da política inspiradas pelo capitalismo *laissez-faire* e do liberalismo clássico.<sup>[43][44]</sup>

O monetarismo em particular, uma alternativa teórica ao keynesianismo, que é mais compatível com o *laissez-faire*, ganha cada vez mais destaque no mundo capitalista, especialmente sob a liderança de Ronald Reagan nos Estados Unidos e Margaret Thatcher no Reino Unido em 1980. O interesse público e político começaram a se afastar das preocupações coletivistas de Keynes de que capitalismo fosse gerenciado a um foco sobre a escolha individual, chamado de “capitalismo remarquetizado”.<sup>[45]</sup> Na opinião de muitos comentaristas econômicos e políticos, o colapso da União Soviética trouxe mais uma prova da superioridade do capitalismo de mercado sobre o comunismo.

## 2.2.4 Globalização

 Ver artigo principal: Globalização

Embora o comércio internacional tenha sido associado com o desenvolvimento do capitalismo por mais de 500 anos, alguns pensadores afirmam que uma série de tendências associadas à globalização têm agido para aumentar a mobilidade de pessoas e de capitais desde o último quarto do século XX, combinando a circunscrever a margem de manobra dos Estados na escolha de modelos não-capitalistas de desenvolvimento. Hoje, essas tendências têm reforçado o argumento de que o capitalismo deve agora ser visto como um sistema verdadeiramente mundial.<sup>[27]</sup> No entanto, outros pensadores argumentam que a globalização, mesmo no seu grau quantitativo, não é maior agora do que em períodos anteriores do comércio capitalista.<sup>[46]</sup>

## 2.3 Teoria capitalista

Friedrich Hayek, ao descrever o capitalismo, aponta para o caráter auto-organizador das economias que não têm planejamento centralizado pelo governo. Muitos, como por exemplo Adam Smith, apontam para o que se acredita ser o valor dos indivíduos que buscam seus interesses próprios, que se opõe ao trabalho altruístico de servir o “bem comum”. Karl Polanyi, figura importante no campo da antropologia econômica, defendeu que Smith, em sua época, estava descrevendo um período de organização da produção conjuntamente com o do comércio. Para Polanyi, o capitalismo é diferente do antigo mercantilismo por causa da comoditificação da terra, da mão-de-obra e da moeda e chegou à sua forma madura como resultado dos problemas que surgiram quando sistemas de produção industrial necessitaram de investimentos a longo prazo e envolveram riscos correspondentes em um âmbito de comércio internacional. Falando em termos históricos, a necessidade mais opressora desse novo sistema era o fornecimento assegurado de elementos à indústria - terra, maquinários e mão-de-obra - e essas necessidades é que culminaram com a mencionada comoditificação, não por um processo de atividade auto-organizadora, mas como resultado de uma intervenção do Estado.

Muitas dessas teorias chamam a atenção para as diversas práticas econômicas que se tornaram institucionalizadas na Europa entre os séculos XVI e XIX, especialmente envolvendo o direito dos indivíduos e grupos de agir como “pessoas legais” (ou corporações) na compra e venda de bens, terra, mão-de-obra e moeda, em um mercado livre, apoiados por um Estado para o reforço dos direitos da propriedade privada, de forma totalmente diferente ao antigo sistema feudal de proteção e de obrigações.

Devido à vagueza do termo “capitalismo”, emergiram controvérsias quanto ao capitalismo. Em particular, há uma disputa entre o capitalismo ser um sistema real ou ideal, isto é, se ele já foi mesmo implementado em economias particulares ou se ainda não e, neste último caso, a que grau o capitalismo existe nessas economias. Sob um ponto de vista histórico, há uma discussão se o capitalismo é específico a uma época ou região geográfica particular ou se é um sistema universalmente válido, que pode existir através do tempo e do espaço. Alguns interpretam o capitalismo como um sistema puramente econômico; Marx, por sua vez, admite que o mesmo é um complexo de instituições político-econômicas que, por sua vez, determinará as relações sociais, éticas e culturais.

## 2.4 Modo de produção capitalista

O modo de produção na economia, é a forma de organização socioeconômica associada a uma determinada etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das relações

de produção. Reúne as características do trabalho preconizado, seja ele artesanal, manufaturado ou industrial. São constituídos pelo objeto sobre o qual se trabalha e por todos os meios de trabalho necessários à produção (instrumentos ou ferramentas, máquinas, oficinas, fábricas, etc.) Existem 6 modos de produção: Primitivo, Asiático, Escravista, Feudal, Capitalista, Comunista.

Segundo Hunt, um sistema egonômico é definido pelo modo de produção no qual se baseia. O modo de produção atual é aquele que se baseia na economia do país.

Porém, segundo economistas não marxistas (não socialistas), só existiram dois modos de produção ao longo da civilização humana: o artesanal e o industrial.

Desde a antiguidade até a Revolução Industrial (Século XVIII), o trabalho sempre foi feito de forma artesanal, manual, por escravos, trabalhadores servis, ou trabalhadores livres, o modo de produção nunca mudou, o trabalho sempre foi braçal e as poucas ferramentas usadas sempre foram as mesmas.

Apenas a partir da Revolução Industrial, com o surgimento das máquinas, e com elas o surgimento da **divisão do trabalho** nas fábricas, é que o modo de produção mudou.

Um bom exemplo para mostrar os dois modos de produção, artesanal e industrial, é a fabricação de sapatos, por milênios o sapato foi feito manualmente, um a um, por um sapateiro ou pela própria pessoa que ia usar (modo de produção artesanal), depois da Revolução Industrial os sapatos passaram a ser feitos por máquinas nas fábricas, milhares de sapatos feitos em série pela divisão do trabalho (modo de produção industrial).

## 2.5 Democracia, Estado e quadros jurídicos

### 2.5.1 Propriedade privada

 Ver artigo principal: Propriedade privada

A relação entre o Estado, seus mecanismos formais e as sociedades capitalistas tem sido debatida em vários campos da teoria política e social, com uma discussão ativa desde o século XIX. **Hernando de Soto** é um economista contemporâneo que argumenta que uma característica importante do capitalismo é a proteção do Estado e do funcionamento dos direitos de propriedade em um sistema de propriedade formal, onde a propriedade e as operações são registrados claramente.<sup>[47]</sup>

Segundo Soto, este é o processo pelo qual os bens físicos são transformados em capital, que por sua vez podem ser utilizados de muitas formas mais e muito mais eficiente na economia de mercado. Um número de economistas marxistas argumentaram que as leis do cerco, na Ingla-

terra, e legislações semelhante em outros lugares, eram parte integrante da acumulação primitiva capitalista e que um quadro jurídico específico da **propriedade privada** da terra têm sido parte integrante do desenvolvimento do capitalismo.<sup>[48][49]</sup>

### 2.5.2 Instituições

A **nova economia institucional**, um campo aberto por **Douglass North**, salienta a necessidade de um quadro jurídico para que o capitalismo funcione em condições ótimas e enfoca a relação entre o desenvolvimento histórico do capitalismo e a criação e manutenção de instituições políticas e econômicas.<sup>[50]</sup> Na nova economia institucional e em outros campos com foco nas políticas públicas, os economistas buscam avaliar quando e se a intervenção governamental (tais como **impostos**, **segurança social** e a **regulamentação do governo**) pode resultar em ganhos potenciais de eficiência. De acordo com **Gregory Mankiw**, um economista **neo-keynesiano**, a intervenção governamental pode melhorar os resultados do mercado em condições de "falha de mercado", ou situações em que o mercado por si só não aloca recursos de forma eficiente.<sup>[51]</sup>

A falha de mercado ocorre quando uma **externalidade** está presente e um mercado sub-produz um produto com uma superprodução de externalização positiva ou um produto que gera uma externalização negativa. A **poluição do ar**, por exemplo, é uma externalização negativa que não pode ser incorporada em mercados, visto que o ar do mundo não é propriedade e, conseqüentemente, não é vendido para uso dos poluidores. Então, muita **poluição** poderia ser emitida e as pessoas não envolvidas na produção pagam o custo da poluição, em vez da empresa que, inicialmente, emitiu a poluição do ar. Os críticos da teoria da falha de mercado, como **Ronald Coase**, **Demsetz Harold** e **James M. Buchanan**, alegam que os programas e políticas governamentais também ficam aquém da perfeição absoluta. Falhas de mercado são muitas vezes pequenas, e falhas de governo são, por vezes de grandes dimensões. É, portanto, o caso que os mercados são imperfeitos, muitas vezes melhor do que as alternativas imperfeitas governamentais. Enquanto todas as nações têm atualmente algum tipo de regulamentação do mercado, o grau de regulamentação desejável é contestado.

### 2.5.3 Democracia

A relação entre **democracia** e capitalismo é uma área controversa na teoria e movimentos políticos populares. A extensão do **sufrágio universal masculino** no Reino Unido no século XIX ocorreu juntamente com o desenvolvimento do capitalismo industrial. A democracia tornou-se comum ao mesmo tempo que o capitalismo, levando muitos teóricos a postular uma relação causal entre eles, ou que cada um afeta o outro. No entanto, no século XX, segundo alguns autores, o capi-

talismo também foi acompanhado de uma variedade de formações políticas bastante distintas das democracias liberais, incluindo regimes fascistas, monarquias e estados de partido único,<sup>[27]</sup> enquanto algumas sociedades democráticas, como a República Bolivariana da Venezuela e da Catalunha Anarquista, têm sido expressamente anti-capitalistas.<sup>[52]</sup>

Enquanto alguns pensadores defendem que o desenvolvimento capitalista, mais ou menos inevitável, eventualmente, leva ao surgimento da democracia, outros discordam dessa afirmação, entendendo que o discurso democrático dos pensadores capitalistas é sempre suprimido quando é do interesse destes. A investigação sobre a teoria da paz democrática indica que as democracias capitalistas raramente fazem guerra umas com as outras<sup>[53]</sup> e têm pouco de violência interna. Porém os críticos dessa teoria dizem que os estados capitalistas democráticos podem lutar raramente ou nunca com outros estados capitalistas democráticos devido à semelhança ou a estabilidade política e não porque eles são democráticos ou capitalistas.

Alguns comentaristas argumentam que, embora o crescimento econômico sob o capitalismo levou a uma democratização no passado, não poderá fazê-lo no futuro, como os regimes autoritários têm sido capazes de gerir o crescimento econômico sem fazer concessões a uma maior liberdade política.<sup>[54][55]</sup> Estados que têm grandes sistemas econômicos capitalistas têm prosperado sob sistemas políticos autoritários ou opressores. Singapura, que mantém uma economia de mercado altamente aberta e atrai muitos investimentos estrangeiros, não protege certas liberdades civis, como a liberdade de opinião e de expressão. O setor (capitalista) privado na República Popular da China tem crescido exponencialmente e prosperou desde o seu início, apesar de ter um governo autoritário. O governo de Augusto Pinochet no Chile, levou ao crescimento econômico através de meios autoritários para criar um ambiente seguro para investimentos e o capitalismo.

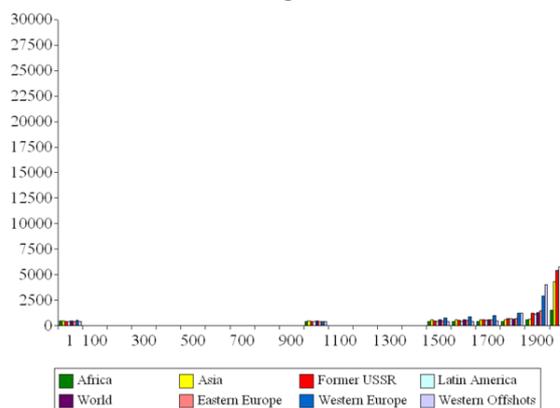
Em resposta às críticas do sistema, alguns defensores do capitalismo têm argumentado que suas vantagens são apoiadas por pesquisas empíricas. Índices de Liberdade Econômica mostram uma correlação entre as nações com maior liberdade econômica (como definido pelos índices) e pontos mais altos em variáveis como renda e expectativa de vida, incluindo os pobres, nessas nações.

## 2.6 Benefícios políticos

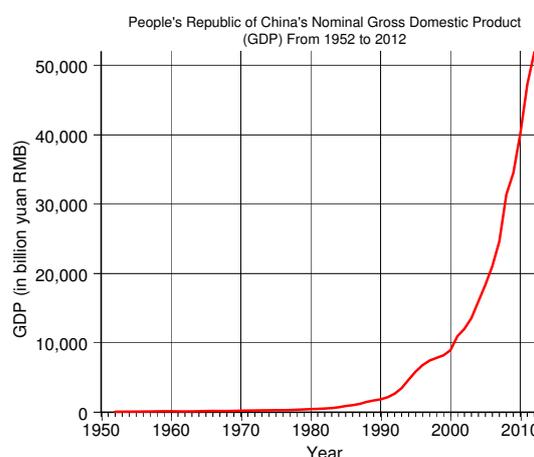
### 2.6.1 Crescimento econômico

Entre os anos 1000-1820 economia mundial cresceu seis vezes ou 50% por pessoa. Após o capitalismo começar a se espalhar mais amplamente, entre os anos 1820-1998, a economia mundial cresceu 50 vezes, ou seja, nove vezes

World GDP/capita 1-2003 A.D.



PIB mundial per capita mostra um crescimento exponencial desde o início da Revolução Industrial.<sup>[56]</sup>



Capitalismo e a economia da República Popular da China

por pessoa.<sup>[57]</sup> Na maioria das regiões econômicas capitalistas, como Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, a economia cresceu 19 vezes por pessoa, mesmo que estes países já tinham um nível mais elevado de partida, e no Japão, que era pobre em 1820, 31 vezes, enquanto no resto do mundo o crescimento foi de apenas 5 vezes por pessoa.<sup>[57]</sup>

Muitos teóricos e políticos nos países predominantemente capitalistas têm enfatizado a capacidade do capitalismo em promover o crescimento econômico, medido pelo Produto Interno Bruto (PIB), a utilização da capacidade instalada, ou padrão de vida. Este argumento foi central, por exemplo, na defesa de Adam Smith de deixar um controle livre da produção e do preço do mercado, e alocar recursos. Muitos teóricos observaram que este aumento do PIB mundial ao longo do tempo coincide com o surgimento do sistema mundial capitalista moderno.<sup>[58][59]</sup>

Os defensores argumentam que o aumento do PIB (per capita) é empiricamente demonstrado sobre um padrão de vida melhor, como uma melhor disponibilidade de ali-

mentos, habitação, vestuário e cuidados de saúde.<sup>[60]</sup> A diminuição do número de horas trabalhadas por semana e a diminuição da participação das crianças e dos idosos no mercado de trabalho também têm sido atribuídas ao capitalismo.<sup>[61][62]</sup>

Os defensores também acreditam que uma economia capitalista oferece muito mais oportunidades para os indivíduos aumentar a sua renda através de novas profissões ou empreendimentos que as outras formas econômicas. Para o seu pensamento, esse potencial é muito maior do que em qualquer das sociedades tradicionais tribais ou feudais ou em sociedades socialistas.

### 2.6.2 Liberdade política

Milton Friedman argumentava que a liberdade econômica do capitalismo competitivo é um requisito da liberdade política. Friedman argumentou que o controle centralizado da atividade econômica é sempre acompanhado de repressão política. Na sua opinião, as transações em uma economia de mercado são voluntárias e a grande diversidade que permite o voluntariado é uma ameaça fundamental à repressão de líderes políticos e diminui consideravelmente o poder de coagir do Estado. A visão de Friedman foi também partilhada por Friedrich Hayek e John Maynard Keynes, tanto de quem acreditava que o capitalismo é vital para a liberdade de sobreviver e prosperar.<sup>[63][64]</sup>

### 2.6.3 Auto-organização

Os economistas da Escola Austríaca têm argumentado que o capitalismo pode se organizar em um sistema complexo, sem uma orientação externa ou mecanismo de planejamento. Friedrich Hayek considerou o fenômeno da auto-organização é subjacente ao capitalismo. Preços servem como um sinal sobre a urgência das vontades das pessoas e a promessa de lucros incentiva os empresários a utilizar os seus conhecimentos e recursos para satisfazer esses desejos. Assim, as atividades de milhões de pessoas, cada um buscando seu próprio interesse, são coordenadas.<sup>[65]</sup>

## 2.7 Críticas

 Ver artigo principal: Anticapitalismo

Ver também: Marxismo, Socialismo, Comunismo, e Socialdemocracia

Notáveis críticos do capitalismo têm incluído: socialistas, anarquistas, comunistas, tecnocratas, alguns tipos de conservadores, luddistas, narodniks, shakers e alguns tipos de nacionalistas. Os marxistas defendiam uma derrubada revolucionária do capitalismo que levaria ao socialismo, até a sua transformação para o comunismo. O marxismo influenciou partidos



Um pôster da Industrial Workers of the World (1911), mostrando a Pirâmide do Sistema Capitalista

social-democratas e trabalhistas, bem como alguns socialistas democráticos moderados. Muitos aspectos do capitalismo estiveram sob ataque do movimento anti-globalização, que é essencialmente contrário ao capitalismo corporativo.

Muitas religiões têm criticado ou sido contra elementos específicos do capitalismo. O judaísmo tradicional, o cristianismo e o islamismo proíbem emprestar dinheiro a juros, embora os métodos bancários tenham sido desenvolvidos em todos os três casos e adeptos de todas as três religiões são autorizados a emprestar para aqueles que estão fora de sua religião. O cristianismo tem sido uma fonte de louvor para o capitalismo, bem como uma fonte de críticas ao sistema, particularmente em relação aos seus aspectos materialistas.<sup>[66]</sup> O filósofo indiano P.R. Sarkar, o fundador do movimento Ananda Marga, desenvolveu a *Lei do Ciclo Social* para identificar os problemas do capitalismo.<sup>[67][68]</sup>

Os críticos argumentam que o capitalismo está associado à desigual distribuição de renda e poder, uma tendência de monopólio ou oligopólio no mercado (e do governo pela oligarquia); imperialismo, a guerra contra-revolucionária e várias formas de exploração econômica e cultural, a repressão dos trabalhadores e sindicalistas e fenômenos como a alienação social, desigualdade econômica, desemprego e instabilidade econômica. O capitalismo é considerado por muitos socialistas um sistema irracional em que a produção e a direção da economia não são planejadas, criando muitas incoerências e contradições internas<sup>[69]</sup>. Outra crítica frequente se dá ao cará-

ter acumulativo do capitalismo, que, segundo os críticos, sobretudo marxistas e anarquistas, acaba por criar uma abismal divisão da sociedade entre classes antagônicas e uma consequente dominação da maioria trabalhadora pela minoria proprietária.

Os ambientalistas argumentam que o capitalismo exige crescimento econômico contínuo, e, inevitavelmente, esgota os recursos naturais finitos da Terra e outros recursos amplamente utilizados. Historiadores e estudiosos, como Immanuel Wallerstein, argumentam que o trabalho não-livre, por escravos, servos, prisioneiros e outras pessoas coagidas, é compatível com as relações capitalistas.<sup>[70]</sup>

## 2.8 Ver também

- Liberalismo
- Libertarianismo
- Anarco-capitalismo
- Comunismo
- Liberalismo
- Socialismo
- Racionismo
- Propriedade Privada
- Globalização
- Mário Murteira
- Antiglobalização
- Socialização fascista.

## 2.9 Referências

- [1] “capitalism.” Encyclopædia Britannica. 2010. Encyclopædia Britannica Online. 24 agosto 2010
- [2] Bessette, Joseph M. American Justice, Volume 2. Salem Press (1996). p. 637
- [3] The Idea of Capitalism before the Industrial Revolution. Critical Issues in History. Lanham, Md: Rowman and Littlefield, 1999, p. 1
- [4] Tormey, Simon. Anti-Capitalism. One World Publications, 2004. p. 10
- [5] Scott, John (2005). *Industrialism: A Dictionary of Sociology*. [S.l.]: Oxford University Press
- [6] Tucker, Irvin B. (1997). *Macroeconomics for Today*. [S.l.: s.n.] 553 páginas
- [7] Case, Karl E. (2004). *Principles of Macroeconomics*. [S.l.]: Prentice Hall
- [8] Stilwell, Frank. “Political Economy: the Contest of Economic Ideas.” First Edition. Oxford University Press. Melbourne, Australia. 2002.
- [9] “Economic systems”. Encyclopædia Britannica 2007 Ultimate Reference Suite. (Chicago: Encyclopædia Britannica, 2009)
- [10] *Capitalism*. [S.l.]: Encyclopædia Britannica. 2006
- [11] Werhane, P.H. (1994). «Adam Smith and His Legacy for Modern Capitalism». Philosophy Education Society, Inc. *The Review of Metaphysics*. 47 (3)
- [12] “free enterprise.” Roget’s 21st Century Thesaurus, Third Edition. Philip Lief Group 2008.
- [13] «Mutualist.org» "...based on voluntary cooperation, free exchange, or mutual aid.”
- [14] Barrons Dictionary of Finance and Investment Terms. 1995. p. 74
- [15] «"Market economy"» Merriam-Webster Unabridged Dictionary
- [16] «About Cato». Cato.org. Consultado em 6 de novembro de 2008
- [17] «The Achievements of Nineteenth-Century Classical Liberalism»
- Although the term “liberalism” retains its original meaning in most of the world, it has unfortunately come to have a very different meaning in late twentieth-century America. Hence terms such as “market liberalism,” “classical liberalism,” or “libertarianism” are often used in its place in America.
- [18] Etymology of “Cattle”
- [19] Braudel, Fernand (1982). «Production, or Capitalism away from home». *The Wheels of Commerce, Vol. 2, Civilization & Capitalism 15th-18th Century*. Los Angeles: University of California Press. pp. 231–373. ISBN 9780520081154
- [20] Ricardo, David. Principles of Political Economy and Taxation. 1821. John Murray Publisher, 3rd edition.
- [21] Samuel Taylor Coleridge. *Table of the Complete Works of Samuel Taylor Coleridge*. page 267.
- [22] James Augustus Henry Murray. “Capitalism” page 94.
- [23] Braudel, Fernand. *The Wheels of Commerce: Civilization and Capitalism 15-18 Century*, Harper and Row, 1979, p.237
- [24] Karl Marx. Chapter 16: Absolute and Relative Surplus-Value. *Das Kapital*.

- Die Verlängerung des Arbeitstags über den Punkt hinaus, wo der Arbeiter nur ein Äquivalent für den Wert seiner Arbeitskraft produziert hätte, und die Aneignung dieser Mehrarbeit durch das Kapital - das ist die Produktion des absoluten Mehrwerts. Sie bildet die allgemeine Grundlage des kapitalistischen Systems und den Ausgangspunkt der Produktion des relativen Mehrwerts.*
- The prolongation of the working-day beyond the point at which the labourer would have produced just an equivalent for the value of his labour-power, and the appropriation of that surplus-labour by capital, this is production of absolute surplus-value. It forms the general groundwork of the **capitalist system**, and the starting-point for the production of relative surplus-value.
- [25] Karl Marx. Chapter Twenty-Five: The General Law of Capitalist Accumulation. *Das Kapital*.
- *Die Erhöhung des Arbeitspreises bleibt also eingebannt in Grenzen, die die Grundlagen des kapitalistischen Systems nicht nur unangetastet lassen, sondern auch seine Reproduktion auf wachsender Stufenleiter sichern.*
  - *Die allgemeinen Grundlagen des kapitalistischen Systems einmal gegeben, tritt im Verlauf der Akkumulation jedesmal ein Punkt ein, wo die Entwicklung der Produktivität der gesellschaftlichen Arbeit der mächtigste Hebel der Akkumulation wird.*
  - *Wir sahen im vierten Abschnitt bei Analyse der Produktion des relativen Mehrwerts: innerhalb des kapitalistischen Systems vollziehen sich alle Methoden zur Steigerung der gesellschaftlichen Produktivkraft der Arbeit auf Kosten des individuellen Arbeiters;*
- [26] Saunders, Peter (1995). *Capitalism*. University of Minnesota Press. p. 1
- [27] Burnham, Peter (2003). *Capitalism: The Concise Oxford Dictionary of Politics*. [S.l.]: Oxford University Press
- [28] Polanyi, Karl. *The Great Transformation*. Beacon Press, Boston.1944.p87
- [29] Warburton, David, *Macroeconomics from the beginning: The General Theory, Ancient Markets, and the Rate of Interest*. Paris: Recherches et Publications, 2003.p49
- [30] *The Rise of Capitalism*
- [31] Quoted in Sir George Clark, *The Seventeenth Century* (New York: Oxford University Press, 1961), p. 24.
- [32] Mancur Olson, *The rise and decline of nations: economic growth, stagflation, and social rigidities* (New Haven & London 1982).
- [33] Banaji, Jairus (2007). «Islam, the Mediterranean and the rise of capitalism». Brill Publishers. *Journal Historical Materialism*. **15**: 47–74. doi:10.1163/156920607X171591
- [34] *Economic system :: Market systems*. [S.l.]: Encyclopedia Britannica. 2006
- [35] Schumpeter, J.A. (1954) *History of Economic Analysis*
- [36] *Watt steam engine image: located in the lobby of into the Superior Technical School of Industrial Engineers of a the UPM (Madrid)*
- [37] Hume, David (1752). *Political Discourses*. Edinburgh: A. Kincaid & A. Donaldson
- [38] «laissez-faire»
- [39] Polanyi, Karl. *The Great Transformation*, Beacon Press. Boston. 1944. p.78
- [40] «Navigation Acts»
- [41] LaHaye, Laura (1993). «Mercantilism». *Concise Encyclopedia of Economics*. Fortune Encyclopedia of Economics
- [42] Barnes, Trevor J. (2004). *Reading economic geography*. [S.l.]: Blackwell Publishing. 127 páginas. ISBN 063123554X
- [43] *Liberalismo*
- [44] LIBERALISMO CLÁSSICO: ORIGENS HISTÓRICAS E FUNDAMENTOS BÁSICOS - UNICAMP, Por Michelle Fernandes Lima; Alessandra Wihby; Neide de Almeida Lança Galvão Favaro
- [45] Fulcher, James. *Capitalism*. 1st ed. New York: Oxford University Press, 2004.
- [46] Henwood, Doug (1 de outubro de 2003). *After the New Economy*. [S.l.]: New Press. ISBN 1-56584-770-9
- [47] Hernando de Soto. «The mystery of capital». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [48] Karl Marx. «Capital, v. 1. Part VIII: primitive accumulation». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [49] N. F. R. Crafts (Abril 1978). «Enclosure and labor supply revisited». *Explorations in economic history*. **15** (15): 172–183. doi:10.1016/0014-4983(78)90019-0.we the say yes
- [50] North, Douglass C. (1990). *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. [S.l.]: Cambridge University Press
- [51] Mankiw, N. Gregory (1997). *Principles of Economics*. [S.l.]: Harvard University. 10 páginas
- [52] On the democratic nature of the Venezuelan state, see [Gobiernoenlinea.ve](http://Gobiernoenlinea.ve). On the current government's rejection of capitalism in favor of socialism, see [Gobiernoenlinea.ve](http://Gobiernoenlinea.ve) and [Minci.gov.ve](http://Minci.gov.ve)
- [53] For the influence of capitalism on peace, see Mousseau, M. (2009) “The Social Market Roots of Democratic Peace”, *International Security* 33 (4)
- [54] Mesquita, Bruce Bueno de (2005–2009). «Development and Democracy». *Foreign Affairs*. Consultado em 26 de fevereiro de 2008

- [55] Single, Joseph T. (2004–2009). «Why Democracies Excel». New York Times. Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [56] Angus Maddison (2001). *The World Economy: A Millennial Perspective*. Paris: OECD. ISBN 92-64-18998-X
- [57] Martin Wolf, *Why Globalization works*, p. 43-45
- [58] Robert E. Lucas Jr. «The Industrial Revolution: Past and Future». *Federal Reserve Bank of Minneapolis 2003 Annual Report*. Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [59] J. Bradford DeLong. «Estimating World GDP, One Million B.C. – Present». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [60] Clark Nardinelli. «Industrial Revolution and the Standard of Living». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [61] Barro, Robert J. (1997). *Macroeconomics*. [S.l.]: MIT Press. ISBN 0262024365
- [62] Woods, Thomas E. (5 de abril de 2004). «Morality and Economic Law: Toward a Reconciliation». Ludwig von Mises Institute. Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [63] Friedrich Hayek (1944). *The Road to Serfdom*. [S.l.]: University Of Chicago Press. ISBN 0-226-32061-8
- [64] Bellamy, Richard (2003). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. [S.l.]: Cambridge University Press. 60 páginas. ISBN 0-521-56354-2
- [65] Walberg, Herbert (2001). *Education and Capitalism*. [S.l.]: Hoover Institution Press. pp. 87–89. ISBN 0-8179-3972-5
- [66] «III. The Social Doctrine of the Church». The Vatican. Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [67] Dada Maheshvarananda. «After Capitalism». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [68] «proutworld». ProutWorld. Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- [69] Brander, James A. Government policy toward business. 4th ed. Mississauga, Ontario: John Wiley & Sons Canada, Ltd., 2006. Print.
- [70] That unfree labor is acceptable to capital was argued during the 1980s by Tom Brass. See *Towards a Comparative Political Economy of Unfree Labor* (Cass, 1999). Marcel van der Linden. «"Labour History as the History of Multitudes", *Labour/Le Travail*, 52, Fall 2003, p. 235-244». Consultado em 26 de fevereiro de 2008
- LASH, Scott]] and Urry, John (2000). *Capitalism*. In Nicholas Abercrombie, S. Hill & BS Turner (Eds.), *The Penguin dictionary of sociology* (4th ed.) (pp. 36–40).
  - Obrinsky, Mark (1983). *Profit Theory and Capitalism*. [S.l.]: University of Pennsylvania Press. 1 páginas
  - WOLF, Eric (1982) *Europe and the People Without History*
  - WOOD, Ellen Meiksins (2002) *The Origins of Capitalism: A Longer View* London: Verso

## 2.10 Ligações externas

- Center on Capitalism and Society directed by Edmund Phelps

### 2.9.1 Bibliografia

- BACHER, Christian (2007) *Capitalism, Ethics and the Paradoxon of Self-exploitation* Grin Verlag. p. 2
- GEORGE, Richard T. De (1986) *Business ethics* p. 104

## Capítulo 3

# Comunismo

**Comunismo** (do latim *communis* - comum, universal “coisa pública”, segundo Platão) é uma ideologia política e socioeconômica, que pretende promover o estabelecimento de uma sociedade igualitária, sem classes sociais e apátrida, baseada na propriedade comum dos meios de produção.<sup>[1][2][3]</sup>

Um dos seus principais mentores filosóficos, Karl Marx, postulou que o *Comunismo* seria a fase final do desenvolvimento da sociedade humana e que isso seria alcançado através de uma revolução proletária, isto é, uma revolução encabeçada pelos trabalhadores das cidades e do campo. O "*Comunismo puro*", no sentido marxista, refere-se a uma sociedade sem classes (sociedade regulada), sem Estado (ácrata ou apátrida) e livre de quaisquer tipos de opressão, onde as decisões sobre o que produzir e quais as políticas devem prosseguir são tomadas democraticamente e permitindo dessa maneira que cada membro da sociedade organizada possa participar do processo, tanto na esfera política e econômica da vida pública e/ou privada. Marx, no entanto, nunca forneceu uma descrição detalhada de como o comunismo poderia funcionar como um sistema econômico (tal foi feito, por Lenin)<sup>[4]</sup>, mas subentende-se que uma economia comunista consistiria de propriedade comum dos meios de produção, culminando com a negação do conceito de propriedade privada do capital, que se refere aos meios de produção, na terminologia marxista. No uso moderno, o comunismo é muitas vezes usado para se referir ao bolchevismo, na Rússia. Como um movimento político, o sistema comunista teve governos, em regra, com uma preocupação de fundo para com o bem-estar do proletariado<sup>[5]</sup>, segundo o princípio "*de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades*"<sup>[6]</sup>.

Como uma ideologia política, o comunismo é geralmente considerado como a etapa final do socialismo (acumulação de Capital), um grupo amplo de filosofias econômicas e políticas que recorrem a vários movimentos políticos e intelectuais com origens nos trabalhos de teóricos da Revolução Industrial e da Revolução Francesa.<sup>[2]</sup> O comunismo pode-se dizer que é o contrário do capitalismo, oferecendo uma alternativa para os problemas da economia de mercado capitalista e do legado do imperialismo e do nacionalismo. Marx

afirma que a única maneira de resolver esses problemas seria pela classe trabalhadora (proletariado), que, segundo Marx, são os principais produtores de riqueza na sociedade e são explorados pelos capitalistas de classe (burguesia), para substituir a burguesia, a fim de estabelecer uma sociedade livre, sem classes ou divisões raciais.<sup>[2]</sup> As formas dominantes de comunismo, como o leninismo e o maoísmo são baseadas no marxismo, embora cada uma dessas formas tenha modificado as ideias originais, mas versões não-marxistas do comunismo (como comunismo cristão e anarco-comunismo) também existem.

As doutrinas comunistas mais antigas, anteriores à Revolução Industrial, punham toda ênfase nos aspectos distributivistas, colocando a igualdade social, isto é, a abolição das classes e estamentos, como o objetivo supremo. Com Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), fundadores do chamado "socialismo científico", a ênfase deslocou-se para a plena satisfação das necessidades humanas, possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico: mediante a elevação da produtividade do trabalho humano, a tecnologia proporcionaria ampla abundância de bens, cuja distribuição poderia deixar de ser antagônica, realizando-se a igualdade numa situação de bem-estar geral. A partir dessa formulação, que teve uma profunda influência sobre o comunismo contemporâneo, a sociedade comunista seria o coroamento de uma longa evolução histórica. Os regimes “anteriores”, principalmente o capitalismo e o socialismo, cumpririam o seu papel histórico ao promover o aumento da produtividade e, portanto, as pré-condições da abundância, que caberia ao comunismo transformar em plena realidade. Enquanto o capitalismo desempenha esse papel mediante a emulação da concorrência, o socialismo deveria manter, em certa medida, essa emulação ao repartir os bens ainda escassos “a cada um segundo o seu trabalho”. Só o comunismo, que corresponderia ao pleno “reino da liberdade e da abundância”, poderia instaurar a repartição segundo o princípio de “a cada um segundo sua necessidade”.

### 3.1 Conceitos

### 3.1.1 Um planejamento geral

O comunismo contemporâneo pretende preservar e superar todo progresso **tecnológico**, conquistado através do **capitalismo**, mediante um sistema de planejamento geral, no qual as múltiplas decisões, tomadas de acordo com o mecanismo de mercado no capitalismo, sejam adotadas de forma deliberada segundo critérios que permitam maximizar a satisfação das necessidades de toda a **sociedade**.

Segundo a doutrina comunista, o mecanismo de mercado apresenta graves defeitos como regulador da produção e da distribuição, pois impede a plena utilização de todos os recursos disponíveis e promove **desigualdade** entre os que tem e os que não tem acesso à **propriedade**. Os críticos do comunismo, baseados na observação dos problemas que surgiram nos **países socialistas**, apresentam dois argumentos: I) o mecanismo de mercado não pode ser inteiramente substituído pelo planejamento numa sociedade que adota extensa divisão social do trabalho, na qual dezenas de milhares de produtos diferentes tem que ser repartidos entre milhões de pessoas, cujas necessidades diferem de acordo com suas características de **sexo**, idade, origem cultural e **idiosincrasias** pessoais; II) o planejamento geral, ao não tomar em consideração as necessidades e vontades dos consumidores, requer uma férrea ditadura, em que as liberdades individuais devem ser abolidas, não só no terreno econômico como no político.

A aplicação prática dos princípios comunistas tem sido tentada desde a mais remota antiguidade. Certas sociedades tribais viviam em comunismo, não devido à sua elevada produtividade, mas em virtude de sua pobreza. É o chamado "**comunismo primitivo**". Há notícias de numerosos grupos sociais que se isolam da sociedade inclusiva e se organizam de acordo com princípios comunistas. O sucesso desses grupos se limita, em alguns casos, à sua autopreservação. Em nenhum caso conseguiram eles estender os princípios de sua organização às sociedades nacionais das quais fazem parte.

### 3.1.2 Transformação pelo poder

A instauração do comunismo foi feita em alguns países - União Soviética e República Popular da China são os principais - por movimentos e partidos que, adeptos da doutrina comunista, procuraram transformar a sociedade mediante a conquista revolucionária do poder político. Em outros países o comunismo foi imposto pela União Soviética ao final da Segunda Guerra Mundial, formando-se o bloco do leste (ou bloco soviético), incluindo Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Albânia e Alemanha Oriental. Outros países, pertencentes ao Terceiro Mundo (como a Argélia), passaram a apoiar este bloco em decorrência das chamadas guerras de libertação nacional. Como passo inicial, eles tem promovido a estatização dos meios de produção (fábricas, fazendas, etc.) e de distribuição (transporte, comércio), instaurando diferentes sistemas de planejamento que va-

riam, segundo o país e o momento, no seu grau de países, no entanto, os mecanismos de **mercado** foram inteiramente abolidos assim como a liberdade de expressão.

As tentativas de aplicar o planejamento geral esbarraram com dificuldades que, em parte, eram esperadas e que se acentuam na medida em que a melhoria do nível de bem-estar permitia a elevação e a diversificação das aspirações. Quando tais dificuldades foram sendo reconhecidas, novas modalidades de planejamento foram desenvolvidas. Essas novas modalidades procuram combinar, de diferentes maneiras, o planejamento com mecanismos de mercado. A procura de critérios objetivos de avaliação de eficiência e de incentivos ao aumento da produtividade tem levado a uma significativa diferenciação entre os chamados "regimes comunistas". Enquanto alguns, como o da **Iugoslávia**, recorreram aos mecanismos de mercado, restringindo a área do planejamento e recorrendo crescentemente a incentivos materiais, outros, como o da China, restringem a ação dos mecanismos de mercado e dão ênfase cada vez maior aos incentivos psicológicos e à criação de padrões de conduta segundo uma ética revolucionária.

### 3.1.3 Terminologia

O comunismo é o **modo de produção** em que a sociedade se libertaria da **alienação** do trabalho, que é a forma de alienação que funda as demais, onde a humanidade se tornaria emancipada, tendo o controle e consciência sob todo o processo social de produção. Em outras palavras, o comunismo é o "trabalho livremente associado", nas palavras do próprio Karl Marx. Enquanto no **capitalismo** o trabalho é livremente comercializado, enquanto **mercadoria**, na sociedade comunista, com a socialização dos **meios de produção**, o trabalho deixaria de ser um aspecto negativo e passaria a ser positivo, isto é, o trabalho seria a afirmação do prazer, dado a abundância de produtos e o desenvolvimento da produtividade do trabalho, que faria com que pudéssemos trabalhar cada vez menos, com processos de mecanização e controle racional, levando em consideração a questão da **natureza**.

Em uma sociedade comunista não haveria governos estatais ou países e não haveria divisão de **classes**, pelo contrário, a sociedade seria autogerida **democraticamente**, entretanto não na forma política e sim através da atividade humana consciente. No **leninismo**, o **socialismo** é um modo de produção intermediário entre capitalismo e comunismo, quando o governo está num processo de transformar os meios de produção de privados para sociais.

Então seria possível para as pessoas acreditarem numa sociedade comunista sem necessariamente utilizar da via proposta por Karl Marx, por exemplo utilizando o comunismo-religioso ou anarco-comunismo. Mas obviamente, para alcançar a emancipação humana há os obstáculos promovidos pela classe dominante, no caso, a

burguesia, que detém todos os meios contra a revolução socialista.

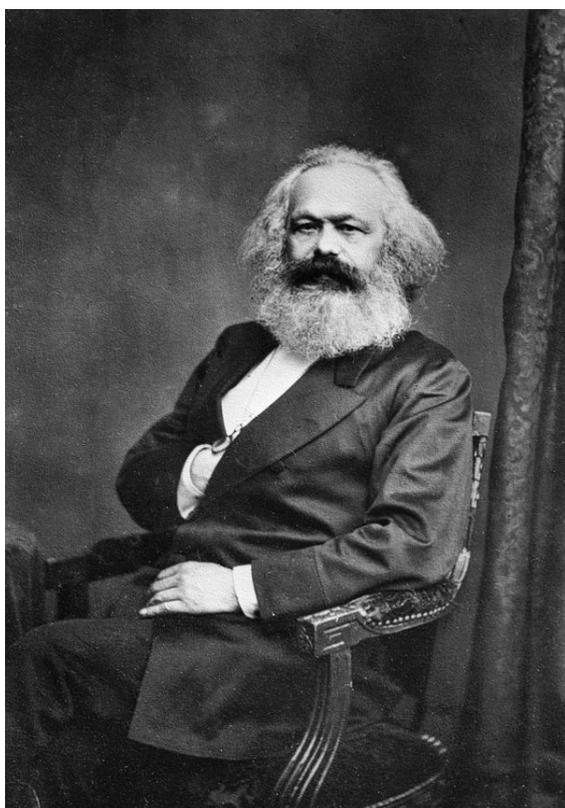
## 3.2 História

 Ver artigo principal: História do Comunismo

### 3.2.1 Origem

 Ver artigos principais: Comunismo primitivo e Socialismo utópico

As origens do comunismo são discutíveis. Há vários gru-



*Karl Marx, intelectual alemão fundador da filosofia comunista*

pos históricos, bem como teóricos, cujas crenças foram classificadas como comunistas em tempos modernos. O filósofo alemão Karl Marx considerava que o comunismo primitivo era o estado caçador-coletor que a humanidade tinha em seus primórdios. A ideia de uma sociedade sem classes surgiu primeiramente na Grécia Antiga.<sup>[7]</sup> Platão, em *A República*, descreveu um estado em que as pessoas compartilhavam todos os seus bens, esposas e filhos: “O privado e individual são completamente banidos da vida e as coisas que são privadas por natureza, como olhos, orelhas e mãos, tornam-se comuns, e de alguma forma veem, ouvem e agem em comum e todos os homens expressam louvor e sentem alegria e tristeza nas mesmas ocasiões.”<sup>[7]</sup>

Na história do pensamento Ocidental, alguns elementos da ideia de uma sociedade baseada em detenção comum de propriedade podem ser observados até nos tempos mais antigos. Um exemplo é a revolta dos escravos de Espártaco em Roma.<sup>[8]</sup>

No século V, o movimento de Mazdak no Irã é considerado “comunista” por desafiar os enormes privilégios das classes nobres e do clero, criticando a instituição da propriedade privada e defendendo uma sociedade igualitária.<sup>[9]</sup>

Em alguns momentos da história, vários pequenos movimentos considerados comunistas existiram, geralmente sob inspiração das Escrituras (cf. *comunismo cristão*).<sup>[10]</sup>



*A foice e martelo e a estrela vermelha são os símbolos universais do comunismo.*

Já no século XVII, o pensamento comunista veio à tona na Inglaterra, onde um grupo puritano religioso, conhecido como “Diggers”, defendia a abolição da propriedade privada de terra.<sup>[11]</sup> A crítica da ideia de propriedade privada continuou no iluminismo durante o século XVIII, através de pensadores como Jean Jacques Rousseau na França. Mais tarde, após a agitação da Revolução Francesa, o comunismo surgiu como uma doutrina política.

Vários reformadores sociais no início do século XIX fundaram comunidades baseadas na propriedade comum. Mas ao contrário da maioria das comunidades que surgiram anteriormente e foram consideradas comunistas, eles substituíram a ênfase religiosa em uma base racional e filantrópica.<sup>[12]</sup> Entre os exemplos relevantes, estão o cooperativismo de Charles Fourier e a comunidade Nova Harmonia (1825) de Robert Owen.<sup>[12]</sup> Mais tarde, ainda no século XIX, Karl Marx descreveu esses reformistas sociais anteriores como “socialistas utópicos” para contrastá-los com o seu programa de “socialismo científico” (termo cunhado por Friedrich Engels).

Em sua forma moderna, o comunismo surgiu do movi-

mento socialista da Europa do século XIX. Com o avanço da **Revolução Industrial**, críticos socialistas culpavam o capitalismo pela miséria da classe proletária e as condições perigosas em que trabalhavam nas fábricas. Entre eles, o maior destaque fica para Marx e seu associado Friedrich Engels. Em 1848, Marx e Engels deram uma nova definição ao comunismo e popularizaram o termo no famoso panfleto *O Manifesto Comunista*.<sup>[12]</sup>

### 3.2.2 Revolução Russa de 1917, derrocada comunista e burocratização

Ver artigos principais: **Revolução Russa de 1917** e **Degenerescência burocrática**

A **Revolução de Outubro** de 1917, marcou a primeira vez em que um partido declaradamente comunista neste caso, o **Partido Bolchevique**, tomou o poder de um Estado. A tomada do poder pelos bolcheviques acabou gerando um grande debate teórico e prático dentro do movimento marxista. Marx previa que o socialismo e comunismo deveriam ser construídos sobre a base do mais avançado estado de capitalismo, considerando assim o seu cume. Porém, Marx considerava que em alguns casos poder-se-ia pular a fase de dominação burguesa. A Rússia era um país agrário, pobre e de quase nenhuma industrialização. Por isso, os **mencheviques** (moderados) opunham-se ao plano bolchevique de Lênin de fazer revolução socialista antes que o capitalismo fosse mais desenvolvido.

A Revolução Russa foi uma série de eventos políticos na Rússia, durante os quais os operários e camponeses sucessivamente derrubaram a autocracia russa, o governo provisório e expropriaram campos, fábricas e demais locais de trabalho. Estes eventos aconteceram durante o ano de 1917 e início de 1918, e resultaram numa guerra civil que durou de 1918 a 1921. Durante este processo, o Partido Bolchevique, liderado por Vladimir Lenin e Leon Trotsky, se transformou na única força política capaz de restabelecer a ordem. Ele criou um poderoso exército, que submeteu igualmente a classe operária e os demais partidos, ao mesmo tempo que adotou o *discurso* socialista, o qual utilizou como justificativa para a imposição de uma ditadura do proletariado.

Ainda durante os seus últimos anos de vida, Lenin empreendeu uma vigorosa luta contra a burocratização do Partido e a concentração de poder nas mãos de Stálin, sugerindo que Trótski, “o mais capaz do Comitê Central”, assumisse o comando do partido. Além de ter exercido papel decisivo como reorganizador do Exército Vermelho, Trotsky havia proposto a teoria chamada de “Revolução Permanente”, e que fora adotada por Lenin em suas Teses de Abril - quando este admitiu que a Revolução Russa colocaria em curso o transcurso ininterrupto entre revolução burguesa (fevereiro) e proletária (outubro).

### Stalinismo

Ver artigo principal: **Stalinismo**

Ver também: **Comparação entre nazismo e stalinismo**  
O stalinismo foi o sistema político dentro da União So-



*Joseph Stalin.*

viética durante o governo de Joseph Stalin. O termo normalmente refere-se a um estilo de governo, não uma ideologia. Stalin não era um teórico como Marx e Lênin, pois considerava-se a continuação do legado leninista. No entanto, existem particularidades no governo e nas ideias de Stalin.

As principais contribuições de Stalin para a teoria comunista foram:

- Estabelecimentos das bases para as políticas soviéticas a respeito das nacionalidades, como demonstrado no ensaio *Marxismo e a Questão Nacional*, elaborado por Lênin.<sup>[13]</sup>
- O conceito de "socialismo em um só país", que afirma que os comunistas deveriam primeiro alçar o socialismo em seu próprio país como um prelúdio para a internacionalização.
- A teoria da agravamento da luta de classes para o desenvolvimento do socialismo, o que inclui a repressão de opositores políticos caso necessário.

Existe um grande debate sobre a suposta continuidade do trabalho de Lênin. Os opositores consideram que certos

aspectos do stalinismo (como as ideias de socialismo em um país e “patriotismo revolucionário”) são incompatíveis com o próprio marxismo-leninismo. Além disso, é sabido que Lênin disse em seu *testamento*, escrito pouco antes de morrer, que desejava a destituição de Stalin do posto de secretário-geral pois não concordava com seus métodos.<sup>[14][15]</sup> No entanto, os defensores consideram o trabalho de Stalin primordial para o avanço da União Soviética e ressaltam os elogios que Lênin fez as teorias de Stalin em anos anteriores.

Outras críticas também se estendem aos métodos. As perseguições se agravaram pouco depois da morte de Lênin, em janeiro de 1924, quando uma luta interna pelo poder estabeleceu-se entre Trótski e Stálin (ver: *Divergências entre Stalin e Trotsky*). Ela terminou com a vitória de Stalin, que implantou um regime que matou dois terços dos quadros do Partido Comunista no Grande Expurgo, de forma a prevalecer incontestemente a vontade de Stalin. Durante seu regime a União Soviética saltou de um país arruinado pela guerra civil, para uma superpotência, mas ao custo de pelo menos 7,5 milhões de mortes devidas à grande fome de 1923-1933 (episódio que, apesar de haver provas, é muitas vezes negado pelos seus defensores), somando-se a um regime ditatorial, com a expansão dos antigos Gulags (campos de concentração construídos na Sibéria para punir dissidentes políticos) e perseguição política, culminando com atentados a liberdade de expressão e repressão ferrenha contra jornalistas, minorias e cientistas da academia em geral durante e após o Grande Expurgo.<sup>[16]</sup>

No Ocidente, o apoio e desenvolvimento do pensamento de Stalin costuma restringir-se a intelectuais da extrema-esquerda.

### Trotskyismo e autocrítica soviética

 Ver artigo principal: Trotskyismo

Após a morte de Lênin, seguiu-se um período de conflitos, tendo como pano de fundo interno as disputas sobre a coletivização da agricultura e a burocratização do aparato partidário. Daí surgiu a chamada *Oposição de Esquerda*.

Trótski apoiava-se na Teoria da revolução permanente e no conceito de revolução mundial, oposto ao stalinismo. Para ele, a União Soviética tinha entrado em um estado de degenerescência burocrática ao invés de uma legítima ditadura do proletariado.

Expulso da União Soviética, Trótski permaneceu lutando pelo comunismo e construiu um novo reagrupamento internacionalista, a IV Internacional, considerado pelos seus seguidores o bastião do marxismo-revolucionário durante os anos de stalinismo. No entanto, seus rivais consideravam suas propostas próximas dos interesses da burguesia, preferindo o conceito de agravação da luta de classes difundido por Stálin. Trótski foi assassinado em Coyoacán no México por Ramón Mercader, agente catalão em serviço da GPU (depois KGB), a polícia secreta



Leon Trótski.

soviética.

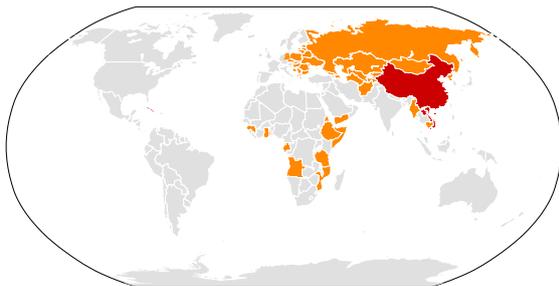
Quando Nikita Khrushchev assumiu o poder da URSS denunciou os crimes de Stálin e campos de concentração (gulags), porém isso pouco mudou a ação do estado socialista. Nem mesmo a publicação do livro *Arquipélago de Gulag* do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1970, Aleksandr Solzhenitsyn, mudou alguma coisa, pois ninguém dentro da União Soviética sabia da existência do livro. Este livro foi escrito entre 1962 e 1973, sendo publicado no ocidente em 1973. O livro foi publicado oficialmente na Rússia apenas em 1989.

Segundo a descrição do livro, os "gulags" eram campos de trabalho penoso, bastante próximo de uma situação de escravidão, para criminosos, presos políticos ou qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime,<sup>[17]</sup> e cujas condições de chegada foram descritas e comparadas, por muitos dos seus sobreviventes, às de deportação para campos de extermínio. Segundo algumas descrições, os campos mais desumanos encontravam-se na região da Sibéria.

### Guerra Fria

 Ver artigo principal: Guerra Fria

Por seu papel crucial na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética emergiu como uma superpotência com forte influência sobre a Europa Ori-



*Em vermelho: países atualmente sob regimes declaradamente comunistas. Em laranja: países que já fizeram parte de regimes comunistas.*

ental e partes da Ásia. Ao mesmo tempo, os impérios europeus encontravam-se estilhaçados, enquanto alguns partidos comunistas desempenhavam papel de liderança em movimentos de independência nas colônias dessas nações.

Governos modelados a partir do comunismo soviético chegaram ao poder na Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Polónia, Hungria e Romênia, por métodos legais ou via golpe. Enquanto isso, uma nova corrente comunista divergente e não aceita pela Cominform nasceu com Josip Broz Tito na Iugoslávia. Esse movimento posteriormente seria chamado de Titoísmo.

Em 1950, o Partido Comunista da China subiu ao poder do país mais populoso do mundo. A influência comunista espalhou-se pela Ásia e as discordâncias causadas por isso resultaram em algumas guerrilhas e guerras, como a Guerra da Coreia e Guerra do Vietnã. As subidas ao poder, tanto nos casos violentos quanto nos pacíficos, obtiveram diferentes graus de sucesso dependendo da influência das forças nacionalistas e socialistas presentes nos países que, segundo esses grupos, sofriam com a influência do imperialismo ocidental.

Durante grande parte do século XX, pelas tentativas de exportar seu modelo político e econômico de apropriação dos meios de produção e seu totalitarismo,<sup>[18][19]</sup> o comunismo foi visto como uma ameaça iminente no mundo ocidental (sobretudo nos Estados Unidos) e um rival das nações capitalistas.<sup>[20]</sup> Essa rivalidade atingiu o seu topo durante a Guerra Fria, com as duas superpotências, União Soviética e Estados Unidos, polarizando suas forças entre nações ao redor do mundo. Essa época foi marcada por guerras menores e golpes de Estado com influência dos dois países, uma intensa busca de novas tecnologias bélicas, armazenamento de armas nucleares e competição para a exploração do espaço. Nos Estados Unidos, o temor do avanço comunista para o modo ocidental (a chamada "ameaça vermelha") era notável até entre a população civil. Já na União Soviética, a educação anti-capitalista se estendia desde a educação básica.

## Maoísmo

Ver artigo principal: Maoísmo

O maoísmo é a execução do comunismo marxista-



*Mao Zedong.*

leninista na China sob Mao Zedong e o Partido Comunista da China.

As reformas de Nikita Khrushchev aumentaram as diferenças ideológicas entre a União Soviética e China durante a década de 1960. A ruptura sino-soviética resultou na divisão de partidos comunistas de todo o mundo. Sendo assim, o Partido Comunista da China sob a liderança de Mao acabou tornando-se uma tendência comunista distinta dos soviéticos.

A definição sobre o que é o maoísmo varia. Dentro do contexto chinês, o maoísmo pode referir-se a crença de Mao na mobilização das massas, particularmente nos movimentos políticos de grande escala. Também pode fazer referência ao igualitarismo pregado por Mao, oposto ao socialismo de mercado de Deng Xiaoping. Alguns estudiosos também adicionam o culto de personalidade e a criação de slogans políticos ao conceito de maoísmo.

Uma parte dos maoístas contemporâneos critica a ação "revisionista" do Partido Comunista da China pós-Mao pelas reformas econômicas totalmente desvinculadas da teoria marxista e crescimento da desigualdade social.<sup>[21][22]</sup> Dentro da China, a opinião difundida pelo Partido Comunista e consenso entre a população é de que o governo de Mao se excedeu por muitas vezes, porém teve pontos positivos consideráveis.<sup>[23]</sup> Por esse motivo, o culto à sua imagem permanece forte nos tempos atuais,<sup>[23]</sup> ainda que com um pouco de cautela.<sup>[24]</sup>

As maiores críticas ao governo de Mao (ou seja, ao maioísmo prático) focam-se nos episódios de fome e a arbitrariedade ditatorial que causaram a morte de milhões de chineses, em especial durante o período conhecido como Grande Salto Adiante.<sup>[25]</sup>

### Juche

 Ver artigo principal: Juche

Juche é o nome da ideologia oficial do Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte desenvolvida por Kim Il-sung para colocar em prática os preceitos do marxismo-leninismo dentro da realidade daquele país. O foco principal é atingir a autossuficiência militar e econômica sob o governo do Partido. A despeito das reformas, derrocadas e divisões dos regimes autodenominados comunistas ao longo dos últimos anos e a da queda de um de seus principais apoiadores, a União Soviética, a Coreia do Norte mantém-se há mais de cinco décadas com poucas ou nenhuma mudança em suas políticas oficiais desde a criação do país, após a Guerra da Coreia.

### Glasnost

 Ver artigo principal: Glasnost

Após a Segunda Guerra Mundial, em que a Alemanha nazista foi derrotada pelas forças aliadas (Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética), iniciou-se uma fase de revisão dos fundamentos do estalinismo, o que resultou, nos anos 1990, na revisão do Estado Soviético que foram então conhecidos como “glasnost” e “perestroika”. Para alguns, isto significou uma volta ao capitalismo e uma reaproximação à política dos Estados Unidos, enquanto que, para outros que qualificavam a sociedade russa como um capitalismo de estado, tratava-se de uma volta ao capitalismo privado.

### A queda do muro de Berlim

 Ver artigo principal: Muro de Berlim

Em 1985, Mikhail Gorbachev tornou-se o líder da União Soviética e diminuiu o poder central com políticas reformistas como a *glasnost* (abertura) e *perestroika* (reestruturação). Aos poucos, a União Soviética deixou de intervir na Polônia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia e Hungria, e em 1990 todos abandonaram o regime comunista. No ano seguinte, a União Soviética se dissolveu.

Após a queda do muro de Berlim, o comunismo foi considerado morto por vários pensadores, intelectuais e pela mídia. O marxismo manteve-se sob outras formas, como na China, com o maioísmo, em Cuba, com Fidel Castro



A queda do muro de Berlim em 1989.

e, mais duramente, na Coreia do Norte, com Kim Il-sung e o seu filho Kim Jong-il. Segundo alguns pensadores, mais como uma referência filosófica e política geradora de alguma polêmica do que propriamente um ente político de largo espectro, pois ter-se-ia limitado ao nível de Governo, deixando o povo com relativa liberdade de acordo com cada norma vigente no respectivo país. O marxismo mantém-se, contudo, como uma referência filosófica e política, (polêmica, é certo), que não deve ser desprezada no contexto da globalização.

Os seguidores desta doutrina política defrontam-se, entretanto, com as novas realidades históricas que têm originado movimentos reformadores que pretendem repensá-la. O projeto de instauração de uma sociedade comunista ainda é defendido por diversas correntes e pensadores, alguns mantendo a concepção que inspirou a Revolução Bolchevique, o leninismo (para quem as “renovações” são apenas sinal de subjugação ao capitalismo), e outros, fazendo revisão ou aderindo às correntes comunistas antileninistas.

## 3.3 Teorias e correntes do comunismo

### 3.3.1 Utópicos

 Ver artigo principal: Socialismo utópico

As ideias comunistas desenvolveram-se a partir dos escritos dos chamados socialistas utópicos, como Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon.<sup>[26]</sup>

Robert Owen foi o primeiro autor a considerar que o valor de uma mercadoria deve ser medido pelo trabalho a ela incorporado, e não pelo valor em dinheiro que lhe é atribuído. Charles Fourier foi o primeiro a defender a abolição do capitalismo e sua substituição por uma sociedade baseada no comunismo. Enquanto isso, o Conde de Saint-Simon propôs em 1802 a formação de uma socie-



Reprodução da capa original do "Manifesto Comunista".

dade onde não houvesse ociosos (como ele se referia aos militares, religiosos, nobres e magistrados) nem a exploração econômica de grupos de indivíduos por outros.<sup>[26]</sup> Todos estes autores, entretanto, propunham a mudança social através da criação de comunidades rurais autossuficientes por voluntários. Estes autores não consideraram que a sociedade estaria dividida em classes sociais com interesses antagônicos.

### 3.3.2 O socialismo científico

Ver artigo principal: **Marxismo**

Karl Marx foi o responsável pela análise econômica e histórica mais detalhada da evolução das relações econômicas entre as classes sociais, razão pela qual é considerado o pai do "socialismo científico".<sup>[26]</sup> Marx procurou demonstrar a dinâmica econômica que levou a sociedade, partindo do comunismo primitivo, até a concentração cada vez mais acentuada do capital e o aparecimento da classe operária. Esta, ao mesmo tempo seria filha do capitalismo, e a fonte de sua futura ruína. Marx se diferenciou dos seus precursores por explicar a evolução da

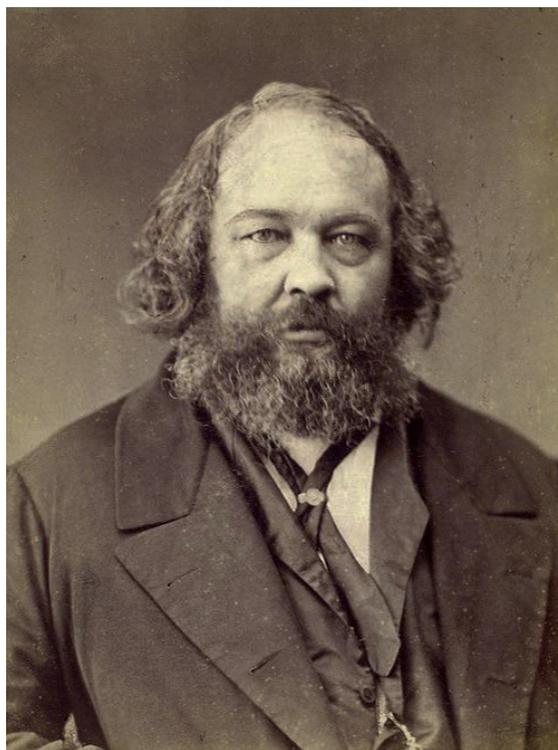
sociedade em termos puramente econômicos, e se referir à acumulação do capital através da **mais-valia** de forma mais clara que seus antecessores.

Marx considerava, ao contrário de muitos dos seus contemporâneos e de muitos críticos actuais, o comunismo um "movimento real" e não um "ideal" ou "modelo de sociedade" produzido por intelectuais. Este movimento real, para Marx, se manifestava no movimento operário. Inicialmente ele propôs que a classe operária fizesse um processo de estatização dos meios de produção ao derubar o poder da **burguesia**, para depois haver a supressão total do Estado. Após a experiência da **Comuna de Paris**, ele revê esta posição e passa a defender a abolição do Estado e o "autogoverno dos produtores associados". No entanto, também diferentemente dos outros autores, Marx acreditava que a sociedade era regida por leis econômicas que eram alheias à vontade humana. Para ele, tanto as mudanças passadas, quanto a **Revolução socialista** que poria fim ao **capitalismo**, eram necessidades históricas que fatalmente aconteceriam.

### 3.3.3 Libertários

Ver artigo principal: **Anarco-comunismo**

Em 1840, Pierre-Joseph Proudhon publica seu livro



*Mikhail Bakunin.*

*Que é a Propriedade?*, em que, baseando-se em informações históricas, jurídicas e econômicas, procura demonstrar que toda a **propriedade** tem em sua raiz um ato de "roubo". Proudhon ataca o conceito de renda, o qual compreende como sendo o direito de exigir algo a troco

de nada. E pela primeira vez, identifica uma parcela da população como **produtores de riqueza** (os trabalhadores) e uma outra como os **usurpadores dessa riqueza** (os proprietários). Conclui que a propriedade é impossível, e só pode existir como uma ficção jurídica imposta pela força, através do Estado. Proudhon então conclui que os cidadãos só estarão livres da imposição da propriedade numa sociedade onde o Estado não exista.

Diferente de seus precursores,<sup>[27]</sup> Proudhon desprezou a religião e procurou basear sua análise econômica apenas em fatos e lógica. Acredita que a mudança através da violência representaria apenas uma mudança de governo, nada modificando nas relações sociais. Estas, portanto teriam que ser reformadas gradativamente, pelos próprios cidadãos. Além disso, identificou parte do mecanismo pelo qual as contradições do capitalismo se intensificavam. Em *Sistema de Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria* (1846), Proudhon afirma que *depois de ter provocado o consumo de mercadorias pela abundância de produtos, a sociedade estimula a escassez pelo baixo nível dos salários*, uma ideia que se popularizaria com o nome de “crise de superprodução-subconsumo”.

Após ter travado contato com Proudhon e descrito sua obra de forma lisonjeira em *A Sagrada Família* (1845), Marx passa a criticá-lo em *Miséria da Filosofia* (1847). O embate se intensifica na AIT contra Bakunin, outro anarquista, e leva a associação ao seu fim. O principal ponto de discordância era que, para Proudhon e Bakunin, a Revolução só seria possível com a abolição imediata do Estado. Já Marx acreditava que o Estado poderia ser instrumental no processo revolucionário. Os anarquistas também rejeitavam a autoridade, e Marx não. Após o fim da AIT, os adeptos de Proudhon e Bakunin passam a se chamar “comunistas libertários” para se diferenciar dos marxistas, que permanecem usando a denominação de *comunistas*. A partir daí, essas duas correntes do comunismo se separaram e seguiram trajetórias independentes.

### 3.3.4 Desenvolvimentos posteriores à Revolução Russa

#### Revisionismo

 Ver artigo principal: Socialdemocracia e Revisionismo (marxismo)

O movimento comunista, a partir do início do século XX, passou a se dividir em diversas correntes. Inicialmente, o surgimento do chamado “revisionismo”, também chamado reformismo, proposto por Bernstein, que considerava que o aburguesamento da classe operária tornava a possibilidade de uma revolução socialista quase nula e que o socialismo deveria adaptar-se a esta realidade lutando não pelo socialismo, mas pela reforma do capitalismo em bases puramente éticas. Inicialmente rejeitada pelo movimento socialista, que então recebia o

nome geral de **socialdemocracia**, o reformismo acabou consolidando-se como prática política geral dos partidos socialistas de massa após a **Primeira Guerra Mundial**, quando o assentimento dos partidos socialistas da **Alemanha, França e Itália** em votar a favor dos créditos de guerra nos seus parlamentos revelou sua aceitação geral da legalidade burguesa e sua recusa do “derrotismo revolucionário” (isto é, a busca da revolução socialista mesmo em detrimento dos interesses do Estado Nacional) praticada pelos **bolcheviques de Lenin**.

#### Comunismo de partido

 Ver artigo principal: Leninismo

Na esteira da **Revolução Russa**, criar-se-ia uma divisão entre a **extrema esquerda** do movimento socialista, liderada por **Lenin**, que promoveria o retorno da expressão “comunismo”, adotada por Marx para definir-se a si mesma, distinguindo-se das correntes socialistas reformistas, que retiveram o nome de social-democracia. A concepção “bolchevista” ou “leninista” (nas suas diversas correntes) que compreendia que o comunismo fosse precedido por um período de transição chamado socialismo, no qual haveria a estatização dos meios de produção, permaneceriam existindo a lei do valor e o uso do dinheiro, entre outras características do capitalismo. Este período de transição desembocaria, pelo menos teoricamente, na extinção gradual do Estado e das demais características do capitalismo, constituindo assim o comunismo. As obras que desenvolvem esta tese são os escritos de **Lênin** após a **revolução bolchevique**, o livro de **Joseph Stálin** “Problemas Econômicos na União Soviética” e em vários escritos posteriores dos seguidores desta corrente, tanto na Rússia quanto no resto do mundo.

#### Conselhismo

 Ver artigo principal: Comunismo de conselhos

Os comunistas, no entanto, logo se viram diante de uma nova divisão: por um lado, os *comunistas de partido* - os adeptos das teses de **Lênin** de que o partido de vanguarda seria um instrumento necessário para a revolução comunista - e, por, outro, os “**comunistas de conselhos**”, que consideravam os **conselhos operários** ou “**soviets**” como a forma de organização revolucionária dos trabalhadores. A concepção **conselhista**, retomava Marx e concebia o comunismo como um modo de produção que substituiria o capitalismo, abolindo o Estado, a lei do valor etc., imediatamente, através da autogestão dos conselhos operários. Assim, esta corrente questionava a ideia de um período de transição, colocando-a como sendo contra-revolucionária e produto de um projeto semi-burguês no interior do movimento operário. As principais obras que expressam este ponto de vista são: “Princípios Fundamentais do

Modo de Produção e Distribuição Comunista”, do Grupo Comunista Internacionalista da Holanda e “Os Conselhos Operários” de Anton Pannekoek, e várias outras obras posteriores que desenvolveram estas teses até os dias de hoje, assumindo o nome contemporâneo de autogestão. Uma tentativa pragmática de aplicação do modelo autogestionário foi feita na Iugoslávia entre 1943 e 1991, no chamado titoísmo.

### 3.3.5 Cisões

Vertentes importantes surgiram ao longo da primeira metade do século XX, principalmente dentro da corrente hegemônica, o “comunismo de partido” (também chamado bolchevismo ou leninismo), como o maoísmo, o stalinismo, o trotskismo, entre outras. Essa divisão dentro da própria teoria acabaria por minar muitas das iniciativas do comunismo e causar várias lutas ideológicas internas.

## 3.4 Comunismo e anarquismo

Ver artigo principal: Anarquismo  
Os movimentos anarquista e marxista surgiram e ganha-



*Símbolo do anarquismo*

ram forte atuação no século XIX, em meio aos efeitos sociais da Revolução Industrial. Foram ambos contestadores da ordem liberal capitalista e do Estado garantidor das condições trabalhistas da época, coincidindo, também, quanto ao ideal comunista: o fim das divisões de classes, da exploração e até mesmo do Estado.

A despeito dessas semelhanças (de origem, alguns alvos de atuação e objetivos finais), divergiam quanto ao caminho a ser seguido para alcançar o comunismo. Para os marxistas, deveria haver uma fase intermediária socialista

— a ditadura do proletariado —, um Estado revolucionário que construiria as condições viabilizadoras do comunismo, tais como lidar com os movimentos contrarrevolucionários que viessem a surgir na transição. Os anarquistas, ao contrário, pensavam em erradicar não apenas as classes, as instituições e as tradições, mas sobretudo o Estado.

Na segunda metade do século XIX, durante o século XX, e ainda no século XXI as diferenças prevaleceram sobre as semelhanças, promovendo entre os dois movimentos socialistas uma convivência de choques e divergências, nas suas lutas contra a ordem estabelecida.

## 3.5 Críticas

Ver artigo principal: Anticomunismo  
Ver também: Declaração de Praga sobre Consciência Europeia e Comunismo, O Livro Negro do Comunismo e The Soviet Story

Desde a sua difusão, tanto o comunismo leninista quanto o marxista receberam oposição, tanto da esquerda quanto da direita política.<sup>[28][29]</sup> Há críticas ao funcionamento da economia socialista, considerada por Mises ineficiente pela distorção/ausência do sistema de preços<sup>[30][31]</sup> e por Hayek como inevitavelmente ligada à tirania e servidão.<sup>[32]</sup> Outros críticos, como Milton Friedman, afirmam que uma sociedade comunista estaria fadada a estagnação dos avanços tecnológicos,<sup>[33]</sup> redução de incentivos<sup>[34][35][36]</sup> e redução da prosperidade.<sup>[37][38]</sup> A inviabilidade de implementação também é debatida,<sup>[31][32][33]</sup> bem como os efeitos sociais e políticos que as tentativas de ascendência comunista causaram.<sup>[39][40][41][42][43][44]</sup> Alegando que o comunismo marxista era impossível de ser atingido, Murray N. Rothbard em seu livro *Economic Thought Before Adam Smith* escreveu: “Somente um crente na necromancia absurda da “dialética” pode acreditar que um Estado totalitário [socialista] pode inevitavelmente e de maneira virtualmente instantânea se transformar em seu oposto, e que, portanto, a maneira de se livrar do Estado é se esforçar ao máximo para maximizar seu poder”.<sup>[45]</sup>

As principais críticas ao socialismo — sistema transitório para o comunismo — se assentam essencialmente na ideia de que quanto maior é a intervenção do Estado, mais negativa é. Porque:

- Interfere com a liberdade individual e livre iniciativa das pessoas e empresas, que são quem sustentam involuntariamente o Estado através dos impostos e taxas;
- Ao deslocar recursos dos mais produtivos para os menos produtivos, retirando produção aos primeiros para alocar aos segundos, o Estado contribui para

uma diminuição da eficiência global do sistema económico e social. Isto porque é intuitivo que a pessoa que não vê uma recompensa maior pelo seu esforço, tem tendência a produzir menos, dessa forma todos ficam mais pobres.

Parte dessas críticas se estendem para as políticas adotadas pelos estados unipartidários governados por partidos comunistas (conhecidos como "estados comunistas"). Estudiosos de direitos humanos discutem os episódios de fome, expurgos, execuções e guerras constantemente observados nesses regimes ao longo do século XX.<sup>[46][47][48]</sup> Entre os exemplos notáveis de episódios de assassinatos em massa atribuídos ao comunismo, destacam-se o genocídio ucraniano na União Soviética, o massacre de um quarto da população do Camboja<sup>[49]</sup> sob o regime de Pol Pot<sup>[50]</sup> e a Grande Fome Chinesa sob o regime de Mao Tsé-Tung.<sup>[25]</sup>

Bernard-Henri Lévy, Karl Popper, Carl Menger, Ludwig von Mises, Max Weber, Michael Voslensky, Friedrich Hayek, Eugen von Böhm-Bawerk, Milovan Djilas, Milton Friedman, Eric Voegelin, Murray Rothbard, Václav Havel e Pitirim Sorokin, são alguns eminentes críticos do comunismo. A ideologia comunista também é fortemente criticada pela Doutrina Social da Igreja Católica.

### 3.5.1 Condenação oficial da Igreja Católica

O Magistério da Igreja Católica sempre condenou oficialmente qualquer forma de comunismo, porque acreditava que o comunismo nunca poderia ser compatível com a doutrina católica:

- Na encíclica *Qui pluribus* (1846), o Papa Pio IX afirmou que "*para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana*"<sup>[51]</sup>
- Na encíclica *Rerum Novarum* (1891), o Papa Leão XIII declarou que "*a teoria socialista da propriedade colectiva deve absolutamente repudiar-se como prejudicial àqueles membros a que se quer socorrer, contrária aos direitos naturais dos indivíduos, como desnaturando as funções do Estado e perturbando a tranquilidade pública.*"<sup>[52]</sup>
- Na encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), o Papa Pio XI afirmou que "*o socialismo quer se considere como doutrina, quer como facto histórico, ou como «acção», se é verdadeiro socialismo, [...] não pode conciliar-se com a doutrina católica; pois concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã. [...] E se este erro, como todos*

*os mais, encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram, funda-se contudo numa própria concepção da sociedade humana, diametralmente oposta à verdadeira doutrina católica. Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista.*"<sup>[53]</sup>

- Na encíclica *Divini Redemptoris* (1937), o Papa Pio XI defendeu que o comunismo ateu é um "*sistema cheio de erros e sofismas, igualmente oposto à revelação divina e à razão humana; sistema que, por destruir os fundamentos da sociedade, subverte a ordem social, que não reconhece a verdadeira origem, natureza e fim do Estado; que rejeita enfim e nega os direitos, a dignidade e a liberdade da pessoa humana.*"<sup>[54]</sup>
- Em 1949, o Santo Ofício, com a aprovação do Papa Pio XII, emitiu o *decreto contra o comunismo*, que reafirmou que todos os católicos que fossem comunistas eram automaticamente excomungados, porque eram apóstatas da fé católica.<sup>[55][56]</sup>
- Na encíclica *Mater et Magistra* (1961), o Papa João XXIII reafirmou que "*entre comunismo e cristianismo, [...] a oposição é radical, e acrescenta não se poder admitir de maneira alguma que os católicos adiram ao socialismo moderado: quer porque ele foi construído sobre uma concepção da vida fechada no temporal, com o bem-estar como objetivo supremo da sociedade; quer porque fomenta uma organização social da vida comum tendo a produção como fim único, não sem grave prejuízo da liberdade humana; quer ainda porque lhe falta todo o princípio de verdadeira autoridade social.*"<sup>[57]</sup>
- Em 1984, a Congregação para a Doutrina da Fé, chefiada pelo Cardeal Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI) e com a aprovação do Papa João Paulo II, emitiu uma instrução que condenava todas as teses e correntes verdadeiramente marxistas (incluindo vários aspectos fundamentais da Teologia da Libertação): "*É verdade que desde as origens, mais acentuadamente, porém, nestes últimos anos, o pensamento marxista se diversificou, dando origem a diversas correntes que divergem consideravelmente entre si. Na medida, porém, em que se mantêm verdadeiramente marxistas, estas correntes continuam a estar vinculadas a certo número de teses fundamentais que não são compatíveis com a concepção cristã do homem e da sociedade*"<sup>[58]</sup>
- Na encíclica *Centesimus Annus* (1991), o Papa João Paulo II, actualizando os princípios da *Rerum Novarum*, salientou que "*o erro fundamental do socialismo é de carácter antropológico. De facto, ele considera cada homem simplesmente como um elemento e uma molécula do organismo social, de tal modo que o bem do indivíduo aparece totalmente subordinado*

ao funcionamento do mecanismo económico-social, enquanto, por outro lado, defende que esse mesmo bem se pode realizar prescindindo da livre opção, da sua única e exclusiva decisão responsável em face do bem ou do mal. O homem é reduzido a uma série de relações sociais, e desaparece o conceito de pessoa como sujeito autónomo de decisão moral, que constrói, através dessa decisão, o ordenamento social. Desta errada concepção da pessoa, deriva a distorção do direito, que define o âmbito do exercício da liberdade, bem como a oposição à propriedade privada. [...] Se se questiona ulteriormente onde nasce aquela errada concepção da natureza da pessoa e da subjectividade da sociedade, é necessário responder que a sua causa primeira é o ateísmo. [...] O referido ateísmo está, aliás, estritamente conexo com o racionalismo iluminístico, que concebe a realidade humana e social do homem, de maneira mecanicista."<sup>[59]</sup>

- O Catecismo da Igreja Católica (1992) afirma que "a Igreja rejeitou as ideologias totalitárias e ateias, associadas, nos tempos modernos, ao «comunismo» ou ao «socialismo»".<sup>[60]</sup>

### 3.6 Ver também

- Lista de estados comunistas atuais
- Antianticomunismo
- Capitalismo
- Estado de bem-estar social
- Holodomor
- Manifesto Comunista, de Karl Marx, 1848
- Memorial das Vítimas do Comunismo
- O Capital, de Karl Marx, 1867
- O Ópio dos Intelectuais, de Raymond Aron, 1954.
- Partido Comunista
- Simbologia Comunista
- Socialismo
- Gulag
- Distributismo

### 3.7 Referências

- [1] Morris, William. *News from nowhere*. [S.l.: s.n.] Consultado em January 2008 Verifique data em: laccessodata= (ajuda)

- [2] "Socialism." Columbia Electronic Encyclopedia. Columbia University Press. 03 Feb. 2008.<reference.com http://www.reference.com/browse/columbia/socialis>.
- [3] Colton, Timothy J. (2007). «Communism». *Microsoft Encarta Online Encyclopedia*
- [4] "Obras Escolhidas de Vladimir I. Lenin" - Tomos I a III, Edições "Avante!", 1977
- [5] Revista "Vida Soviética", Agência de Imprensa NÓvosti (APN), 1975-1989
- [6] "Manifesto to Partido Comunista" - Karl Marx, 1848
- [7] Richard Pipes Communism: A History (2001) ISBN 978-0-8129-6864-4, pages 3–5.
- [8] «Historical Background for Spartacus» (em inglês). Vroma.org. Consultado em 22 de março de 2013. Cópia arquivada em 29 de julho de 2011
- [9] *The Cambridge History of Iran* Volume 3, The Seleucid, Parthian and Sasanian Period, editado por Ehsan Yarshater, Partes 1 e 2, p1019, Cambridge University Press (1983)
- [10] Lansford, Tom (2007). Communism. Marshall Cavendish. ISBN 978-0-7614-2628-8. pg.24-25
- [11] «Diggers' Manifesto». Consultado em 29 de julho de 2011. Cópia arquivada em 29 de julho de 2011
- [12] "Communism." *Encyclopædia Britannica*. 2006. Encyclopædia Britannica Online.
- [13] «Marxism and the National Question»
- [14] Martin McCauley (1995). «1». "Stalin and Stalinism". London: Longman Group Limited. p. 13-14. ISBN 0-582-27658-6
- [15] Peter Kenez (1999). «3». "A History of the Soviet Union from the Beginning to the End". Cambridge: Cambridge University Press. p. 76. ISBN 0-521-31198-5
- [16] Barry McLoughlin, Kevin McDermott . *Stalin's Terror: High Politics and Mass Repression in the Soviet Union* Publicad pela Palgrave Macmillan. 2002. ISBN 1-4039-0119-8. Pág.:141.
- [17] Nanci D, Adler; "The Gulag Survivor: Beyond the Soviet System"; Transaction Pub.; New York; (2001); ISBN 0-7658-0071-3
- [18] Simon Sebag Montefiore. Stalin: The Court of the Red Tsar. [S.l.: s.n.] p. 649: "Talvez 20 milhões foram mortos; 28 milhões deportados, dos quais 18 milhões como escravos nos Gulags.". ISBN 0753817667
- [19] "A century of genocide: utopias of race and nation". Eric D. Weitz (2003); Princeton University Press; paginas 82 a 85; ISBN 0691009139
- [20] Georgakas, Dan (1992). «The Hollywood Blacklist». *Encyclopedia of the American Left*. University of Illinois Press

- [21] A Estratégia do Social-Imperialismo Chinês - marxists.org
- [22] Abre-se a luta contra o capitalismo e o revisionismo na China - anovademocracia.com.br
- [23] O Estado de S. Paulo - O culto a Mao ainda continua com força (17 de julho de 2008). Página acessada em: 27 de dezembro de 2013.
- [24] Diário de Pernambuco - China festeja com modéstia aniversário de Mao Tse-Tung (27 de dezembro de 2013). Página acessada em: 27 de dezembro de 2013.
- [25] DIKOTTER, FRANK. *Mao's Great Famine: The History of China's Most Devastating Catastrophe* (2010). Walker & Company. ISBN 0-8027-7768-6
- [26] Vincentino, Cláudio. *História para o ensino médio*. pp. 342-346. São Paulo: Scipione, 2001. ISBN 85-262-3789-6.
- [27] Precusores de Proudhon: Max Stirner, William Godwin, entre outros.
- [28] Bernard-Henri Lévy - *La barbarie à visage humain*
- [29] MILL, J. S. Princípios de Economia Política, Livro IV, Capítulo 7
- [30] BOETTKE, P. J. *Public Choice and Socialism*. George Mason University
- [31] Mises, Ludwig Von (1920). *O Cálculo Econômico Sobre o Socialismo*. [S.l.]: Singular. 56 páginas. ISBN 9788581190082
- [32] Hayek, Friedrich (1944). *O Caminho da Servidão*. [S.l.]: Singular. 266 páginas. ISBN 0-226-32061-8
- [33] Milton Friedman. *We have Socialism Q.E.D.*, Op-Ed in New York Times December 31, 1989 On Milton Friedman, MGR & Annaism Archived julho 29, 2011 at WebCite
- [34] Zoltan J. Acs & Bernard Young. *Small and Medium-Sized Enterprises in the Global Economy*. University of Michigan Press, page 47, 1999.
- [35] Mill, John Stuart. *The Principles of Political Economy*, Book IV, Chapter 7.
- [36] John Kenneth Galbraith, *The Good Society: The Humane Agenda*, (Boston, MA: Houghton Mifflin Co., 1996), 59-60.”
- [37] Hans-Hermann Hoppe. A Theory of Socialism and Capitalism <http://www.mises.org/etexts/Soc&Cap.pdf> [ligação inativa]
- [38] Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*, Indianapolis, IN: Liberty Fund, Inc.. 1981, trans. J. Kahane, IV.30.21
- [39] F.A. Hayek. *The Intellectuals and Socialism*. (1949).
- [40] Alan O. Ebenstein. *Friedrich Hayek: A Biography*. (2003). University of Chicago Press. ISBN 978-0-226-18150-9 p.137
- [41] Friedrich Hayek (1944). *The Road to Serfdom*. [S.l.]: University Of Chicago Press. ISBN 978-0-226-32061-8
- [42] Bellamy, Richard (2003). *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*. [S.l.]: Cambridge University Press. p. 60. ISBN 978-0-521-56354-3
- [43] Self, Peter. *Socialism*. A Companion to Contemporary Political Philosophy, editors Goodin, Robert E. and Pettit, Philip. Blackwell Publishing, 1995, p.339 “Extreme equality overlooks the diversity of individual talents, tastes and needs, and save in a utopian society of unselfish individuals would entail strong coercion; but even short of this goal, there is the problem of giving reasonable recognition to different individual needs, tastes (for work or leisure) and talents. It is true therefore that beyond some point the pursuit of equality runs into controversial or contradictory criteria of need or merit.”
- [44] Socialism Archived julho 29, 2011 at WebCite
- [45] Rothbard, Murray. *Economic Thought Before Adam Smith — An Austrian Perspective on the History of Economic Thought* (PDF). 2. [S.l.]: Ludwig von Mises Institute. p. 334. ISBN 9780945466482 *Indeed, only a believer in the preposterous necromancy of the 'dialectic' could believe otherwise, that is, could believe that a totalitarian state can inevitably and virtually instantly be transformed into its opposite, and that therefore the way to get rid of the state is to work as hard as possible to maximize its power.*
- [46] Rosefielde, Steven (2009). *Red Holocaust*. [S.l.]: Routledge. ISBN 978-0-415-77757-5
- [47] Daniel Jonah Goldhagen. *Worse Than War: Genocide, Eliminationism, and the Ongoing Assault on Humanity*. PublicAffairs, 2009. ISBN 978-1-58648-769-0 p. 54: "...in the past century communist regimes, led and inspired by the Soviet Union and China, have killed more people than any other regime type.”
- [48] Benjamin A. Valentino. *Final Solutions: Mass Killing and Genocide in the Twentieth Century*. Cornell University Press, 2004. p.73 ISBN 978-0-8014-3965-0
- [49] International Judicial Monitor - *International Tribunal Spotlight: Extraordinary Chambers in the Courts of Cambodia*
- [50] Vincent Cook - *Pol Pot and the Marxist Ideal*
- [51] Pio IX, *Qui pluribus*, a 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, vol. I, pág. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, pág. 170.
- [52] Leão XIII, *Rerum Novarum* (1891), n. 7.
- [53] Pio XI, *Quadragesimo Anno* (1931), n. 117-120 (capítulo III, secção 2).
- [54] Pio XI, *Divini Redemptoris* (1937), n. 14.
- [55] *Decretum*, 1 de Julho de 1949, in Acta Apostolicae Sedis (AAS) 1949, p. 334 (em latim).
- [56] «Decretum Contra Communismum» (em inglês e latim). Associação Cultural Montfort. Consultado em 27 de Abril de 2013

- [57] João XXIII, *Mater et Magistra* (1961), n. 34.
- [58] Ratzinger, Joseph, *Libertatis Nuntius - Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. Congregação para a Doutrina da Fé. 6 de Agosto de 1984. Cap. VII, nº 8
- [59] João Paulo II, *Centesimus Anno* (1991), n. 13
- [60] Catecismo da Igreja Católica (1992), n. 2425.

### 3.7.1 Bibliografia

- *O Livro negro do Comunismo*, de Stephane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis Panne, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek e Jean-Louis Margolin, Quetzal Editores, 1998
- *Au Pays du mensonge déconcertant*, de Anton Ciliga, Gallimard, 1938.
- *Récits de la Kolyma*, de Lensi Strak, 2003.
- *Goulag*, de Tomasz Kijnsny, 2003.

### 3.8 Ligações externas

- [Arquivo Marxista na Internet](#) (em português)
- [Rosa Luxemburgo : Reforma ou Revolução](#) (em português)
- [Anton Pannekoek : As Tarefas dos Conselhos Operários](#) (em português)
- [Qual a diferença entre comunismo e socialismo? Existiu algum país realmente comunista?](#) (em português) Revista Mundo Estranho

## Capítulo 4

# Karl Marx

 **Nota:** “Marx” redireciona para este artigo. Para outros significados, veja [Marx \(desambiguação\)](#).

**Karl Marx**<sup>[nota 1]</sup> (Tréveris, 5 de maio de 1818 — Londres, 14 de março de 1883)<sup>[9]</sup> foi um filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. Nascido na Prússia, ele mais tarde se tornou apátrida e passou grande parte de sua vida em Londres, no Reino Unido. A obra de Marx em economia estabeleceu a base para muito do entendimento atual sobre o trabalho e sua relação com o capital, além do pensamento econômico posterior.<sup>[10][11][12][13]</sup> Ele publicou vários livros durante sua vida, sendo que *O Manifesto Comunista* (1848) e *O Capital* (1867-1894) são os mais proeminentes.

Marx nasceu em uma rica família de classe média em Tréveris, na Renânia prussiana, e estudou nas universidades de Bonn e Berlim, onde ficou interessado pelas ideias filosóficas dos jovens hegelianos. Depois dos estudos, ele escreveu para *Rheinische Zeitung*, um jornal radical publicado em Colônia, e começou a trabalhar na teoria da concepção materialista da história. Ele se mudou para Paris em 1843, onde começou a escrever para outros jornais radicais e conheceu Friedrich Engels, que se tornaria seu amigo de longa data e colaborador. Em 1849, ele foi exilado e se mudou para Londres junto com sua esposa e filhos, onde continuou a escrever e formular suas teorias sobre a atividade econômica e social. Ele também fez campanha para o socialismo e tornou-se uma figura significativa na Associação Internacional dos Trabalhadores.<sup>[14]</sup>

As teorias de Marx sobre a sociedade, a economia e a política — a compreensão coletiva de que é conhecido como o marxismo — sustentam que as sociedades humanas progredem através da luta de classes: um conflito entre uma classe social que controla os meios de produção e a classe trabalhadora, que fornece a mão de obra para a produção e que o Estado foi criado para proteger os interesses da classe dominante<sup>[15]</sup>, embora seja apresentado como um instrumento que representa o interesse comum de todos. Além disso, ele previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema: o socialismo. Ele argumentava que os antagonismos no sistema

capitalista, entre a burguesia e o proletariado,<sup>[16]</sup> seriam consequência de uma guerra perpétua entre a primeira e as demais classes ao longo da história.<sup>[17]</sup> Isto, associado à sociedade industrial e ao acúmulo de capital,<sup>[18]</sup> geraria a sua classe antagônica,<sup>[19]</sup> que resultaria na “conquista do poder político pela classe operária e, eventualmente, no estabelecimento de uma sociedade sem classes<sup>[20][21]</sup> e apátrida — o comunismo — regida por uma livre associação de produtores.<sup>[22][23]</sup> Marx ativamente argumentava que a classe trabalhadora deveria realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e provocar mudanças sócio-econômicas.<sup>[24]</sup>

Elogiado e criticado, Marx tem sido descrito como uma das figuras mais influentes na história da humanidade.<sup>[25]</sup> Muitos intelectuais, sindicatos e partidos políticos a nível mundial foram influenciados por suas ideias, com muitas variações sobre o seu trabalho base. Marx é normalmente citado, ao lado de Émile Durkheim e Max Weber, como um dos três principais arquitetos da ciência social moderna.<sup>[26]</sup>

## 4.1 Biografia

### 4.1.1 Juventude

 Ver também: [Cronologia da vida de Karl Marx](#)

Marx foi o terceiro de nove filhos<sup>[27]</sup>, de uma família de origem judaica de classe média da cidade de Tréveris, na época no Reino da Prússia. Sua mãe, Henriette Pressburg (1788–1863), era judia holandesa e seu pai, Herschel Marx (1777–1838), um advogado e conselheiro de Justiça. Herschel descende de uma família de rabinos, mas se converteu ao cristianismo luterano em função das restrições impostas à presença de membros de etnia judaica no serviço público, quando Marx ainda tinha seis anos.<sup>[28]</sup> Seus irmãos eram Sophie (1816-1886), Hermann (1819-1842), Henriette (1820-1845), Louise (1821-1893), Emilie (1824-1888 - adotada por seus pais), Caroline (1824-1847) e Eduard (1826-1837).<sup>[29]</sup>

Em 1830, Marx iniciou seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, em Tréveris, ano em que eclodiram revoluções

em diversos países europeus. Ingressou mais tarde na Universidade de Bonn para estudar Direito, transferindo-se no ano seguinte para a Universidade de Berlim, onde o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, cuja obra exerceu grande influência sobre Marx, foi professor e reitor.<sup>[28]</sup> Em Berlim, Marx ingressou no Clube dos Doutores, que era liderado pelo hegeliano de esquerda Bruno Bauer.<sup>[30]</sup> Ali perdeu interesse pelo Direito e se voltou para a Filosofia, tendo participado ativamente do movimento dos Jovens Hegelianos. Seu pai faleceu neste mesmo ano.<sup>[28]</sup> Em 1841, obteve o título de doutor em Filosofia com uma tese sobre as *Diferenças da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*.<sup>[28]</sup> Impedido de seguir uma carreira acadêmica,<sup>[31]</sup> tornou-se, em 1842, redator-chefe da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*), um jornal da província de Colônia;<sup>[32]</sup> conheceu Friedrich Engels neste mesmo ano, durante visita deste a redação do jornal.<sup>[28]</sup>

#### 4.1.2 Casamento e vida política



Esposa de Marx, Jenny von Westphalen.

Em 1843, a Gazeta Renana foi fechada após publicar uma série de ataques ao governo prussiano. Tendo perdido o seu emprego de redator-chefe, Marx mudou-se para Paris. Lá assumiu a direção da publicação Anais Franco-Alemães e foi apresentado a diversas sociedades

secretas de socialistas. Antes ainda da sua mudança para Paris, Marx casou-se, no dia 19 de junho de 1843, com Jenny von Westphalen,<sup>[33]</sup> Hegelianos de Esquerda ou Jovens Hegelianos<sup>[28]</sup> a filha de um barão da Prússia com a qual mantinha noivado desde o início dos seus estudos universitários.<sup>[34]</sup> (Noivado que foi mantido em sigilo durante anos, pois as famílias Marx e Westphalen não concordavam com a união.<sup>[35]</sup>)

Do casamento de Marx com Jenny von Westphalen, nasceram sete filhos, mas devido às más condições de vida que foram forçados a viver em Londres, apenas três sobreviveram à idade adulta. As crianças eram: Jenny Caroline (1844-1883), Jenny Laura (1845-1911), Edgar (1847-1855), Henry Edward Guy (“Guido”; 1849-1850), Jenny Eveline Frances (“Franziska”; 1851-52), Jenny Julia Eleanor (1855-1898) e mais um que morreu antes de ser nomeado (Julho, 1857). Ao que consta, Franziska, Edgar e Guido morreram na infância, provavelmente pelas péssimas condições materiais a que a família estava submetida<sup>[36]</sup>, duas das filhas de Marx cometeram suicídio: Eleanor, 15 anos após a morte de Marx, aos 43 anos, após descobrir que seu companheiro havia se casado secretamente com uma atriz bem mais jovem, mas há quem suspeite que ele, na verdade, assassinou-a; e Laura, 28 anos após a morte de Marx, aos 66 anos, junto com o seu marido, Paul Lafargue, por não querer viver na velhice<sup>[37]</sup>. Marx também teve um filho nascido de sua relação amorosa com a militante socialista e empregada da família Marx, Helena Demuth. Solicitado por Marx, Engels assumiu a paternidade da criança, Frederick Dalemuth, e pagando uma pensão, entregou-o a uma família de um bairro proletário de Londres<sup>[38]</sup>

No tratamento pessoal — Leandro Konder ressalta — Marx foi produto de seu tempo: “Antes de poder contestar a sociedade capitalista Marx pertencia a ela, estava espiritualmente mais enraizado no solo da sua cultura do que admitiria, e que diante dos padrões da Inglaterra vitoriana mostrou: traços típicos das limitações de seu tempo”. Como moças aristocráticas, suas filhas tinham aulas de piano, canto e desenho, mesmo que não tivessem desenvoltura para tais atividades artísticas.<sup>[38]</sup>

Também em 1843, Marx conheceu a Liga dos Justos (que mais tarde tornar-se-ia Liga dos Comunistas).<sup>[28]</sup> Em 1844, Friedrich Engels visitou Marx em Paris por alguns dias. A amizade e o trabalho conjunto entre ambos, que se iniciou nesse período, só seria interrompido com a morte de Marx.<sup>[34]</sup> Na mesma época, Marx também se encontrou com Proudhon, com quem teve discussões polêmicas e muitas divergências. E conheceu rapidamente Bakunin, então refugiado do czarismo russo e militante socialista. No seu período em Paris, Marx intensificou os seus estudos sobre economia política, os socialistas utópicos franceses e a história da França, produzindo reflexões que resultaram nos *Manuscritos de Paris*, mais conhecidos como *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. De acordo com Engels, foi nesse período que Marx aderiu às ideias socialistas.<sup>[34]</sup>



Marx com sua mulher, em foto de 1869.

De Paris, Marx ajudou a editar uma publicação de pequena circulação chamada *Vorwärts!*, que contestava o regime político alemão da época. Por conta disto, Marx foi expulso da França em 1845 a pedido do governo prussiano. Migrou então para Bruxelas, para onde Engels também viajou.<sup>[34]</sup> Entre outros escritos, a dupla redigiu na Bélgica o Manifesto comunista. Em 1848, Marx foi expulso de Bruxelas pelo governo belga. Junto com Engels, mudou-se para Colônia, onde fundam o jornal *Nova Gazeta Renana*.<sup>[28]</sup> Após ataques às autoridades locais publicados no jornal, Marx foi expulso de Colônia em 1849. Até 1848, Marx viveu confortavelmente com a renda oriunda de seus trabalhos, seu salário e presentes de amigos e aliados, além da herança legada por seu pai.<sup>[35]</sup> Entretanto, em 1849 Marx e sua família enfrentaram grave crise financeira; após superarem dificuldades conseguiram chegar a Paris, mas o governo francês proibiu-os de fixar residência em seu território. Graças, então, a uma campanha de arrecadação de donativos promovida por Ferdinand Lassalle na Alemanha, Marx e família conseguem migrar para Londres, onde fixaram residência definitiva<sup>[28]</sup> trabalhar como correspondente em Londres para o *New York Tribune*<sup>[39]</sup> onde declarou seu apoio público o governo de Abraham Lincoln durante a Guerra da Secessão.<sup>[40][41][42]</sup>

### 4.1.3 Morte

Encontrando-se deprimido por conta da morte de sua esposa, ocorrida em Dezembro de 1881, Marx desenvol-

veu, em consequência dos problemas de saúde que suportou ao longo de toda a vida, bronquite e pleurisia, que causaram o seu falecimento em 1883. Foi enterrado na condição de apátrida,<sup>[43]</sup> no Cemitério de Highgate, em Londres.<sup>[28]</sup>

Muitos dos amigos mais próximos de Marx prestaram-lhe homenagem no seu funeral, incluindo Wilhelm Liebknecht e Friedrich Engels. Este pronunciou as seguintes palavras:<sup>[44]</sup>

Em 1954, o Partido Comunista Britânico construiu uma lápide com o busto de Marx sobre sua tumba, até então de decoração muito simples.<sup>[45]</sup> Na lápide encontram-se inscritos o parágrafo final do Manifesto Comunista ("Proletários de todos os países, uni-vos!") e um trecho extraído das Teses sobre Feuerbach: "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras, enquanto que o objetivo é mudá-lo."<sup>[46][47]</sup>



Tumba de Karl Marx no Cemitério de Highgate, Londres.

## 4.2 Influências

Algumas das principais leituras e estudos feitos por Marx são:<sup>[48]</sup>

- A filosofia alemã de Kant, Hegel e dos neo-hegelianos (como Feuerbach, Moses Hess e outros);
- O socialismo utópico (representado por Saint-Simon, Robert Owen, Louis Blanc e Proudhon);
- E a economia política clássica britânica (representada por Adam Smith, David Ricardo e outros).<sup>[49]</sup>

Ele estudou profundamente todas essas concepções ao mesmo tempo em que as questionou e desenvolveu novos temas, de modo a produzir uma profunda reorientação no debate intelectual europeu.<sup>[48]</sup>



Karl Marx em 1861

#### 4.2.1 Influência da filosofia idealista

Hegel foi professor da Universidade de Jena, a mesma instituição onde Marx cursou o doutorado. E, em Berlim, Marx teve contato prolongado com as ideias dos Jovens Hegelianos (também referidos como Hegelianos de esquerda). Os dois principais aspectos do sistema de Hegel que influenciaram Marx foram sua filosofia da história e sua concepção dialética.<sup>[50]</sup>

Para Hegel, nada no mundo é estático, tudo está em constante processo (*vir-a-ser*); tudo é histórico, portanto. O sujeito desse mundo em movimento é o *Espírito do Mundo* (ou *Superalma*; ou *Consciência Absoluta*), que representa a consciência humana geral, comum a todos indivíduos e manifesta na ideia de Deus. A historicidade é concebida enquanto história do progresso da *consciência da liberdade*. As formas concretas de organização social correspondem a imperativos ditados pela consciência humana, ou seja, a realidade é determinada pelas ideias dos homens, que concebem novas ideias de como deve ser a vida social em função do conflito entre as *ideias de liberdade* e as *ideias de coerção* ligadas a condição natural

(“selvagem”) do homem. O homem se liberta progressivamente de sua condição de existência natural através de um processo de “espiritualização” – reflexão filosófica (ao nível do pensamento, portanto) que conduz o homem a perceber quem é o real sujeito da história.<sup>[50][51]</sup>

Marx considerou-se um hegeliano de esquerda durante certo tempo, mas rompeu com o grupo e efetuou uma revisão bastante crítica dos conceitos de Hegel após tomar contato com as concepções de Feuerbach. Manteve o entendimento da história enquanto progressão dialética (ou seja, o mundo está em processo graças ao choque permanente entre os opostos; não é estático), mas eliminou o *Espírito do Mundo* enquanto sujeito ou essência, porque passou a compreender que a origem da realidade social não reside nas ideias, na consciência que os homens têm dela, mas sim na ação concreta (material, portanto) dos homens, portanto no trabalho humano. A existência material precede qualquer pensamento; inexistente possibilidade de pensamento sem existência concreta. Marx inverte, então, a dialética hegeliana, porque coloca a materialidade – e não as ideias – na gênese do movimento histórico que constitui o mundo. Elabora assim a *dialética materialista*, construído como uma crítica ao materialismo de Ludwig Feuerbach<sup>[52]</sup> e um conceito não desenvolvido por Marx que também costuma ser referida por *materialismo dialético*.<sup>[50][53]</sup>

A respeito da influência de Hegel sobre Marx, escreveu Lenin que

Ludwig Feuerbach foi um filósofo materialista que atraiu muita atenção de intelectuais de sua época. Publicou, em 1841, uma obra (*Das Wesen des Christentums – A essência do cristianismo*) que teve influência importante sobre Marx, Engels e os Jovens Hegelianos. Nela, Feuerbach criticou duramente Hegel, e afirmou que a religião consiste numa projeção dos desejos humanos e numa forma de alienação. É de Feuerbach a concepção de que em Hegel a lógica dialética está “de cabeça para baixo”, porque apresenta o homem como um atributo do pensamento ao invés do pensamento como um atributo do homem. Sem dúvida, o contato de Marx com as ideias feuerbachianas foi determinante para a formulação de sua crítica radical da religião e das “concepções invertidas” de Hegel.<sup>[50]</sup>

#### 4.2.2 Influência do socialismo utópico

Por socialismo utópico costumava-se designar, à época de Marx, um conjunto de doutrinas diversas (e até antagonicas entre si) que tinham em comum, entretanto, duas características básicas: todas entendiam que a base determinante do comportamento humano residia na esfera moral/ideológica e que o desenvolvimento das civilizações ocidentais estava a permitir uma nova era onde iria imperar a harmonia social. Marx criticou sagazmente as ideias dos socialistas utópicos (principalmente dos franceses, com os quais mais polemizou), acusando-os de muito romantismo ingênuo e pouca (ou nenhuma)

dedicação ao estudo rigoroso da conjuntura social, pois os socialistas utópicos muito diziam sobre como deveria ser a sociedade harmônica ideal, mas nada indicavam sobre como seria possível alcançá-la plenamente. Além de criticar o socialismo utópico, ele também critica o socialismo pequeno burguês<sup>[56]</sup>, o “socialismo feudal” reacionário e o “socialismo conservador”.<sup>[57]</sup> Por outro lado, pode-se dizer que, de certa forma, Marx adotou – explícita ou implicitamente – algumas noções contidas nas ideias de alguns dos socialistas utópicos (como, por exemplo, a noção de que o aumento da capacidade de produção decorrente da **revolução industrial** permite condições materiais mais confortáveis à vida humana, ou ainda a noção de que as crenças ideológicas do sujeito<sup>[58]</sup> lhe determinam o comportamento).<sup>[50]</sup>

### 4.2.3 Influência da economia política clássica



Marx em 1867.

Marx empreendeu um minucioso estudo de grande parte da teoria econômica ocidental, desde escritos da Grécia antiga até obras que lhe eram contemporâneas. As contribuições que julgou mais fecundas foram as elaboradas por dois economistas políticos britânicos, Adam Smith e David Ricardo (tendo predileção especial por Ricardo, a quem referia como “o maior dos economistas clássicos”). Na obra deste último, Marx encontrou conceitos – então bastante utilizados no debate britânico – que, após fe-

cunda revisão e re-elaboração, adotou em definitivo (tais como os de **valor**, **divisão social do trabalho**, **acumulação primitiva** e **mais-valia**, por exemplo). A avaliação do grau de influência da obra de Ricardo sobre Marx é bastante desigual. Estudiosos pertencentes à tradição neoricardiana tendem a considerar que existem poucas diferenças cruciais entre o pensamento econômico de um e outro; já estudiosos ligados à **tradição marxista** tendem a delimitar diferenças fundamentais entre eles.<sup>[59][50][60]</sup> Apesar dele ter sido influenciado pelo **Utilitarismo** radical de **Jeremy Bentham** na área econômica, ele admite que a sociedade possa dedicar parte de seu tempo a atividades não produtivas depois de que ela tenha atingido seus objetivos econômicos.<sup>[61]</sup>

### 4.2.4 Colaboração de Engels

Engels exerceu significativa influência sobre as reflexões intelectuais de Marx, principalmente no início da associação entre ambos, período em que Engels dirigiu a atenção de Marx para a **Economia Política** e a **história econômica da Europa**. Após a morte deste, Engels tornou-se não só o organizador dos muitos manuscritos incompletos e/ou inéditos legados, mas também o primeiro intérprete e sistematizador das ideias de Marx. Engels igualmente se ocupou, desde bem antes do falecimento de seu amigo, de redigir exposições em termos populares das ideias de Marx visando facilitar sua difusão.<sup>[62]</sup>

## 4.3 Teoria e obras

 Ver artigo principal: [Lista de obras de Karl Marx](#)

Durante a vida de Marx, suas ideias receberam pouca atenção de outros estudiosos. Talvez o maior interesse tenha se verificado na Rússia, onde, em 1872, foi publicada a primeira tradução do Tomo I d'O *Capital*. Na Alemanha, a teoria de Marx foi ignorada durante bastante tempo, até que em 1879 um alemão estudioso da Economia Política, Adolph Wagner, comentou o trabalho de Marx ao longo de uma obra intitulada *Allgemeine oder theoretische Volkswirtschaftslehre*. A partir de então, os escritos de Marx começaram a atrair cada vez mais atenção.<sup>[62]</sup>

Nos primeiros anos após a morte de Marx, sua teoria obteve crescente influência intelectual e política sobre os movimentos operários (ao final do século XIX, o principal *locus* de debate da teoria era o Partido Social-Democrata alemão) e, em menor proporção, sobre os círculos acadêmicos ligados às ciências humanas – notadamente na Universidade de Viena e na Universidade de Roma, primeiras instituições acadêmicas a oferecerem cursos voltados para o estudo de Marx.<sup>[62]</sup>

Marx foi herdeiro da filosofia alemã, considerado ao lado

de Kant, Nietzsche e Hegel um de seus grandes representantes. Foi um dos maiores (para muitos, o maior) pensadores de todos os tempos, tendo uma produção teórica com a extensão e densidade de um Aristóteles, de quem era um admirador.<sup>[63]</sup> Marx criticou ferozmente o sistema filosófico idealista de Hegel. Enquanto que, para Hegel, *da realidade se faz filosofia*, para Marx a filosofia precisa incidir sobre a realidade. Para transformar o mundo é necessário vincular o pensamento à prática revolucionária, união conceitualizada como **práxis**: união entre teoria e prática.<sup>[64]</sup>

A teoria marxista é, substancialmente, uma crítica radical das sociedades capitalistas, mas é uma crítica que não se limita a teoria em si. Marx, aliás, se posiciona contra qualquer separação drástica entre teoria e prática, entre pensamento e realidade, porque essas dimensões são abstrações mentais (categorias analíticas) que, no plano concreto, real, integram uma mesma totalidade complexa.<sup>[65]</sup>

O marxismo constitui-se como a concepção materialista da História, longe de qualquer tipo de determinismo, mas compreendendo a predominância da materialidade sobre a ideia, sendo esta possível somente com o desenvolvimento daquela, e a compreensão das coisas em seu movimento, em sua inter-determinação, que é a dialética. Portanto, não é possível entender os conceitos marxianos como forças produtivas, capital, entre outros, sem levar em conta o processo histórico, pois não são conceitos abstratos e sim uma abstração do real, tendo como pressuposto que o real é movimento.<sup>[66]</sup>

Karl Marx compreende o trabalho como atividade fundante da humanidade.<sup>[67][68]</sup> E o trabalho, sendo a centralidade da atividade humana, se desenvolve socialmente, sendo o homem um ser social. Sendo os homens seres sociais, a História, isto é, suas relações de produção e suas relações sociais fundam todo processo de formação da humanidade. Esta compreensão e concepção do homem é radicalmente revolucionária em todos os sentidos, pois é a partir dela que Marx irá identificar a alienação do trabalho como a alienação fundante das demais. E com esta base filosófica é que Marx compreende todas as demais ciências, tendo sua compreensão do real influenciado cada dia mais a ciência por sua consistência.<sup>[69]</sup>

### 4.3.1 Metodologia

Segundo Marx, Hegel e seus seguidores criaram uma dialética mistificada, que buscava explicar a história mundial a partir da economia<sup>[70]</sup> e como auto-desenvolvimento da Ideia absoluta.

Já os economistas clássicos naturalizavam e desistoricizavam o modo de produção capitalista, concebendo a dominação de classe burguesa como uma ordem natural das relações econômicas, a partir de um conceito abstrato de indivíduo, *homo economicus*. Por isso, os economistas clássicos recorriam a "robsonadas", isto é, narrativas de trocas de produtos entre caçadores e pescadores primiti-

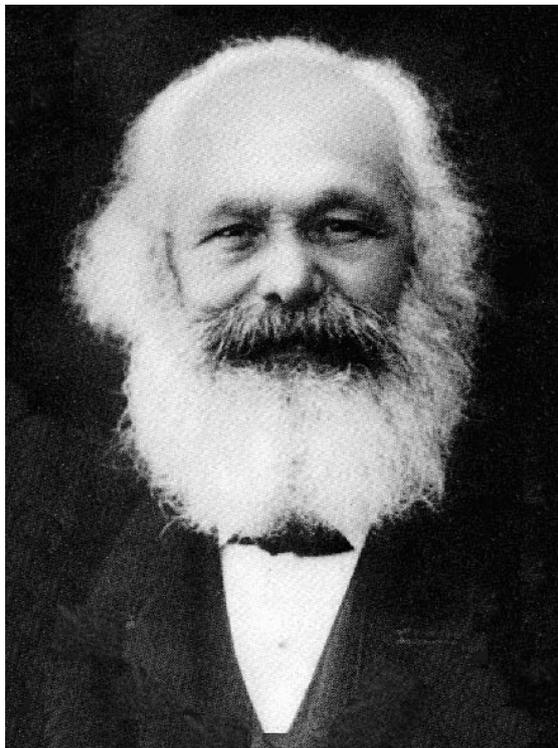
vos, para ilustrar as suas teorias econômicas. Marx atribuía essa mistificação ao fetichismo da mercadoria, e não a uma intenção consciente.<sup>[71]</sup>

Em oposição aos filósofos idealistas e aos economistas clássicos, Marx propunha a investigação do desenvolvimento histórico das formas de produção e reprodução social, partindo do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto<sup>[72]</sup>

### 4.3.2 Classes sociais

Em razão da *divisão social do trabalho* e dos meios, a sociedade se extrema entre possuidores e os não detentores dos meios de produção. Surgem, então, a classe dominante e a classe dominada, sendo a classe dominante aquela que mantém poder sobre os meios de produção e a classe dominada a que se sujeita a dominante para obter os bens produzidos. O Estado aparece para representar os interesses da classe dominante<sup>[73]</sup> e cria, para isso, inúmeros aparatos para manter a estrutura da produção. Esses aparatos são nomeados por Marx de infraestrutura e condicionam o desenvolvimento de ideologias e normas reguladoras, sejam elas políticas, religiosas, culturais ou econômicas, para assegurar os interesses dos proprietários dos meios de produção.<sup>[74]</sup>

### 4.3.3 Crítica da religião



Marx por volta de um ano antes de sua morte, em 1882.

🔍 Ver artigos principais: [Ateísmo Marxista-leninista e Marxismo e religião](#)

Para Marx a crítica da religião é o pressuposto de toda crítica social, pois crê que as concepções religiosas tendem a desresponsabilizar os homens pelas consequências de seus atos.<sup>[50]</sup> Marx tornou-se reconhecido como crítico sagaz da religião devido a sentença que profere em um escrito intitulado *Crítica da filosofia do direito de Hegel*: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo.”<sup>[75]</sup> Em verdade, Marx se ocupou muito pouco em criticar sistematicamente a atividade religiosa. Nesse quesito ele basicamente seguiu as opiniões de [Ludwig Feuerbach](#), para quem a religião não expressa a vontade de nenhum Deus ou outro ser metafísico: é criada pela fabulação dos homens.<sup>[75]</sup>

#### 4.3.4 Revolução

Apesar de alguns leitores de Marx adjetivarem-no de “teórico da revolução”, inexistem em suas obras qualquer definição conceitual explícita e específica do termo revolução.<sup>[76]</sup> O que Marx oferece são descrições e projeções históricas inspiradas nos estudos que fez acerca das revoluções francesa, inglesa e norte-americana.<sup>[50]</sup> Um exemplo de prognóstico histórico desse tipo encontra-se em *Contribuição para a crítica da Economia Política*:

Em geral, Marx considerava que toda revolução é necessariamente violenta, ainda que isso dependa, em maior ou menor grau, da constrição ou abertura do Estado. A necessidade de violência se justifica porque o Estado tenderia sempre a empregar a coerção para salvaguardar a manutenção da ordem sobre a qual repousa seu poder político, logo, a insurreição não tem outra possibilidade de se realizar senão atuando também violentamente. Diferente do apregoado pelos pensadores contratualistas, para Marx o poder político do Estado não emana de algum consenso geral, é antes o poder particular de uma classe particular que se afirma em detrimento das demais.<sup>[76]</sup> A revolução se daria no âmbito da necessidade de sobrevivência, pois segundo ele as forças produtivas em seu ápice passariam a se tornar destrutivas.<sup>[78]</sup>

Importante notar que Marx não entende revolução enquanto algo como reconstruir a sociedade a partir de um zero absoluto. Na *Crítica ao Programa de Gotha*, por exemplo, indica claramente que a instauração de um novo regime só é possível mediada pelas instituições do regime anterior. O novo é sempre gestado tendo o velho por ponto de partida.<sup>[76]</sup> A revolução proletária, que instauraria um novo regime sem classes, só obteria sucesso pleno após a conclusão de um período de transição que Marx denominou socialismo.<sup>[50]</sup>

#### 4.3.5 Crítica ao anarquismo



*Engels, Marx e suas filhas*

Criticou o anarquismo por sua visão tida como ingênua do fim do Estado onde se objetiva acabar com o Estado “por decreto”, ao invés de acabar com as condições sociais que fazem do Estado uma necessidade e realidade. Na obra *Miséria da Filosofia* elabora suas críticas ao pensamento do anarquista Proudhon. Ainda, criticou o blanquismo com sua visão elitista de partido, por ter uma tendência autoritária e superada. Posicionou-se a favor do liberalismo, não como solução para o proletariado, mas como premissa para maturação das forças produtivas (produtividade do trabalho) das condições positivas e negativas da emancipação proletária, como a da homogeneização da condição proletária internacional gerado pela “globalização” do capital. Sua visão política era profundamente marcada pelas condições que o desenvolvimento econômico ofereceria para a emancipação proletária, tanto em sentido negativo (desemprego), como em sentido positivo (em que o próprio capital centralizaria a economia, exemplo: multinacionais).<sup>[79]</sup>

#### 4.3.6 A práxis

🔍 Ver artigo principal: [Práxis](#)

Na lógica da concepção materialista da História não é a realidade que move a si mesma, mas comove os atores, trata-se sempre de um “drama histórico” (termo que Marx usa em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*) e não de um “determinismo histórico” que cairia num materialismo mecânico (positivismo), oposto ao materialismo dialético de Marx. O materialismo dialético, histó-

rico, poderia também ser definido como uma “dialética realidade-idealidade evolutiva”. Ou seja, as relações entre a realidade e as ideias se fundem na práxis, e a práxis é o grande fundamento do pensamento de Marx. Pois sendo a **história** uma produção humana, e sendo as ideias produto das circunstâncias em que tais ideais brotaram, fazer história racionalmente é a grande meta. E o próprio fazer da história que criará suas condições objetivas e subjetivas adjacentes, já que a objetividade histórica é produto da humanidade (dos homens associados, luta política, etc). E assim, Marx finaliza as **Teses sobre Feuerbach**, não se trata de interpretar diferentemente o mundo, mas de transformá-lo. Pois a própria interpretação está condicionada ao mundo posto, só a ação revolucionária produz a transcendência do mundo vigente.<sup>[80]</sup>

### 4.3.7 A mais-valia

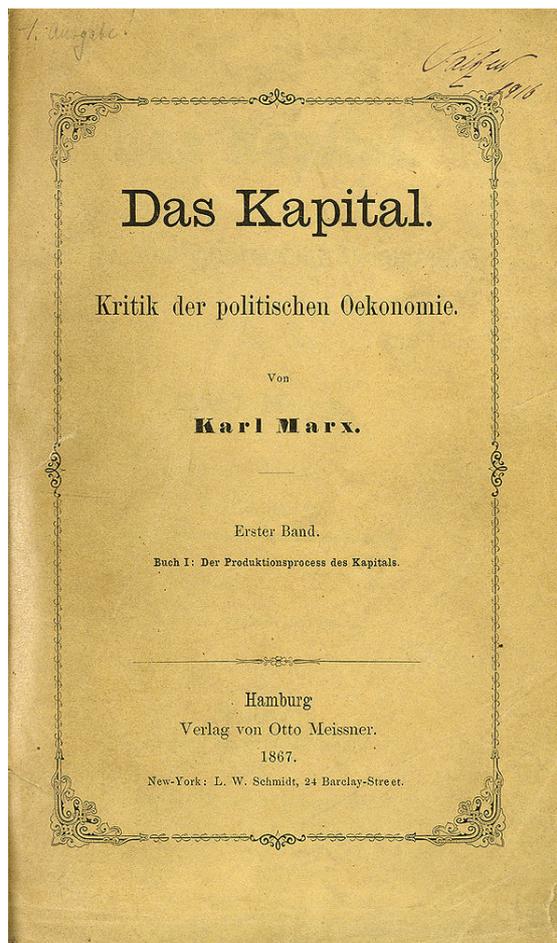
🔍 Ver artigo principal: **Mais-valia**

O conceito de *Mais-valia* foi empregado por Karl Marx para explicar a obtenção dos lucros no sistema capitalista. Para Marx o trabalho gera a riqueza, portanto, a mais-valia seria o valor extra da mercadoria, a diferença entre o que o empregado produz e o que ele recebe. Os operários em determinada produção produzem bens (ex: 100 carros num mês), se dividirmos o valor dos carros pelo trabalho realizado dos operários teremos o valor do trabalho de cada operário. Entretanto os carros são vendidos por um preço maior, esta diferença é o lucro do proprietário da fábrica, a esta diferença Marx chama de valor excedente ou maior, ou mais-valia.<sup>[81]</sup> Segundo ele, o lucro teria uma tendência decrescente devido a necessidade de se investir na produção a medida que a remuneração dos trabalhadores estaria submetida a mais-valia.<sup>[82]</sup>

### 4.3.8 O Capital

🔍 Ver artigo principal: **O Capital**

A grande obra de Marx é *O Capital*, na qual trata de fazer uma extensa análise da sociedade capitalista. É predominantemente um livro de **Economia Política**, mas não só. Nesta obra monumental, Marx discorre desde a economia, até a sociedade, cultura, política e filosofia. É uma obra analítica, sintética, crítica, descritiva, científica, filosófica, etc. Uma obra de difícil leitura, ainda que suas categorias não tenham a ambiguidade especulativa própria da obra de Hegel, possui, no entanto, uma linguagem pouco atraente e nem um pouco fácil. Dentro da estrutura do pensamento de Marx, só uma obra como *O Capital* é o principal conhecimento, tanto para a humanidade em geral, quanto para o proletariado em particular, já que através de uma análise radical da realidade que está submetido, só assim poderá se desviar da ideologia dominante (“a ideologia dominante” é sempre da “classe dominante”), como poderá obter uma base con-



Capa da primeira edição (1867) de *Das Kapital*

creta para sua luta política. Sobre o caráter da abordagem econômica das formações societárias humanas, afirmou Alphonse De Waelhens: “O marxismo é um esforço para ler, por trás da pseudo-imediaticidade do mundo econômico reificado as relações inter-humanas que o edificaram e se dissimularam por trás de sua obra.”<sup>[83]</sup> Cabe lembrar que *O Capital* é uma obra incompleta, tendo sido publicado apenas o primeiro volume com Marx vivo. Os demais volumes foram organizados por Engels e publicados posteriormente.<sup>[84]</sup>

### 4.3.9 Outras obras

Na obra *A Ideologia Alemã*, Marx apresenta cuidadosamente os pressupostos de seu novo pensamento. No *Manifesto Comunista* apresenta sua tese política básica, propondo a construção de uma nova sociedade, derrubando a burguesia através da luta contra a propriedade privada<sup>[85]</sup> de poucos.<sup>[86]</sup> Na *Questão Judaica* apresenta sua crítica religiosa, que diz que não se deve apresentar questões humanas como teológicas, mas as teológicas como questões humanas. E que afirmar ou negar a existência de Deus, são ambas teologia. O ponto de vista deve ser sempre o de ver as religiões como reflexões hu-

manas fantasiosas de si mesmo, mas que representa a condição humana real a que está submetido. Na *Crítica ao Programa de Gotha*, Marx faz a mais extensa e sistemática apresentação do que seria uma sociedade socialista, ainda que sempre tente desviar desse tipo de “futurologia”, por não ser rigorosamente científica. Em *A Guerra Civil na França*, Marx supera todas as suas tendências jacobinas<sup>[87]</sup> de antes e defende claramente que só com o fim do Estado o proletariado oferece a si mesmo as condições de manter o próprio poder recém conquistado, e o fim do Estado é literalmente o “povo em armas”, ou seja, o fim do “monopólio da violência” que o Estado representa. Em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, já está uma profunda análise sobre o terror da “burocracia”; a questão do campesinato como aliado da classe operária na revolução iminente, o papel dos partidos políticos na vida social<sup>[88]</sup> e uma caracterização profunda da essência do bonapartismo são outros aspectos marcantes desta obra. O Karl Marx foi um dos poucos ideólogos que acompanharam todo o percurso de instabilidade política francesa pós-revolução, a revolução industrial e a globalização<sup>[89]</sup> sendo que influenciou muito na obra do autor e contribuiu para alimentar os debates políticos dentro da esquerda.<sup>[90]</sup>

## 4.4 Legado



*Estatueta de Marx e Engels. Parte do Fórum Marx-Engels em Berlim-Mitte.*

As ideias de Marx tiveram um profundo impacto na política mundial e pensamento intelectual.<sup>[24][25][91][92]</sup> Os seguidores de Marx vêm debatendo entre si sobre como interpretar os escritos de Marx e aplicar seus conceitos para o mundo moderno. O legado do pensamento de Marx tornou-se objeto de contestação entre inúmeras tendências, cada uma das quais se vê como a intérprete mais precisa de Marx. Na esfera política, estas tendências incluem o leninismo, marxismo-leninismo, trotskismo, maoísmo, luxemburguismo, e o marxismo libertário. Várias correntes também desenvolveram no marxismo acadêmico, muitas vezes sob influência de outros pontos de vista, resultando no marxismo estruturalista, o marxismo histórico, fenomenológica marxista, marxismo analítico e

marxismo hegeliano.<sup>[93]</sup>

Do ponto de vista acadêmico, a obra de Marx contribuiu para o nascimento da sociologia moderna. Ele tem sido citado como um dos três mestres da “escola cínica” do século XIX, ao lado de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud,<sup>[94]</sup> e, como um dos três principais arquitetos da ciência social moderna, juntamente com Émile Durkheim e Max Weber.<sup>[26]</sup> Em contraste com outros filósofos, Marx ofereceu teorias que muitas vezes poderiam ser testadas com o método científico.<sup>[24]</sup> Tanto Marx e Auguste Comte, começaram a desenvolver ideologias cientificamente fundadas durante a secularização europeia e novos desenvolvimentos na filosofia da história e ciência. Trabalhando na tradição hegeliana, Marx rejeitou o positivismo sociológico comtiano na tentativa de desenvolver uma ciência da sociedade.<sup>[95]</sup> Karl Löwith considerou Marx e Søren Kierkegaard os dois maiores sucessores filosóficos de Hegel.<sup>[96]</sup> Em teoria sociológica moderna, a sociologia marxista é reconhecida como uma das principais perspectivas clássicas. Isaiah Berlin considera Marx o verdadeiro fundador da sociologia moderna, “na medida em que qualquer um pode reivindicar o título”.<sup>[97]</sup> Além da ciência social, ele também teve um legado duradouro na filosofia, a literatura, as artes e as humanidades.<sup>[98][99][100][101]</sup>



*Mapa dos países que se declararam estados socialistas sob uma definição marxista-leninista ou maoísta entre 1979-1983. Este período marcou a maior extensão territorial dos Estados socialistas.*

Em teoria social, pensadores do século XX e XXI, adotaram duas estratégias principais, em resposta a Marx. Um movimento tende a reduzi-lo ao seu núcleo analítico, conhecido como o marxismo analítico, que precisa sacrificar as suas ideias mais interessantes e intrigantes. Outro movimento mais comum dilui as reivindicações explicativas da teoria social de Marx e enfatiza a “autonomia relativa” dos aspectos da vida social e econômica, não diretamente relacionadas com a narrativa central de Marx, a interação entre o desenvolvimento das “forças de produção” e a sucessão dos “modos de produção”. Tal tem sido, por exemplo, a teorização neomarxista adotada pelos historiadores inspirados na teoria social de Marx, tais como E. P. Thompson e Eric Hobsbawm. Esta também tem sido uma linha de pensamento adotada por pensadores e ativistas como Antonio Gramsci, que têm procurado entender as oportunidades e as dificuldades da prá-

tica política transformadora, vista à luz da teoria social marxista.<sup>[102][103][104][105]</sup>

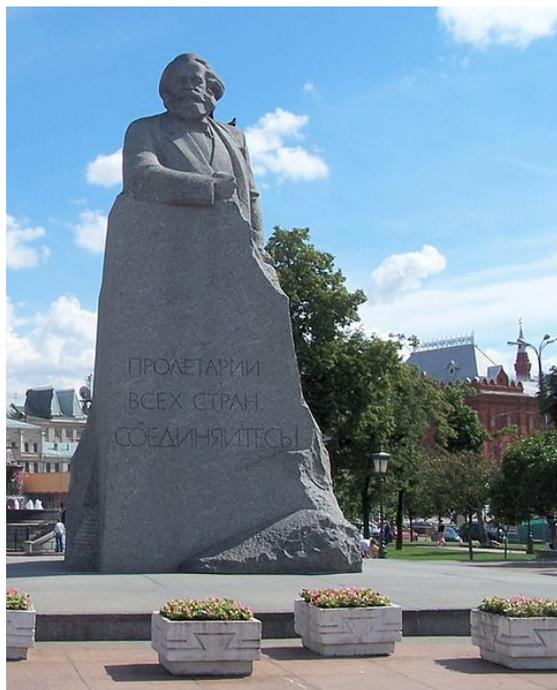
Politicamente, o legado de Marx é mais complexo. Ao longo do século XX, ocorreu revoluções em dezenas de países rotulados a si mesmo de “marxistas”, mais notavelmente a Revolução Russa, que levou à fundação da URSS.<sup>[106]</sup> Principais líderes mundiais, incluindo Vladimir Lenin,<sup>[106]</sup> Mao Zedong,<sup>[107]</sup> Fidel Castro,<sup>[108]</sup> Salvador Allende,<sup>[109]</sup> Josip Tito,<sup>[110]</sup> e Kwame Nkrumah,<sup>[111]</sup> todos citaram Marx como uma influência, e as suas ideias estão presentes em vários partidos políticos em todo o mundo, além daqueles onde ocorreram “revoluções marxistas”.<sup>[112]</sup> As ditaduras brutais associadas com algumas nações marxistas levaram oponentes políticos a culpar Marx por milhões de mortes,<sup>[113]</sup> mas a fidelidade para a obra de Marx nessas revoluções variadas, líderes e partidos é altamente contestada e rejeitada por muitos marxistas.<sup>[114]</sup> Agora, é comum distinguir entre o legado e a influência de Marx especificamente, e o legado e influência das suas ideias para fins políticos.<sup>[115]</sup>

## 4.5 Críticas

 Ver artigo principal: Críticas ao marxismo

Em *A Miséria do historicismo* (1936), Karl Popper discorda de Marx quanto à história ser regida por leis que, se compreendidas, podem servir para se antecipar o futuro. Segundo Popper, a história não pode obedecer a leis e a ideia de “lei histórica” é uma contradição em si mesma.<sup>[116]</sup> Já em *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945), Popper afirma que o historicismo conduz necessariamente a uma sociedade “tribal” e “fechada”, com total desprezo pelas liberdades individuais.<sup>[117]</sup> Popper considera Marx como “não-científico” também porque sua teoria não é passível de contestação. Uma teoria científica tem que ser falseável - caso contrário, é incluída no campo das crenças ou ideologias. Resta saber, é claro, se afirmações sobre fatos históricos, necessariamente únicos, podem ser, nos termos de Popper, falseáveis.<sup>[118]</sup>

Ludwig von Mises, em *Ação Humana – um tratado de Economia* (1949), tentou demonstrar a impossibilidade de se organizar uma economia nos moldes socialistas, pela ausência do sistema de preços, que, segundo ele, funcionaria como sinalizador aos empreendedores acerca das necessidades dos consumidores. Aponta, desta forma, que cálculo econômico sem o equivalente universal (dinheiro) só poderia ser medido pelo tempo de trabalho. Mises ainda levanta que estatizar todos os produtos acabaria com o mercado, e na ausência da lei da oferta e da demanda não seria possível fazer o cálculo de preço. Sem o cálculo de preço, seria inviabilizada a economia planejada - e consequentemente o socialismo.<sup>[119]</sup> Mises também refinou argumentos formulados por Eugen von Böhm-Bawerk na obra *Marxism Unmasked: From Delu-*



*Memorial de Karl Marx em Moscou, escrito: Proletariados de todo mundo, uni-vos!*

*sion to Destruction.*<sup>[120]</sup>

Raymond Aron em *O ópio dos intelectuais* (1955), crítico de forma agressiva os intelectuais seguidores de Marx e condenou a teoria da revolução e o determinismo histórico.<sup>[121]</sup>

Eric Voegelin relata em seu livro *Reflexões Autobiográficas* que, induzido pela onda de interesse sobre a Revolução Russa de 1917, estudou *O Capital* de Marx e foi marxista entre agosto e dezembro de 1919. Porém, durante seu curso universitário, ao estudar disciplinas de teoria econômica e história da teoria econômica aprendeu o que estava errado em Marx. Voegelin afirma que Marx comete uma grave distorção ao escrever sobre Hegel. Como prova de sua afirmação cita os editores dos *Frühschriften* (Escritos de Juventude) de Karl Marx (Kröner, 1953), especialmente Siegfried Landshut, que dizem o seguinte sobre o estudo feito por Marx da *Filosofia do Direito* de Hegel:<sup>[122]</sup>

“Ao equivocar-se deliberadamente sobre Hegel, se nos é dado falar desta maneira, Marx transforma todos os conceitos que Hegel concebeu como predicados da ideia em enunciados sobre fatos”.

Marx acreditava que a história humana é regida pela luta de classes.<sup>[123]</sup> Para Pitirim Sorokin, a história do mundo não é definida unicamente pelo conflito entre as classes sociais e, segundo ele:<sup>[124]</sup>

“A cooperação entre as classes sociais, é

um fenômeno ainda mais universal do que o antagonismo entre elas.”

Em *Thinkers of the New Left* (1985), Roger Scruton afirma:<sup>[125]</sup>

“Consideremos as teorias de Karl Marx: desde sua primeira aparição, estas têm despertado as controvérsias mais vivas e é pouco provável que tenham permanecido intocadas. O fato, me parece, é que todas as teorias marxistas já foram refutadas em sua essência: a teoria da história por Maitland, Weber e Sombart; a teoria do valor por Eugen von Böhm-Bawerk, Mises, Sraffa e muitos outros; a teoria da consciência falsa, alienação e luta de classes por um vasto grupo de pensadores, de Mallock a Sombart e Popper e de Hayek a Aron.”

Reverendo posições anteriores sobre a ideia de reformismo ontológico, o historiador marxista Jacob Gorender afirma que o proletariado é ontologicamente, em si, reformista, e descarta uma teleologia na história, em sua obra *Marxismo sem utopia* (1999).<sup>[126]</sup>

## 4.6 Ver também

- Cadernos de Marx sobre a história da tecnologia

## 4.7 Notas

- [1] O nome “Karl Heinrich Marx”, utilizado em vários dicionários, baseia-se em um erro. Sua certidão de nascimento diz “Carl Marx”, e em outros lugares “Karl Marx” é usado. “KH Marx” é usado apenas em suas coleções de poesia e na transcrição de sua dissertação, porque Marx quis homenagear seu pai, que morreu em 1838 e chamava a si mesmo “Karl Heinrich” em três documentos. O artigo de Friedrich Engels “Marx, Karl Heinrich” em *Handwörterbuch der Staatswissenschaften* (Jena, 1892, coluna 1130 a 1133, ver *Marx/Engels Collected Works* Volume 22, pp. 337–345) não diz que Marx tinha um nome do meio. Veja Heinz Monz: *Karl Marx. Grundlagen zu Leben und Werk*. NCO-Verlag, Trier 1973, p. 214 and 354, respectivamente.

## 4.8 Notas e referências

- [1] Labica, Georges y Bensussan, Gérard. 1982. Dictionnaire critique du marxisme, P.U.F., 1985, 1240 p.
- [2] M. Beaud e G. Dostaler, *La Pensée économique depuis Keynes*, Editions du Seuil, Paris 1996, p. 37
- [3] Whose Interests are They?

- [4] Incorporating the Rentier Sectors into a Financial Model Michael Hudson
- [5] Adam Smith está más cerca de Karl Marx que de los neoliberales que actualmente lo ensalzan CADTM
- [6] Behemoth or The Long Parliament
- [7] Alan Ryan’s *On Politics: A History of Political Thought: From Herodotus to the Present*
- [8] Marx - Teoria da Dialética: Contribuição original à filosofia de Hegel
- [9] Enciclopédia Britannica. «Karl Marx» (em inglês). Consultado em 20 de outubro de 2014
- [10] Roberto Mangabeira Unger. *Free Trade Reimagined: The World Division of Labor and the Method of Economics*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- [11] John Hicks, “Capital Controversies: Ancient and Modern.” *The American Economic Review* 64.2 (May 1974) p. 307: “The greatest economists, Smith or Marx or Keynes, have changed the course of history...”
- [12] Joseph Schumpeter Ten Great Economists: From Marx to Keynes. Volume 26 of Unwin University books. Edition 4, Taylor & Francis Group, 1952 ISBN 0415110785, 9780415110785
- [13] «Karl Marx to John Maynard Keynes: Ten of the greatest economists by Vince Cable». *Daily Mail*. 16 de julho de 2007. Consultado em 7 de dezembro de 2012
- [14] Associação Internacional dos Trabalhadores - Primeira Internacional
- [15] Marx for Today por Marcello Musto - Ed. Routledge (2013) ISBN 1135700400, 9781135700409
- [16] MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Lisboa: Edições Avante!, 1975. 184 p.
- [17] Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels (1848) Citação: *A burguesia vive em guerra perpétua; primeiro, contra a aristocracia; depois, contra as frações da própria burguesia cujos interesses se encontram em conflito com os progressos da indústria; e sempre contra a burguesia dos países estrangeiros. Em todas essas lutas, vê-se forçada a apelar para o proletariado, reclamar seu concurso e arrastá-lo assim para o movimento político, de modo que a burguesia fornece aos proletários os -elementos de sua própria educação política, isto é, armas contra ela própria.*
- [18] “A acumulação do capital não faz mais que reproduzir as relações do capital numa escala mais alargada, com mais capitalistas ou mais grandes capitalistas por um lado, mais assalariados por outro... A acumulação do capital é, então, ao mesmo tempo, aumento do proletariado” (Marx, *O Capital*, Tomo 3) .
- [19] PARA A CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL Página 20.
- [20] *Collected Works*, vol. 3 (1975), pp. 186-7
- [21] PARA A CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL página 10

- [22] Karl Marx: *Critique of the Gotha Program* (Marx/Engels Selected Works, Volume Three, pp. 13–30;)
- [23] In Letter from Karl Marx to Joseph Weydemeyer (*MECW* Volume 39, p. 58; )
- [24] Calhoun 2002, pp. 23–24
- [25] «Marx the millennium's 'greatest thinker'». BBC News World Online. 1 de outubro de 1999. Consultado em 23 de novembro de 2010
- [26] «Max Weber – Stanford Encyclopaedia of Philosophy»
- [27] Frank E. Manuel (1997). *A Requiem for Karl Marx* (em inglês). [S.l.]: Harvard University Press. ISBN 9780674763272
- [28] BOITEMPO, Editorial. Cronologia resumida de Karl Marx e Friedrich Engels contida em edição de *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- [29] Francis Wheen, *Karl Marx: A Life*, (Fourth Estate, 1999), ISBN 1-85702-637-3
- [30] Hegelianos de Esquerda ou Jovens Hegelianos
- [31] Neste ano Bruno Bauer foi expulso da cátedra de Teologia da Universidade de Bonn acusado de ateísmo; isso representou, para Marx, um impedimento virtual a uma possível carreira acadêmica devido ao fato de ser conhecido como “seguidor” de Bauer. Cf. BOITEMPO, Editorial. Cronologia resumida de Karl Marx e Friedrich Engels contida em edição de *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- [32] ESPÍNDOLA, Arlei de. «Karl Marx e a Gazeta Renana». Consultado em 29 de julho de 2012
- [33] Marx, Jenny von Westphalen
- [34] ENGELS, F. (1892) Biography of Marx. Primeira publicação em *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*. Página visitada em 29 de julho de 2012.
- [35] MALTSEV, Yuri N.(editor) (1993) *Requiem for Marx*, Ludwig von Mises Institute, p.91-96 ISBN 0-945466-13-7.
- [36] ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. «Karl Marx, Teoria e Práxis de um Gênio das Ciências Sociais». Consultado em 29 de julho de 2012
- [37] Suicídio de Marx, acesso em 13 de dezembro de 2015.
- [38] KONDER, Leandro. *O Futuro da Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992
- [39] “Putinism” in American History: Lincoln, Roosevelt, and the Fight Against ISIS New Eastern Outlook, Caleb Maupin
- [40] Russia and China: What is Happening Beneath the Propaganda Curtain?
- [41] Can You Explain It?
- [42] 150 years since Lincoln's Gettysburg Address
- [43] MALTSEV, Y. (1993), p. 451.
- [44] Marxist Internet Archive (2008). «Karl Marx's funeral». Consultado em 29 de julho de 2012
- [45] WHEEN, Francis. *Karl Marx: A Life*. New York: Norton, 2002. Introduction.
- [46] Veja fotografia da tumba.
- [47] Em inglês, “Workers of the world, unite! e “The philosophers have only interpreted the world in various ways - the point however is to change it”.
- [48] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 10.
- [49] Marx contra o Estado
- [50] BOTTOMORE, Tom (editor). Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- [51] ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins, 2001.
- [52] Feuerbach, Ludwig Andreas
- [53] KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, primeira parte.
- [54] MARX, Karl. *El Capital*, 3 tomos. México: Fondo de Cultura Económica, 1946, tomo I, p. 18. *Apud* IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 11.
- [55] LENIN, V. I. *Obras escolhidas*, 1972, volume 38, p. 180.
- [56] Karl Marx, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte, Boitempo, 2011, pp.67-68)
- [57] Manifesto do Partido Comunista
- [58] Importante, contudo, destacar uma diferença primordial: para os socialistas utópicos em geral, todo o comportamento humano é absolutamente determinado pela moral/ideologia; já para Marx, essa afirmação é parcialmente verdadeira, pois a moral/ideologia encontra-se ela também submetida a uma outra condição anterior que lhe determina – a dimensão material da reprodução da existência.
- [59] Ricardo, David
- [60] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 12-13.
- [61] Ideologia Alemã: uma breve passagem teórica sobre o lazer e o fenômeno turístico no pensamento de Karl Marx
- [62] BOTTOMORE, Tom. *Marxismo e Sociologia*. In: Nisbet, Robert; Bottomore, Tom. História da análise sociológica Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, capítulo quatro.
- [63] Aristotle's 'Politics': A Reader's Guide
- [64] Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx
- [65] IANNI, Octavio. *Dialética e capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 9-10.
- [66] CHAGAS, Eduardo F. «O Método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto» (PDF). Consultado em 29 de julho de 2012

- [67] Karl Marx, *Capital: A Critique of Political Economy*. Volume I: The Process of Capitalist Production [1867] Vol. 1: O Processo de produção capitalista. (Chicago: Charles H. Kerr & Company, 1867 [1906]), p. 51
- [68] A contribution to The critique of political economy (Chicago: Charles Kerr & Company, 1911), p. 299.
- [69] SILVA, Célia Regina da; SILVA, Luis Fernando da; MARTINS, Sueli Terezinha F. «Marx, ciência e educação: a práxis transformadora como mediação para a produção do conhecimento» (PDF). Consultado em 29 de julho de 2012
- [70] Two Cheers for Pope Francis
- [71] MARX, Karl. *O Capital*, Capítulo I, Seção 4
- [72] Marxist Internet Archive. «Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política». Consultado em 29 de julho de 2012
- [73] Marx e Engels. Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas [1850]
- [74]
- [75] LESBAUPIN, Ivo. *Marxismo e religião*. In: Teixeira, F. (org.). *Sociologia da religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- [76] MAGALHÃES, Fernando. *10 lições sobre Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- [77] MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política* (em português) *Zur Kritik der Politischen Oekonomie*. Prefácio. Página visitada em 29 de julho de 2012
- [78] Karl Marx and Frederick Engels, *Collected Works* (London: Lawrence and Wishart, 1975), 5:35 (henceforth MECW). 5:52 ; 5:87
- [79] ALVES, Giovanni. *Marx e a Globalização Como Lógica do Capital*.
- [80] MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach* (em português) *Thesen über Feuerbach*. Página visitada em 29 de julho de 2012
- [81] SINGER, Paul. *Marx – Economia in: Coleção Grandes Cientistas Sociais*; Vol 31.
- [82] Crisis Theory, the Law of the Tendency of the Profit Rate to Fall, and Marx's Studies in the 1870s
- [83] WALHENS, A de. *L'idée phénoménologique d'intentionnalité*, in *Husserl et la pensée moderne*. Haia: 1959, pp. 127-128. *Apud* KOSIK, K. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 17.
- [84] SECCO, Lincoln. «Engels e a economia política». Consultado em 29 de julho de 2012
- [85] Como Tudo Funciona
- [86] Manifesto do Partido Comunista
- [87] Marx: um democrata jacobino?, por Thamy Pogrebinski, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
- [88] Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores
- [89] Marx, Karl, & Engels, Frederick, “Manifesto of the Communist Party,” Karl Marx and Frederick Engels Selected Works, Vol 1, Moscow: Progress Publishers, 1973, p. 32, 35-36
- [90] As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850 O 18 de Brumário de Luís Bonaparte
- [91] Wheen, Francis (17 de julho de 2005). “Why Marx is man of the moment”. *The Observer*.
- [92] Kenneth Allan (11 de maio de 2010). *The Social Lens: An Invitation to Social and Sociological Theory*. Pine Forge Press. p. 68. ISBN 978-1-4129-7834-7.
- [93] Heine Andersen; Lars Bo Kaspersen (2000). *Classical and modern social theory*. Wiley-Blackwell. pp. 123–. ISBN 978-0-631-21288-1.
- [94] Ricoeur, Paul. *Freud and Philosophy: An Essay on Interpretation*. New Haven and London: Yale University Press, 1970, p. 32
- [95] Calhoun 2002, pp. 19
- [96] Löwith, Karl. *From Hegel to Nietzsche*. New York: Columbia University Press, 1991, p. 49.
- [97] Berlin, Isaiah. 1967. *Karl Marx: His Life and Environment*. Time Inc Book Division, New York. pp130
- [98] Singer 1980, pp. 1
- [99] Bridget O’Laughlin (1975) *Marxist Approaches in Anthropology*, *Annual Review of Anthropology* Vol. 4: pp. 341–70 (Outubro de 1975) doi:10.1146/annurev.an.04.100175.002013.
- [100] William Roseberry (1997) *Marx and Anthropology* *Annual Review of Anthropology*, Vol. 26: pp. 25–46 (Outubro de 1997) doi:10.1146/annurev.anthro.26.1.25
- [101] Becker, S. L. (1984). “Marxist Approaches to Media Studies: The British Experience”. *Critical Studies in Mass Communication*. 1 (1): 66–80. doi:10.1080/15295038409360014.
- [102] Kołakowski, Leszek. *Main Currents of Marxism : the Founders, the Golden Age, the Breakdown*. Traduzido por P. S. Falla. New York: W.W. Norton & Company, 2005.
- [103] Aron, Raymond. *Main Currents in Sociological Thought*. Garden City, N.Y: Anchor Books, 1965
- [104] Anderson, Perry. *Considerations on Western Marxism*. London: NLB, 1976.
- [105] Hobsbawm, E. J. *How to Change the World : Marx and Marxism, 1840–2011* (London: Little, Brown, 2011), 314–344
- [106] «V. I. Lenin: The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution». *www.marxists.org*. Consultado em 14 de setembro de 2016

- [107] «Glossary of People: Ma». *www.marxists.org*. Consultado em 14 de setembro de 2016
- [108] Savioli, Arminio. “L’Unita Interview with Fidel Castro: The Nature of Cuban Socialism”. Marxists.
- [109] Allende, Salvador. “First speech to the Chilean parliament after his election”. Marxists.org
- [110] Tito, Josef. “Historical Development in the World Will Move Towards the Strengthening of Socialism”. Marxists.org.
- [111] Nkrumah, Kwame. “African Socialism Revisited”. Marxists.org.
- [112] Jeffries, Stuart. “Why Marxism is on the rise again”. *The Guardian*.
- [113] Stanley, Tim. “The Left is trying to rehabilitate Karl Marx. Let’s remind them of the millions who died in his name”. *The Daily Telegraph*.
- [114] «USSR: Capitalist or Socialist?». *www.marxists.org*. Consultado em 14 de setembro de 2016
- [115] Elbe, Indigo. “Between Marx, Marxism, and Marxisms – Ways of Reading Marx’s Theory”. Viewpoint Magazine.
- [116] William Outhwaite (1996). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Jorge Zahar Editor. p. 816. ISBN 978-85-7110-345-0.
- [117] Modern Library, 1999. 100 Best Nonfiction, acessado em 30 de maio de 2014
- [118] Stanford Encyclopedia of Philosophy. *Karl Popper*. Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford University. Publicado em 13 de novembro de 1997, revisado em 2 de agosto de 2016
- [119] von Mises, Ludwig (2010). *Ação Humana*. [S.l.]: Instituto Ludwig Von. pp. 389 a 550. ISBN 8562816833. Consultado em 30 de julho de 2016
- [120] anne (18 de agosto de 2014). «Marxism Unmasked: From Delusion to Destruction». *Mises Institute*
- [121] «"The-Opium-of-the-Intellectuals"». *britannica.com* (em inglês). Britannica. Consultado em 15 de janeiro de 2013
- [122] Voegelin, Eric (1996). *Estudos de ideias políticas de Erasmo a Nietzsche*. [S.l.]: Ática Press. ISBN 972617130X. Consultado em 2 de agosto de 2016
- [123] Manifesto Comunista. Autores: Karl Marx & Friedrich Engels. Editora Garamond, 1998, pág. 51, ISBN 9788586435089 Adicionado em 11/10/2016.
- [124] SOROKIN, Pitirim. *Contemporary Sociological Theories: Through the First Quarter of the Twentieth Century*. Harper & Row, 1964, pág. 541, (em inglês) Adicionado em 24/01/2017.
- [125] SCRUTON, Roger. *Thinkers of the New Left*. Longman, 1985, pág. 5, ISBN 9780582902732, (em inglês) Adicionado em 25/11/2015.
- [126] GORENDER, Jacob. *Marxismo Sem Utopia*. Editora Ática, 1999. ISBN 9788508073689 Adicionado em 25/11/2015.

## 4.8.1 Bibliografia

- Calhoun, Craig J. (2002). *Classical Sociological Theory*. Oxford: Wiley-Blackwell. ISBN 978-0-631-21348-2
- Singer, Peter (1980). *Marx*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 978-0-19-287510-5

## 4.9 Ligações externas

- Biografia de Karl Marx, por (em inglês) Franz Mehring.
- «Karl Marx, esboço biográfico e uma exposição do Marxismo» de Lénine
- Obras online em português de Karl Marx (em português)
- Artigo sobre Karl Marx (em português)
- Vida e obra de Karl Marx (em português)
- Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária (em português) artigo publicado na revista Nova Economia
- O conceito de Alienação no jovem Marx (em português) artigo sobre o conceito de “alienação” em Marx, publicado na revista Tempo Social
- A Ideologia de Karl Marx (em português)
- Obras de Karl Marx (em alemão) Zeno.org
- Liga dos Comunistas
- Artigo de F. Engels em homenagem a socialista Helena Demuth (publicado no dia 22/11/1890 na The People’s Press)
- Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx
- Frases de Karl Marx

### Textos integrais:

- Marxists Internet Archive (em inglês e em português)
- Entrevista com Karl Marx, líder da Internacional, de 18 Julho de 1871. Nova York. (em inglês)
- Narração em áudio do Manifesto e das Teses de Feuerbach, em inglês e alemão. Projeto de gravação de todas as obras do autor (em inglês)
- Escritos de Karl Marx (em alemão)
- Biblioteca Comunista Libertária - Arquivo Karl Marx (em inglês)

- **Marx's Mathematical Manuscripts** (em inglês) - Livro de Cálculo Diferencial e Integral (matemática) que Marx escreveu em 1881
- **Marx Engels Werke** Escritos de Karl Marx (em alemão)
- **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels** (em português)

## Capítulo 5

# Friedrich Engels

**Friedrich Engels** (/ˈfʁiːdʁɪç ˈɛŋəls/) (Barmen, 28 de novembro de 1820 — Londres, 5 de agosto de 1895) foi um teórico revolucionário alemão que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, sendo que a mais conhecida é o *Manifesto Comunista*<sup>[1]</sup>. Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de *O Capital*, principal obra de seu amigo e colaborador.<sup>[2]</sup>

Grande companheiro de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. Entre dezembro de 1847 a janeiro de 1848, junto com Marx, escreve o *Manifesto do Partido Comunista*, onde faz uma breve apresentação de uma nova concepção de história, afirmando que:<sup>[1]</sup>

### 5.1 Biografia

Nasceu em 28 de novembro de 1820 e morreu em 5 de agosto de 1895. Era mais velho de nove filhos de um rico industrial de Barmen (Alemanha)<sup>[1]</sup>. Principal colaborador de Karl Marx, Engels desempenhou papel de destaque na elaboração da teoria comunista, a partir do materialismo histórico e dialético.

Em 1842, Engels de 22 anos de idade foi enviado por seus pais para Manchester, Inglaterra, para trabalhar para o Ermen e Engels Victoria Mill em Weaste que fazia linhas de costura.<sup>[3][4][5]</sup> Assume por alguns anos a direção de uma das fábricas e então, fica impressionado com a miséria em que vivem os trabalhadores das fábricas de sua família. Fruto dessa indignação, Engels desenvolve um detalhado estudo sobre a situação da classe operária na Inglaterra, que se torna a base de uma de suas obras principais: *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, publicada em 1845.<sup>[6]</sup>

Depois de uma estadia produtiva na Grã-Bretanha, Engels decidiu voltar para a Alemanha em 1844. No caminho, ele parou em Paris para atender Karl Marx, com quem teve uma correspondência anterior.<sup>[2]</sup> Marx estava morando em Paris desde o final de outubro 1843 na sequência da proibição da *Gazeta Renana* pelas autoridades prussianas governamentais em março de 1843.<sup>[7]</sup>

Muitos de seus trabalhos posteriores são produzidos em

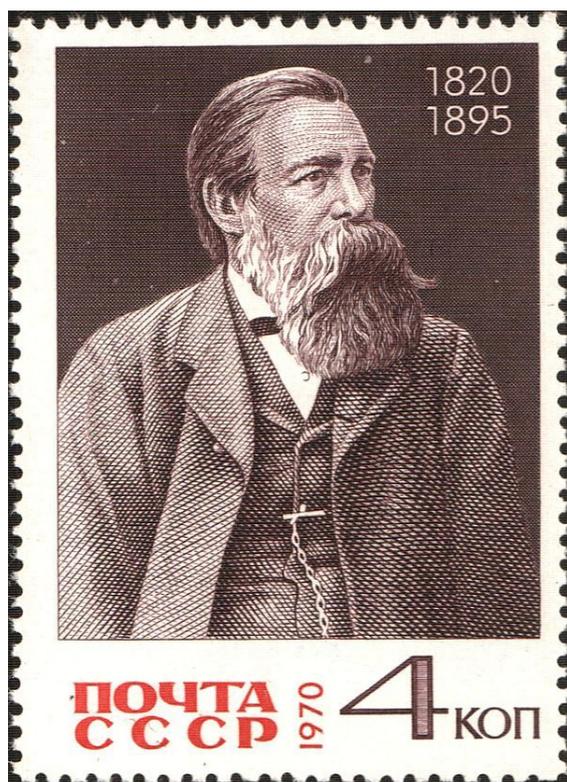
colaboração com Marx, o mais famoso deles é o Manifesto Comunista (1848). Escreveu sozinho, porém, algumas das obras mais importantes para o desenvolvimento do marxismo, como *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*, *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.<sup>[2]</sup>

Engels acreditava que o cristianismo seria a religião dos pobres e oprimidos e chegou a estabelecer um paralelo entre o cristianismo primitivo e o socialismo de sua época. No seu estudo sobre a guerra dos camponeses na Alemanha, identifica Thomas Munzer, teólogo e líder dos camponeses revolucionários heréticos do século XVI, como alguém que lutou pelo estabelecimento imediato e concreto do "Reino de Deus", o reino milenarista dos profetas. Segundo Engels, o "Reino de Deus" seria para Munzer uma sociedade sem diferenças de classe e sem propriedade privada. Desse modo, Engels revelou o potencial contestatário da religião e abriu o caminho para uma nova abordagem das relações entre religião e sociedade.<sup>[8]</sup>

Engels morreu de câncer na garganta em Londres, 1895<sup>[9]</sup>. Após a cremação no Crematório Woking, suas cinzas foram espalhadas em Beachy Head, perto de Eastbourne como ele tinha pedido.<sup>[9][10][11]</sup>

### 5.2 Principais obras

- *A sagrada família* - em parceria com Karl Marx - (1844); (No Brasil: Boitempo Editorial, 2003)
- *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* - (1845); (No Brasil: Boitempo Editorial, 2008)
- *A Ideologia Alemã* - em parceria com Marx - (1846); (No Brasil: Boitempo Editorial, 2007)
- *Princípios Básicos do Comunismo* - (Novembro de 1847);
- *O Manifesto Comunista* - em parceria com Marx - (1848); (No Brasil: Boitempo Editorial, 1998)
- *Marx e o jornal "Nova Gazeta Renana"* - (1848-1849);



Friedrich Engels em selo da União Soviética, 1970

- *Os bakuninistas em ação: Memória do levante na Espanha no verão de 1873* - (1873);
- *Advertência preliminar ao artigo - Os bakuninistas em ação* - (1874);
- *Carta a August Bebel* - (28 de Março de 1875);
- *Do Social na Rússia* - (21 de Abril de 1875);
- *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem* - (1876<sup>[12]</sup>);
- *Anti-Dühring* - (1878);
- *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* - (1a. Edição: 1884; 4a. Edição Revisada: 1892)<sup>[13]</sup>;
- *Para a História da Liga dos Comunistas* - (1885);
- *Prefácio ao Segundo Volume de «O Capital» de Marx*- (05 de Maio de 1885);
- *O Socialismo Jurídico* - (1887); (No Brasil: Boitempo Editorial, 2012)
- *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* - (1888);
- *O Papel da Violência na História* - (1888);
- *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* - (1890);
- *Carta a Karl Kautsky* - (23 de fevereiro de 1891);
- *Carta a Konrad Schmidt* - (5 de agosto de 1890);
- *Carta a Otto von Boenigk* - (21 de agosto de 1890);
- *Carta a José Bloch* - (21 de setembro de 1890);
- *Carta a Konrad Schmidt* - (27 de outubro de 1890);
- *Para a Crítica do Projecto de Programa Social-Democrata de 1891* - (1891);
- *Prefácio à Edição Inglesa de 1892 de "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra"* - (1892);
- *Carta a Nikolai Frantsevich Danielson* - (24 de fevereiro de 1893);
- *Carta a Franz Mehring* - (14 de julho de 1893);
- *Carta a Nikolai Frantsevich Danielson* - (17 de outubro de 1893);
- *Carta a W. Borgius* - (25 de janeiro de 1894);
- *A Futura Revolução Italiana e o Partido Socialista* - (1894);
- *A Questão Camponesa em França e na Alemanha* - (1894).
- *Lutas de classe na Alemanha* - em parceria com Karl Marx; (No Brasil: Boitempo Editorial, 2010)
- *Lutas de classe na Rússia* - em parceria com Karl Marx; (No Brasil: Boitempo Editorial, 2013)
- *As Guerras Camponesas na Alemanha* - (1850);
- *Carta a Marx* - (21 de agosto de 1851);
- *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha* - (Setembro de 1852);
- *O Recente Julgamento em Colônia* - (29 de Novembro de 1852);
- *Resenha do Primeiro Volume de "O Capital" para o Demokratisches Wochenblatt* - (13 de Março de 1868);
- *Nota Prévia a "A Guerra dos Camponeses Alemães"* - (11 de fevereiro de 1870);
- *Discurso Sobre a Acção Política da Classe Operária* (Pronunciado na Conferência de Londres) - em parceria com Marx - (21 de Setembro de 1871);
- *As Pretensas Cisões na Internacional (Circular Privada do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores)* - em parceria com Marx - (05 de março de 1872);
- *Das Resoluções do Congresso Geral Realizado na Haia* - em parceria com Marx - (2 a 7 de Setembro de 1872);
- *Sobre a questão da moradia* - (Janeiro de 1873); (No Brasil: Boitempo Editorial, 2015)

### 5.3 Ver também

- Karl Marx
- Marxismo
- Materialismo histórico

### 5.4 Referências

- [1] UOL Educação. «Friedrich Engels - Biografia». Consultado em 3 de setembro de 2012
- [2] Eduardo de Freitas. «Friedrich Engels». R7. Brasil Escola. Consultado em 3 de setembro de 2012
- [3] Marxists.org. «Biography on Engels» (em inglês). Consultado em 3 de setembro de 2012
- [4] BBC Legacies. «Engels in Manchester - Article Page 1» (em inglês). Consultado em 3 de setembro de 2012
- [5] Salford Star issue 6 Winter 2007. «International people's superstar and woman of mystery» (em inglês). Consultado em 3 de setembro de 2012
- [6] GODOY, Paulo - UNESP (2008). «A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA» (PDF). Consultado em 3 de setembro de 2012
- [7] P. N. Fedoseyev, *Karl Marx: A Biography* (Progress Publishers: Moscow, 1973) pp. 41-42 & 49.
- [8] Marxismo e religião: ópio do povo?, acesso em 07 de abril de 2016
- [9] Marxists.org. «Letters: Marx-Engels Correspondence 1895» (em inglês). Consultado em 3 de setembro de 2012
- [10] *Who Lies Where - A guide to famous graves* (em inglês). Londres: Fourth Estate Limited. 1998. 156 páginas. ISBN 1-85702-258-0
- [11] Friedrich Engels (em inglês) no Find a Grave
- [12] O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem
- [13] Mundo do Socialismo. «A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado - 4a. Edição Revisada» (em inglês). Consultado em 3 de setembro de 2012

### 5.5 Bibliografia

- Engels, Friedrich (1886). *Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy* (PDF) (em inglês). 1 quinta ed. Reino Unido: [s.n.] 66 páginas. 1410223450. Consultado em 2 de julho de 2013 Parâmetro desconhecido |url\_seção= ignorado (ajuda)
- Carlton, Grace (1965), *Friedrich Engels: The Shadow Prophet*. London: Pall Mall Press

- Carver, Terrell. (1989). *Friedrich Engels: His Life and Thought*. London: Macmillan
- Green, John (2008), *Engels: A Revolutionary Life*, London: Artery Publications. ISBN 0-9558228-0-7
- Henderson, W. O. (1976), *The life of Friedrich Engels*, London : Cass, 1976. ISBN 0-7146-4002-6
- Hunt, Tristram (2009), *The Frock-Coated Communist: The Revolutionary Life of Friedrich Engels*, London: Allen Lane. ISBN 978-0-7139-9852-8
- Mayer, Gustav (1936), *Friedrich Engels: A Biography* (1934; trans. 1936)

### 5.6 Leitura complementar

- “Friederich Engels” por Lênine
- Obras Escolhidas

## Capítulo 6

# Manifesto Comunista

O **Manifesto Comunista** (*Das Kommunistische Manifest*), originalmente denominado **Manifesto do Partido Comunista** (em alemão: *Manifest der Kommunistischen Partei*), publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, é historicamente um dos tratados políticos de maior influência mundial. Comissionado pela Liga dos Comunistas e escrito pelos teóricos fundadores do socialismo científico Karl Marx e Friedrich Engels, expressa o programa e propósitos da Liga.<sup>[1]</sup>

O **Manifesto Comunista** foi escrito no meio do grande processo de lutas urbanas das Revoluções de 1848, chamadas também de Primavera dos Povos, um processo revolucionário de quase um ano que atingiu os principais países Europeus e é uma análise da Revolução Industrial contemporânea a ela.<sup>[2]</sup> Duas de suas maiores reivindicações foram reformas sociais, onde se conquista a diminuição da jornada diária de trabalho de doze para dez horas e o voto universal, embora apenas para os homens.

### 6.1 Edições

No prefácio de 1888, assinado por Marx e Engels, este descreve que o Manifesto foi a plataforma da Liga dos Comunistas, uma associação dos trabalhadores, primeiramente apenas alemães, depois internacional, “uma sociedade secreta”. O congresso da Liga aconteceu em Londres, em 1847. Esboçado em alemão, em 1848, o manuscrito foi enviado à gráfica em janeiro de 1848, poucas semanas antes da revolução francesa de 24 de fevereiro. A primeira tradução inglesa foi realizada por Miss Helen Macfarlane e foi publicada no “Red Republican” em 1850.<sup>[3]</sup>

Engels também descreve que a insurreição em Paris foi derrotada em junho de 1848. Segundo ele a “primeira grande batalha entre o proletariado e a burguesia”, a partir desta época a luta dos trabalhadores é reduzida e, embora movimentos independentes continuassem a mostrar sinais de vida, eles eram sistematicamente derrotados. A polícia prussiana perseguiu o comitê central da Liga Comunista, localizada em Colônia. Os seus membros foram presos, e depois de dezoito meses, foram julgados, em 1852, sete a penas de prisão entre três a seis anos, em uma fortaleza. A Liga foi dissolvida pelos seus membros, a partir do que o

manifesto é condenado a um longo esquecimento,<sup>[4]</sup> hoje sendo um dos livros mais lidos em todo o mundo, com traduções em todos os idiomas.

### 6.2 Conteúdo

Marx e Engels partem de uma análise histórica, distinguindo as várias formas de opressão social durante os séculos e situa a burguesia moderna como nova classe opressora. Não deixa, porém, de citar seu grande papel revolucionário, tendo destruído o poder monárquico e religioso valorizando a liberdade econômica extremamente competitiva e um aspecto monetário frio em detrimento das relações pessoais e sociais, assim tratando o operário como uma simples peça de trabalho. Este aspecto juntamente com os recursos de aceleração de produção (tecnologia e divisão do trabalho) destrói todo atrativo para o trabalhador, deixando-o completamente desmotivado e contribuindo para a sua miserabilidade e coisificação. Além disso, analisa o desenvolvimento de novas necessidades tecnológicas na indústria e de novas necessidades de consumo impostas ao mercado consumidor.

Afirmam sobre o proletariado: “*Sua luta contra a burguesia começa com sua própria existência*”. O operariado, tomando consciência de sua situação, tende a se organizar e lutar contra a opressão, e ao tomar conhecimento do contexto social e histórico onde está inserido, especifica seu objetivo de luta. Sua organização é ainda maior pois toma um caráter transnacional, já que a subjugação ao capital despojou-o de qualquer nacionalismo. Outro ponto que legitima a justiça na vitória do proletariado seria de que este, após vencida a luta de classes, não poderia legitimar seu poder sob forma de opressão, pois defende exatamente o interesse da grande maioria: a abolição da propriedade (“Os proletários nada têm de seu para salvar”).

O Manifesto Comunista faz uma dura crítica ao modo de produção capitalista e à forma como a sociedade se estruturou através dele. Busca organizar o proletariado como classe social capaz de reverter sua precária situação e descreve os vários tipos de pensamento comunista, assim como define o objetivo e os princípios do socialismo

científico.

A exclusividade entre os proletários conscientes, portanto comunistas, segundo Marx e Engels, é de que visam a abolição da propriedade privada e lutam embasados num conhecimento histórico da organização social; são, portanto, revolucionários. Além disso, destaca que o comunismo não priva do poder de apropriação dos produtos sociais; apenas elimina o poder de subjugar o trabalho alheio por meio dessa apropriação. Com o desenvolvimento do socialismo a divisão em classes sociais desaparecerá e o poder público perderá seu caráter opressor, enfim será instaurada uma sociedade comunista.

No terceiro capítulo, analisa e critica três tipos de socialismo. O socialismo reacionário, que seria uma forma de a elite conquistar a simpatia do povo e, mesmo tendo analisado as grandes contradições da sociedade, olhava-as do ponto de vista burguês e procurava manter as relações de produção e de troca; o socialismo conservador, com seu caráter reformador e anti-revolucionário; e o socialismo utópico, que apesar de fazer uma análise crítica da situação operária não se apoia em luta política, tornando a sociedade comunista inatingível.

Por fim, no quarto capítulo fecha com as principais ideias do Manifesto, com destaque na questão da propriedade privada e motivando a união entre os operários. Acentua a união transnacional, em detrimento do nacionalismo esbanjado pelas nações, como manifestado na célebre frase: *Proletários de todos os países, uni-vos!*<sup>[1]</sup>

### 6.3 Lenin e o Manifesto Comunista

Em sua obra “O Estado e a Revolução” de 1918, Lenin comenta a posição de Marx, vinte anos depois de publicado o Manifesto. No capítulo “A Experiência da Comuna de Paris - Análise de Marx”, onde o autor comenta a experiência da Comuna de Paris de 1871, o primeiro governo operário da História, Lenin descreve os cuidados de Marx com a sublevação.

Primeiro Marx afirmara que “que qualquer tentativa para derrubar o governo era uma tolice ditada pelo desespero”. Mas, continua Lenin, quando, em março de 1871, a batalha decisiva foi imposta aos operários e estes a aceitaram, quando a insurreição se tornou um fato consumado, Marx saudara com entusiasmo a revolução proletária. Marx não mudara de opinião, mas percebera ser necessário estar junto com o movimento, vendo nele “uma experiência histórica de enorme importância, um passo para a frente na revolução proletária universal, uma tentativa prática mais importante do que centenas de programas e argumentos.”

Analisando a experiência, Marx aponta uma única “correção” que julgara necessária introduzir em seu Manifesto Comunista, escrita em seu último prefácio à obra, de 24 de junho de 1872. Karl Marx e Friedrich Engels afirmavam ali que o programa do Manifesto estava “hoje en-

velhecido em alguns pontos”. A Comuna havia demonstrado que “não basta a classe operária apoderar-se da máquina do Estado para adaptá-la aos seus próprios fins.” Para Lenin, a ideia de Marx apontava que a classe operária deveria quebrar, destruir a “máquina do Estado”, não se limitando apenas a assenhorear-se dela.

Para Lenin a observação de Marx apontava para a destruição da máquina burocrática e militar do Estado, que seria a “condição prévia de qualquer revolução verdadeiramente popular”. Assim, depois da revolução de 1848-49, o poder do Estado havia se tornado “o grande instrumento nacional da guerra do Capital contra o Trabalho”, sendo necessário assim destruí-lo, proposta que não estava clara no Manifesto de 1848. (V. Lenin. O Estado e a Revolução. 1918.)

### 6.4 Trotsky e o Manifesto

Em artigo comemorativo aos “90 Anos do Manifesto Comunista”, de 30 de outubro de 1937, Leon Trotsky reafirmou a atualidade desta publicação, com as “partes mais importantes” parecendo terem sido escritas ontem”. Descreve que seus jovens autores (Marx tinha 29 anos e Engels 27 anos) souberam “antever o futuro como ninguém antes e como poucos depois deles”. Trotsky também retomou o prefácio do Manifesto de 1872, onde os autores declararam que, “mesmo tendo certos trechos secundários do manifesto envelhecido”, [Marx e Engels] não se sentiam no direito de modificar o texto original, visto que, “no decorrer dos vinte e cinco anos então passados ele já se transformara em um documento histórico”. Trotsky considera que, em 1937, noventa anos de sua publicação, outras partes isoladas envelheceram ainda mais” e descreve suas críticas:

Em seu prefácio Trotsky apresenta resumidamente algumas ideias do Manifesto que “até nossos dias conservam integralmente sua força” e cita outras que necessitam de sérias modificações ou complementos. Para ele as principais ideias que resistiram ao tempo foram: “A concepção materialista da História”, um dos mais preciosos instrumentos do pensamento humano; “A História de todas as sociedades até os nossos dias não foi senão a história das lutas de classes.”, onde Trotsky afirma que as frentes populares defendidas pela Internacional Comunista à época, negavam as leis da luta de classes; “A anatomia do capitalismo”, descrita por Marx em seu Capital (1867); “A tendência do capitalismo em rebaixar o nível de vida dos operários”; as “crises comercial-industriais como uma série de crescentes catástrofes”; “O governo moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa”; “Toda luta de classe é uma luta política” ou seja organização dos proletários em classe é, conseqüentemente, a sua organização em partido político...”; que o proletariado “não pode conquistar o poder por meio das leis promulgadas pela burguesia”; “é necessário que a classe operária concentre em suas mãos

o poder capaz de varrer todos os obstáculos políticos”, “O proletariado organizado em classe dominante”, e que “quanto maior for o número de Estados que se lançarem no caminho da revolução socialista, mais livres e flexíveis serão as formas da ditadura, mais ampla e profunda será a democracia operária”; “o caráter internacional da revolução proletária”; que o socialismo se constitui com a extinção do Estado; e, finalmente, que “Os operários não têm pátria” (Trotsky, 90 Anos do Manifesto Comunista).

Entre as várias pontuações que seriam ultrapassadas no Manifesto, segundo Trotsky, seriam as seguintes: Marx aponta a concepção de que “o capitalismo é o reino da livre concorrência”, entretanto, anos depois, em *O Capital* de 1867 Marx teria constatado a tendência para a transformação da livre concorrência em monopólio”, entretanto pontua que a caracterização “científica do capitalismo como um monopólio” foi uma contribuição de Lênin, feita em sua obra de 1917 “Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo”, além disto a crítica à literatura socialista feita por Marx e Engels, estaria superada, pois, em 1937, a Internacional Comunista dirigida por Stalin colocava outras questões, pois esta estava massacrando “a vanguarda do proletariado espanhol” na Guerra Civil Espanhola, e abrindo o caminho para o fascismo. Trotsky conclui afirmando que a longa crise da revolução internacional cada vez mais se transforma “em crise da cultura humana”, e que esta seria, no fundo, a “crise da direção revolucionária do proletariado” (Trotsky, 90 Anos do Manifesto Comunista).

## 6.5 Ver também

- Manifesto
- Revoluções de 1848
- O Estado e a Revolução
- Lenin
- Leon Trótski

## 6.6 Referências

- [1] Jardim, Gustavo. «Manifesto Comunista». InfoEscola. Consultado em 17 de setembro de 2013
- [2] Manifesto of the Communist Party
- [3] [https://en.wikisource.org/wiki/Manifesto\\_of\\_the\\_Communist\\_Party](https://en.wikisource.org/wiki/Manifesto_of_the_Communist_Party)
- [4] [https://en.wikisource.org/wiki/Manifesto\\_of\\_the\\_Communist\\_Party](https://en.wikisource.org/wiki/Manifesto_of_the_Communist_Party)

## 6.7 Bibliografia

- Boyer, George R. (1998). «The Historical Background of the Communist Manifesto». *Journal of Economic Perspectives* (em inglês). **12** (4): 151–174
- Hobsbawm, Eric (2011). «On the *Communist Manifesto*». *How To Change The World* (em inglês). Londres: Little, Brown. p. 101–120. ISBN 978-1-408-70287-1
- Marx, Karl; Engels, Friedrich (1848). *The Communist Manifesto* (em alemão/inglês). Londres: Verso Books
- Revolução de 1848: Movimentos revolucionários populares no mundo. Educação Uol
- Manifesto of the Communist Party
- Karl Marx, Friedrich Engels, Philip Gasper (ed.), *The Communist manifesto: a road map to history's most important political document*. Haymarket Books, 2005

## 6.8 Ligações externas

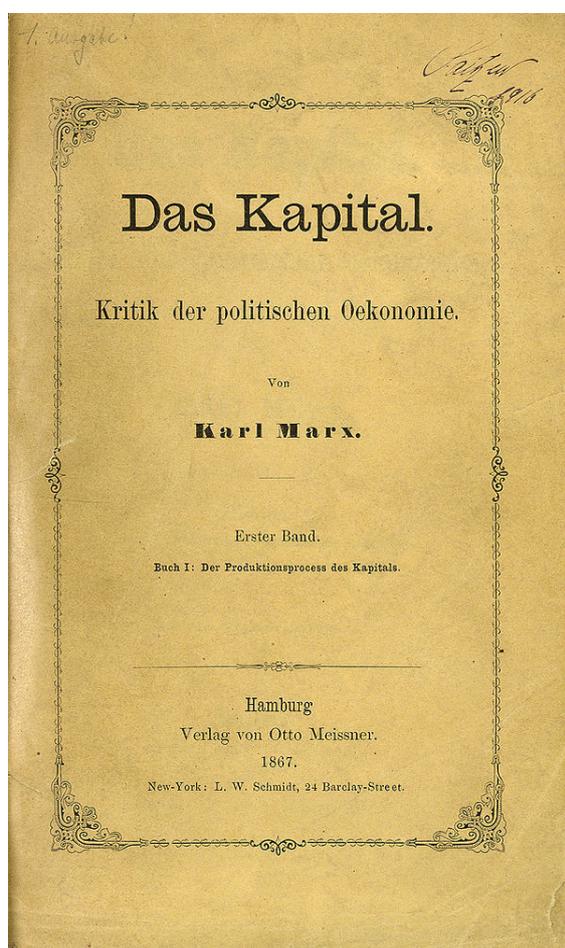
- Marx e Engels, Manifesto do Partido Comunista. Ed. Instituto José Luis e Rosa Sunderman, 2003. Com vários prefácios de sucessivas edições desde 1872, em PSTU.org
- Manifest der Kommunistischen Partei-- Metalibri. Edição original de 1848, em alemão.
- Manifesto do Partido Comunista (Brasil). Site PC do B.
- Manifesto Comunista (Portugal, Ed. Avante). PC de Portugal
- Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista - José Paulo Netto. Site PCB
- O *Manifesto* em diferentes idiomas
- *Audiobook* (em inglês) no LibriVox *manifesto comunista*
- Manifesto do Partido Comunista
- Leon Trotsky: 90 Anos do Manifesto Comunista, texto de 30 de Outubro de 1937 em Marxist.org
- Em o *Estado e a Revolução*, texto de 1918, Lenin discute as mudanças no manifesto que teriam sido feitas pelo próprio Marx em 1870 (capítulo terceiro)

## Capítulo 7

# O Capital

📖 **Nota:** Se procura o álbum homônimo de 2010 lançado pela banda Capital Inicial, veja *Das Kapital* (álbum). *O Capital* (em alemão: *Das Kapital*) é um conjunto de

também uma crítica sobre a teoria do valor-trabalho de Adam Smith e de outros assuntos dos economistas clássicos.



*O Capital*, Livro 1, capa da 1ª edição, 1867.

livros (sendo o primeiro de 1867) de Karl Marx que constituem uma análise do capitalismo (crítica da economia política). Muitos consideram esta obra o marco do pensamento socialista marxista. Nela existem muitos conceitos econômicos complexos, como mais valia, capital constante e capital variável, uma análise sobre o salário; ou sobre a acumulação primitiva. Resumindo, sobre todos os aspectos do *modo de produção capitalista*, incluindo

### 7.1 Observação quanto ao conteúdo

Quem procura sobre a teoria econômica marxista consulta o livro *O Capital*. Porém como o seu conteúdo é volumoso e abrangente, **a subsecção quanto ao conteúdo foi separada por livros**, e alguns itens contêm **apenas sinopse para as hiperligações** que levam aos verbetes como Força de trabalho, Teoria da Abstinência, acumulação primitiva, etc. Ainda, é conveniente consultar a obra anterior que também contém parte do conteúdo que seria aglutinado pelo autor: manuscritos de 1844, *Miséria da Filosofia* (contém uma tabela comparando a obra econômica de Proudhon com a de Marx), *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, *Grundrisse*. Há também **resumos de O Capital** preparado por outros, como a de Carlo Cafiero. Mas o mais recomendado é a *leitura integral da obra* (assim também recomendaram Cafiero, Julian Borchardt, Roman Rosdolsky, Rosa Luxemburgo, etc). Na empreitada de ler a obra integral muitos acabam desistindo no caminho por ser uma obra densa e difícil.

### 7.2 Seu preparo e livros econômicos anteriores

Marx levou muito tempo até chegar à sua obra considerada máxima. Em 1844 escreveu manuscritos econômico-filosóficos de 1844. Cada vez mais preocupado com os problemas econômicos, escreve e publica *Miséria da Filosofia* em 1847, uma resposta preocupada com a objectividade dessa ciência (a Economia Política) ao livro *Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria de Proudhon* (que questionava a economia mas pelas inquietudes filosóficas do famoso autor anarquista).

Em 1859 publicou *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, que continha dois capítulos: *A mercadoria* e *A moeda, o capital* seria uma continuação desse livro, mas **Marx** se desentendeu com seu editor.

Os seus textos escritos em cadernos para rascunhar e ordenar o pensamento econômico ficaram conhecidos como as *Grundrisse*. O pequeno *Formações econômicas pré-capitalistas* é uma das obras derivadas desse volumoso trabalho que se desdobraria (principalmente, mas não somente) nos Livros 1 a 3 de *O Capital* onde **Marx** iria expor sua teoria e no Livro 4, que seria a reunião de teorias dos outros autores comentados.

Entre as várias opções de caminhos para expor suas ideias, **Marx** pensou publicar antes dos outros Livros o que seria o Livro 4 (para expor as falhas dos outros autores e daí mostrar as suas), em unir o conteúdo do Livro 4 ao Livro 1 (mas ficaria então demasiado grande), mas por fim decidiu expor toda sua teoria primeiro para depois mostrar a de outros autores, como forma de satisfazer o público que queria novidades no campo da economia.

A vontade de escrever um livro “um todo artístico” levou a refinar bastante o texto, acrescentando referências e levou à exclusão do que seria o capítulo 6 do plano inicial do Livro 1.

Infelizmente o autor não pôde continuar a cuidar da publicação dos seus livros, muito embora alguns manuscritos não-publicados em resposta aos economistas marginais da época possam ser classificados como parte desta série de livros.<sup>[1]</sup>

### 7.2.1 A publicação de “O Capital” em francês e em inglês

Sendo o Livro 1 o único que **Marx** lançou em vida, também foi o único que ganhou revisões do próprio autor e alguns acréscimos ou modificações, como o que ocorreu para seu lançamento na França. O que diferencia as edições em francês e inglês é que elas têm 33 capítulos, com o mesmo conteúdo da edição original, alemã. Isso devido às subdivisões dos capítulos 4 e 24, cujas seções se transformaram em capítulos. Provavelmente isso decorre de **Marx** ter ouvido a sugestão dada por **Maurice Lachâtre**, editor da tradução francesa de *O Capital*, de dividir a obra em fascículos <sup>[carece de fontes?]</sup> para torná-lo mais acessível aos trabalhadores. Tal procedimento de publicação permitiu que **Marx** fizesse uma revisão nos fascículos de forma que fez pequenas modificações à edição. Em 1872, numa carta a Danielson, o tradutor russo de *O Capital*, **Marx** afirmava que seria mais fácil traduzir do francês para o inglês e outras línguas românticas.

Para o preparo da 4ª edição revisada Alemã de 1890, considerada a definitiva, Engels levou em conta a edição francesa e as notas manuscritas encontrados nos exemplares pessoais de **Marx**.

A edição em inglês para Estados Unidos, lançada pela

editora Penguin no começo do século XX, já está integralmente em domínio público.

Em 1973 **J. Teixeira Martins** e **Vital Moreira**, professores de Lisboa, fizeram uma tradução da edição francesa para português.

### 7.2.2 A publicação de “O Capital” na Rússia

Em *A Tragédia de um Povo*, Orlando Figes escreve:

*“Em Março de 1872 chegava à secretária do censor russo um volume pesado sobre economia política, escrito em alemão. O autor era conhecido pelas suas teorias socialistas e todos os seus livros anteriores tinham sido proibidos. O editor não tinha qualquer razão para esperar que este livro tivesse um destino diferente. Tratava-se de uma crítica sem compromissos ao moderno sistema fabril e apesar de a lei russa da censura ter sido liberalizada, permanecia ainda uma clara proibição para todas as obras que abordassem as “nocivas doutrinas do socialismo e comunismo” ou que pudessem “atizar a antagonismo entre uma classe ou outra”. As novas leis (de censura) eram suficientemente rígidas para proibir livros tão perigosos como o “Ética” de Espinoza, o Leviatã de Hobbes, o “Ensaio sobre a história geral” de Voltaire...*

*No entanto, acharam eles que este magnum opus alemão - 674 páginas de compacta análise estatística- era demasiado difícil para poder ser considerado uma ameaça ao Estado. “Pode ser afirmado com segurança”, concluiu o primeiro dos censores, “que muito poucos na Rússia o vão ler e menos ainda o irão compreender”. E o segundo censor acrescentou que para além disso, o autor ataca o sistema de fabricação britânico, e que a sua crítica não é aplicável à Rússia, onde a “exploração capitalista” de que ele fala não é conhecida. Nenhum dos dois censores achou necessário impedir a publicação desta obra “estritamente científica”.*

*E foi assim que o “Das Kapital” foi introduzido na Rússia. Foi a primeira publicação deste livro no estrangeiro, 5 anos da primeira edição, em Hamburgo, e 15 anos antes da primeira edição em inglês.” ...Os censores em breve reconheceram o seu erro. 10 meses depois, vingaram-se em Nikolai Poljakov, o primeiro editor russo de Marx, ... ao trazê-lo a tribunal e forçando-o a dissolver a sua editora.*

### 7.2.3 A publicação de *O Capital* no Brasil

Trechos do livro surgiam em meio a seleções de textos de **Marx** até a primeira publicação de *O Capital* (livro I publicado por **Marx**, II e III finalizados e publicados por Engels após o falecimento de **Marx** e IV finalizado e publicado por **Karl Kautsky**), nos anos 1960, durante a Ditadura Militar Brasileira, que era Positivista.<sup>[2]</sup> Esta primeira foi editada por **Ênio Silveira** com tradução de **Reginaldo Sant'Anna**, e lançada pela Editora Civilização

Brasileira.<sup>[2]</sup> A editora foi comprada pela Editora Record, que continua lançando novas edições.<sup>[2]</sup>

A segunda tradução foi coordenada por Paul Singer e distribuída às bancas de revista pela coleção *Os economistas*, da Editora Abril, próximo ao centenário de morte do autor.<sup>[2]</sup>

Além desses tradutores, houve tradução por outros de pedaços ou alguns capítulos soltos, lançadas não como partes do livro *O Capital*, mas como livros próprios. Um exemplo é **Marx e Engels - Textos** da editora Edições Sociais, traduzindo a partir do espanhol alguns prefácios, posfácios e capítulos de *O Capital*, **A mercadoria** da editora Ática que na verdade se trata do 1º capítulo do Livro 1 de *O Capital* acrescido de notas de Jorge Grespan (que devem ajudar, pois segundo o próprio Marx, o primeiro capítulo é o mais difícil). E **A origem do Capital**, da Editora Centauro, que mostra os capítulos "A chamada Acumulação primitiva" e "Teoria Moderna da Colonização" (os capítulos finais do Livro 1, que segundo Engels *O estilo da parte final era, por isso, mais vivo, saído de um jato...* A Global Editora, através da coleção Base 5, lançou **Teoria da Mais-Valia: Os Fisiocratas** que é um pequeno livro que reúne num único volume trechos do Livro 4 de Karl Marx sobre a Fisiocracia e *Reflexões acerca da formação e distribuição de riquezas* de Turgot

*Esta passagem carece de fontes*

## 7.3 O Capital

### 7.3.1 Livro 1 - o processo de produção do capital 1867

Único dos Livros lançado em vida por Marx e que por isso se beneficiou de refinamento de estilo, melhorias entre edições, acréscimos de posfácios do próprio autor e lançamentos das versões Alemã, Inglesa, Russa e Francesa (levemente distintas, apesar da 4ª edição Alemã 1893 ser considerada a versão definitiva devido às correções de Engels e Eleanor Marx e por isso comumente usadas para a tradução para outras línguas).

### 7.3.2 Livro 2 - o processo de circulação do capital 1885

Publicado após a morte de Marx, ficando a edição a cargo de Engels. A diferença no estilo dos Livros 2º e 3º em relação ao 1º fazem com que alguns atribuam sua escrita a Engels. Embora os Livros 2 e 3 tenham sido dedicados à esposa de Marx, Jenny, cogitou-se dedicá-los a Darwin. Engels, no túmulo de Marx, disse que Darwin mostrou a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, e Marx a da natureza humana.

### 7.3.3 Livro 3 - o processo global da produção capitalista 1894

Com a publicação desse 3º Volume Engels termina a tarefa de tornar pública a teoria econômica de Marx ao conjunto do sistema capitalista. Em algumas partes ele relata que teve de preencher as lacunas como um autor, mas que identificou os tais acréscimos para que não houvesse dúvidas quanto a o que Marx queria dizer. Porém críticos disseram haver problemas e lacunas, o que ainda hoje é tema de debates e uma das maiores lamentações quanto ao fato de o autor ter morrido antes da conclusão de sua obra máxima.

O problema mais comumente apontado é "o problema da transformação" (ver explicação resumida na ligação externa que leva ao texto de Calinicos). O problema da transformação se refere à relação entre valor e preço e se estende pelos três livros do Capital. O debate se tornou um dos pontos mais discutidos na economia marxista e uma solução definitiva para o problema ainda não foi encontrada, apesar dos significativos avanços ao longo do século XX sobre a questão.<sup>[3]</sup>

Rosa Luxemburgo foi uma das autoras que admiraram o Livro 3; ela tentou preencher algumas das lacunas de *O Capital* no seu livro "A Acumulação do Capital"<sup>[4][5]</sup>

### 7.3.4 Livro 4 - Teorias da mais valia 1905

Karl Kautsky, após a morte de Engels, e já no século XX, publica o 4º Livro, que são os comentários de Marx a outros autores de *Economia Política*. O Livro 4 é o menos conhecido justamente por ter sido publicado após a explanação da teoria econômica marxista por Marx e Engels. Acrescente a isso o agravante de Kautsky ter optado por publicar invertendo o título e subtítulo: "Teorias da Mais-Valia - A história crítica do pensamento econômico (Livro 4 de O capital)". Por causa disso, mesmo na coleção de traduções de Sant'Anna recebeu numeração do volume em separado (os Livros 1 a 3 são divididos em volumes numerados de I a VI, e Teorias da Mais-Valia começam do Volume I ao III, quando poderiam ter sido numerados como os volumes VII, VIII e IX de *O Capital*).

Esse material é de leitura interessante por incluir considerações sobre outras teorias do valor e de fontes que podem ter sido inspiração para as críticas dos antagonismos de classe (desde os que negavam o antagonismo, os que reconheciam mas negavam exploração de classe, os que ficavam ao lado dos oprimidos, e até mesmo os que defendiam a opressão sem dissimular), entre outras considerações não abordadas nos demais livros (como a questão do trabalho produtivo e improdutivo).

### 7.3.5 Capítulo VI inédito de O Capital

Excluído por Marx do plano de publicar junto com o Livro 1, é estudado atualmente por conter notas de transição do Livro 1 e Livro 2 (depois que a mercadoria é produzida, ela tem de circular). A numeração do Capítulo 6, excluído, mostra que a exclusão se deu antes da publicação, já que ao longo de edições a numeração e divisão do Livro em partes foi bastante mudada, provavelmente para não cansar o leitor com capítulos demasiadamente longos, um bom exemplo é o capítulo 1 da 1ª edição que se transformou em parte 1, subdividido em 3 capítulos.

## 7.4 Resumos e obras derivadas

### 7.4.1 Resumos

- Compêndio de O capital, por Carlo Cafiero
- O Capital - Extratos

autor: Paul Lafargue

- O Capital - resumo dos 3 livros, por Julian Borchardt
- Para entender O Capital, por David Harvey

### 7.4.2 Obras derivadas

- Sweezy, Paul. *A teoria do Desenvolvimento Capitalista*
- Luxemburgo, Rosa. *A Acumulação do Capital*

### 7.4.3 Quadrinhos/banda desenhada

- O Capital em Quadrinhos, por K. Ploekinger e G. Wolfram

K. Ploekinger e G. Wolfram lançaram “O Capital em Quadrinhos”, quadrinhos/ banda desenhada de 78 páginas com prefácio de Lúcio Colletti, intelectual marxista italiano. No Brasil foi lançado pela editora Global tendo suas 3 edições na década de 80. Curiosamente, se tratam de quadrinhos/ banda desenhada sui generis pois foram impressos em tinta verde, e cada quadrinhos (e não página) era numerada, além dos desenhos serem muito peculiares num estilo infantil, com muitos rabiscos.

- O Capital em Quadrinhos, por Max e Mir

A dupla Max e Mir pegou o trabalho de Ploekinger e Wolfram e fez melhorias em termos de quadrinhos tais como desenhos mais claros e alguns exemplos mais bem

humorados, a impressão em tinta preta, numeração apenas em cada página, tornando o roteiro mais fácil de entender. Curiosamente numa cena em que um operário está numa cama com sua esposa, na obra de Ploekinger e Wolfram, o casal está com roupas, e na de Max e Mir eles estão nus. Foi lançado no Brasil pela Proposta Editorial, 66 páginas

- *Marx's Kapital for Beginners*, por David Smith e Phil Evans

Foi lançado nos Estados Unidos na década de 1980 pela Pantheon Books, 191 páginas

- *Conheça Marx*, por Eduardo del Rio (Rius)

Lançado no Brasil na década de 80 pela Proposta Editorial, fazia parte da coleção “Conheça”, quadrinhos / banda desenhada da qual fizeram parte “Conheça Einstein”, “Conheça Freud”, etc.

- *Das Kapital* em mangá (???)

No final de 2008, foi lançada no Japão uma versão em mangá pela editora EastPress.

## 7.5 Conteúdo Livro 1

### 7.5.1 Seção I, 1.1 Os dois fatores da mercadoria: valor de uso e valor (substância do valor, grandeza do valor)

Neste subcapítulo, Marx reelabora a *teoria do valor-trabalho*, ao defender que o *valor* de uma mercadoria é criado pelo *trabalho socialmente necessário* à sua produção, e medido pelo *tempo de trabalho socialmente necessário* à sua produção.

As principais ideias exploradas neste subcapítulo são: *mercadoria*, *valor de uso*, *valor de troca*, *valor* e *tempo de trabalho socialmente necessário*.

Marx começa sua análise pela *mercadoria*. Qual teria sido o motivo desta escolha aparentemente arbitrária? Segundo David Harvey, “Começar com mercadorias se mostra de grande valia, pois todo mundo tem contato diário e experiência com elas. [...] A forma da mercadoria é uma presença universal dentro do modo de produção capitalista. Marx escolheu o denominador comum, algo que é familiar e comum a todos nós, independentemente de classe, raça, gênero, religião, nacionalidade, preferência sexual ou o que quer que seja. Nós conhecemos as mercadorias de uma maneira cotidiana, e elas são, além disso, essenciais à nossa existência: nós temos que comprá-las para podermos viver”<sup>[6]</sup>. Daí a frase que abre o *Capital* ser a seguinte: “A riqueza das sociedades

onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma enorme coleção de mercadorias, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria<sup>[7]</sup>. Dito isto, Marx define então a mercadoria como sendo, antes de tudo, uma coisa que, por meio de suas propriedades materiais (ou seja, geométricas, físicas, químicas ou qualquer outra propriedade natural das mercadorias), satisfaz necessidades humanas específicas. Em síntese, neste primeiro momento da exposição de Marx, a mercadoria se manifesta tão somente como algo cuja utilidade se encontra na sua materialidade (ou seja, nas suas propriedades materiais)<sup>[8]</sup>.

Em seguida, Marx desenvolve a questão introduzindo o leitor ao conceito de *valor de uso*, que nada mais é do que a utilidade de uma mercadoria. Esta utilidade, contudo, não flutua no ar, sendo definida pelas próprias propriedades materiais da mercadoria. O ímã nos é útil por causa de sua propriedade de atrair o ferro. Porém, apesar de os diferentes usos de uma mercadoria serem definidos por questões materiais, Marx nos alerta para o fato de que a atribuição destes usos é algo histórico. Apesar de o ímã possuir a propriedade de atrair o ferro, esta propriedade só se tornou útil quando a polaridade magnética foi descoberta. Com tudo isto, Marx quer apenas nos mostrar que, se as propriedades materiais de uma mercadoria permitem que ela seja utilizada de diversas maneiras, serão as exigências de cada época e lugar que criarão a demanda social para estas propriedades. Por fim, Marx afirma que, no modo de produção capitalista, o valor de uso constitui o suporte material da troca, ou seja, aquilo que tanto dá visibilidade à troca quanto a possibilita. Se trocamos duas mercadorias é porque ambas possuem uma utilidade para aqueles que as estão recebendo. Este é o gancho que permite Marx introduzir o leitor ao conceito de *valor de troca*, que nada mais é do que a relação quantitativa (ou seja, medidas de peso, de comprimento, de superfície, de volume ou moedas) a partir da qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo. O valor de troca de uma mercadoria nos mostra que sua utilidade não se restringe a um indivíduo ou grupo, mas sim ao mercado como um todo. Em síntese, neste segundo momento da exposição de Marx, a mercadoria se manifesta como algo cuja utilidade se encontra na sua sociabilidade (ou seja, na possibilidade de ser trocada no mercado)<sup>[9]</sup>.

Mas, se sabemos agora que as mercadorias também podem ser trocadas, o que então possibilitaria esta troca? Seriam as propriedades materiais da mercadoria? Marx afirma que não, pois estas servem apenas para definir o valor de uso da mercadoria, sua utilidade. Seriam, então, as relações quantitativas a partir das quais os valores de uso podem ser trocados entre si? A resposta é novamente negativa, pois estas servem apenas para definir o valor de troca da mercadoria, sua utilidade no mercado. Há, portanto, um terceiro elemento nas mercadorias. Este elemento, quando encontrado na mesma grandeza em mercadorias diferentes, permite dizer que, por exemplo,  $x$  de

graxa de sapatos equivale a  $y$  de seda ou  $z$  de ouro, e que portanto elas podem ser trocadas entre si. Segundo Marx, este elemento é o trabalho. Em outras palavras, o trabalho necessário à produção de uma mercadoria é o que permite definir seu *valor*. Somente duas mercadorias que tomaram o mesmo tempo de trabalho para serem produzidas, ou seja, que possuem o mesmo valor, podem ser trocadas. Porém, o valor não é simplesmente o tempo de trabalho individual necessário à produção de uma mercadoria. Para Marx, este trabalho deve ser enxergado em seu contexto social. Mas o que significa isto? Isto significa que, quando consideramos um tipo de mercadoria em específico, o trabalho de todos os indivíduos que produzem este tipo de mercadoria deve ser levado em conta para a definição de seu tempo de trabalho necessário. Assim, cada fábrica levará um certo tempo específico para produzir uma certa mercadoria, mas o que precisa ser levado em conta é o tempo em média que elas levam para fazê-lo. O tempo de trabalho que importa a Marx é o tempo médio necessário, o tempo socialmente necessário. Por isto, ele define o valor como o *tempo de trabalho socialmente necessário* à produção de uma mercadoria. Vejamos a definição tal qual ela se mostra no *Capital*: “Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho. [...] Portanto, é apenas [...] o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor<sup>[10]</sup>. Um exemplo simples nos permite compreender melhor esta definição. “Após a introdução do tear a vapor na Inglaterra [...] passou a ser possível transformar uma dada quantidade de fio em tecido empregando certa da metade do trabalho de antes. Na verdade, o tecelão manual inglês continuava a precisar do mesmo tempo de trabalho para essa produção, mas agora o produto de sua hora de trabalho individual representava apenas metade da hora de trabalho social e, por isso, seu valor caiu para a metade do anterior<sup>[11]</sup>”.

Se já sabemos o que cria o valor (o trabalho) e a medida pela qual este valor é medido (o tempo de trabalho socialmente necessário), resta agora entender de que maneira este valor pode aumentar ou diminuir. De acordo com Marx, a grandeza do valor de uma mercadoria aumenta sempre que aumentar a quantidade de trabalho que nela é realizado, e diminui sempre que aumentar a produtividade deste trabalho. Dito de outra maneira, quanto mais trabalho é necessário para se produzir uma mercadoria, e quanto menos este trabalho é produtivo, mais valor a mercadoria possuirá. Em síntese, neste terceiro momento da exposição de Marx, a mercadoria é finalmente definida por completo: ela pode se manifestar enquanto algo útil materialmente (ou seja, por conta de suas propriedades materiais) ou útil socialmente (ou seja, por poder ser trocada no mercado), assim como é produto do trabalho humano (trabalho este que deve ser enxergado em seu contexto social, ou seja, medido pelo seu tempo socialmente necessário)<sup>[12]</sup>. Nos termos de Marx, a *mercadoria* pode

se manifestar enquanto *valor de uso* ou *valor de troca*, assim como possui um *valor* (ou seja, uma representação do *tempo de trabalho socialmente necessário*, que permite que as trocas sejam realizadas).

### 7.5.2 Seção I, 1.2 O duplo caráter do trabalho representado na mercadoria

Neste subcapítulo, Marx apresenta pioneiramente<sup>[13]</sup> a ideia de que o *trabalho contido na mercadoria* possui o *caráter duplo* de ser *trabalho útil* e *trabalho abstrato*.

As principais ideias exploradas neste subcapítulo são: *trabalho útil* e *trabalho abstrato*.

De acordo com Marx, o trabalho que cria valores de uso, chamado por ele de *trabalho útil*, é uma condição de existência do homem, uma eterna necessidade natural da vida humana. Enquanto trabalho útil, o dispêndio da força humana de trabalho se apresenta numa forma específica (ou seja, um trabalho visto tão somente enquanto produtor de valores de uso específicos, em que portanto se considera o que está sendo produzido e por quem). Porém, há também, como o próprio Marx apontou no subcapítulo anterior, o trabalho que gera o valor das mercadorias, chamado por ele de *trabalho abstrato*. Enquanto trabalho abstrato, o dispêndio de força humana de trabalho se apresenta em sentido fisiológico (ou seja, um trabalho visto tão somente enquanto esforço humano, em que portanto não se considera o que está sendo produzido nem por quem)<sup>[14]</sup>.

Este duplo caráter do trabalho contido na mercadoria provoca um movimento antitético. Digamos que novas máquinas são instaladas em uma fábrica. Esta variação da força produtiva aumenta a fertilidade do trabalho e, com isso, mais valores de uso são produzidos. Ao mesmo tempo, porém, este maior número de máquinas reduz o tempo de trabalho necessário à produção destes valores de uso e, com isso, sua grandeza de valor. E vice-versa.

Em síntese, o trabalho contido na mercadoria possui um caráter duplo: é, ao mesmo tempo, trabalho útil (criador de valor de uso) e trabalho abstrato (criador de valor das mercadorias).

### 7.5.3 A compra e venda da força de trabalho: origem da mais-valia

Após analisar a mercadoria, era necessário entender a compra e venda da força de trabalho encarada como mercadoria. Por “força de trabalho” e não simplesmente “trabalho” foi possível resolver as contradições nas fórmulas de Adam Smith e David Ricardo.

### 7.5.4 Entesourador x capitalista

O capitalista, diferente do entesourador, não pode converter todo seu ganho para luxo pessoal, ele tem de investir na sua fonte de riqueza, que é a indústria. Enquanto o entesourador prefere guardar, o capitalista prefere investir. O capitalista se torna personificação da sede de riqueza. E no conjunto da sociedade, enquanto nos modos de produção anteriores era mais fácil conseguir a saciedade, até por haver um limite das riquezas existentes, no sistema capitalista essa saciedade não existe e se quer cada vez mais expandir as indústrias. Se nos modos de produção anteriores chega-se a saciedade se hipoteticamente um sultão consegue dominar e comprar todas as coisas, no capitalismo a saciedade por expansão não chega nem com o monopólio.

### 7.5.5 Teoria da Abstinência

Segundo essa teoria de Sénior, o capitalista praticava a abstinência pelo bem da empresa. e portanto era mais virtuoso que os empregados. E assim acumulava seu capital.

### 7.5.6 Acumulação primitiva

Fatores históricos atípicos do capitalismo que favoreceram os capitalistas e ajudaram no estabelecimento do capitalismo.

## 7.6 Conteúdo Livro 4

### 7.6.1 Reposição de máquinas (Capital constante)

No Livro 4 existe a seção 10 dentro do cap. III: “Pesquisar como é possível ao lucro e salário anuais comprarem as mercadorias anuais que, além de lucro e salário, contém capital constante”.

“É claro que o problema da reprodução do capital constante se enquadra no estudo do processo de reprodução ou de circulação do capital, mas isso não impede de se tratar aqui do que é essencial.” (A circulação é assunto do Livro 2 e a reprodução, do Livro 3)

Embora muitos se contentem com a explicação da acumulação primitiva e da extrações de mais-valia (assuntos do Livro 1) para a explicação da continuidade dos negócios do capitalista, ela se esbarra em problemas: a acumulação primitiva explica a compra da 1ª máquina pelo capitalista mas não explica a reposição da maquinaria. Já a mais-valia explica a expansão dos negócios, a compra de mais máquinas ou máquina maior de modelo melhor, mas não a reposição da máquina já existente do mesmo modelo que eventualmente precise ser repostas. Se

é preciso explorar o trabalhador para algo que inevitavelmente acontecerá, como a quebra da máquina velha, fica impossível de se alcançar o comunismo sem exploração.

"...de seu trabalho excedente -que forma o lucro- parte é fundo de consumo do capitalista, e parte se transforma em capital adicional. Mas não é com esse trabalho excedente ou com o lucro que o capitalista substitui o capital já gasto em sua própria produção. Se fosse assim, a mais-valia não seria fundo para formar novo capital e sim para manter o velho." (Livro 4, cap. III seção 10 - página 87 da tradução de Sant'Anna)

## 7.7 Referências

- [1] Marx em tempos de MEGA: os planos e o plano de O Capital (em português)
- [2] «Ênio Silveira, o editor de *O Capital* no Brasil». Vermelho.org. 20 de julho de 2012. Consultado em 28 de outubro de 2012. Trechos do livro fizeram parte de seleções de textos de Marx até que, nos anos 1960, Ênio Silveira publicou não apenas o livro I, mas também os volumes II e III, preparados por Friedrich Engels, e IV (Teorias da Mais Valia), preparado por Karl Kautsky. Todos com tradução do baiano Reginaldo Lemos de Sant'Anna. A saga editorial de *O Capital* em terras brasileiras foi curiosa. Justamente sob o regime mais obscurantista da república, a ditadura terrorista que sufocou o país de 1964 a 1985, o livro magno de Marx foi publicado na íntegra pela primeira vez. E sua segunda tradução, coordenada por Paul Singer, foi distribuída às bancas de revista de todo do país, integrando a coleção Os economistas, da Editora Abril, quando era lembrado o centenário de morte do autor. [...] A coragem editorial de Ênio Silveira, que era filiado ao Partido Comunista (ficou com o PCB, de Prestes) merece ser lembrada, nestes períodos em que o país tenta recuperar sua memória história. [...] Assumiu a direção da Editora Civilização Brasileira em 1948. Entre 1964 e 1969, foi preso sete vezes. Os militares golpistas ainda bloquearam seu acesso aos bancos. Mesmo assim, continuou publicando pensadores marxistas e oposicionistas. [...] A Editora Civilização Brasileira, em dificuldades econômicas, acabou sendo comprada por Alfredo Machado, da Editora Record, que continua lançando novas edições de *O Capital*.
- [3] Camarinha Lopes, T. (2012). *As fases históricas do debate sobre a transformação dos valores em preços de produção* Revista de Economia Política, vol. 32, no. 2, pp.315-335
- [4] (em inglês) Rosa Luxemburg. *The Accumulation of Capital* (1913). Texto completo.
- [5] (em francês) Rosa Luxemburg. *L'accumulation du capital*. Texto completo.
- [6] HARVEY, David. *A companion to Marx's Capital*. London: Verso, 2010, pp. 15-16.
- [7] MARX, Karl. *O capital: crítica de economia política. Livro I: O processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 113.

- [8] VIANNA, Maria Dolores Prades. *Fundamentos e perspectivas da teoria do valor-trabalho: de Adam Smith a Karl Max*. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2002; p. 149.
- [9] VIANNA, op. cit., p. 149.
- [10] MARX, op. cit., p. 117.
- [11] Idem.
- [12] VIANNA, op. cit., p. 153.
- [13] MARX, op. cit., p. 119.
- [14] HARVEY, op. cit., pp. 27-30.

## 7.8 Ligações externas

- Trechos da edição francesa de *O Capital* traduzidos em português cedidos pelos tradutores ao MIA - Marxists Internet Archive
- Capital A Critique of Political Economy
- Biblioteca marxista na Internet
- Capital: A Critique of Political Economy - Volume I, II, III. Edição inglesa de *O Capital*], no Portal Domínio Público
- Introdução ao Capital de Karl Marx, por Alex Callicinos.
- Texto original "O Capital" sobre a reposição de desgaste e quebra de máquinas" foi cedido e resumido pelo próprio autor, Célio Ishikawa
- Site do Pensamento Econômico sobre Marx
- Ler *O Capital*. Links para textos de comentadores, vídeos de apoio, etc. sobre *O Capital*, além de links para edições da obra (em português, em espanhol e em alemão)

## Capítulo 8

# Lenin

 **Nota:** Lenine redireciona para este artigo. Para outros significados, veja [Lenine \(desambiguação\)](#).

**Vladimir Ilyich Ulyanov**, mais conhecido pelo pseudônimo **Lenin**<sup>[nt 1]</sup> (Simbirsk, 22 de abril de 1870 – Gorki, 21 de janeiro de 1924), foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo. Serviu como chefe de governo da República Russa (1917-1918), da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (1918-1924) e da União Soviética (1922-1924). Sob sua administração, a Rússia e, em seguida, a União Soviética tornaram-se um Estado socialista unipartidário governado pelo Partido Comunista Russo. Ideologicamente marxistas, suas teorias políticas são conhecidas como leninismo.

Nascido em uma família de classe média alta em Simbirsk, Lenin interessou-se por políticas socialistas revolucionárias após a execução de seu irmão em 1887. Expulso da Universidade Imperial de Kazan por participar de protestos contra o regime czarista do Império Russo, nos anos seguintes graduou-se em direito. Em 1893, mudou-se para São Petersburgo e tornou-se uma importante figura do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Em 1887, foi preso por sedição e exilado para Shushenskoye por três anos, onde casou-se com Nadežda Krupskaja. Após seu exílio, mudou-se para a Europa Ocidental, onde se tornou um teórico de destaque através de suas publicações. Em 1903, assumiu um papel fundamental em uma divisão ideológica do POSDR, líder da facção bolchevique contra os mencheviques de Julius Martov. Incentivou a insurreição durante a fracassada Revolução Russa de 1905, mais tarde fez campanha para que a Primeira Guerra Mundial fosse transformada em uma revolução proletária em escala europeia, que, como marxista, ele acreditava que culminaria no colapso do capitalismo e sua substituição pelo socialismo. Depois que a Revolução de Fevereiro de 1917 derrubou o czar e estabeleceu um Governo Provisório, voltou à Rússia para desempenhar um papel de liderança na Revolução de Outubro, em que os bolcheviques derrubaram o novo regime.

Seu governo foi liderado pelos bolcheviques — agora renomeado Partido Comunista — com alguns poderes inicialmente também mantidos por soviets eleitos. O novo governo chamou eleições para a Assembléia Constituinte

e depois a aboliu, retirou-se da Primeira Guerra Mundial, assinando um tratado com as Potências Centrais, e concedeu a independência às nações não russas sob seu controle. Redistribuiu a terra entre o campesinato e os bancos nacionalizados e a grande indústria. Os oponentes foram suprimidos no Terror Vermelho, uma violenta campanha orquestrada pelos serviços de segurança do Estado; dezenas de milhares foram mortos e outros internados em campos de concentração. Exércitos anti-bolcheviques, estabelecidos por grupos de direita e de esquerda, foram derrotados na Guerra Civil Russa de 1917 a 1922. Respondendo à devastação durante a guerra, à fome e às revoltas populares, em 1921 promoveu o crescimento econômico através de um sistema econômico misto. Buscando promover a revolução mundial, o governo de Lenin criou a Internacional Comunista, travou a Guerra Polaco-Soviética e uniu a Rússia com nações vizinhas para formar a União Soviética em 1922. Em uma saúde cada vez mais pobre, expressou sua oposição ao crescente poder de seu sucessor, Josef Stalin, antes de morrer em sua mansão Gorki.

Amplamente considerado uma das figuras mais importantes e influentes do século XX, Lenin tornou-se o centro de um culto de personalidade póstumo generalizado pela União Soviética até sua dissolução em 1991. Tornou-se a figura ideológica por trás do marxismo-leninismo e, assim, uma influência importante sobre o movimento comunista internacional. Um indivíduo controverso e altamente divisionista, Lenin é visto pelos marxistas-leninistas como um herói do socialismo e das classes trabalhadoras, enquanto os críticos, tanto da esquerda quanto da direita, o veem como o fundador de uma ditadura totalitária responsável por abusos dos direitos humanos.

## 8.1 Início de vida

### 8.1.1 Infância: 1870–87

O pai de Lenin, Ilya Nikolayevich Ulyanov, era de uma família de servos calmuços, russos e chuvaches.<sup>[2]</sup> Apesar deste contexto de classe baixa, ele havia subido ao status da classe média, estudando física e matemática

na Universidade Imperial de Kazan antes de lecionar no Instituto Penza para Nobres.<sup>[3]</sup> Ilya casou-se com Maria Alexandrovna Blank em meados de 1863.<sup>[4]</sup> Bem educada e de um passado relativamente próspero, era filha de uma mulher teuto-sueca e de um médico judeu russo que se converteu ao cristianismo.<sup>[5]</sup> Logo após seu casamento, Ilya obteve um trabalho em Níjni Novgorod, ascendendo para se tornar Diretor de Escola Primária no distrito de Simbirsk seis anos mais tarde. Cinco anos depois, foi promovido a Diretor de Escolas Públicas da província, supervisionando a criação de mais de 450 escolas como parte dos planos do governo para modernização. Sua dedicação à educação lhe valeu a Ordem de São Vladimir, que lhe conferiu o status de nobre hereditário.<sup>[6]</sup>



A casa da infância de Lenin em Simbirsk

O casal teve dois filhos, Anna (nascida em 1864) e Alexander (nascido em 1868), antes de Lenin nascer como Vladimir “Volodya” Ilyich em Simbirsk em 10 de abril de 1870,<sup>[nt 2]</sup> e ser batizado vários dias depois. Em seguida tiveram mais três filhos, Olga (nascido em 1871), Dmitry (nascido em 1874) e Maria (nascida em 1878). Dois irmãos mais tarde morreram na infância.<sup>[7]</sup> Ilya era um membro devoto da Igreja Ortodoxa Russa e batizou seus filhos nela, embora Maria – uma luterana – era em grande parte indiferente ao cristianismo, uma visão que influenciou seus filhos.<sup>[8]</sup>

Ambos os pais eram monarquistas e conservadores liberais, estando comprometidos com a reforma da emancipação de 1861 introduzida pelo czar reformador Alexander II; evitavam políticos radicais e não há evidência de que a polícia os tenha posto sob vigilância por pensamento subversivo.<sup>[9]</sup> Todos os verões passavam férias em uma mansão rural em Kokushkino.<sup>[10]</sup> Entre seus irmãos, Lenin era mais próximo de Olga, a quem muitas vezes mandava; ele tinha uma natureza extremamente competitiva e poderia ser destrutivo, mas geralmente admitia seu mau comportamento.<sup>[11]</sup> Esportista afiado, passou grande parte de sua folga ao ar livre ou jogando xadrez, e se destacou na escola, o disciplinado e conservador Ginásio Clássico de Simbirsk.<sup>[12]</sup>

Ilya Ulyanov morreu de uma hemorragia cerebral em janeiro de 1886, quando Lenin tinha 16 anos.<sup>[13]</sup> Posteriormente, seu comportamento tornou-se errático e conflituoso, e logo renunciou a sua crença em Deus.<sup>[14]</sup> Na época, seu irmão mais velho, Alexander, estudava na Universidade de São Petersburgo. Envolvido na agitação

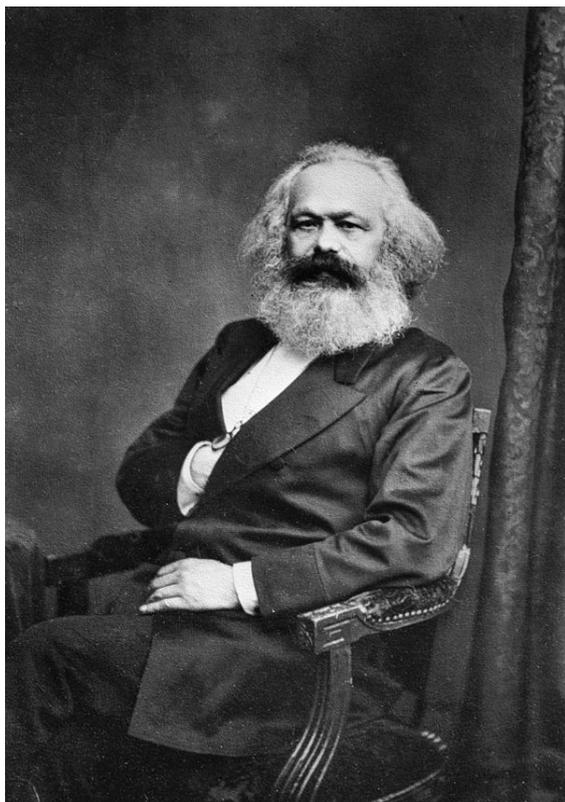
política contra a monarquia absoluta do czar reacionário Alexandre III, estudou os escritos de esquerdistas proibidos e organizou protestos contra o governo. Juntou-se a uma célula revolucionária inclinada a assassinar o imperador e foi selecionado para construir uma bomba. Antes que o ataque pudesse acontecer os conspiradores foram presos e julgados, e em maio, seu irmão Alexander foi executado por enforcamento.<sup>[15]</sup> Apesar do trauma emocional das mortes de seu pai e irmão, Lenin continuou estudando, se formou com uma medalha de ouro por um desempenho excepcional, e decidiu estudar Direito na Universidade de Kazan.<sup>[16]</sup>

### 8.1.2 Universidade e radicalização política: 1887–93

Ao ingressar na Universidade de Kazan em agosto de 1887, Lenin se mudou para um apartamento próximo.<sup>[17]</sup> Lá, juntou-se a um *zemlyachestvo*, uma forma de sociedade universitária que representava pessoas de uma determinada região.<sup>[18]</sup> Este grupo o elegeu como seu representante para o conselho *zemlyachestvo* da universidade, e em dezembro, participou de uma manifestação contra as restrições do governo que baniu as sociedades estudantis. A polícia o prendeu e acusou de ser um líder na manifestação; foi expulso da universidade, e o Ministério dos Assuntos Internos o exilou à propriedade de sua família em Kokushkino.<sup>[19]</sup> Lá, leu vorazmente, apaixonando-se pelo romance pró-revolucionário *Que Fazer?* (1863), de Nikolay Chernyshevsky.<sup>[20]</sup>

Sua mãe estava preocupada com sua radicalização e foi fundamental para convencer o Ministério do Interior a permitir que ele voltasse para a cidade de Kazan, embora não a universidade.<sup>[21]</sup> Em seu retorno, juntou-se ao círculo revolucionário de Nikolai Fedoseev, através do qual descobriu o livro *O Capital* (1867), de Karl Marx. Isso despertou seu interesse pelo marxismo, uma teoria sociopolítica que argumenta que a sociedade se desenvolveu em estágios, que esse desenvolvimento resultou da luta de classes e que a sociedade capitalista acabaria cedendo à sociedade socialista e depois à sociedade comunista.<sup>[22]</sup> Desconfiada de suas opiniões políticas, a mãe de Lenin comprou uma propriedade rural na vila de Alakaevka, Oblast de Samara, na esperança de que seu filho voltasse sua atenção à agricultura. No entanto, tinha pouco interesse na gestão agrícola, e sua mãe logo vendeu a terra, mantendo a propriedade como uma casa de verão.<sup>[23]</sup>

Em setembro de 1889, a família Ulyanov mudou-se para a cidade de Samara, onde Lenin se juntou ao círculo de discussão socialista de Alexei Sklyarenko.<sup>[24]</sup> Ambos Sklyarenko e Lenin adotaram o marxismo, e este último traduziu o folheto político de Marx e Friedrich Engels, *Manifesto Comunista* (1848), para o russo.<sup>[25]</sup> Começou a ler as obras do marxista russo Gueorgui Plekhanov, concordando com seu argumento de que a Rússia estava passando do feudalismo para o capitalismo e as-



Lenin foi influenciado por Karl Marx

sim o socialismo seria implementado pelo proletariado, ou classe operária urbana, e não pelo campesinato.<sup>[26]</sup> Esta visão filosófica contrastava com as ideias do movimento populista (Narodnik) agrário-socialista, que sustentava que o campesinato podia estabelecer o socialismo na Rússia formando comunas camponesas, desviando assim o capitalismo. Esta visão Narodnik desenvolveu-se na década de 1860 com o Partido da Vontade do Povo e era então dominante dentro do movimento revolucionário russo.<sup>[27]</sup> Embora Lenin rejeitasse a premissa do argumento agrário-socialista, foi influenciado por adeptos dessa visão como Pyotr Tkachev e Sergey Nechayev, e fez amizade com vários Narodniks.<sup>[28]</sup>

Em maio de 1890, Maria — que manteve influência social como a viúva de um nobre — persuadiu as autoridades a permitir que Lenin fizesse seus exames externos na Universidade de São Petersburgo, onde obteve o equivalente a um diploma de primeira classe com honras. As celebrações de graduação foram marcadas quando sua irmã Olga morreu de febre tifoide.<sup>[29]</sup> Lenin permaneceu em Samara por vários anos, trabalhando primeiramente como um assistente legal para um tribunal regional e então para um advogado local.<sup>[30]</sup> Dedicou muito tempo à política radical, permanecendo ativo no grupo de Skylarenko e formulando ideias sobre como o marxismo se aplicava à Rússia. Inspirado no trabalho de Plekhanov, coletou dados sobre a sociedade russa, usando-os para apoiar uma interpretação marxista do desenvolvimento social e contra as reivindicações dos Narodniks.<sup>[31]</sup> Es-

creveu um artigo sobre economia camponesa, embora tenha sido rejeitado pela revista liberal *Russkaya Mysl*.<sup>[32]</sup>

## 8.2 Ativismo revolucionário

### 8.2.1 Ativismo precoce e prisão: 1893–1900

No outono de 1893, Lenin mudou-se para São Petersburgo.<sup>[33]</sup> Lá, trabalhou como assistente de um advogado e subiu para um cargo sênior em uma célula revolucionária marxista que se denominava “Social-Democratas” em memória do partido marxista Social-Democrata da Alemanha.<sup>[34]</sup> Promovendo publicamente o marxismo dentro do movimento socialista, ele encorajou a fundação de células revolucionárias nos centros industriais da Rússia.<sup>[35]</sup> No outono de 1894, liderava um círculo operário marxista, e meticulosamente cobriu suas pistas, sabendo que espões policiais tentaram infiltrar-se o movimento.<sup>[36]</sup> Começou uma relação romântica com Nadežda “Nadya” Krupskaja, uma professora marxista.<sup>[37]</sup> Também foi o autor de um tratado político criticando os populistas agrário-socialistas, *Quem são os “Amigos do Povo” e como Lutam Contra os Social-Democratas?*, baseado em grande parte em suas experiências em Samara; cerca de 200 exemplares foram impressos ilegalmente em 1894.<sup>[38]</sup>

Lenin esperava cimentar conexões entre seus social-democratas e a *Emancipação do Trabalho*, um grupo de emigrantes marxistas russos sediados na Suíça; ele visitou o país para conhecer os membros do grupo, Plekhanov e Pavel Akselrod.<sup>[39]</sup> Procedeu a Paris para encontrar-se com o genro de Marx, Paul Lafargue, e pesquisar a *Comuna de Paris de 1871*, que considerava um protótipo inicial para um governo proletário.<sup>[40]</sup> Financiado por sua mãe, permaneceu em um spa de saúde suíço antes de viajar para Berlim, onde estudou por seis semanas na *Staatsbibliothek* e conheceu o ativista marxista Wilhelm Liebknecht.<sup>[41]</sup> Voltando à Rússia com um estoque de publicações revolucionárias ilegais, viajou para várias cidades distribuindo literatura aos trabalhadores em greve.<sup>[42]</sup> Enquanto estava envolvido na produção de uma folha de notícias, *Rabochee delo* (“Causa dos Trabalhadores”), estava entre os 40 ativistas presos em São Petersburgo e acusados de sedição.<sup>[43]</sup>

Recusado representação legal ou fiança, Lenin negou todas as acusações contra ele, mas permaneceu preso por um ano antes da sentença. Passou esse tempo teorizando e escrevendo.<sup>[44]</sup> Neste trabalho, observou que a ascensão do capitalismo industrial na Rússia tinha feito com que um grande número de camponeses se mudassem para as cidades, onde formaram um proletariado. De sua perspectiva marxista, argumentava que este proletariado russo desenvolveria a consciência de classe, o que, por sua vez, os levaria a derrubar violentamente o czarismo, a aristocracia e a burguesia e a estabelecer um estado pro-



Lenin (sentado no centro) com outros membros da Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operaria, em 1897

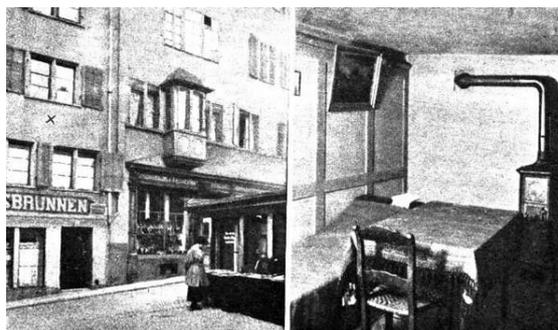
letário que se dirigiria para o socialismo.<sup>[45]</sup>

Em fevereiro de 1897, foi condenado sem julgamento a três anos de exílio na Sibéria oriental, embora concedido alguns dias em São Petersburgo para pôr seus assuntos em ordem. Usou esse tempo para se reunir com os Social-Democratas, que se renomearam *Liga de Luta pela Emancipação da Classe Operaria*.<sup>[46]</sup> Sua jornada à Sibéria oriental levou 11 semanas, para muita das quais foi acompanhado por sua mãe e irmãs. Considerado apenas uma ameaça menor para o governo, ele foi exilado para uma cabana de camponeses em *Shushenskoye*, distrito de *Minusinsky*, onde foi mantido sob vigilância policial; foi capaz de corresponder-se com outros revolucionários, muitos dos quais o visitaram, e permitido ir em viagens para nadar no *Rio Ienissei* e caçar patos e narcejas.<sup>[47]</sup>

Em maio de 1898, Nadya se juntou a ele no exílio, sendo presa em agosto de 1896 por organizar uma greve. Embora inicialmente detida em *Ufa*, persuadiu as autoridades a movê-la para *Shushenskoye*, alegando que ela e Lenin estavam noivos; casaram em uma igreja em 10 de julho de 1898.<sup>[48]</sup> Estabelecendo uma vida familiar com a mãe de Nadya, *Elizaveta Vasilyevna*, em *Shushenskoye*, o casal traduziu a literatura socialista inglesa para o russo.<sup>[49]</sup> Desejosos de acompanhar a evolução do marxismo alemão – onde houve uma divisão ideológica, com revisionistas como *Eduard Bernstein* defendendo um caminho pacífico e eleitoral para o socialismo – Lenin permaneceu devotado à revolução violenta, atacando os argumentos revisionistas em *Um Protesto dos Social-Democratas Russos*.<sup>[50]</sup> Também terminou *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899), seu livro mais longo até à data, que criticou os socialistas agrários e promoveu uma análise marxista do desenvolvimento econômico russo. Publicado sob o pseudônimo de “*Vladimir Ilin*”, após a publicação receber críticas predominantemente pobres.<sup>[51]</sup>

## 8.2.2 Munique, Londres e Genebra: 1900–05

Depois de seu exílio, Lenin estabeleceu-se em *Pskov* no início de 1900.<sup>[52]</sup> Lá, começou a angariar fundos para um jornal, *Iskra* (“Faísca”), um novo órgão do partido marxista russo, que agora se autodenomina *Partido Operário Social-Democrata Russo* (POS DR).<sup>[53]</sup> Em julho de 1900, deixou a Rússia para a Europa Ocidental; na Suíça, encontrou-se com outros marxistas russos e, numa conferência em *Corsier*, concordou em lançar o jornal de *Munique*, onde mudou-se em setembro.<sup>[54]</sup> Contendo contribuições de marxistas europeus proeminentes, o *Iskra* foi contrabandeado na Rússia,<sup>[55]</sup> tornando-se a publicação clandestina mais bem sucedida do país por 50 anos.<sup>[56]</sup> Adotou o pseudônimo “*Lenin*” em dezembro de 1901, possivelmente inspirado no *Rio Lena*;<sup>[57]</sup> ele costumava usar o pseudônimo completo de “*N. Lenin*”, e enquanto o *N* não representava nada, mais tarde surgiu um equívoco popular de que representava “*Nikolai*”.<sup>[58]</sup> Sob este pseudônimo, publicou o panfleto político *Que Fazer?* em 1902; sua publicação mais influente até o momento, tratou de seus pensamentos sobre a necessidade de um partido de vanguarda para levar o proletariado à revolução.<sup>[59]</sup>



Casa de Lenin em Zurique, Suíça

Nadya se juntou ao seu marido em Munique, tornando-se sua secretária pessoal.<sup>[60]</sup> Continuaram sua agitação política, enquanto Lenin escreveu para o *Iskra* e redigiu o programa do POS DR, atacando dissidentes ideológicos e críticos externos, particularmente o *Partido Socialista Revolucionário* (PSR),<sup>[61]</sup> um grupo *Narodnik* agrário-socialista fundado em 1901.<sup>[62]</sup> Apesar de permanecer um marxista, aceitou a opinião de *Narodnik* sobre o poder revolucionário do campesinato russo, em conformidade com o panfleto *Aos Pobres do Campo*, de 1903.<sup>[63]</sup> Para fugir da polícia bávara, Lenin se mudou para Londres com o *Iskra* em abril de 1902,<sup>[64]</sup> lá tornou-se amigo do marxista russo *Leon Trótski*.<sup>[65]</sup> Em Londres, Lenin adoeceu de erisipela e foi incapaz de assumir um papel de liderança no conselho editorial do *Iskra*; na sua ausência, o conselho mudou sua base de operações para *Genebra*.<sup>[66]</sup>

O II Congresso do POS DR foi realizado em Londres em julho de 1903.<sup>[67]</sup> Na conferência, surgiu um cisma entre

os partidários de Lenin e os de **Julius Martov**. Martov argumentou que os membros do partido devem ser capazes de se expressar independentemente da liderança do partido; Lenin discordou, enfatizando a necessidade de uma liderança forte com total controle sobre o partido.<sup>[68]</sup> Seus partidários eram a maioria, e ele os chamou de “maioritários” (*bol'sheviki* em russo; assim **bolcheviques**); em resposta, Martov chamou seus seguidores de “minoritários” (*men'sheviki* em russo; assim **mencheviques**).<sup>[69]</sup> Os argumentos entre bolcheviques e mencheviques continuaram após a conferência; os bolcheviques acusavam seus rivais de oportunistas e reformistas que careciam de disciplina, enquanto os mencheviques acusavam Lenin de ser um déspota e um autocrata.<sup>[70]</sup> Enfurecido com os mencheviques, renunciou ao conselho editorial do *Iskra* e em maio de 1904 publicou o tratado anti-menchevique *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás*.<sup>[71]</sup> O estresse fez Lenin adoecer, e para se recuperar foi em uma caminhada em feriados na Suíça rural.<sup>[72]</sup> A facção bolchevique cresceu em força; na primavera, todo o Comitê Central do POSDR era bolchevique,<sup>[73]</sup> e em dezembro fundaram o jornal *Vperéd* (“Progressivo”).<sup>[74]</sup>

### 8.2.3 Revolução de 1905 e suas consequências: 1905–14

Em janeiro de 1905, o massacre de manifestantes do **Domingo Sangrento** em São Petersburgo provocou uma onda de agitação civil conhecida como a **Revolução de 1905**.<sup>[75]</sup> Lenin exortou os bolcheviques a assumirem um papel maior nos eventos, incentivando a insurreição violenta.<sup>[76]</sup> Ao fazê-lo, adotou lemas do PSR sobre “insurreição armada”, “terror de massa” e “expropriação de terras nobres”, resultando em acusações mencheviques de que ele se desviara do marxismo ortodoxo.<sup>[77]</sup> Por sua vez, insistiu que os bolcheviques se separassem completamente dos mencheviques, embora muitos bolcheviques se recusassem e ambos os grupos participaram do III Congresso do POSDR, realizado em Londres, em abril de 1905.<sup>[78]</sup> Apresentou muitas de suas ideias no panfleto *Dois Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática*, publicado em agosto de 1905. Aqui, previu que a burguesia liberal da Rússia seria saciada por uma transição à monarquia constitucional e, assim, trair a revolução; em vez disso, argumentou que o proletariado teria de construir uma aliança com o campesinato para derrubar o regime czarista e estabelecer a “ditadura democrática revolucionária provisória do proletariado e do campesinato”.<sup>[79]</sup>

A insurreição já começou. Força contra Força. A luta de rua está furiosa, barricadas estão sendo lançadas, rifles estão rachando, armas estão crescendo. Rios de sangue estão fluindo, a guerra civil pela liberdade está ardendo. Moscou e o Sul, o Cáucaso e a Polônia estão prontos para se juntar ao proletariado de São Petersburgo. O lema dos trabalhadores tornou-se: Morte ou Liberdade!

Lenin sobre a Revolução de 1905<sup>[80]</sup>

Em resposta à Revolução de 1905, o czar **Nicolau II** aceitou uma série de reformas liberais em seu **Manifesto de Outubro**, depois disso Lenin sentiu-se seguro para voltar a São Petersburgo.<sup>[81]</sup> Juntando-se ao conselho editorial do *Novaya Zhizn* (“Vida Nova”), um jornal legal radical dirigido por **Maria Andreyeva**, ele usou-o para discutir questões enfrentando o POSDR.<sup>[82]</sup> Encorajou o partido a procurar um número muito maior de membros e defendeu a escalada contínua de confronto violento, acreditando que ambos eram necessários para uma revolução bem-sucedida.<sup>[83]</sup> Reconhecendo que os honorários de sócios e as doações de alguns simpatizantes ricos eram insuficientes para financiar as atividades dos bolcheviques, endossou a ideia de roubar correios, estações ferroviárias, trens e bancos. Sob a liderança de **Leonid Krasin**, um grupo de bolcheviques começou a levar a cabo tais ações criminosas, a mais conhecida acontecendo em junho de 1907, quando um grupo de bolcheviques sob a liderança de **Josef Stalin** cometeu um assalto à mão armada do banco de **Tiflis**, Geórgia.<sup>[84]</sup>

Embora defendesse brevemente a ideia de reconciliação entre bolcheviques e mencheviques,<sup>[85]</sup> a defesa de violência e roubo de Lenin foi condenada pelos mencheviques no IV Congresso do Partido, realizado em Estocolmo, em abril de 1906.<sup>[86]</sup> Estava envolvido na criação de um Centro Bolchevique em **Kuokkala**, Grão-Ducado da Finlândia, que era na época uma parte semi-autônoma do Império Russo, antes que os bolcheviques recuperassem o domínio do POSDR em seu V Congresso, realizado em Londres em maio de 1907.<sup>[87]</sup> No entanto, como o governo czarista reprimiu a oposição – tanto pela dissolução da Assembleia Legislativa da Rússia, a **Segunda Duma**, e por ordenar a sua polícia secreta, a **Okhrana**, a prender revolucionários – Lenin fugiu da Finlândia à Suíça.<sup>[88]</sup> Lá ele tentou trocar as notas roubadas em Tiflis que tinham números de série identificáveis nelas.<sup>[89]</sup>

**Alexander Bogdanov** e outros proeminentes bolcheviques decidiram mudar o centro da facção para Paris; embora Lenin discordasse, moveu-se para a cidade em dezembro 1908.<sup>[90]</sup> Lenin não gostava da capital francesa, criticando-a como “um buraco sujo”, e enquanto lá ele processou um motorista que o derrubou de sua bicicleta.<sup>[91]</sup> Tornou-se um grande crítico da opinião de Bogdanov de que o proletariado da Rússia tinha que desenvolver uma cultura socialista, a fim de se tornar um veículo revolucionário bem sucedido. Em vez disso, Lenin favoreceu uma vanguarda da intelectualidade socialista que lideraria as classes trabalhadoras na revolução. Além disso, Bogdanov – influenciado por **Ernst Mach** – acreditava que todos os conceitos do mundo eram relativos, enquanto Lenin aderiu à visão marxista ortodoxa de que havia uma realidade objetiva independente da observação humana.<sup>[92]</sup> Apesar de Bogdanov e Lenin terem vivido juntos na casa de **Máximo Gorki**, em **Capri**, em

abril de 1908,<sup>[93]</sup> ao retornar a Paris, encorajou uma divisão dentro da facção bolchevique entre os seus e os seguidores de Bogdanov, acusando-o de desviar-se do marxismo.<sup>[94]</sup>



Lenin empreendeu pesquisa no Museu Britânico em Londres

Em maio de 1908, Lenin viveu brevemente em Londres, onde usou a Sala de Leitura do Museu Britânico para escrever *Materialismo e Empiriocriticismo*, um ataque ao que descreveu como a “falsidade reacionária burguesa” do relativismo de Bogdanov.<sup>[95]</sup> Seu faccionalismo começou a alienar um número cada vez maior de bolcheviques, incluindo *Aleksei Rykov* e *Lev Kamenev*.<sup>[96]</sup> A Okhrana explorou sua atitude faccionalista ao enviar um espião, *Roman Malinovsky*, para atuar como um partidário de Lenin no partido. Vários bolcheviques expressaram suas suspeitas sobre Malinovsky a Lenin, embora não esteja claro se este último estava ciente da duplicidade do espião; é possível que ele usou Malinovsky para alimentar informações falsas à Okhrana.<sup>[97]</sup>

Em agosto de 1910, participou do Oitavo Congresso da Segunda Internacional – um encontro internacional de socialistas – em Copenhague como o representante do POSDR, seguindo isto com um feriado em Estocolmo com sua mãe.<sup>[98]</sup> Com sua esposa e irmãs, mudou-se para França, estabelecendo-se primeiro em Bombon e depois em Paris.<sup>[99]</sup> Aqui, tornou-se um amigo íntimo da bolchevique francesa *Inês Armand*; alguns biógrafos sugerem que eles tiveram um caso extraconjugal entre 1910 e 1912.<sup>[100]</sup> Enquanto isso, numa reunião em Paris, em junho de 1911, o Comitê Central do POSDR decidiu transferir o seu foco de operações à Rússia, ordenando o encerramento do Centro Bolchevique e de seu jornal, *Proletari*.<sup>[101]</sup> Buscando reconstruir sua influência no partido, arranhou uma conferência a ser realizada em Praga em janeiro de 1912, e embora 16 dos 18 atendentes fossem bolcheviques, foi fortemente criticado por suas tendências faccionalistas e não conseguiu aumentar seu status dentro do partido.<sup>[102]</sup>

Movendo-se para Cracóvia no Reino da Galiza e Lodoméria, uma parte culturalmente polonesa do Império Austro-Húngaro, usou a biblioteca da Universidade Jaguelônica para realizar pesquisas.<sup>[103]</sup> Permaneceu em es-

treito contato com o POSDR, que estava operando no Império Russo, convencendo os membros bolcheviques da Duma a se separarem de sua aliança parlamentar com os mencheviques.<sup>[104]</sup> Em janeiro de 1913, Stalin – a quem Lenin se referia como o “maravilhoso georgiano” – o visitou, e eles discutiram o futuro de grupos étnicos não-russos no Império.<sup>[105]</sup> Devido à saúde doente de Lenin e sua esposa, mudaram-se para a cidade rural de *Bialy Dunajec*,<sup>[106]</sup> antes de ir a *Berna* para *Nadya* fazer a cirurgia em seu bôcio.<sup>[107]</sup>

## 8.2.4 Primeira Guerra Mundial: 1914–17

A [Primeira] Guerra [Mundial] está sendo travada para a divisão de colônias e o roubo de território estrangeiro; ladrões caíram – e referir-se às derrotas num dado momento de um dos ladrões para identificar os interesses de todos os ladrões com os interesses da nação ou da pátria é uma mentira burguesa inconcebível.

Interpretação de Lenin da Primeira Guerra Mundial<sup>[108]</sup>

Estava na Galícia quando a Primeira Guerra Mundial estourou.<sup>[109]</sup> A guerra pôs de frente o Império Russo contra o Império Austro-Húngaro, e devido à sua cidadania russa, foi detido e brevemente preso até que suas credenciais anti-czaristas foram explicadas.<sup>[110]</sup> Lenin e sua esposa retornaram a Berna,<sup>[111]</sup> antes de se mudarem para Zurique em fevereiro de 1916.<sup>[112]</sup> Estava com raiva de que o Partido Social-Democrata Alemão apoiasse o esforço de guerra de seu país – uma contravenção direta da Segunda Resolução Internacional de Stuttgart de que os partidos socialistas se oporiam ao conflito – e assim viu a Segunda Internacional como extinta.<sup>[113]</sup> Assistiu à Conferência de Zimmerwald em setembro de 1915 e à Conferência de Kienthal, em abril de 1916,<sup>[114]</sup> exortando os socialistas de todo o continente a converter a “guerra imperialista” numa “guerra civil” continental com o proletariado contra a burguesia e a aristocracia.<sup>[115]</sup> Em julho de 1916, sua mãe morreu, mas não pôde comparecer ao funeral.<sup>[116]</sup> Sua morte o afetou profundamente, e ele ficou deprimido, temendo que também morreria antes de ver a revolução proletária.<sup>[117]</sup>

Em setembro de 1917, publicou o *Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo*, que argumentava que o imperialismo era um produto do capitalismo monopolista, à medida que os capitalistas procuravam aumentar seus lucros estendendo-se a novos territórios onde os salários eram mais baixos e as matérias-primas mais baratas. Acreditava que a competição e o conflito aumentariam e que a guerra entre as potências imperialistas continuaria até que fossem derrubadas pela revolução proletária e o socialismo estabelecido.<sup>[118]</sup> Passou grande parte desse tempo lendo as obras de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Ludwig Feuerbach e Aristóteles, todos os quais tinham sido influências-chave em Marx.<sup>[119]</sup> Isso mudou sua interpretação do marxismo; enquanto acreditava que

as políticas poderiam ser desenvolvidas com base em princípios científicos predeterminados, concluiu que o único teste de se uma política estava correta era a sua prática.<sup>[120]</sup> Embora ainda se percebesse como um marxista ortodoxo, começou a se desviar de algumas das previsões de Marx sobre o desenvolvimento social; ao passo que o filósofo alemão acreditava que uma “revolução burguesa democrática” das classes médias devia ter lugar antes de uma “revolução socialista” do proletariado, Lenin acreditava que na Rússia o proletariado poderia derrubar o regime czarista sem uma revolução intermediária.<sup>[121]</sup>

### 8.2.5 Revolução de Fevereiro e os Dias de Julho: 1917

Em fevereiro de 1917, a Revolução de Fevereiro estourou em São Petersburgo – renomeada Petrogrado no início da Primeira Guerra Mundial – quando trabalhadores industriais entraram em greve por falta de alimentos e deterioração das condições fabris. A agitação se espalhou para outras partes da Rússia, e temendo que fosse violentamente derrubado, o czar Nicolau II abdicou. A Duma Estatal assumiu o controle do país, estabelecendo um **Governo Provisório** e convertendo o Império em uma nova **República Russa**.<sup>[122]</sup> Quando Lenin soube disso em sua base na Suíça, celebrou com outros dissidentes.<sup>[123]</sup> Decidiu retornar à Rússia para assumir o controle dos bolcheviques, mas descobriu que a maioria das passagens para o país foram bloqueadas devido ao conflito em curso. Organizou um plano com outros dissidentes para negociar uma passagem para eles através da Alemanha, com quem a Rússia estava em guerra. Reconhecendo que esses dissidentes poderiam causar problemas para seus inimigos russos, o governo alemão concordou em permitir que 32 cidadãos russos viajassem em um vagão ferroviário através de seu território, entre eles Lenin e sua esposa.<sup>[124]</sup> O grupo viajou de trem de Zurique a Sassnitz, seguindo de balsa para Trelleborg, Suécia, e de lá para Helsinque antes de pegar o trem final para Petrogrado.<sup>[125]</sup>

Chegando à Estação Finlândia de Petrogrado, fez um discurso a partidários bolcheviques condenando o Governo Provisório e apelando novamente para uma revolução proletária continental na Europa.<sup>[126]</sup> Durante os dias seguintes, falou em reuniões da facção, criticando aqueles que queriam reconciliação com os mencheviques e revelando suas *Teses de Abril*, um esboço de seus planos para os bolcheviques, que havia escrito na viagem da Suíça.<sup>[127]</sup> Condenou publicamente os mencheviques e os social-revolucionários – que dominaram o influente **Soviete de Petrogrado** – por apoiarem o Governo Provisório, denunciando-os como traidores do socialismo. Considerando que o governo era tão imperialista quanto o regime czarista, defendeu a paz imediata com a Alemanha e a Áustria-Hungria, governando pelos soviets, a nacionalização da indústria e dos bancos, e a expropriação estatal de terras, tudo com a intenção de estabele-



*Lenin retornou à Rússia a bordo de um trem puxado por esta locomotiva a vapor, agora em exposição permanente na Estação Finlândia*

cer um governo proletário e empurrar para uma sociedade socialista. Em contraste, os mencheviques acreditavam que a Rússia não estava suficientemente desenvolvida para a transição para o socialismo e acusaram Lenin de tentar mergulhar a nova República na guerra civil.<sup>[128]</sup> Durante os próximos meses, fez campanha por suas políticas, participando das reuniões do Comitê Central Bolchevique, prolificamente escrevendo para o jornal bolchevique *Pravda*, e dando discursos públicos em Petrogrado com o objetivo de converter trabalhadores, soldados, marinheiros e camponeses em sua causa.<sup>[129]</sup>

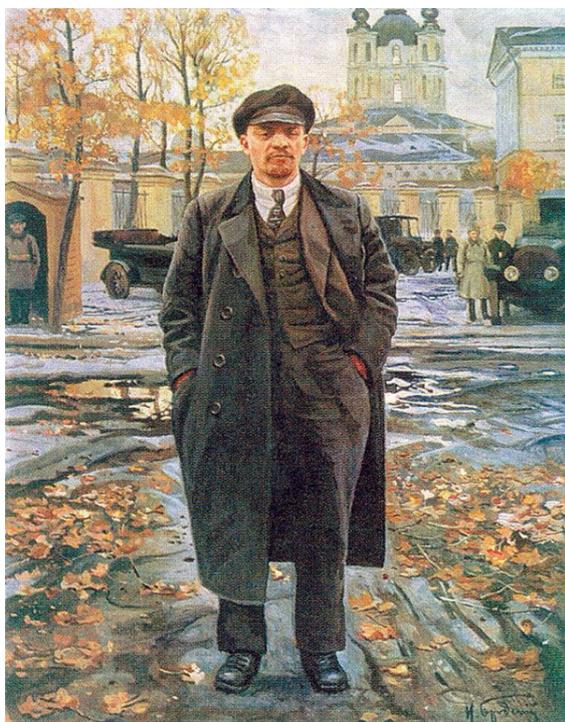
Percebendo a crescente frustração entre os partidários bolcheviques, sugeriu uma demonstração política armada em Petrogrado para testar a resposta do governo.<sup>[130]</sup> No entanto, em meio à deterioração da saúde, deixou a cidade para se recuperar na aldeia finlandesa de Neivola.<sup>[131]</sup> A manifestação armada dos bolcheviques, os **Dias de Julho**, tiveram lugar enquanto estava ausente, mas ao saber que os manifestantes haviam entrado violentamente em conflito com as forças governamentais, voltou a Petrogrado e pediu calma.<sup>[132]</sup> Respondendo à violência, o governo ordenou a prisão de Lenin e outros bolcheviques proeminentes, invadindo seus escritórios, e alegando publicamente que ele era um "agente provocador" alemão.<sup>[133]</sup> Escapando a prisão, escondeu-se em uma série de casas de segurança de Petrogrado.<sup>[134]</sup> Temendo que fosse morto, Lenin e o membro bolchevique superior Grigori Zinoviev escaparam da cidade disfarçados, mudando-se para Razliv.<sup>[135]</sup> Lá, começou a trabalhar no livro que se tornou *O Estado e a Revolução*, uma exposição sobre como acreditava que o Estado socialista

se desenvolveria depois da revolução proletária e como, a partir de então, o Estado iria gradualmente desaparecer, deixando uma sociedade puramente comunista.<sup>[136]</sup> Começou a defender uma insurreição armada liderada pelos bolcheviques para derrubar o governo, embora em uma reunião clandestina do comitê central do partido essa ideia fosse rejeitada.<sup>[137]</sup> Lenin seguiu então de trem e a pé até a Finlândia, chegando a Helsinque em 10 de agosto, onde se escondeu em casas de segurança pertencentes a simpatizantes bolcheviques.<sup>[138]</sup>

## 8.2.6 Revolução de Outubro: 1917

Ver também: Revolução de Outubro

Em agosto de 1917, enquanto estava na Finlândia, o ge-



*Pintura de Lenin na frente do Instituto Smolny feita por Isaak Brodski*

neral Lavr Kornilov, comandante-em-chefe do exército russo, enviou tropas a Petrogrado, no que parecia ser uma tentativa de golpe militar contra o governo provisório. O primeiro-ministro Alexander Kerensky recorreu ao Soviete de Petrogrado – incluindo os seus membros bolcheviques – para ajudar os revolucionários a organizar trabalhadores como Guardas Vermelhos para defender a cidade. O golpe perdeu-se antes de chegar a Petrogrado, embora os acontecimentos permitiram aos bolcheviques retornarem ao cenário político em aberto.<sup>[139]</sup> Temendo uma contra-revolução das forças de direita hostis ao socialismo, os mencheviques e os socialistas-revolucionários que dominaram o Soviete de Petrogrado foram fundamentais para pressionar o governo a normalizar as relações com os bolcheviques.<sup>[140]</sup> Tanto os menchevi-

ques quanto os socialistas-revolucionários haviam perdido muito apoio popular por causa de sua filiação ao governo provisório e sua impopular continuação da guerra. Os bolcheviques capitalizaram sobre isso, e logo o marxista pro-bolchevique Trótski foi eleito líder do Soviete de Petrogrado.<sup>[141]</sup> Em setembro, a facção ganhou maioria nas seções operárias dos sovietes de Moscou e de Petrogrado.<sup>[142]</sup>

Reconhecendo que a situação era mais segura para si, Lenin retornou a Petrogrado.<sup>[143]</sup> Ali, assistiu a uma reunião do Comitê Central Bolchevique em 10 de outubro, onde novamente argumentou que o partido deveria liderar uma insurreição armada para derrubar o Governo Provisório. Desta vez o argumento ganhou com dez votos contra dois.<sup>[144]</sup> Os críticos do plano, Zinoviev e Kame-nev, argumentaram que os trabalhadores russos não apoiariam um golpe violento contra o regime e que não havia provas claras da afirmação de Lenin de que toda a Europa estava à beira da revolução proletária.<sup>[145]</sup> O partido começou a organizar a ofensiva, realizando uma reunião final no Instituto Smolny em 24 de outubro.<sup>[146]</sup> Esta era a base do Comitê Militar Revolucionário (CMR), uma milícia armada em grande parte leal aos bolcheviques que tinha sido estabelecida pelo Soviete de Petrogrado durante o suposto golpe de Kornilov.<sup>[147]</sup>

Em outubro, o CMR recebeu ordens para assumir o controle dos principais centros de transporte, comunicação, impressão e serviços públicos de Petrogrado, sem o derramamento de sangue.<sup>[148]</sup> Os bolcheviques sitiaram o governo no Palácio de Inverno e derrubaram-no e prenderam seus ministros depois que o cruzador *Aurora*, controlado por marinheiros bolcheviques, disparou contra o edifício.<sup>[149]</sup> Durante a insurreição, fez um discurso ao Soviete de Petrogrado anunciando que o Governo Provisório havia sido derrubado.<sup>[150]</sup> Os bolcheviques declararam a formação de um novo governo, o Conselho do Comissariado do Povo ou “Sovnarkom”. Inicialmente recusou a posição de liderança do Presidente, sugerindo Trótski para o trabalho, mas outros bolcheviques insistiram e, finalmente, cedeu.<sup>[151]</sup> Lenin e outros bolcheviques assistiram ao Segundo Congresso dos Sovietes em 26 e 27 de outubro e anunciaram a criação do novo governo. Os participantes mencheviques condenaram a tomada ilegítima do poder e o risco de uma guerra civil.<sup>[152]</sup> Nestes primeiros dias do novo regime, Lenin evitou falar em termos marxistas e socialistas para não alienar a população russa, e em vez falou sobre ter um país controlado pelos trabalhadores.<sup>[153]</sup> Ele e muitos outros bolcheviques esperavam que a revolução do proletariado varresse a Europa em dias ou meses.<sup>[154]</sup>

## 8.3 Governo

### 8.3.1 Organização do governo soviético: 1917-18

O Governo Provisório tinha planejado uma Assembleia Constituinte a ser eleita em novembro de 1917; contra as objeções de Lenin, o Sovnarkom concordou que a votação se realizasse como previsto.<sup>[155]</sup> Nas eleições constitucionais, os bolcheviques ganharam aproximadamente um quarto dos votos, sendo derrotados pelo Partido Revolucionário Socialista, focado na agricultura.<sup>[156]</sup> Lenin argumentou que a eleição não era um reflexo justo da vontade do povo, que o eleitorado não teve tempo para aprender o programa político dos bolcheviques e que as listas de candidaturas tinham sido elaboradas antes dos Socialistas Revolucionários de Esquerda se separarem dos Socialistas Revolucionários.<sup>[157]</sup> No entanto, a recém-eleita Assembléia Constituinte Russa reuniu-se em Petrogrado, em janeiro de 1918.<sup>[158]</sup> O Sovnarkom argumentou que era contra-revolucionário porque tentava remover o poder dos soviets, mas os Socialistas Revolucionários e mencheviques negaram isso.<sup>[159]</sup> Os bolcheviques apresentaram à Assembleia uma moção que a tiraria da maior parte de seus poderes legais; quando a Assembléia rejeitou a moção, o Sovnarkom declarou isso como prova de sua natureza contra-revolucionária e o desmantelou forçosamente.<sup>[160]</sup>



Lenin, Sverdlov e Varlam Avanesov na inauguração de um monumento temporária a Karl Marx e Friedrich Engels. Moscou, 7 de novembro de 1918

Lenin rejeitou repetidas chamadas – incluindo de alguns bolcheviques – para estabelecer um governo de coalizão com outros partidos socialistas.<sup>[161]</sup> No entanto, o Sovnarkom cedeu parcialmente; apesar de recusar uma coalizão com os mencheviques ou Socialistas Revolucionários, em dezembro de 1917 permitiram aos Socialistas Revolucionários de Esquerda cinco cargos no gabinete. Esta coalizão durou apenas quatro meses, até março de 1918, quando os Socialistas Revolucionários de Esquerda retiraram-se do governo por um desacordo sobre a abordagem dos bolcheviques em acabar com a Primeira Guerra Mundial.<sup>[162]</sup> No seu VII Congresso, em março de 1918, os bolcheviques mudaram seu nome oficial de “Partido Operário Social-Democrata Russo” para “Par-

tido Comunista Russo”, como Lenin queria distanciar seu grupo do Partido Social-Democrata da Alemanha cada vez mais reformista e enfatizar seu objetivo final: uma sociedade comunista.<sup>[163]</sup>

Embora o poder final oficialmente descansasse no governo do país sob a forma do Sovnarkom e do Comitê Executivo (VTsIK), eleito pelo Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias (ARCS), o Partido Comunista estava *de facto* no controle da Rússia, como reconhecido por seus membros no momento.<sup>[164]</sup> Em 1918, o Sovnarkom começou a agir unilateralmente, alegando uma necessidade de conveniência, com o ARCS e VTsIK tornando-se cada vez mais marginalizados,<sup>[165]</sup> de modo que os soviets não tinham mais um papel em governar a Rússia.<sup>[166]</sup> Durante 1918 e 1919, o governo expulsou mencheviques e Socialistas Revolucionários dos soviets.<sup>[167]</sup> A Rússia tornou-se um estado unipartidário.<sup>[168]</sup>

Dentro do partido foi estabelecido uma Agência Política (“Politburo”) e Oficina Organizacional (“Orgburo”) para acompanhar o Comitê Central existente; as decisões desses órgãos partidários tiveram de ser adotadas pelo Sovnarkom e pelo Conselho de Trabalho e Defesa.<sup>[169]</sup> Lenin foi a figura mais significativa nesta estrutura de governança; além de ser o Presidente do Sovnarkom e estar no Conselho de Trabalho e Defesa, participou do Comitê Central e do Politburo do Partido Comunista.<sup>[170]</sup> O único indivíduo que se aproximou dessa influência foi seu braço direito, Yakov Sverdlov, que morreu em março de 1919 durante uma pandemia de gripe.<sup>[171]</sup> Em novembro de 1917, Lenin e sua esposa viviam num apartamento de dois cômodos dentro do Instituto Smolny, embora no mês seguinte saíram para um breve feriado em Halia, na Finlândia.<sup>[172]</sup> Em janeiro de 1918, sobreviveu a uma tentativa de assassinato em Petrogrado; Fritz Platten, que estava com Lenin na época, o protegeu e foi ferido por uma bala.<sup>[173]</sup>

Preocupado que o exército alemão representasse uma ameaça a Petrogrado, em março de 1918 o Sovnarkom se mudou para Moscou, inicialmente como uma medida temporária.<sup>[174]</sup> Lá, Lenin, Trótski e outros líderes bolcheviques se mudaram para o Kremlin, onde o líder dos bolcheviques vivia com sua esposa e irmã Maria em um apartamento no primeiro andar adjacente à sala em que as reuniões do Conselho do Comissariado do Povo eram realizadas.<sup>[175]</sup> Lenin não gostava de Moscou,<sup>[176]</sup> embora raramente deixou o centro da cidade durante o resto de sua vida.<sup>[177]</sup> Foi na cidade, em agosto de 1918, que sobreviveu a uma segunda tentativa de assassinato; foi baleado após um discurso público e ferido gravemente.<sup>[178]</sup> Uma Socialista Revolucionária, Fanni Kaplan, foi presa e executada.<sup>[179]</sup> O ataque foi amplamente coberto na imprensa russa, gerando muita simpatia por ele e aumentando sua popularidade.<sup>[180]</sup> Como uma pausa, em setembro de 1918 foi levado à propriedade de Gorki, nos arredores de Moscou, adquirida recentemente pelo governo.<sup>[181]</sup>

### 8.3.2 Reformas sociais, jurídicas e econômicas: 1917-18

A Todos os Trabalhadores, Soldados e Camponeses. A autoridade soviética proporá imediatamente uma paz democrática a todas as nações e um armistício imediato em todas as frentes. Salvaguardará a transferência sem compensação de todas as terras – propriedades da coroa e da igreja – aos comitês de camponeses; defenderá os direitos dos soldados, introduzindo uma completa democratização do exército; estabelecerá o controle dos trabalhadores sobre a indústria; assegurará a convocação da Assembléia Constituinte na data fixada; suprirá as cidades com pão e as aldeias com cláusulas de primeira necessidade; e assegurará a todas as nacionalidades que habitam a Rússia o direito à autodeterminação ... Viva a revolução!

Programa político de Lenin, outubro de 1917<sup>[182]</sup>

Ao assumir o poder, o regime de Lenin emitiu uma série de decretos. O primeiro foi o **Decreto sobre a Terra**, que declarava que os latifúndios da aristocracia e da Igreja Ortodoxa deveriam ser nacionalizados e redistribuídos aos camponeses pelos governos locais. Isso contrastava com seu desejo de **coletivização agrícola**, mas proporcionava o reconhecimento governamental dos assaltos generalizados à terra dos camponeses que já haviam ocorrido.<sup>[183]</sup> Em novembro de 1917, o governo emitiu o Decreto sobre a Imprensa que fechou muitos meios de comunicação de oposição considerados contra-revolucionários. Alegaram que a medida seria temporária, embora o decreto tenha sido amplamente criticado, inclusive por muitos bolcheviques, por comprometer a **liberdade de imprensa**.<sup>[184]</sup>

Em novembro de 1917, publicou a Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia, que declarava que os grupos étnicos não-russos que viviam dentro da República tinham o direito de ceder da autoridade russa e estabelecer seus próprios Estados-nação independentes.<sup>[185]</sup> Como resultado, muitas nações declararam independência: Finlândia e Lituânia em dezembro de 1917, Letônia e Ucrânia em janeiro de 1918, Estônia em fevereiro de 1918, Transcaucásia em abril de 1918 e Polônia em novembro de 1918.<sup>[186]</sup> Logo, os bolcheviques promoveram ativamente os partidos comunistas nesses estados-nação independentes,<sup>[187]</sup> enquanto em julho de 1918, no V Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias, foi aprovada uma constituição que reformou a República Russa na **República Socialista Federativa Soviética da Rússia**.<sup>[188]</sup> Buscando modernizar o país, o governo oficialmente converteu a Rússia do **calendário juliano** para o **calendário gregoriano** usado na Europa.<sup>[189]</sup>

Em novembro de 1917, o Sovnarkom emitiu um decreto abolindo o sistema jurídico da Rússia, apelando ao uso da “consciência revolucionária” para substituir as leis abolidas.<sup>[190]</sup> Os tribunais foram substituídos por um sistema de dois níveis: **Tribunais Revolucionários** para lidar com crimes contra-revolucionários<sup>[191]</sup> e **Tribunais Popu-**

lares para lidar com delitos civis e outros crimes. Eles foram instruídos a ignorar leis pré-existentes, e basear suas decisões nos decretos do Sovnarkom e um “senso socialista de justiça”.<sup>[192]</sup> Em novembro também houve uma reforma das forças armadas; o Conselho do Comissariado do Povo implementou medidas **igualitárias**, aboliu hierarquias, títulos e medalhas prévias, e convocou os soldados a estabelecer comitês para eleger seus comandantes.<sup>[193]</sup>

Em outubro de 1917, emitiu um decreto limitando o trabalho para todos na Rússia a oito horas por dia.<sup>[194]</sup> Também emitiu o Decreto sobre Educação Popular que estipulava que o governo garantiria educação livre e secular para todas as crianças no país<sup>[194]</sup> e um decreto que estabeleceu um sistema de orfanatos do Estado.<sup>[195]</sup> Para combater o analfabetismo em massa, iniciou-se uma campanha de alfabetização; cerca de 5 milhões de pessoas matricularam-se em cursos intensivos de alfabetização básica de 1920 a 1926.<sup>[196]</sup> Abraçando a igualdade dos sexos, foram introduzidas leis que ajudaram a emancipar as mulheres, dando-lhes autonomia econômica de seus maridos e eliminando as restrições ao divórcio.<sup>[197]</sup> Uma organização de mulheres bolchevique, **Genotdel**, foi estabelecida para promover esses objetivos.<sup>[198]</sup> Ateu militante, Lenin e o Partido Comunista queriam demolir a religião organizada,<sup>[199]</sup> e em janeiro de 1918 o governo decretou a separação entre igreja e estado e proibiu a instrução religiosa nas escolas.<sup>[200]</sup>



*Conselho do Comissariado do Povo no Palácio Smolny, Petrogrado, em 10 de março de 1918. O Governo da Rússia liderado por Lenin. Da esquerda para direita: I. Steinberg, I.V. Stepanov, B. Kamkov, V.B. Bruyevich, V.E. Trutovsky, A. Shliapnikov, P.P. Proshyan, V.I. Lenin, S. Stalin, A. Kollontai, P. Dybenko, E.K. Koksharova, n. Podvoisky, N. Gorbunov, V. I. Nevsky, A. Shotman, G. Chicherin*

No mês seguinte à revolução, emitiu o Decreto sobre Controle Operário, que convocava os trabalhadores de cada empresa a estabelecer um comitê eleito para monitorar a gestão de suas empresas.<sup>[201]</sup> Naquele mês, eles também emitiram uma ordem requisitando o ouro do país,<sup>[202]</sup> e nacionalizaram os bancos, que Lenin viu como um passo importante para o socialismo.<sup>[203]</sup> Em dezembro, o Sovnarkom estabeleceu um Conselho Supremo da Economia Nacional (VSNKh), que tinha autoridade sobre a indústria, os bancos, agricultura e o comércio.<sup>[204]</sup> Os comitês de fábrica eram subordinados aos sindicatos, que eram subordinados ao VSNKh; assim, o plano econômico centralizado do Estado foi priorizado sobre os interesses econômicos locais dos trabalhadores.<sup>[205]</sup>

No início de 1918, o Sovnarkom cancelou todas as dívidas externas e se recusou a pagar os juros devidos sobre eles.<sup>[206]</sup> Em abril, nacionalizou o comércio exterior, estabelecendo um monopólio estatal sobre importações e exportações.<sup>[207]</sup> Em junho, decretou a nacionalização dos serviços públicos, ferrovias, engenharia, têxteis, metalurgia e mineração, embora muitas vezes estes fossem estatais apenas de nome.<sup>[208]</sup> A nacionalização em larga escala não ocorreu até novembro de 1920, quando empresas industriais de pequena escala foram colocadas sob controle estatal.<sup>[209]</sup>

Uma facção dos bolcheviques conhecida como “comunistas de esquerda” criticou a política econômica do Sovnarkom como demasiada moderada; eles queriam a nacionalização de toda a indústria, agricultura, comércio, finanças, transporte e comunicação.<sup>[210]</sup> Lenin acreditava que isso era impraticável nessa fase e que o governo só deveria nacionalizar as grandes empresas capitalistas da Rússia, como bancos, ferrovias, propriedades maiores e fábricas e minas maiores, permitindo que as pequenas empresas operassem em privado até que crescessem o suficiente para serem nacionalizadas com êxito.<sup>[210]</sup> Também discordava dos comunistas de esquerda sobre a organização econômica; em junho de 1918, argumentou que era necessário o controle econômico centralizado da indústria, enquanto os comunistas de esquerda queriam que cada fábrica fosse controlada por seus trabalhadores, uma abordagem sindicalista que Lenin considerava prejudicial à causa do socialismo.<sup>[211]</sup>

Adotando uma perspectiva da esquerda libertária, os comunistas de esquerda e outras facções no Partido Comunista criticaram o declínio das instituições democráticas na Rússia.<sup>[212]</sup> Internacionalmente, muitos socialistas criticaram o regime de Lenin e negaram que ele estava estabelecendo o socialismo; em particular, ressaltaram a falta de ampla participação política, consulta popular e democracia industrial.<sup>[213]</sup> No outono de 1918, o marxista checo-austriaco **Karl Kautsky**, autor de um panfleto anti-leninista, condenou o caráter antidemocrático da Rússia soviética, ao qual Lenin publicou uma resposta vociferante.<sup>[214]</sup> A marxista alemã **Rosa Luxemburgo** fez eco aos pontos de vista de Kautsky,<sup>[215]</sup> enquanto o anarquista russo **Piotr Kropotkin** descreveu a tomada bolchevique do poder como “o enterro da Revolução Russa”.<sup>[216]</sup>

### 8.3.3 Tratado de Brest-Litovsk: 1917-18

[Ao prolongar a guerra,] reforçamos inusitadamente o imperialismo alemão, e a paz terá que ser concluída de qualquer maneira, mas então a paz será pior, porque será concluída por alguém que não seja nós mesmos. Sem dúvida, a paz que estamos forçando acontecer é indecente, mas se a guerra começar, o nosso governo será varrido e a paz será concluída por outro.

Lenin sobre a paz com os Poderes Centrais<sup>[217]</sup>

Ao assumir o poder, Lenin acreditava que uma política chave de seu governo deveria ser retirar o país da Primeira Guerra Mundial estabelecendo um armistício com os **Poderes Centrais** da Alemanha e da Áustria-Hungria.<sup>[218]</sup> Ele acreditava que a guerra em curso criaria ressentimento entre as tropas russas cansadas da guerra a quem ele havia prometido paz e que estas tropas e o avanço do Exército alemão ameaçavam tanto o seu próprio governo como o socialismo internacional.<sup>[219]</sup> Por outro lado, outros bolcheviques em particular Bukharin e os comunistas de esquerda acreditava que a paz com as potências centrais seria uma traição ao socialismo internacional e que a Rússia devia “travar uma guerra de defesa revolucionária” que provocaria uma revolta do proletariado alemão contra seu próprio governo.<sup>[220]</sup>

Lenin propôs um armistício de três meses em seu **Decreto de Paz** de novembro de 1917, que foi aprovado pelo II Congresso dos Sovietes e apresentado aos governos alemão e austro-húngaro.<sup>[221]</sup> Os alemães responderam positivamente, vendo isso como uma oportunidade de se concentrar na **Frente Ocidental** e evitar a próxima derrota.<sup>[222]</sup> Em novembro, as negociações de armistício começaram em **Brest-Litovsk**, a sede do comando alemão na **Frente Oriental**, com a delegação russa sendo liderada por **Trótski** e **Adolph Joffe**.<sup>[223]</sup> Enquanto isso, foi acordado um cessar-fogo até janeiro.<sup>[224]</sup> Durante as negociações, os alemães insistiram em manter suas conquistas – o que incluía a Polônia, Lituânia e Curlândia – enquanto os russos contrariavam que isso era uma violação dos direitos dessas nações à autodeterminação.<sup>[225]</sup> Alguns bolcheviques expressaram a esperança de arrastar as negociações até que a revolução proletária estourasse por toda a Europa.<sup>[226]</sup> Em 7 de janeiro de 1918, **Trótski** retornou de **Brest-Litovsk** a São Petersburgo com um ultimato das Potências Centrais: ou a Rússia aceitava as reivindicações territoriais da Alemanha ou a guerra retomaria.<sup>[227]</sup>



Assinatura do Tratado de Brest-Litovsk

Em janeiro e novamente em fevereiro, Lenin exortou os bolcheviques a aceitarem as propostas da Alemanha. Argumentou que as perdas territoriais eram aceitáveis se garantissem a sobrevivência do governo bolchevique. A maioria dos bolcheviques rejeitou sua posição, na es-

perança de prolongar o armistício e vencer o blefe da Alemanha.<sup>[228]</sup> Em 18 de fevereiro, o Exército alemão lançou a ofensiva, avançando mais para o território controlado pela Rússia e dentro de um dia conquistando Dvinsk.<sup>[229]</sup> Neste ponto, Lenin finalmente convenceu uma pequena maioria do Comitê Central bolchevique a aceitar as demandas das Forças Centrais.<sup>[230]</sup> No entanto, em 23 de fevereiro, os Poderes Centrais emitiram um novo ultimato: a Rússia deveria reconhecer o controle alemão não só da Polônia e os países bálticos, mas também a Ucrânia, ou enfrentar uma invasão em grande escala.<sup>[231]</sup>

Em 3 de março, foi assinado o Tratado de Brest-Litovski.<sup>[232]</sup> Resultou em perdas territoriais maciças à Rússia, com 26% da população do antigo Império, 37% de sua área de colheita agrícola, 28% de sua indústria, 26% de suas ferrovias e três quartos de seus depósitos de carvão e ferro transferidos ao controle alemão.<sup>[233]</sup> Por consequência, o Tratado era profundamente impopular em todo o espectro político da Rússia,<sup>[234]</sup> e vários bolcheviques e esquerdistas socialistas revolucionários renunciaram ao Sovnarkom em protesto.<sup>[235]</sup> Após o Tratado, o Sovnarkom se concentrou em tentar fomentar a revolução proletária na Alemanha, emitindo uma série de publicações anti-guerra e anti-governo no país; o governo alemão retaliou ao expulsar os diplomatas russos.<sup>[236]</sup> Em novembro de 1918, o imperador alemão Guilherme II renunciou e a nova administração do país assinou um armistício com os aliados. Como resultado, o Sovnarkom proclamou o Tratado de Brest-Litovsk como vazio.<sup>[237]</sup>

### 8.3.4 Campanhas Anti-Cúlaques, Cheka e Terror Vermelho: 1918-22

 Ver artigo principal: Descossaqueização

[A burguesia] exerceu o terror *contra os trabalhadores, soldados e camponeses*, no interesse de um pequeno grupo de latifundiários e banqueiros, enquanto o regime Soviético aplica medidas decisivas contra os proprietários de terras, saqueadores e os seus cúmplices *no interesse dos trabalhadores, soldados e camponeses*.

Lenin sobre o Terror Vermelho<sup>[238]</sup>

Na primavera de 1918, muitas cidades da Rússia ocidental enfrentaram a fome como resultado da escassez crônica de alimentos.<sup>[239]</sup> Lenin culpou os cúlaques, ou camponeses mais ricos, que alegadamente acumularam o grão que haviam produzido para aumentar seu valor financeiro. Em maio de 1918, emitiu uma ordem de requisição que estabeleceu destacamentos armados para confiscar grãos dos cúlaques para distribuição nas cidades, e em junho pediu a formação de Comitês de Camponeses Pobres para auxiliar na requisição.<sup>[240]</sup> Esta política resultou em uma vasta desordem social e violência, uma

vez que os destacamentos armados muitas vezes se chocavam com grupos de camponeses, ajudando a preparar o cenário para a guerra civil.<sup>[241]</sup> Um exemplo proeminente dos pontos de vista de Lenin foi seu telegrama de agosto aos bolcheviques de Penza, que os exortou a suprimir uma insurreição camponesa por enforcamento público de pelo menos 100 “cúlaques conhecidos, homens ricos [e] sanguessugas”.<sup>[242]</sup>

A exigência desincentivou camponeses de produzir mais grão do que eles poderiam pessoalmente consumir, e assim a produção caiu.<sup>[243]</sup> Um mercado negro em expansão complementou a economia oficial sancionada pelo Estado,<sup>[244]</sup> e Lenin pediu que os especuladores, os comerciantes negros e os saqueadores fossem mortos.<sup>[245]</sup> Tanto os Socialistas Revolucionários como os Socialistas Revolucionários de Esquerda condenaram as apropriações armadas de grãos no V Congresso dos Soviotes de Todas as Rússias em julho de 1918.<sup>[246]</sup> Percebendo que os Comitês de Camponeses Pobres também perseguiram os que não eram cúlaques e contribuindo assim para o sentimento anti-governo entre os camponeses, em dezembro de 1918 ele os aboliu.<sup>[247]</sup>

Lenin enfatizou repetidamente a necessidade do terror e violência para derrubar a velha ordem e a revolução ter sucesso.<sup>[248]</sup> Falando ao Comitê Executivo Central de Todas as Rússias em novembro de 1917, declarou que “o estado é uma instituição construída por causa do exercício da violência. Anteriormente, esta violência era exercida por um punhado de sacos de dinheiro contra todo o povo; agora nós queremos ... organizar a violência no interesse do povo.”<sup>[249]</sup> Ele se opôs veementemente a sugestões de abolir a pena de morte.<sup>[250]</sup> Temendo as forças anti-bolcheviques derrubar seu governo, em dezembro de 1917 ordenou a criação da Comissão de Emergência para Combater a Contra-Revolução e Sabotagem, ou Cheka, uma polícia política liderada por Félix Dzerjinsky.<sup>[251]</sup>



Lenin com sua esposa e irmã em um carro depois de assistir uma parada do Exército Vermelho no campo de Khodynka em Moscou, 1º de maio de 1918

Em setembro de 1918, o Sovnarkom aprovou um decreto que inaugurou o Terror Vermelho, um sistema de opressão orquestrada pela Cheka.<sup>[252]</sup> Embora às vezes descrito como uma tentativa de eliminar toda a

burguesia,<sup>[253]</sup> Lenin não queria exterminar todos os membros desta classe, apenas aqueles que procuravam reintegrar seu governo.<sup>[254]</sup> A maioria das vítimas do Terror eram cidadãos bem-sucedidos ou ex-membros da administração czarista,<sup>[255]</sup> no entanto outros eram anti-bolcheviques não-burgueses e pessoas indesejáveis percebidas como prostitutas.<sup>[256]</sup> A Cheka reivindicou o direito de sentenciar e executar qualquer um que considerasse um inimigo do governo, sem recorrer aos Tribunais Revolucionários.<sup>[257]</sup> Por conseguinte, em toda a Rússia Soviética, a organização realizou assassinatos, muitas vezes em grande número.<sup>[258]</sup> Por exemplo, a Cheka de Petrogrado executou 512 pessoas em poucos dias.<sup>[259]</sup> Não há registros sobreviventes para fornecer um número preciso de quantos pereceram no Terror Vermelho,<sup>[260]</sup> embora as estimativas posteriores dos historiadores tenham variado de 10 000 a 15 000 em uma estimativa<sup>[261]</sup> e 50 000 a 140 000 em outra.<sup>[262]</sup>

Lenin nunca testemunhou essa violência ou participou dela pessoalmente,<sup>[263]</sup> e distanciou-se publicamente dela.<sup>[264]</sup> Seus artigos e discursos publicados raramente requeriam execuções, embora regularmente o fizesse em seus telegramas codificados e notas confidenciais.<sup>[265]</sup> Muitos bolcheviques expressaram desaprovação das execuções em massa da Cheka e temeram a aparente irresponsabilidade da organização.<sup>[266]</sup> O partido trouxe tentativas de restringir suas atividades em fevereiro 1919, despojando-a de seus poderes do tribunal e da execução nas áreas não sujeitas à lei marcial oficial, embora a Cheka continuasse como antes em chacinas pelo país.<sup>[267]</sup> Em 1920, a Cheka tornou-se a instituição mais poderosa da Rússia soviética, exercendo influência sobre todos os outros aparelhos de Estado.<sup>[268]</sup>

Um decreto em abril de 1919 resultou no estabelecimento de campos de concentração, que foram confiados à Cheka,<sup>[269]</sup> embora eles foram posteriormente administrados por uma nova agência governamental, o Gulag.<sup>[270]</sup> No final de 1920, 84 campos foram estabelecidos em toda a Rússia soviética, possuindo cerca de 50 000 prisioneiros; em outubro de 1923, este tinha crescido para 315 campos e cerca de 70 000 presos.<sup>[271]</sup> Aqueles internados nos campos foram usados como trabalhadores escravos.<sup>[272]</sup> A partir de julho de 1922, os intelectuais considerados contrários ao governo bolchevique foram exilados para regiões inóspitas ou deportados completamente da Rússia; Lenin examinou pessoalmente as listas de pessoas a serem tratadas dessa maneira.<sup>[273]</sup> Em maio de 1922, emitiu um decreto pedindo a execução de padres anti-bolcheviques, causando entre 14 000 e 20 000 mortes.<sup>[274]</sup> Embora a Igreja Ortodoxa Russa foi a mais afetada, as políticas anti-religiosas do governo também impactaram as igrejas católica romana e protestantes, sinagogas judaicas e mesquitas islâmicas.<sup>[275]</sup>

### 8.3.5 Guerra Civil e Guerra Polaco-Soviética: 1918-20

A existência da República Soviética ao lado dos estados imperialistas a longo prazo é impensável. No final, um ou outro triunfará. E até que esse fim tenha chegado, uma série dos conflitos mais terríveis entre a República Soviética e os governos burgueses é inevitável. Isto significa que a classe dominante, o proletariado, se apenas deseja governar e deve governar, deve demonstrar isso também com sua organização militar.

Lenin sobre a guerra<sup>[276]</sup>

Embora Lenin esperasse que a aristocracia e a burguesia russa se opusessem ao seu governo, ele acreditava que a superioridade numérica das classes mais baixas, aliada à capacidade dos bolcheviques de organizá-las efetivamente, garantiam uma rápida vitória em qualquer conflito.<sup>[277]</sup> Nisso, ele não conseguiu antecipar a intensidade da violenta oposição ao poder bolchevique no país.<sup>[277]</sup> A Guerra Civil Russa que se seguiu pôs os Vermelhos pró-bolcheviques contra os Brancos antibolchevistas, mas também englobou conflitos étnicos nas fronteiras da Rússia e confrontos entre o exércitos Vermelhos e Brancos e grupos de camponeses locais, os exércitos Verdes, em todo o antigo Império.<sup>[278]</sup> Assim, vários historiadores viram a guerra civil representando dois conflitos distintos: um entre os revolucionários e os contra-revolucionários, e o outro entre diferentes facções revolucionárias.<sup>[279]</sup>

O Exército Branco foi criado por antigos oficiais militares czaristas<sup>[280]</sup> e incluía o Exército Voluntário de Anton Denikin na Rússia do Sul,<sup>[281]</sup> as forças de Aleksandr Kolchak na Sibéria<sup>[282]</sup> e as tropas de Nikolai Yudenich nos novos Estados independentes do Báltico.<sup>[283]</sup> Os Brancos foram reforçados quando 35 000 membros da Legião Checa – prisioneiros de guerra do conflito com as Potências Centrais – se voltaram contra o Sovnarkom e aliaram-se ao Comitê de Membros da Assembléia Constituinte (Komuch), um governo anti-bolchevique estabelecido em Samara.<sup>[284]</sup> Os Brancos também foram apoiados por governos ocidentais que perceberam o Tratado de Brest-Litovsk como uma traição ao esforço de guerra Aliado e temiam os apelos dos bolcheviques pela revolução mundial.<sup>[285]</sup> Em 1918, o Reino Unido, França, Estados Unidos, Canadá, Itália e a Sérvia desembarcaram 10 000 soldados em Murmansk, apreenderam Kandalaksha, enquanto mais tarde naquele ano forças britânicas, americanas e japonesas desembarcaram em Vladivostok.<sup>[286]</sup> As tropas ocidentais logo se retiraram da guerra civil, em vez de apoiar apenas os Brancos com oficiais, técnicos e armamentos, mas o Japão permaneceu porque via o conflito como uma oportunidade para a expansão territorial.<sup>[287]</sup>

Lenin incumbiu Trótski de estabelecer um Exército Vermelho dos Operários e dos Camponeses, e com seu apoio, organizou um Conselho Militar Revolucionário

em setembro de 1918, permanecendo seu presidente até 1925.<sup>[288]</sup> Reconhecendo sua valiosa experiência militar, Lenin concordou que oficiais do antigo exército czarista poderiam servir no Exército Vermelho, embora Trótski estabelecesse conselhos militares para monitorar suas atividades.<sup>[289]</sup> Os Vermelhos detinham o controle das duas maiores cidades da Rússia, Moscou e Petrogrado, bem como a maior parte da Grande Rússia, enquanto os Brancos estavam localizados em grande parte nas antigas periferias do Império.<sup>[290]</sup> Estes últimos foram, portanto, prejudicados por serem fragmentados e dispersos geograficamente,<sup>[291]</sup> e porque a sua supremacia étnica russa alienou as minorias nacionais da região.<sup>[292]</sup> Os exércitos anti-bolchevistas realizaram o Terror Branco, uma campanha de violência contra partidários bolcheviques, embora este fosse tipicamente mais espontâneo do que o Terror Vermelho, sancionado pelo Estado.<sup>[293]</sup> Tanto o exército Branco quanto o Vermelho foram responsáveis por ataques contra as comunidades judaicas, levando Lenin a emitir uma condenação ao antisemitismo, que ele atribuiu à propaganda capitalista.<sup>[294]</sup>



Um poster de propaganda anti-bolchevique dos Russos Brancos, no qual Lenin é retratado com um manto vermelho, ajudando outros bolcheviques para sacrificar a Rússia a uma estátua de Marx

Em julho de 1918, Sverdlov informou ao Sovnarkom que a Regional Soviética dos Urais havia supervisionado a execução do ex-czar e sua família imediata em Ecatemburgo para impedir que fossem resgatados por tropas Brancas avançando.<sup>[295]</sup> Embora faltem provas, biógrafos e historiadores como Richard Pipes e Dmitri Volkogonov expressaram a opinião de que o assassinato foi provavelmente sancionado por Lenin;<sup>[296]</sup> inversamente, o historiador James Ryan advertiu que não havia “nenhuma razão” para acreditar nisso.<sup>[297]</sup> Para o líder comunista, porém, o assassinato era necessário; ele destacou o precedente estabelecido pela execução de Luís XVI na Revolução Francesa.<sup>[298]</sup>

Depois do Tratado de Brest-Litovsk, os Socialistas Revolucionários de Esquerda abandonaram a coalizão e consideravam os bolcheviques como traidores da revolução.<sup>[299]</sup> Em julho de 1918, o Socialista Revolu-

cionário de Esquerda Yakov Grigoryevich Blumkin assassinou o embaixador alemão na Rússia, Wilhelm von Mirbach, esperando que o incidente diplomático que se seguiu levaria a uma guerra revolucionária relançada contra a Alemanha.<sup>[300]</sup> Os Socialistas Revolucionários de Esquerda então lançaram um golpe em Moscou, bombardearam o Kremlin e tomaram o posto central da cidade antes de serem detidos pelas forças de Trótski.<sup>[301]</sup> Os líderes do partido e muitos membros foram detidos e presos, mas foram tratados com mais indulgência do que outros adversários dos bolcheviques.<sup>[302]</sup>

Em 1919, o exército Branco estava em recuo e, no início de 1920, foi derrotado em todas as três frentes.<sup>[303]</sup> No entanto, a Guerra Polaco-Soviética estourou naquele ano, depois que a Polônia tentou anexar partes da Bielorrússia e Ucrânia Ocidental; em maio de 1920 tinha capturado Kiev.<sup>[304]</sup> Depois de forçar o Exército polonês voltar, Lenin exortou o Exército Vermelho a empurrá-los de volta à Polônia, acreditando que o proletariado polonês iria se levantar para apoiar as tropas russas e, assim, desencadear a revolução europeia. Embora Trótski e outros bolcheviques estivessem céticos, eles finalmente concordaram com a invasão. Entretanto, o proletariado polonês não se rebelou, e o Exército Vermelho foi derrotado na Batalha de Varsóvia.<sup>[305]</sup> Os exércitos poloneses começaram a empurrar o Exército Vermelho de volta à Rússia, forçando o Conselho do Comissariado do Povo a pedir a paz; a guerra culminou na Tratado de Riga, na qual a Rússia cedeu território à Polônia e lhe pagou reparações.<sup>[306]</sup>

### 8.3.6 Comintern e revolução mundial: 1919–20

Depois do Armistício na Frente Ocidental, Lenin acreditava que a explosão da revolução europeia era iminente.<sup>[307]</sup> Buscando promover isso, o Sovnarkom apoiou o estabelecimento do governo comunista húngaro de Béla Kun em março de 1919, seguido pelo governo comunista na Baviera e várias revoltas socialistas revolucionárias em outras partes da Alemanha, incluindo a da Liga Espartaquista.<sup>[308]</sup> Durante a Guerra Civil Russa, o Exército Vermelho foi enviado às repúblicas nacionais recentemente independentes nas fronteiras para lá ajudar os marxistas no estabelecimento de sistemas de governo soviéticos.<sup>[309]</sup> Na Europa, isso resultou na criação de novos estados liderados pelos comunistas na Estônia, Letônia, Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia, todos eles oficialmente independentes da Rússia,<sup>[309]</sup> enquanto mais a leste levou à criação de governos comunistas na Geórgia e, em seguida, na Mongólia Exterior.<sup>[310]</sup> Vários bolcheviques seniores queriam que estes fossem absorvidos pelo Estado russo; Lenin insistiu que as sensibilidades nacionais deveriam ser respeitadas, mas assegurou-lhes que as novas administrações do Partido Comunista dessas nações eram *de facto* ramos regionais do governo de Moscou.<sup>[311]</sup>



Fotografia de Lenin em 1919, tomada por Grigory Petrovich Goldstein

No final de 1918, o Partido Trabalhista britânico pediu o estabelecimento de uma conferência internacional de partidos socialistas, a *Internacional Operária e Socialista*.<sup>[312]</sup> Lenin via isso como um reavivamento da Segunda Internacional, que ele desprezou, e formulou sua própria conferência internacional rival de socialistas para compensar seu impacto.<sup>[313]</sup> Ele organizou esta conferência com a ajuda de Zinoviev, Trótski, Christian Rakovski e Angelica Balabanoff.<sup>[313]</sup> Em março de 1919, o I Congresso desta Internacional Comunista (“Comintern”) aconteceu em Moscou.<sup>[314]</sup> Faltou cobertura global; dos 34 delegados reunidos, 30 residiam nos países do antigo Império Russo e a maioria dos delegados internacionais não era oficialmente reconhecida pelos partidos socialistas dentro de suas próprias nações.<sup>[315]</sup> Consequentemente, os bolcheviques dominaram o processo,<sup>[316]</sup> com Lenin posteriormente autorizando uma série de regulamentos que significavam que só os partidos socialistas que apoiavam os pontos de vista dos bolcheviques foram autorizados a aderir ao Comintern.<sup>[317]</sup> Durante a primeira conferência, falou aos delegados, criticando o caminho parlamentar do socialismo defendido por marxistas revisionistas como Kautsky e reiterando seus apelos por uma derrubada violenta dos governos da burguesia europeia.<sup>[318]</sup> Enquanto Zinoviev se tornou o presidente da Internacional, Lenin continuou a exercer grande controle sobre ele.<sup>[319]</sup>

O II Congresso da Internacional Comunista aconteceu no Instituto Smolny de Petrogrado em julho de 1920, representando a última vez que Lenin visitou uma cidade di-

ferente de Moscou.<sup>[320]</sup> Ali, incentivou os delegados estrangeiros a imitarem a tomada de poder dos bolcheviques, e abandonou seu antigo ponto de vista de que o capitalismo era uma etapa necessária do desenvolvimento social, em vez de incentivar as nações sob ocupação colonial a transformar suas sociedades pré-capitalistas diretamente em socialistas.<sup>[321]</sup> Para esta conferência, escreveu *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*, um breve livro articulando sua crítica de elementos de extrema esquerda dentro dos partidos comunistas britânicos e alemães que se recusaram a entrar nos sistemas parlamentares e nos sindicatos desses países; em vez disso, exortou-os a fazê-lo para promover a causa revolucionária.<sup>[322]</sup> A conferência teve de ser suspensa por vários dias devido à guerra em curso com a Polônia,<sup>[323]</sup> antes de o Congresso se mudar posteriormente para Moscou, onde continuou a realizar sessões até agosto.<sup>[324]</sup> Contudo, a proclamada revolução mundial de Lenin não se materializou, à medida que o governo comunista húngaro foi derrubado e as revoltas marxistas alemãs suprimidas.<sup>[325]</sup>

### 8.3.7 Fome e Nova Política Econômica: 1920–22

No Partido Comunista, houve dissidência de duas facções, o Grupo do Centralismo Democrático e a Oposição dos Operários, ambos acusando o Estado russo de ser demasiado centralizado e burocrático.<sup>[326]</sup> A Oposição dos Operários, que tinha conexões com os sindicatos oficiais do estado, também expressou a preocupação de que o governo tinha perdido a confiança da classe trabalhadora russa.<sup>[327]</sup> Eles ficaram furiosos com a sugestão de Trótski de que os sindicatos fossem eliminados. Ele considerava os sindicatos supérfluos num “estado operário”, mas Lenin discordava, acreditando que era melhor mantê-los; a maioria dos bolcheviques adotou a visão de Lenin na “discussão sindical”.<sup>[328]</sup> Para lidar com a dissidência, no X Congresso do Partido, em fevereiro de 1921, introduziu a proibição da atividade faccional dentro do partido, sob pena de expulsão.<sup>[329]</sup>



Vítimas da fome em Buzuluk, na região do Volga, ao lado de Saratov

Causada em parte por uma seca, a fome russa de 1921 foi a mais grave que o país experimentou desde a de 1891,<sup>[330]</sup> resultando em cerca de cinco milhões de mortes.<sup>[331]</sup> A fome foi exacerbada pela requisição governamental, bem como pela exportação de grandes quantidades de grãos russos.<sup>[332]</sup> Para auxiliar as vítimas da fome, o governo dos Estados Unidos estabeleceu uma *Administração de Alívio Americano* para distribuir alimentos,<sup>[333]</sup> embora Lenin suspeitasse dessa ajuda e a acompanhou de perto.<sup>[334]</sup> Durante a fome, o *Patriarca Tikhon* pediu às igrejas ortodoxas que vendessem itens desnecessários para ajudar a alimentar os famintos, uma ação endossada pelo governo.<sup>[335]</sup> Em fevereiro de 1922, o Conselho do Comissariado do Povo foi mais longe, pedindo que todos os objetos de valor pertencentes a instituições religiosas fossem forçosamente apropriados e vendidos.<sup>[336]</sup> Tikhon se opôs à venda de itens usados na Eucaristia e muitos clérigos resistiram às apropriações, resultando em violência.<sup>[337]</sup>

Em 1920 e 1921, a oposição local à requisição resultou em revoltas camponesas anti-bolcheviques estourando em toda a Rússia, embora fossem suprimidas.<sup>[338]</sup> Entre as mais significativas estava a *Revolta de Tambov*, que foi derrubada pelo Exército Vermelho.<sup>[339]</sup> Em fevereiro de 1921, trabalhadores entraram em greve em Petrogrado, resultando no governo proclamando lei marcial na cidade e enviando o Exército Vermelho para conter as manifestações.<sup>[340]</sup> Em março, a *Revolta de Kronstadt* começou quando os marinheiros de Kronstadt se revoltaram contra o governo bolchevique, exigindo que todos os socialistas pudessem escrever livremente, que os sindicatos independentes tivessem liberdade de reunião e os camponeses liberdade de mercado e não estivessem sujeitos à requisição. Lenin declarou que os amotinados foram enganados pelos Socialistas Revolucionários e pelos imperialistas estrangeiros, pedindo represálias violentas.<sup>[341]</sup> Sob a liderança de Trótski, o Exército Vermelho anulou a rebelião em 17 de março, resultando em milhares de mortes e internamento de sobreviventes em campos de trabalho.<sup>[342]</sup>

[Você] deve tentar construir primeiro pontes pequenas que levarão a uma terra de pequenas propriedades camponesas através do capitalismo de Estado para o socialismo. Caso contrário, nunca levará dezenas de milhões de pessoas ao comunismo. É isso que as forças objetivas do desenvolvimento da Revolução têm ensinado.

Lenin sobre a NEP, 1921<sup>[343]</sup>

Em fevereiro de 1921, introduziu a Nova Política Econômica (NEP) ao Politburo; ele convenceu bolcheviques mais antigos de sua necessidade e aprovou a lei em abril.<sup>[344]</sup> Explicou a política em um folheto, *Sobre o Imposto sobre Alimentos*, em que afirmou que a NEP representava um retorno aos planos econômicos bolcheviques originais; alegou que estes tinham sido descarilhados pela guerra civil, em que o Sovnarkom foi for-

çado a recorrer à política econômica de "comunismo de guerra".<sup>[345]</sup> A NEP autorizou algumas empresas privadas na Rússia, permitindo a reintrodução do sistema salarial e aprovando que os camponeses vendessem produtos no mercado aberto enquanto eram tributados por seus ganhos.<sup>[346]</sup> A política também permitiu o retorno à pequena indústria privada, embora a indústria básica, os transportes e o comércio exterior continuassem sob controle estatal.<sup>[347]</sup> Ele chamou isso de "capitalismo de Estado",<sup>[348]</sup> e muitos bolcheviques pensaram que era uma traição dos princípios socialistas.<sup>[349]</sup> Biógrafos de Lenin caracterizaram frequentemente a introdução da NEP como uma de suas realizações mais significativas e alguns acreditam que, se não fosse implementado, o Sovnarkom teria sido rapidamente derrubado por insurreições populares.<sup>[350]</sup>

Em janeiro de 1920, o governo implementou o trabalho obrigatório, assegurando que todos os cidadãos entre 16 e 50 anos tivessem que trabalhar.<sup>[351]</sup> Também pediu um projeto de eletrificação em massa, o plano GOELRO, que começou em fevereiro de 1920; sua declaração de que "o comunismo é o poder soviético mais a eletrificação de todo o país" seria amplamente citado nos anos seguintes.<sup>[352]</sup> Buscando avançar a economia russa através do comércio exterior, o Sovnarkom emitiu delegados à Conferência de Gênova; Lenin esperava participar, mas foi impedido por problemas de saúde.<sup>[353]</sup> A conferência resultou num acordo russo com a Alemanha, que se seguiu de um acordo comercial anterior com o Reino Unido.<sup>[354]</sup> Esperava que, ao permitir que as corporações estrangeiras investissem na Rússia, o Sovnarkom exacerbaria as rivalidades entre as nações capitalistas e aceleraria sua queda; tentou alugar os campos de petróleo de Camchaca a uma corporação americana para aumentar as tensões entre os Estados Unidos e o Japão, que desejavam a península para seu império.<sup>[355]</sup>

### 8.3.8 Declínio de saúde e discussões com Stalin: 1920–23

Para o embaraço e o horror de Lenin, em abril de 1920 os bolcheviques fizeram uma festa para comemorar seu quinquagésimo aniversário, que também foi marcado por celebrações difundidas em toda a Rússia e a publicação de poemas e biografias dedicadas a ele.<sup>[356]</sup> Entre 1920 e 1926, vinte volumes de suas *Obras Completas* foram publicados; algumas foram omitidas.<sup>[357]</sup> Durante 1920, um número de figuras ocidentais proeminentes visitaram-no na Rússia; entre eles o autor H. G. Wells e o filósofo Bertrand Russell,<sup>[358]</sup> bem como os anarquistas Emma Goldman e Alexander Berkman.<sup>[359]</sup> Também foi visitado no Kremlin por Armand, que estava com a saúde cada vez mais fraca.<sup>[360]</sup> Ele a enviou para um sanatório em Kislovodsk, no Cáucaso do Norte para se recuperar, mas ela morreu lá em setembro de 1920 durante uma epidemia de cólera.<sup>[361]</sup> Seu corpo foi transportado para Moscou, onde Lenin visivelmente afligido supervisionou

seu enterro sob o Muro do Kremlin.<sup>[362]</sup>



*Lenin passou seus últimos anos em grande parte em sua mansão Gorki*

Estava seriamente doente na segunda metade de 1921,<sup>[363]</sup> sofrendo de hiperacusia, insônia e dores de cabeça regulares.<sup>[364]</sup> Por insistência do Politburo, em julho deixou Moscou para um mês de licença em sua mansão Gorki, onde foi cuidado por sua esposa e irmã.<sup>[365]</sup> Começou a contemplar a possibilidade de suicídio, pedindo a Krupskaya e Stalin que adquirissem cianeto de potássio para ele.<sup>[366]</sup> Vinte e seis médicos seriam contratados para ajudar Lenin durante seus últimos anos; muitos eram estrangeiros e foram contratados a grandes custos.<sup>[367]</sup> Alguns sugeriram que a doença dele poderia ter sido causada pela oxidação do metal das balas que foram alojadas em seu corpo da tentativa de assassinato de 1918; em abril de 1922 ele foi submetido a uma operação cirúrgica para removê-las.<sup>[368]</sup> Os sintomas continuaram depois disso, com os médicos inseguros da causa; alguns sugeriram que estava sofrendo de neurastenia ou arteriosclerose cerebral, embora outros acreditavam que ele tinha sífilis,<sup>[369]</sup> uma ideia endossada num relatório de 2004 de uma equipe de neurocientistas que sugeriram que isso foi mais tarde deliberadamente ocultado pelo governo.<sup>[370]</sup> Em maio de 1922, sofreu seu primeiro acidente vascular cerebral, perdendo temporariamente sua capacidade de falar e ficando com seu lado direito paralisado.<sup>[371]</sup> Convalesceu em Gorki, e recuperou-se em grande parte em julho.<sup>[372]</sup> Em outubro retornou a Moscou, embora em dezembro sofreu um segundo derrame e retornou à mansão.<sup>[373]</sup>

Apesar de sua doença, permaneceu profundamente interessado em desenvolvimento político. Quando a liderança do Partido Socialista Revolucionário foi considerada culpada de conspirar contra o governo num julgamento realizado entre junho e agosto de 1922, Lenin pediu sua execução; eles foram presos indefinidamente, sendo executados apenas durante o Grande Expurgo sob a liderança de Stalin.<sup>[374]</sup> Com seu apoio, o governo também conseguiu erradicar virtualmente o menchevismo na Rússia, expulsando todos os membros da facção rival de instituições e empresas estatais em março

de 1923 e, em seguida, aprisionando a adesão do partido nos campos de concentração.<sup>[375]</sup> Estava preocupado com a sobrevivência do sistema burocrático czarista na Rússia Soviética,<sup>[376]</sup> e ficou cada vez mais preocupado com isso em seus últimos anos.<sup>[377]</sup> Condenando a postura burocrática, sugeriu uma revisão total para lidar com tais problemas,<sup>[378]</sup> em uma carta queixando-se de que “estamos sendo sugados para um pântano burocrático”.<sup>[379]</sup>

Durante dezembro de 1922 e janeiro de 1923, ditou seu "Testamento", no qual discutia as qualidades pessoais de seus camaradas, particularmente Trótski e Stalin.<sup>[380]</sup> Recomendou que o último fosse removido do cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista, julgando-o mal adaptado para o cargo.<sup>[381]</sup> Em vez disso, recomendou Trótski para o trabalho, descrevendo-o como “o homem mais capaz no atual Comitê Central”; destacou sua inteligência superior, mas ao mesmo tempo criticou sua autoconfiança e inclinação para o excesso administrativo.<sup>[382]</sup> Durante este período, ditou uma crítica à natureza burocrática da *Inspeção Operária e Camponesa*, apelando para o recrutamento de novo pessoal da classe trabalhadora como antídoto para este problema,<sup>[383]</sup> enquanto em outro artigo pedia que o estado combatesse o analfabetismo, promovesse a pontualidade e a conscientização dentro da população e encorajasse os camponeses a se unirem às cooperativas.<sup>[384]</sup>

Stalin é brusco demais, e este defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se coloca intolerável no cargo de Secretário Geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Stalin a outro posto e nomear a este cargo outro homem que se diferencie do camarada Stalin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais correto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc.

Lenin, 4 de janeiro de 1923<sup>[181]</sup>

Na ausência de Lenin, Stalin tinha começado a consolidar seu poder, nomeando seus partidários em posições<sup>[385]</sup> proeminentes e cultivando uma imagem de si mesmo como seu sucessor mais íntimo e meritório.<sup>[386]</sup> Em dezembro de 1922, assumiu a responsabilidade pelo regime de Lenin, sendo incumbido pelo Politburo de controlar quem tinha acesso a ele.<sup>[387]</sup> No entanto, ele era cada vez mais crítico de Stalin; enquanto insistia que o Estado deveria manter seu monopólio no comércio internacional durante o verão de 1922, Stalin estava levando vários outros bolcheviques a se oporem sem êxito a isso.<sup>[388]</sup> Também havia argumentos pessoais entre os dois; ele chateou Krupskaya gritando com ela durante uma conversa telefônica, o que por sua vez irritou muito Lenin, que o enviou uma carta expressando seu aborrecimento.<sup>[389]</sup>

A divisão política mais significativa entre os dois surgiu durante o caso georgiano. Stalin havia sugerido que tanto a Geórgia como os países vizinhos como o Azerbaijão e a Armênia deveriam ser fundidos ao Estado russo,

apesar dos protestos de seus governos nacionais.<sup>[390]</sup> Lenin via isso como uma expressão do chauvinismo étnico da Grande Rússia por parte de Stálin e seus partidários. Em vez disso, pediu que esses estados-nação se unissem à Rússia como partes semi-independentes de uma união maior, que sugeriu ser chamada União das Repúblicas Soviéticas da Europa e Ásia.<sup>[391]</sup> Stalin inicialmente resistiu à proposta, mas finalmente a aceitou, embora – com acordo de Lenin – mudou o nome do estado recém-proposto para **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)**.<sup>[392]</sup> Lenin enviou Trótski para falar em seu nome no plenário do Comitê Central em dezembro, onde os planos para a URSS foram sancionados; esses planos foram então ratificados em 30 de dezembro pelo Congresso dos Sovietes, resultando na formação da União Soviética.<sup>[393]</sup> Apesar de sua má saúde, foi eleito presidente do novo governo do país.<sup>[394]</sup>

### 8.3.9 Morte e funeral: 1923–24

Em março de 1923, Lenin sofreu um terceiro acidente vascular cerebral e perdeu sua capacidade de falar.<sup>[395]</sup> naquele mês, teve paralisia parcial em seu lado direito e começou a exibir afasia sensorial.<sup>[396]</sup> Em maio, parecia estar fazendo uma recuperação lenta, como começou a recuperar sua mobilidade, fala e habilidades de escrita.<sup>[397]</sup> Em outubro, fez uma visita final a Moscou e ao Kremlin.<sup>[398]</sup> Em suas últimas semanas, foi visitado por Zinoviev, Kamenev e Bukharin, com este último visitando-o em sua mansão Gorki no dia de sua morte.<sup>[399]</sup> Lenin morreu em sua masão em 21 de janeiro de 1924, após cair em coma no início do dia.<sup>[400]</sup> Sua causa oficial de morte foi registrada como uma doença incurável dos vasos sanguíneos.<sup>[401]</sup>



*Carregadores de caixão carregando caixão de Lenin durante seu funeral, do Terminal Ferroviário de Paveletsky para o Templo de Trabalho*

O governo publicamente anunciou seu falecimento no dia seguinte.<sup>[402]</sup> No dia 23 de janeiro, os deputados do Partido Comunista, sindicatos e soviets visitaram Gorki para inspecionar o corpo, que foi levado em um caixão vermelho por líderes bolcheviques.<sup>[403]</sup> Transportado

por trem para Moscou, o caixão foi levado à Casa dos Sindicatos, onde o corpo teve um velório público.<sup>[404]</sup> Nos próximos três dias, cerca de um milhão de pessoas vieram ver o corpo, muitas filas por horas num frio congelante.<sup>[405]</sup> Em 26 de janeiro, o XI Congresso dos Sovietes reuniu-se para prestar homenagem ao líder falecido, com os discursos de Kalinin, Zinoviev e Stalin, mas notavelmente não Trótski, que convalescera no Cáucaso.<sup>[405]</sup> Seu funeral ocorreu no dia seguinte, quando seu corpo foi levado à Praça Vermelha, acompanhado de música marcial, onde multidões reunidas ouviam uma série de discursos antes que o cadáver fosse colocado no cofre de um mausoléu especialmente erguido.<sup>[406]</sup> Apesar das temperaturas congelantes, dezenas de milhares compareceram.<sup>[407]</sup>

Contra os protestos de Krupskaya, o corpo de Lenin foi mumificado para preservá-lo em exibição pública de longo prazo no mausoléu da Praça Vermelha.<sup>[408]</sup> Durante esse processo, seu cérebro foi removido; em 1925 um instituto foi estabelecido para dissecá-lo, revelando que Lenin sofria de uma severa esclerose.<sup>[409]</sup> Em julho de 1929, o Politburo concordou em substituir o mausoléu temporário por uma alternativa de granito permanente, que foi concluída em 1933.<sup>[410]</sup> O sarcófago em que o cadáver estava contido foi substituído em 1940 e novamente em 1970.<sup>[411]</sup> De 1941 a 1945 o corpo foi movido de Moscou e armazenado em Tiumen para segurança em meio à Segunda Guerra Mundial.<sup>[412]</sup>

## 8.4 Ideologia política

 Ver artigo principal: Leninismo

Não pretendemos que Marx ou os marxistas conheçam o caminho do socialismo em toda a sua concretude. Isso não faz sentido. Conhecemos a direção da estrada, sabemos que as forças de classe o guiarão, mas concretamente, praticamente, isso será demonstrado *pela experiência dos milhões* quando empreenderem o ato.

Lenin, 11 de setembro de 1917<sup>[413]</sup>

Lenin era um crente fervoroso do marxismo<sup>[414]</sup> e acreditava que sua interpretação – denominada “leninismo” por Julius Martov em 1904<sup>[415]</sup> – era a única autêntica e ortodoxa.<sup>[416]</sup> De acordo com a sua perspectiva marxista, a humanidade acabaria por chegar ao comunismo puro, se tornando uma sociedade apátrida, sem classes e igualitária de trabalhadores livres da exploração e alienação, controlando seu próprio destino e respeitando a regra “De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”.<sup>[417]</sup> Segundo Dmitri Volkogonov, Lenin “profundamente e sinceramente” acreditava que o caminho no qual ele liderava a Rússia levaria finalmente ao estabelecimento desta sociedade comunista.<sup>[418]</sup>

No entanto, as crenças marxistas de Lenin o levaram à visão de que a sociedade não podia se transformar diretamente do seu estado atual para o comunismo, mas deve primeiro entrar em um período de socialismo, e sua principal preocupação era como converter a Rússia em uma sociedade socialista. Para isso, Lenin acreditava que uma **ditadura do proletariado** era necessária para reprimir a burguesia e desenvolver uma economia socialista.<sup>[419]</sup> Lenin definiu o socialismo como “uma ordem de cooperadores civilizados nos quais os **meios de produção** são de propriedade social”,<sup>[420]</sup> e acreditava que esse sistema econômico tinha que ser expandido até que pudesse criar uma sociedade de abundância.<sup>[417]</sup> Para conseguir isso, Lenin considerava que a economia russa sob o controle do Estado era sua preocupação central, com - em suas palavras - “todos os cidadãos” se tornando “funcionários contratados do Estado”.<sup>[421]</sup> A interpretação de Lenin do socialismo era centralizada, planejada e estatista, com produção e distribuição estritamente controladas.<sup>[417]</sup> Lenin acreditava que todos os trabalhadores em todo o país se uniriam voluntariamente para permitir a centralização econômica e política do Estado.<sup>[422]</sup> Desta forma, seus apelos ao “controle operário” dos meios de produção não se referiam ao controle direto das empresas por seus trabalhadores, mas ao funcionamento de todas as empresas sob o controle de um “Estado operário”.<sup>[423]</sup> Isso resultou em dois temas conflitantes no pensamento de Lenin: o controle dos trabalhadores populares e um aparato estatal centralizado, **hierárquico** e coercivo.<sup>[424]</sup>



Lenin discursando em 1919

Antes de 1914, Lenin concordava principalmente com o dominante marxismo ortodoxo europeu.<sup>[414]</sup> Entretanto, o leninismo introduziu revisões e inovações ao marxismo ortodoxo e adotou uma perspectiva mais **absolutista** e doutrinária.<sup>[414]</sup> Da mesma forma, o leninismo se distinguiu das variantes estabelecidas do marxismo pela intensidade emocional de sua visão **liberacionista** e seu foco no papel de liderança de um proletariado vanguarda revolucionário.<sup>[425]</sup> Assim, Lenin passou a se desviar da corrente dominante marxista sobre a questão de como estabelecer um Estado proletário. Sua crença em um Estado forte que excluía a burguesia entrava em conflito com as opiniões de marxistas europeus como Karl Kautsky que imaginava um governo parlamentar democrático em

que o proletariado tinha uma maioria.<sup>[425]</sup> Além disso, de acordo com o historiador James Ryan, Lenin era “o primeiro e mais significativo teórico marxista a elevar dramaticamente o papel da violência como instrumento revolucionário”.<sup>[426]</sup> Lenin incorporou mudanças em suas próprias crenças,<sup>[427]</sup> e as realidades pragmáticas de governar a Rússia em meio à guerra, à fome e ao colapso econômico resultaram em se desviar de muitas das idéias marxistas que ele articulou antes da Revolução de Outubro.<sup>[428]</sup>

As ideias de Lenin foram fortemente influenciadas tanto pelo pensamento pré-existente dentro do movimento revolucionário russo como por variantes teóricas do marxismo russo, que se concentraram estreitamente na forma como os escritos de Marx e Engels se aplicariam à Rússia.<sup>[429]</sup> Conseqüentemente, Lenin também foi influenciado por correntes anteriores do pensamento socialista russo, como as dos Narodnik agrários.<sup>[430]</sup> Por outro lado, ele ridicularizou os marxistas que adotaram ideias de filósofos e sociólogos não-marxistas contemporâneos.<sup>[431]</sup> Em seus escritos teóricos, particularmente em *Imperialismo*, Lenin examinou o que pensava ser os desenvolvimentos no capitalismo desde a morte de Marx, argumentando que havia atingido uma nova etapa, o Capitalismo Monopolista Estatal.<sup>[432]</sup> Antes de assumir o poder em 1917, acreditava que enquanto a economia russa ainda era dominada pelo **campesinato**, o fato de que o capitalismo monopolista existisse na Rússia significava que o país estava suficientemente desenvolvido materialmente para passar ao socialismo.<sup>[433]</sup>

[Lenin] aceitou a verdade transmitida por Marx e dados e argumentos selecionados para reforçar essa verdade. Ele não questionou os antigos escritos marxistas, ele simplesmente comentou, e os comentários se tornaram um novo escrito.

Biógrafo Louis Fischer, 1964<sup>[434]</sup>

Lenin era um **internacionalista** e um fervoroso defensor da **revolução mundial**, considerando as fronteiras nacionais um conceito ultrapassado e o nacionalismo uma distração da luta de classes.<sup>[435]</sup> Ele acreditava que sob o socialismo revolucionário haveria “a fusão inevitável das nações” e o estabelecimento do “Governo mundial”.<sup>[436]</sup> Ele se opôs ao federalismo, o considerando burguês, e enfatizou a necessidade de um estado unitário centralizado.<sup>[437]</sup> Lenin era **anti-imperialista** e acreditava que todas as nações mereciam “o direito à autodeterminação”.<sup>[437]</sup> Ele assim apoiou a **guerra de libertação nacional**, aceitando que tais conflitos poderiam ser necessários para que um grupo minoritário se separasse de um estado socialista, porque os estados socialistas não são “santos ou livres de erros ou fraquezas”.<sup>[438]</sup>

Lenin expressou a opinião de que “o governo soviético é milhões de vezes mais democrático do que a república democrático-burguesa”, república que era simplesmente “uma democracia para os ricos”.<sup>[439]</sup> Considerou sua “di-

tadura do proletariado” democrática por meio da eleição de representantes para os soviets e por trabalhadores que elegeram seus próprios funcionários, com rotação regular e envolvimento de todos os trabalhadores na administração do país.<sup>[440]</sup> Lenin acreditava que a **democracia representativa** dos países capitalistas tinha sido usada para dar a ilusão democrática enquanto mantinha a ditadura da burguesia. Descrevendo o sistema democrático representativo dos Estados Unidos, se referiu aos “duelos espetaculares e sem sentido entre dois partidos burgueses”, ambos liderados por “multimilionários astuciosos” que exploravam o proletariado americano.<sup>[441]</sup> Ele também se opôs ao liberalismo, exibindo uma antipatia geral pela liberdade como valor,<sup>[442]</sup> e acreditando que as liberdades do liberalismo eram fraudulentas porque não libertava os trabalhadores da exploração capitalista.<sup>[443]</sup>

## 8.5 Vida pessoal e características

Lenin via a si mesmo como um homem do destino e acreditava firmemente na justiça de sua causa e em sua própria habilidade como líder revolucionário.<sup>[444]</sup> O biógrafo Louis Fischer o descreveu como “um amante da mudança radical e da agitação máxima”, um homem para quem “nunca havia um meio-termo. Ou ele era um exagerador, ou preto ou vermelho”.<sup>[445]</sup> Destacando sua “capacidade extraordinária de trabalho disciplinado” e “dedicação à causa revolucionária”, Pipes observou que ele exibiu muito carisma.<sup>[446]</sup> Da mesma forma, Volkogonov acreditava que “pela própria força de sua personalidade, [Lenin] tinha uma influência sobre as pessoas”.<sup>[447]</sup> Por outro lado, seu amigo Gorki comentou que, em sua aparência física como “pessoa careca, atarracada e robusta”, o revolucionário comunista era “muito comum” e não dava “a impressão de ser um líder”.<sup>[448]</sup>

[escritos reunidos de Lenin] revelam em detalhes um homem com vontade de ferro, auto-escravização da auto-disciplina, desprezo pelos adversários e obstáculos, a fria determinação de um partidário apaixonado, o impulso de um fanático e a capacidade de convencer ou intimidar as pessoas mais fracas pela sua singularidade de propósito, imponente intensidade, abordagem impessoal, sacrifício pessoal, astúcia política e completa convicção da posse da verdade absoluta. Sua vida tornou-se a história do movimento bolchevique.

—Biógrafo Louis Fischer, 1964<sup>[449]</sup>

O historiador e biógrafo Robert Service afirmou que Lenin foi um jovem intensamente emocional,<sup>[450]</sup> que exibiu um forte ódio às autoridades czaristas.<sup>[451]</sup> De acordo com Service, desenvolveu uma “ligação emocional” com seus heróis ideológicos, como Marx, Engels e Chernyshevsky; ele possuía retratos deles,<sup>[452]</sup> e confidencialmente se descreveu como “apaixonado” por Marx e Engels.<sup>[453]</sup> Segundo o biógrafo James D. White, tratou

seus escritos como “escritura santa”, um “dogma religioso” que “não deve ser questionado, mas acreditado”.<sup>[454]</sup> Na opinião de Volkogonov, Lenin aceitou o marxismo como “verdade absoluta” e, portanto, agiu como “um fanático religioso”.<sup>[455]</sup> Da mesma forma, Bertrand Russell sentiu que ele exibia “fé inabalável – fé religiosa no evangelho marxista”.<sup>[456]</sup> O biógrafo Christopher Read sugeriu que ele era “um equivalente secular de líderes teocráticos que derivam sua legitimidade da verdade [percebida] de suas doutrinas, não mandatos populares”.<sup>[457]</sup> Lenin era, no entanto, um ateu e crítico da religião, acreditando que o socialismo era inerentemente ateu; ele considerava assim o socialismo cristão uma contradição em termos.<sup>[458]</sup>

Service afirmou que Lenin poderia ser “temperamental e volátil”,<sup>[459]</sup> e Pipes o considerou “um misantropo completo”,<sup>[460]</sup> uma visão rejeitada por Read, que destacou muitos casos em que mostrou bondade, particularmente em relação às crianças.<sup>[461]</sup> De acordo com vários biógrafos, ele era intolerante com a oposição e muitas vezes desconsiderava opiniões claras que diferiam das suas.<sup>[462]</sup> Ele poderia ser “venenoso em sua crítica aos outros”, exibindo uma propensão à ataques *ad hominem* ridículos e chacota contra aqueles que discordaram dele.<sup>[463]</sup> Ele ignorou fatos que não combinavam com seu argumento,<sup>[464]</sup> abominava compromisso<sup>[465]</sup> e raramente admitia seus próprios erros.<sup>[466]</sup> Recusou-se a dobrar suas opiniões, até as rejeitar completamente, posteriormente tratando a nova visão como se fosse tão imutável.<sup>[467]</sup> Apesar de não mostrar nenhum sinal de sadismo ou de desejar pessoalmente cometer atos violentos, Lenin endossou as ações violentas dos outros e não exibiu nenhum remorso para aqueles mortos para a causa revolucionária.<sup>[468]</sup> Adotando uma postura amoral, em sua visão o fim sempre justificava os meios;<sup>[469]</sup> de acordo com Service, seu “critério de moralidade era simples: uma determinada ação avança ou dificulta a causa da Revolução?”<sup>[470]</sup>

O Lenin que parecia externamente tão gentil e bondoso, que gostava de rir, amava animais e era propenso a reminiscências sentimentais, se transformou quando surgiam questões de classe ou políticas. Imediatamente tornou-se selvagem, intransigente, sem remorsos e vingativo. Mesmo em tal estado, no entanto, ele era capaz de humor negro.

—Biógrafo Dmitri Volkogonov, 1994<sup>[471]</sup>

Além do russo, falava e lia francês, alemão e inglês.<sup>[472]</sup> Preocupado com a aptidão física, exercitava-se regularmente,<sup>[473]</sup> gostava de andar de bicicleta, nadar e caçar,<sup>[474]</sup> e também desenvolveu uma paixão por montanhas andando nos picos suíços.<sup>[475]</sup> Também gostava de animais de estimação,<sup>[476]</sup> em particular gatos.<sup>[477]</sup> Tendendo a evitar o luxo, viveu um estilo de vida espartano,<sup>[478]</sup> e Pipes observou que era “extremamente modesto em suas necessidades pessoais”,

levando “um estilo de vida austero, quase ascético”.<sup>[479]</sup> Lenin desprezava a desordem, sempre mantendo sua mesa de trabalho arrumada e seus lápis afiados, e insistiu em silêncio total enquanto estava trabalhando.<sup>[480]</sup> De acordo com Fischer, a “ vaidade era mínima”,<sup>[481]</sup> e por esta razão não gostava do culto à personalidade que a administração soviética começou a construir em torno dele; ele, no entanto, aceitou que poderia ter alguns benefícios por unificar o movimento comunista.<sup>[482]</sup>

Apesar de sua política revolucionária, Lenin não gostava da experimentação revolucionária na literatura e nas artes, por exemplo, expressando sua aversão ao expressionismo, futurismo e cubismo, e, inversamente, favorecendo o realismo e a literatura clássica russa.<sup>[483]</sup> Também tinha uma atitude conservadora em relação ao sexo e casamento.<sup>[484]</sup> Durante sua vida adulta, estava em um relacionamento com Krupskaya, uma colega marxista com quem casou-se. Lenin e sua esposa ficaram tristes por não terem tido filhos,<sup>[485]</sup> embora gostassem de se entreter com os de seus amigos.<sup>[486]</sup> Read observou que Lenin tinha “relações muito próximas, quentes e duradouras” com membros próximos da família,<sup>[487]</sup> embora não tivesse amigos por toda a vida, e Armand foi citada como sua única confidente íntima.<sup>[488]</sup>

Etnicamente, Lenin é identificado como um russo.<sup>[489]</sup> É provável que ele não soubesse da ascendência judaica de sua mãe, que só foi descoberta por sua irmã Anna após sua morte.<sup>[490]</sup> Service o descreveu como “um pouco esnobe em termos nacionais, sociais e culturais”.<sup>[491]</sup> O líder bolchevique acreditava que outros países europeus, especialmente a Alemanha, eram culturalmente superiores à Rússia,<sup>[492]</sup> “um dos mais ignorantes, medievais e vergonhosamente atrasados dos países asiáticos”.<sup>[441]</sup> Estava irritado com o que ele percebia como falta de consciência e disciplina entre o povo russo, e desde sua juventude queria que a Rússia se tornasse mais culturalmente européia e ocidental.<sup>[493]</sup>

## 8.6 Legado

Volkogonov afirmou que “dificilmente poderia haver outro homem na história que conseguiria mudar tão profundamente uma sociedade tão grande em tal escala”.<sup>[494]</sup> A administração de Lenin estabeleceu a estrutura para o sistema de governo que conduziu a Rússia por sete décadas e forneceu o modelo para os estados mais tarde liderados pelos comunistas que vieram cobrir um terço do mundo habitado em meados do século XX.<sup>[495]</sup> Assim, sua influência foi global.<sup>[496]</sup> Uma figura controversa, ele continua sendo vilipendiado e reverenciado;<sup>[426]</sup> foi idolatrado pelos comunistas e demonizado por críticos de todo o espectro político.<sup>[497]</sup> Mesmo durante sua vida, Lenin “foi amado e odiado, admirado e desprezado” pelo povo russo.<sup>[498]</sup>

O historiador Albert Resis sugeriu que se a Revolução



*Estátua de Lenin erguida pelo governo marxista-leninista da Alemanha Oriental na Leninplatz em Berlim Oriental (removida em 1992)*

de Outubro é considerada o evento mais significativo do século XX, então Lenin “deve, para o bem ou para o mal, ser considerado o líder político mais significativo do século”.<sup>[499]</sup> White o descreveu como “uma das figuras inegavelmente destacadas da história moderna”,<sup>[500]</sup> enquanto Service notou que o líder russo era amplamente entendido como um dos “atores principais” do século passado.<sup>[501]</sup> Read o descreveu como “um dos ícones mais difundidos e universalmente reconhecidos do século XX”,<sup>[502]</sup> enquanto Ryan o chamou de “uma das figuras mais significativas e influentes da história moderna”.<sup>[503]</sup> A revista *Time* o nomeou uma das 100 pessoas mais importantes do século XX<sup>[504]</sup> e um dos seus 25 principais ícones políticos de todos os tempos.<sup>[505]</sup>

No mundo ocidental, biógrafos começaram a escrever sobre Lenin logo após sua morte; alguns – como Christopher Hill – eram simpáticos a ele, e outros – como Richard Pipes e Robert Gellately – expressamente hostis. Vários biógrafos posteriores, como Read e Lars T. Lih, procuraram evitar comentários hostis ou positivos sobre ele, prevenindo assim estereótipos politizados.<sup>[506]</sup> Entre os simpatizantes, ele foi retratado fazendo um ajuste genuíno da teoria marxista que permitiu que ela se adequasse às condições socioeconômicas particulares da Rússia.<sup>[507]</sup> A visão soviética o caracterizou como um homem que reconheceu o historicamente inevitável e, conseqüentemente, ajudou a fazer o inevitável acontecer.<sup>[508]</sup> Por outro lado, a maioria dos historiadores ocidentais o

percebeu como uma pessoa que manipulava os acontecimentos para alcançar e depois reter o poder político, considerando suas idéias como tentativas de justificar ideologicamente suas políticas pragmáticas.<sup>[508]</sup> Mais recentemente, *revisionistas* na Rússia e no Ocidente têm destacado o impacto das idéias pré-existentes e as pressões populares exercidas sobre Lenin e suas políticas.<sup>[509]</sup>

Vários historiadores e biógrafos caracterizaram a administração de Lenin como *totalitária*<sup>[510]</sup> e como um *estado policial*,<sup>[511]</sup> e muitos a descreveram como uma ditadura unipartidária.<sup>[512]</sup> Diversos desses estudiosos descreveram Lenin como um ditador,<sup>[513]</sup> embora Ryan declarasse que ele “não [foi] um ditador no sentido de que todas as suas recomendações foram aceitas e implementadas”, pois muitos de seus colegas discordaram dele em várias questões.<sup>[514]</sup> Fischer observou que enquanto “Lenin era um ditador, [não era] o tipo que Stalin se tornou”,<sup>[515]</sup> enquanto Volkogonov acreditava que enquanto Lenin estabelecia uma “ditadura do Partido”, só sob Stalin a União Soviética se tornaria a “ditadura de um homem”.<sup>[516]</sup>

Por outro lado, vários acadêmicos marxistas – incluindo os historiadores ocidentais Hill e John Rees – argumentaram contra a visão de que o governo de Lenin era uma ditadura, vendo-a como uma forma imperfeita de preservar elementos da democracia sem alguns dos processos encontrados nos estados democráticos liberais.<sup>[517]</sup> Ryan sustenta que o historiador esquerdista Paul Le Blanc “faz uma observação bastante válida de que as qualidades pessoais que levaram Lenin a políticas brutais não eram necessariamente mais fortes do que em alguns dos principais líderes ocidentais do século XX”.<sup>[518]</sup> O historiador J. Archibald Getty observou: “Lenin merece muito crédito pela noção de que os mansos podem herdar a terra, que pode haver um movimento político baseado na justiça social e na igualdade”.<sup>[519]</sup> Alguns intelectuais de esquerda, entre eles Slavoj Žižek, Alain Badiou, Lars T. Lih e Fredric Jameson, defendem a revitalização do espírito revolucionário intransigente de Lenin para abordar os problemas globais contemporâneos.<sup>[520]</sup>

## 8.7 Morte

 Ver também: Testamento de Lenin

Até os dias de hoje ainda é um mistério a causa da morte de Lenin. Mas as “prováveis causas”, são: morte por sífilis ou por causa de uma bala no pescoço que ficou incrustada desde a época em que sofreu uma tentativa de assassinato.<sup>[521]</sup> Os médicos até hoje estão divididos quanto à causa, porque apesar de se “saber por relatos médicos”, que poderia ter tido sífilis, seu corpo não apresentava sintomas da doença.<sup>[522]</sup>

Lenin sofreu vários acidentes vasculares cerebrais. O primeiro em 26 de maio de 1922, o segundo em 16 de dezembro de 1922, o terceiro em 10 de março de 1923, vindo a falecer em 21 de janeiro de 1924.<sup>[523]</sup>



*Mausoléu de Lenin em Moscovo*

## 8.8 Principais obras

- *Que fazer?* (1902)
- *Um Passo Atrás, Dois Passos Para Frente* (1904)
- *Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática* (1905)
- *Materialismo e Empirocriticismo* (1908)
- *Socialismo e a Guerra* (1915)
- *Imperialismo, fase superior do capitalismo* (1916)
- *O Estado e a Revolução* (1917)
- *As Teses de Abril* (1917)
- *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo* (1913)
- *Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América*
- *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo* (1920)
- *Sobre a Dualidade de Poderes* (1917)
- *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*

## 8.9 Ver também

- Era Khrushchov-Brejev
- História do comunismo
- Leninismo
- Stálin
- Trotsky
- União Soviética
- Prêmio Lenin da Paz

## 8.10 Notas

- [1] Pronúncia: /'lɛnɪn/.<sup>[1]</sup> Também grafado nos países lusófonos **Lênin** ou **Lenine**
- [2] Calendário gregoriano: 22 de abril de 1870

## 8.11 Referências

- [1] «Lenin». *Random House Webster's Unabridged Dictionary*. Consultado em 23 de novembro de 2016
- [2] Fischer 1964, pp. 1–2; Rice 1990, pp. 12–13; Volkogonov 1994, p. 7; Service 2000, pp. 21–23; White 2001, pp. 13–15; Read 2005, p. 6.
- [3] Fischer 1964, pp. 1–2; Rice 1990, pp. 12–13; Service 2000, pp. 21–23; White 2001, pp. 13–15; Read 2005, p. 6.
- [4] Fischer 1964, p. 5; Rice 1990, p. 13; Service 2000, p. 23.
- [5] Fischer, 1964 & pp 2–3; Rice 1990, p. 12; Service 2000, pp. 16–19, 23; White 2001, pp. 15–18; Read 2005, p. 5; Lih 2011, p. 20.
- [6] Fischer 1964, p. 6; Rice 1990, pp. 13–14, 18; Service 2000, pp. 25, 27; White 2001, pp. 18–19; Read 2005, pp. 4, 8; Lih 2011, p. 21.
- [7] Fischer 1964, p. 6; Rice 1990, pp. 12, 14; Service 2000, pp. 13, 25; White 2001, pp. 19–20; Read 2005, p. 4; Lih 2011, pp. 21, 22.
- [8] Fischer 1964, pp. 3, 8; Rice 1990, pp. 14–15; Service 2000, p. 29.
- [9] Fischer 1964, p. 8; Service 2000, p. 27; White 2001, p. 19.
- [10] Rice 1990, p. 18; Service 2000, p. 26; White 2001, p. 20; Read 2005, p. 7; Petrovsky-Shtern 2010, p. 64.
- [11] Fischer 1964, p. 7; Rice 1990, p. 16; Service 2000, pp. 32–36.
- [12] Fischer 1964, p. 7; Rice 1990, p. 17; Service 2000, pp. 36–46; White 2001, p. 20; Read 2005, p. 9.
- [13] Fischer 1964, pp. 6, 9; Rice 1990, p. 19; Service 2000, pp. 48–49; Read 2005, p. 10.
- [14] Fischer 1964, p. 9; Service 2000, pp. 50–51, 64; Read 2005, p. 16; Petrovsky-Shtern 2010, p. 69.
- [15] Fischer 1964, pp. 10–17; Rice 1990, pp. 20, 22–24; Service 2000, pp. 52–58; White 2001, pp. 21–28; Read 2005, p. 10; Lih 2011, pp. 23–25.
- [16] Fischer 1964, p. 18; Rice 1990, p. 25; Service 2000, p. 61; White 2001, p. 29; Read 2005, p. 16.
- [17] Fischer 1964, p. 18; Rice 1990, p. 26; Service 2000, pp. 61–63.
- [18] Rice 1990, pp. 26–27; Service 2000, pp. 64–68, 70; White 2001, p. 29.
- [19] Fischer 1964, p. 18; Rice 1990, p. 27; Service 2000, pp. 68–69; White 2001, p. 29; Read 2005, p. 15; Lih 2011, p. 32.
- [20] Fischer 1964, p. 18; Rice 1990, p. 28; White 2001, p. 30; Read 2005, p. 12; Lih 2011, pp. 32–33.
- [21] Fischer 1964, p. 18; Rice 1990, p. 310; Service 2000, p. 71.
- [22] Fischer 1964, p. 19; Rice 1990, pp. 32–33; Service 2000, p. 72; White 2001, pp. 30–31; Read 2005, p. 18; Lih 2011, p. 33.
- [23] Rice 1990, p. 33; Service 2000, pp. 74–76; White 2001, p. 31; Read 2005, p. 17.
- [24] Rice 1990, p. 34; Service 2000, p. 78; White 2001, p. 31.
- [25] Rice 1990, p. 34; Service 2000, p. 77; Read 2005, p. 18.
- [26] Rice 1990, pp. 34, 36–37; Service 2000, pp. 55–55, 80, 88–89; White 2001, p. 31; Read 2005, pp. 37–38; Lih 2011, pp. 34–35.
- [27] Fischer 1964, pp. 23–25, 26; Service 2000, p. 55; Read 2005, pp. 11, 24.
- [28] Service 2000, pp. 79, 98.
- [29] Rice 1990, pp. 34–36; Service 2000, pp. 82–86; White 2001, p. 31; Read 2005, pp. 18, 19; Lih 2011, p. 40.
- [30] Fischer 1964, p. 21; Rice 1990, p. 36; Service 2000, p. 86; White 2001, p. 31; Read 2005, p. 18; Lih 2011, p. 40.
- [31] Fischer 1964, p. 21; Rice 1990, pp. 36, 37.
- [32] Fischer 1964, p. 21; Rice 1990, p. 38; Service 2000, pp. 93–94.
- [33] Pipes 1990, p. 354; Rice 1990, pp. 38–39; Service 2000, pp. 90–92; White 2001, p. 33; Lih 2011, pp. 40, 52.
- [34] Pipes 1990, p. 354; Rice 1990, pp. 39–40; Lih 2011, p. 53.
- [35] Rice 1990, pp. 40, 43; Service 2000, p. 96.
- [36] Pipes 1990, p. 355; Rice 1990, pp. 41–42; Service 2000, p. 105; Read 2005, pp. 22–23.
- [37] Fischer 1964, p. 22; Rice 1990, p. 41; Read 2005, pp. 20–21.
- [38] Fischer 1964, p. 27; Rice 1990, pp. 42–43; White 2001, pp. 34, 36; Read 2005, p. 25; Lih 2011, pp. 45–46.
- [39] Fischer 1964, p. 30; Pipes 1990, p. 354; Rice 1990, pp. 44–46; Service 2000, p. 103; White 2001, p. 37; Read 2005, p. 26; Lih 2011, p. 55.
- [40] Rice 1990, p. 46; Service 2000, p. 103; White 2001, p. 37; Read 2005, p. 26.

- [41] Fischer 1964, p. 30; Rice 1990, p. 46; Service 2000, p. 103; White 2001, p. 37; Read 2005, p. 26.
- [42] Rice 1990, pp. 47–48; Read 2005, p. 26.
- [43] Fischer 1964, p. 31; Pipes 1990, p. 355; Rice 1990, p. 48; White 2001, p. 38; Read 2005, p. 26.
- [44] Fischer 1964, p. 31; Rice 1990, pp. 48–51; Service 2000, pp. 107–108; Read 2005, p. 31; Lih 2011, p. 61.
- [45] Fischer 1964, p. 31; Rice 1990, pp. 48–51; Service 2000, pp. 107–108.
- [46] Fischer 1964, p. 31; Rice 1990, pp. 52–55; Service 2000, pp. 109–110; White 2001, pp. 38, 45, 47; Read 2005, p. 31.
- [47] Fischer 1964, pp. 31–32; Rice 1990, pp. 53, 55–56; Service 2000, pp. 110–113; White 2001, p. 40; Read 2005, p. 30, 31.
- [48] Fischer 1964, p. 33; Pipes 1990, p. 356; Service 2000, pp. 114, 140; White 2001, p. 40; Read 2005, p. 30; Lih 2011, p. 63.
- [49] Fischer 1964, pp. 33–34; Rice 1990, pp. 53, 55–56; Service 2000, p. 117; Read 2005, p. 33.
- [50] Rice 1990, pp. 61–63; Service 2000, p. 124; Rappaport 2010, p. 31.
- [51] Rice 1990, pp. 57–58; Service 2000, pp. 121–124, 137; White 2001, pp. 40–45; Read 2005, pp. 34, 39; Lih 2011, pp. 62–63.
- [52] Fischer 1964, pp. 34–35; Rice 1990, p. 64; Service 2000, pp. 124–125; White 2001, p. 54; Read 2005, p. 43; Rappaport 2010, pp. 27–28.
- [53] Fischer 1964, p. 35; Pipes 1990, p. 357; Rice 1990, pp. 66–65; White 2001, pp. 55–56; Read 2005, p. 43; Rappaport 2010, p. 28.
- [54] Fischer 1964, p. 35; Pipes 1990, p. 357; Rice 1990, pp. 64–69; Service 2000, pp. 130–135; Rappaport 2010, pp. 32–33.
- [55] Rice 1990, pp. 69–70; Read 2005, p. 51; Rappaport 2010, pp. 41–42, 53–55.
- [56] Rice 1990, pp. 69–70.
- [57] Fischer 1964, pp. 4–5; Service 2000, p. 137; Read 2005, p. 44; Rappaport 2010, p. 66.
- [58] Rappaport 2010, p. 66; Lih 2011, pp. 8–9.
- [59] Fischer 1964, p. 39; Pipes 1990, p. 359; Rice 1990, pp. 73–75; Service 2000, pp. 137–142; White 2001, pp. 56–62; Read 2005, pp. 52–54; Rappaport 2010, p. 62; Lih 2011, pp. 69, 78–80.
- [60] Fischer 1964, p. 37; Rice 1990, p. 70; Service 2000, p. 136; Read 2005, p. 44; Rappaport 2010, pp. 36–37.
- [61] Fischer 1964, p. 37; Rice 1990, pp. 78–79; Service 2000, pp. 143–144; Rappaport 2010, pp. 81, 84.
- [62] Read 2005, p. 60.
- [63] Fischer 1964, p. 38; Lih 2011, p. 80.
- [64] Fischer 1964, pp. 38–39; Rice 1990, pp. 75–76; Service 2000, p. 147; Rappaport 2010, p. 69.
- [65] Fischer 1964, pp. 40, 50–51; Rice 1990, p. 76; Service 2000, pp. 148–150; Read 2005, p. 48; Rappaport 2010, pp. 82–84.
- [66] Rice 1990, pp. 77–78; Service 2000, p. 150; Rappaport 2010, pp. 85–87.
- [67] Pipes 1990, p. 360; Rice 1990, pp. 79–80; Service 2000, pp. 151–152; White 2001, p. 62; Read 2005, p. 60; Rappaport 2010, p. 92; Lih 2011, p. 81.
- [68] Rice 1990, pp. 81–82; Service 2000, pp. 154–155; White 2001, p. 63; Read 2005, pp. 60–61; Rappaport 2010, p. 93.
- [69] Fischer 1964, p. 39; Rice 1990, p. 82; Service 2000, pp. 155–156; Read 2005, p. 61; White 2001, p. 64; Rappaport 2010, p. 95.
- [70] Rice 1990, p. 83; Rappaport 2010, p. 107.
- [71] Rice 1990, pp. 83–84; Service 2000, p. 157; White 2001, p. 65; Rappaport 2010, pp. 97–98.
- [72] Service 2000, pp. 158–159, 163–164; Rappaport 2010, pp. 97, 99, 108–109.
- [73] Rice 1990, p. 85; Service 2000, p. 163.
- [74] Fischer 1964, p. 41; Rice 1990, p. 85; Service 2000, p. 165; White 2001, p. 70; Read 2005, p. 64; Rappaport 2010, p. 114.
- [75] Fischer 1964, p. 44; Rice 1990, pp. 86–88; Service 2000, p. 167; Read 2005, p. 75; Rappaport 2010, pp. 117–120; Lih 2011, p. 87.
- [76] Fischer 1964, pp. 44–45; Pipes 1990, pp. 362–363; Rice 1990, pp. 88–89.
- [77] Service 2000, pp. 170–171.
- [78] Pipes 1990, pp. 363–364; Rice 1990, pp. 89–90; Service 2000, pp. 168–170; Read 2005, p. 78; Rappaport 2010, p. 124.
- [79] Fischer 1964, p. 60; Pipes 1990, p. 367; Rice 1990, pp. 90–91; Service 2000, p. 179; Read 2005, p. 79; Rappaport 2010, p. 131.
- [80] Rice 1990, pp. 88–89.
- [81] Fischer 1964, p. 51; Rice 1990, p. 94; Service 2000, pp. 175–176; Read 2005, p. 81; Read 2005, pp. 77, 81; Rappaport 2010, pp. 132, 134–135.
- [82] Rice 1990, pp. 94–95; White 2001, pp. 73–74; Read 2005, pp. 81–82; Rappaport 2010, p. 138.
- [83] Rice 1990, pp. 96–97; Service 2000, pp. 176–178.
- [84] Fischer 1964, pp. 70–71; Pipes 1990, pp. 369–370; Rice 1990, p. 104.
- [85] Rice 1990, p. 95; Service 2000, pp. 178–179.

- [86] Fischer 1964, p. 53; Pipes 1990, p. 364; Rice 1990, pp. 99–100; Service 2000, pp. 179–180; White 2001, p. 76.
- [87] Rice 1990, pp. 103–105; Service 2000, pp. 180–182; White 2001, pp. 77–79.
- [88] Rice 1990, pp. 105–106; Service 2000, pp. 184–186; Rappaport 2010, p. 144.
- [89] Brackman 2000, pp. 59, 62.
- [90] Service 2000, pp. 186–187.
- [91] Fischer 1964, pp. 67–68; Rice 1990, p. 111; Service 2000, pp. 188–189.
- [92] Fischer 1964, p. 64; Rice 1990, p. 109; Service 2000, pp. 189–190; Read 2005, pp. 89–90.
- [93] Fischer 1964, pp. 63–64; Rice 1990, p. 110; Service 2000, pp. 190–191; White 2001, pp. 83, 84.
- [94] Rice 1990, pp. 110–111; Service 2000, pp. 191–192; Read 2005, p. 91.
- [95] Fischer 1964, pp. 64–67; Rice 1990, p. 110; Service 2000, pp. 192–193; White 2001, pp. 84, 87–88; Read 2005, p. 90.
- [96] Fischer 1964, p. 69; Rice 1990, p. 111; Service 2000, p. 195.
- [97] Fischer 1964, pp. 81–82; Pipes 1990, pp. 372–375; Rice 1990, pp. 120–121; Service 2000, p. 206; White 2001, p. 102; Read 2005, pp. 96–97.
- [98] Fischer 1964, p. 70; Rice 1990, pp. 114–116.
- [99] Fischer 1964, pp. 68–69; Rice 1990, p. 112; Service 2000, pp. 195–196.
- [100] Fischer 1964, pp. 75–80; Rice 1990, p. 112; Pipes 1990, p. 384; Service 2000, pp. 197–199; Read 2005, p. 103.
- [101] Rice 1990, p. 115; Service 2000, p. 196; White 2001, pp. 93–94.
- [102] Fischer 1964, pp. 71–72; Rice 1990, pp. 116–117; Service 2000, pp. 204–206; White 2001, pp. 96–97; Rea 2005, p. 95.
- [103] Fischer 1964, p. 72; Rice 1990, pp. 118–119; Service 2000, pp. 209–211; White 2001, p. 100; Read 2005, p. 104.
- [104] Fischer 1964, pp. 93–94; Pipes 1990, p. 376; Rice 1990, p. 121; Service 2000, pp. 214–215; White 2001, pp. 98–99.
- [105] Rice 1990, p. 122; White 2001, p. 100.
- [106] Service 2000, p. 216; White 2001, p. 103; Read 2005, p. 105.
- [107] Fischer 1964, pp. 73–74; Rice 1990, pp. 122–123; Service 2000, pp. 217–218; Read 2005, p. 105.
- [108] Fischer 1964, p. 85.
- [109] Rice 1990, p. 127; Service 2000, pp. 222–223.
- [110] Fischer 1964, p. 94; Pipes 1990, pp. 377–378; Rice 1990, pp. 127–128; Service 2000, pp. 223–225; White 2001, p. 104; Read 2005, p. 105.
- [111] Fischer 1964, p. 94; Pipes 1990, p. 378; Rice 1990, p. 128; Service 2000, p. 225; White 2001, p. 104; Read 2005, p. 127.
- [112] Fischer 1964, p. 107; Service 2000, p. 236.
- [113] Fischer 1964, p. 85; Pipes 1990, pp. 378–379; Rice 1990, p. 127; Service 2000, p. 225; White 2001, pp. 103–104.
- [114] Fischer 1964, p. 94; Rice 1990, pp. 130–131; Pipes 1990, pp. 382–383; Service 2000, p. 245; White 2001, pp. 113–114, 122–113; Read 2005, pp. 132–134.
- [115] Fischer 1964, p. 85; Rice 1990, p. 129; Service 2000, pp. 227–228; Read 2005, p. 111.
- [116] Pipes 1990, p. 380; Service 2000, pp. 230–231; Read 2005, p. 130.
- [117] Rice 1990, p. 135; Service 2000, p. 235.
- [118] Fischer 1964, pp. 95–100, 107; Rice 1990, pp. 132–134; Service 2000, pp. 245–246; White 2001, pp. 118–121; Read 2005, pp. 116–126.
- [119] Service 2000, pp. 241–242.
- [120] Service 2000, p. 243.
- [121] Service 2000, pp. 238–239.
- [122] Rice 1990, pp. 136–138; Service 2000, p. 253.
- [123] Service 2000, pp. 254–255.
- [124] Fischer 1964, pp. 109–110; Rice 1990, p. 139; Pipes 1990, pp. 386, 389–391; Service 2000, pp. 255–256; White 2001, pp. 127–128.
- [125] Fischer 1964, p. 110–113; Rice 1990, pp. 140–144; Pipes 1990, pp. 391–392; Service 2000, pp. 257–260.
- [126] Fischer 1964, pp. 113, 124; Rice 1990, p. 144; Pipes 1990, p. 392; Service 2000, p. 261; White 2001, pp. 131–132.
- [127] Pipes 1990, pp. 393–394; Service 2000, p. 266; White 2001, pp. 132–135; Read 2005, pp. 143, 146–147.
- [128] Service 2000, pp. 266–268, 279; White 2001, pp. 134–136; Read 2005, pp. 147, 148.
- [129] Service 2000, pp. 267, 271–272; Read 2005, pp. 152, 154.
- [130] Service 2000, p. 282; Read 2005, p. 157.
- [131] Pipes 1990, p. 421; Rice 1990, p. 147; Service 2000, pp. 276, 283; White 2001, p. 140; Read 2005, p. 157.
- [132] Pipes 1990, pp. 422–425; Rice 1990, pp. 147–148; Service 2000, pp. 283–284; Read 2005, pp. 158–61; White 2001, pp. 140–141; Read 2005, pp. 157–159.

- [133] Pipes 1990, pp. 431–434; Rice 1990, p. 148; Service 2000, pp. 284–285; White 2001, p. 141; Read 2005, p. 161.
- [134] Fischer 1964, p. 125; Rice 1990, pp. 148–149; Service 2000, p. 285.
- [135] Pipes 1990, pp. 436, 467; Service 2000, p. 287; White 2001, p. 141; Read 2005, p. 165.
- [136] Pipes 1990, pp. 468–469; Rice 1990, p. 149; Service 2000, p. 289; White 2001, pp. 142–143; Read 2005, pp. 166–172.
- [137] Service 2000, p. 288.
- [138] Pipes 1990, p. 468; Rice 1990, p. 150; Service 2000, pp. 289–292; Read 2005, p. 165.
- [139] Pipes 1990, pp. 439–465; Rice 1990, pp. 150–151; Service 2000, p. 299; White 2001, pp. 143–144; Read 2005, p. 173.
- [140] Pipes 1990, p. 465.
- [141] Pipes 1990, pp. 465–467; White 2001, p. 144; Lee 2003, p. 17; Read 2005, p. 174.
- [142] Pipes 1990, p. 471; Rice 1990, pp. 151–152; Read 2005, p. 180.
- [143] Pipes 1990, pp. 473, 482; Rice 1990, p. 152; Service 2000, pp. 302–303; Read 2005, p. 179.
- [144] Pipes 1990, pp. 482–484; Rice 1990, pp. 153–154; Service 2000, pp. 303–304; White 2001, pp. 146–147.
- [145] Pipes 1990, pp. 471–472; Service 2000, p. 304; White 2001, p. 147.
- [146] Service 2000, pp. 306–307.
- [147] Rigby 1979, pp. 14–15; Leggett 1981, pp. 1–3; Pipes 1990, p. 466; Rice 1990, p. 155.
- [148] Pipes 1990, pp. 485–486, 491; Rice 1990, pp. 157, 159; Service 2000, p. 308.
- [149] Pipes 1990, pp. 492–493, 496; Service 2000, p. 311; Read 2005, p. 182.
- [150] Pipes 1990, p. 491; Service 2000, p. 309.
- [151] Pipes 1990, p. 499; Service 2000, pp. 314–315.
- [152] Pipes 1990, pp. 496–497; Rice 1990, pp. 159–161; Service 2000, pp. 314–315; Read 2005, p. 183.
- [153] Pipes 1990, p. 504; Service 2000, p. 315.
- [154] Service 2000, p. 316.
- [155] Shub 1966, p. 314; Service 2000, p. 317.
- [156] Shub 1966, p. 315; Pipes 1990, pp. 540–541; Rice 1990, p. 164; Volkogonov 1994, p. 173; Service 2000, p. 331; Read 2005, p. 192.
- [157] Volkogonov 1994, p. 176; Service 2000, pp. 331–332; White 2001, p. 156; Read 2005, p. 192.
- [158] Rice 1990, p. 164.
- [159] Pipes 1990, pp. 546–547.
- [160] Pipes 1990, pp. 552–553; Rice 1990, p. 165; Volkogonov 1994, pp. 176–177; Service 2000, pp. 332, 336–337; Read 2005, p. 192.
- [161] Fischer 1964, p. 158; Shub 1966, pp. 301–302; Rigby 1979, p. 26; Leggett 1981, p. 5; Pipes 1990, pp. 508, 519; Service 2000, pp. 318–319; Read 2005, pp. 189–190.
- [162] Rigby 1979, pp. 166–167; Leggett 1981, pp. 20–21; Pipes 1990, pp. 533–534, 537; Volkogonov 1994, p. 171; Service 2000, pp. 322–323; White 2001, p. 159; Read 2005, p. 191.
- [163] Fischer 1964, pp. 219, 256, 379; Shub 1966, p. 374; Service 2000, p. 355; White 2001, p. 159; Read 2005, p. 219.
- [164] Rigby 1979, pp. 160–164; Volkogonov 1994, pp. 374–375; Service 2000, p. 377.
- [165] Sandle 1999, p. 74; Rigby 1979, pp. 168–169.
- [166] Fischer 1964, p. 432.
- [167] Leggett 1981, p. 316; Lee 2003, pp. 98–99.
- [168] Rigby 1979, pp. 160–161; Leggett 1981, p. 21; Lee 2003, p. 99.
- [169] Service 2000, p. 388; Lee 2003, p. 98.
- [170] Service 2000, p. 388.
- [171] Rigby 1979, pp. 168, 170; Service 2000, p. 388.
- [172] Service 2000, p. 325–326, 333; Read 2005, p. 211–212.
- [173] Shub 1966, p. 361; Pipes 1990, p. 548; Volkogonov 1994, p. 229; Service 2000, pp. 335–336; Read 2005, p. 198.
- [174] Fischer 1964, p. 156; Shub 1966, p. 350; Pipes 1990, p. 594; Volkogonov 1994, p. 185; Service 2000, p. 344; Read 2005, p. 212.
- [175] Fischer 1964, pp. 320–321; Shub 1966, p. 377; Pipes 1990, pp. 94–595; Volkogonov 1994, pp. 187–188; Service 2000, pp. 346–347; Read 2005, p. 212.
- [176] Service 2000, p. 345.
- [177] Fischer 1964, p. 466; Service 2000, p. 348.
- [178] Fischer 1964, p. 280; Shub 1966, pp. 361–362; Pipes 1990, pp. 806–807; Volkogonov 1994, pp. 219–221; Service 2000, pp. 367–368; White 2001, p. 155.
- [179] Fischer 1964, pp. 282–283; Shub 1966, pp. 362–363; Pipes 1990, pp. 807, 809; Volkogonov 1994, pp. 222–228; White 2001, p. 155.
- [180] Volkogonov 1994, pp. 222, 231.
- [181] Service 2000, p. 369.
- [182] Rice 1990, p. 161.

- [183] Fischer 1964, pp. 252–253; Pipes 1990, p. 499; Volkogonov 1994, p. 341; Service 2000, pp. 316–317; White 2001, p. 149; Read 2005, pp. 194–195.
- [184] Shub 1966, p. 310; Leggett 1981, pp. 5–6, 8, 306; Pipes 1990, pp. 521–522; Service 2000, pp. 317–318; White 2001, p. 153; Read 2005, pp. 235–236.
- [185] Fischer 1964, p. 249; Pipes 1990, p. 514; Service 2000, p. 321.
- [186] Fischer 1964, p. 249; Pipes 1990, p. 514; Read 2005, p. 219.
- [187] White 2001, pp. 159–160.
- [188] Fischer 1964, p. 249.
- [189] Sandle 1999, p. 84; Read 2005, p. 211.
- [190] Leggett 1981, pp. 172–173; Pipes 1990, pp. 796–797; Read 2005, p. 242.
- [191] Leggett 1981, p. 172; Pipes 1990, pp. 798–799; Ryan 2012, p. 121.
- [192] Hazard 1965, p. 270; Leggett 1981, p. 172; Pipes 1990, pp. 796–797.
- [193] Volkogonov 1994, p. 170.
- [194] Service 2000, p. 321.
- [195] Fischer 1964, pp. 260–261.
- [196] Sandle 1999, p. 174.
- [197] Fischer 1964, pp. 554–555; Sandle 1999, p. 83.
- [198] Sandle 1999, pp. 122–123.
- [199] Fischer 1964, p. 552; Leggett 1981, p. 308; Sandle 1999, p. 126; Read 2005, pp. 238–239; Ryan 2012, pp. 176, 182.
- [200] Volkogonov 1994, p. 373; Leggett 1981, p. 308; Ryan 2012, p. 177.
- [201] Pipes 1990, p. 709; Service 2000, p. 321.
- [202] Volkogonov 1994, p. 171.
- [203] Rigby 1979, pp. 45–46; Pipes 1990, pp. 682, 683; Service 2000, p. 321; White 2001, p. 153.
- [204] Rigby 1979, p. 50; Pipes 1990, p. 689; Sandle 1999, p. 64; Service 2000, p. 321; Read 2005, p. 231.
- [205] Fischer 1964, pp. 437–438; Pipes 1990, p. 709; Sandle 1999, pp. 64, 68.
- [206] Fischer 1964, pp. 263–264; Pipes 1990, p. 672.
- [207] Fischer 1964, p. 264.
- [208] Pipes 1990, pp. 681, 692–693; Sandle 1999, pp. 96–97.
- [209] Pipes 1990, pp. 692–693; Sandle 1999, p. 97.
- [210] Fischer 1964, p. 236; Service 2000, pp. 351–352.
- [211] Fischer 1964, pp. 259, 444–445.
- [212] Sandle 1999, p. 120.
- [213] Service 2000, pp. 354–355.
- [214] Fischer 1964, pp. 307–308; Volkogonov 1994, pp. 178–179; White 2001, p. 156; Read 2005, pp. 252–253; Ryan 2012, pp. 123–124.
- [215] Shub 1966, pp. 329–330; Service 2000, p. 385; White 2001, p. 156; Read 2005, pp. 53–254; Ryan 2012, p. 125.
- [216] Shub 1966, p. 383.
- [217] Fischer 1964, pp. 193–194.
- [218] Shub 1966, p. 331; Pipes 1990, p. 567.
- [219] Fischer 1964, p. 151; Pipes 1990, p. 567; Service 2000, p. 338.
- [220] Fischer 1964, pp. 190–191; Shub 1966, p. 337; Pipes 1990, p. 567; Rice 1990, p. 166.
- [221] Fischer 1964, pp. 151–152; Pipes 1990, pp. 571–572.
- [222] Fischer 1964, p. 154; Pipes 1990, p. 572; Rice 1990, p. 166.
- [223] Fischer 1964, p. 161; Shub 1966, p. 331; Pipes 1990, p. 576.
- [224] Fischer 1964, pp. 162–163; Pipes 1990, p. 576.
- [225] Fischer 1964, pp. 171–172, 200–202; Pipes 1990, p. 578.
- [226] Rice 1990, p. 66; Service 2000, p. 338.
- [227] Service 2000, p. 338.
- [228] Fischer 1964, p. 195; Shub 1966, pp. 334, 337; Service 2000, pp. 338–339, 340; Read 2005, p. 199.
- [229] Fischer 1964, pp. 206, 209; Shub 1966, p. 337; Pipes 1990, pp. 586–587; Service 2000, pp. 340–341.
- [230] Pipes 1990, p. 587; Rice 1990, pp. 166–167; Service 2000, p. 341; Read 2005, p. 199.
- [231] Shub 1966, p. 338; Pipes 1990, pp. 592–593; Service 2000, p. 341.
- [232] Fischer 1964, pp. 211–212; Shub 1966, p. 339; Pipes 1990, p. 595; Rice 1990, p. 167; Service 2000, p. 342; White 2001, pp. 158–159.
- [233] Pipes 1990, p. 595; Service 2000, p. 342.
- [234] Fischer 1964, pp. 213–214; Pipes 1990, pp. 596–597.
- [235] Service 2000, p. 344.
- [236] Fischer 1964, pp. 313–314; Shub 1966, pp. 387–388; Pipes 1990, pp. 667–668; Volkogonov 1994, pp. 93–194; Service 2000, p. 384.
- [237] Fischer 1964, pp. 303–304; Pipes 1990, p. 668; Volkogonov 1994, p. 194; Service 2000, p. 384.
- [238] Volkogonov 1994, p. 182.

- [239] Fischer 1964, p. 236; Pipes 1990, pp. 558, 723; Rice 1990, p. 170; Volkogonov 1994, p. 190.
- [240] Fischer 1964, pp. 236–237; Shub 1966, p. 353; Pipes 1990, pp. 560, 722, 732–736; Rice 1990, p. 170; Volkogonov 1994, pp. 181, 342–343; Service 2000, pp. 349, 358–359; White 2001, p. 164; Read 2005, p. 218.
- [241] Fischer 1964, p. 254; Pipes 1990, pp. 728, 734–736; Volkogonov 1994, p. 197; Ryan 2012, p. 105.
- [242] Fischer 1964, pp. 277–278; Pipes 1990, p. 737; Service 2000, p. 365; White 2001, pp. 155–156; Ryan 2012, p. 106.
- [243] Fischer 1964, p. 450; Pipes 1990, p. 726.
- [244] Pipes 1990, pp. 700–702; Lee 2003, p. 100.
- [245] Fischer 1964, p. 195; Pipes 1990, p. 794; Volkogonov 1994, p. 181; Read 2005, p. 249.
- [246] Fischer 1964, p. 237.
- [247] Service 2000, p. 385; White 2001, p. 164; Read 2005, p. 218.
- [248] Shub 1966, p. 344; Pipes 1990, pp. 790–791; Volkogonov 1994, pp. 181, 196; Read 2005, pp. 247–248.
- [249] Shub 1966, p. 312.
- [250] Fischer 1964, pp. 435–436.
- [251] Shub 1966, pp. 345–347; Rigby 1979, pp. 20–21; Pipes 1990, p. 800; Volkogonov 1994, p. 233; Service 2000, pp. 321–322; White 2001, p. 153; Read 2005, pp. 186, 208–209.
- [252] Leggett 1981, p. 174; Volkogonov 1994, pp. 233–234; Sandle 1999, p. 112; Ryan 2012, p. 111.
- [253] Shub 1966, p. 366; Sandle 1999, p. 112.
- [254] Ryan 2012, p. 116.
- [255] Pipes 1990, p. 821; Ryan 2012, pp. 114–115.
- [256] Shub 1966, p. 366; Sandle 1999, p. 113; Read 2005, p. 210; Ryan 2012, pp. 114–115.
- [257] Leggett 1981, pp. 173–174; Pipes 1990, p. 801.
- [258] Leggett 1981, pp. 199–200; Pipes 1990, pp. 819–820; Ryan 2012, p. 107.
- [259] Shub 1966, p. 364; Ryan 2012, p. 114.
- [260] Pipes 1990, p. 837.
- [261] Ryan 2012, p. 114.
- [262] Pipes 1990, p. 834.
- [263] Volkogonov 1994, p. 202; Read 2005, p. 247.
- [264] Pipes 1990, p. 796.
- [265] Volkogonov 1994, p. 202.
- [266] Pipes 1990, p. 825; Ryan 2012, pp. 117, 120.
- [267] Leggett 1981, pp. 174–175, 183; Pipes 1990, pp. 828–829; Ryan 2012, p. 121.
- [268] Pipes 1990, pp. 829–830, 832.
- [269] Leggett 1981, pp. 176–177; Pipes 1990, pp. 832, 834.
- [270] Pipes 1990, p. 835; Volkogonov 1994, p. 235.
- [271] Leggett 1981, p. 178; Pipes 1990, p. 836.
- [272] Leggett 1981, p. 176; Pipes 1990, pp. 832–833.
- [273] Volkogonov 1994, pp. 358–360; Ryan 2012, pp. 172–173, 175–176.
- [274] Volkogonov 1994, pp. 376–377; Read 2005, p. 239; Ryan 2012, p. 179.
- [275] Volkogonov 1994, p. 381.
- [276] Pipes 1990, p. 610.
- [277] Service 2000, p. 357.
- [278] Service 2000, pp. 391–392.
- [279] Lee 2003, pp. 84, 88.
- [280] Read 2005, p. 205.
- [281] Shub 1966, p. 355; Leggett 1981, p. 204; Rice 1990, pp. 173, 175; Volkogonov 1994, p. 198; Service 2000, pp. 357, 382; Read 2005, p. 187.
- [282] Fischer 1964, pp. 334, 343, 357; Leggett 1981, p. 204; Service 2000, pp. 382, 392; Read 2005, pp. 205–206.
- [283] Leggett 1981, p. 204; Read 2005, p. 206.
- [284] Fischer 1964, pp. 288–289; Pipes 1990, pp. 624–630; Service 2000, p. 360; White 2001, pp. 161–162; Read 2005, p. 205.
- [285] Fischer 1964, pp. 262–263.
- [286] Fischer 1964, p. 291; Shub 1966, p. 354.
- [287] Fischer 1964, pp. 331, 333.
- [288] Pipes 1990, pp. 610, 612; Volkogonov 1994, p. 198.
- [289] Fischer 1964, p. 337; Pipes 1990, pp. 609, 612, 629; Volkogonov 1994, p. 198; Service 2000, p. 383; Read 2005, p. 217.
- [290] Fischer 1964, pp. 248, 262.
- [291] Pipes 1990, p. 651; Volkogonov 1994, p. 200; White 2001, p. 162; Lee 2003, p. 81.
- [292] Fischer 1964, p. 251; White 2001, p. 163; Read 2005, p. 220.
- [293] Leggett 1981, p. 201; Pipes 1990, p. 792; Volkogonov 1994, pp. 202–203; Read 2005, p. 250.
- [294] Leggett 1981, p. 201; Volkogonov 1994, pp. 203–204.

- [295] Shub 1966, pp. 357–358; Pipes 1990, pp. 781–782; Volkogonov 1994, pp. 206–207; Service 2000, pp. 364–365.
- [296] Pipes 1990, pp. 763, 770–771; Volkogonov 1994, p. 211.
- [297] Ryan 2012, p. 109.
- [298] Volkogonov 1994, p. 208.
- [299] Pipes 1990, p. 635.
- [300] Fischer 1964, p. 244; Shub 1966, p. 355; Pipes 1990, pp. 636–640; Service 2000, p. 360–361; White 2001, p. 159; Read 2005, p. 199.
- [301] Fischer 1964, p. 242; Pipes 1990, pp. 642–644; Read 2005, p. 250.
- [302] Fischer 1964, p. 244; Pipes 1990, p. 644; Volkogonov 1994, p. 172.
- [303] Leggett 1981, p. 184; Service 2000, p. 402; Read 2005, p. 206.
- [304] Fischer 1964, p. 389; Rice 1990, p. 182; Volkogonov 1994, p. 281; Service 2000, p. 407; White 2001, p. 161.
- [305] Fischer 1964, pp. 391–395; Shub 1966, p. 396; Rice 1990, pp. 182–183; Service 2000, pp. 408–409, 412; White 2001, p. 161.
- [306] Rice 1990, p. 183; Volkogonov 1994, p. 388; Service 2000, p. 412.
- [307] Shub 1966, p. 387; Rice 1990, p. 173.
- [308] Fischer 1964, p. 333; Shub 1966, p. 388; Rice 1990, p. 173; Volkogonov 1994, p. 395.
- [309] Service 2000, pp. 385–386.
- [310] Fischer 1964, pp. 531, 536.
- [311] Service 2000, p. 386.
- [312] Shub 1966, pp. 389–390.
- [313] Shub 1966, p. 390.
- [314] Fischer 1964, p. 525; Shub 1966, p. 390; Rice 1990, p. 174; Volkogonov 1994, p. 390; Service 2000, p. 386; White 2001, p. 160; Read 2005, p. 225.
- [315] Fischer 1964, p. 525; Shub 1966, pp. 390–391; Rice 1990, p. 174; Service 2000, p. 386; White 2001, p. 160.
- [316] Service 2000, p. 387; White 2001, p. 160.
- [317] Fischer 1964, p. 525; Shub 1966, p. 398; Read 2005, pp. 225–226.
- [318] Service 2000, p. 387.
- [319] Shub 1966, p. 395; Volkogonov 1994, p. 391.
- [320] Shub 1966, p. 397; Service 2000, p. 409.
- [321] Service 2000, pp. 409–410.
- [322] Fischer 1964, pp. 415–420; White 2001, pp. 161, 180–181.
- [323] Service 2000, p. 410.
- [324] Shub 1966, p. 397.
- [325] Fischer 1964, p. 341; Shub 1966, p. 396; Rice 1990, p. 174.
- [326] Fischer 1964, pp. 437–438; Shub 1966, p. 406; Rice 1990, p. 183; Service 2000, p. 419; White 2001, pp. 167–168.
- [327] Shub 1966, p. 406; Service 2000, p. 419; White 2001, p. 167.
- [328] Fischer 1964, pp. 436, 442; Rice 1990, pp. 183–184; Sandle 1999, pp. 104–105; Service 2000, pp. 422–423; White 2001, p. 168; Read 2005, p. 269.
- [329] White 2001, p. 170.
- [330] Fischer 1964, pp. 507–508; Rice 1990, pp. 185–186.
- [331] Ryan 2012, p. 164.
- [332] Volkogonov 1994, pp. 343, 347.
- [333] Fischer 1964, p. 508; Shub 1966, p. 414; Volkogonov 1994, p. 345; White 2001, p. 172.
- [334] Volkogonov 1994, p. 346.
- [335] Volkogonov 1994, pp. 374–375.
- [336] Volkogonov 1994, pp. 375–376; Read 2005, p. 251; Ryan 2012, pp. 176, 177.
- [337] Volkogonov 1994, p. 376; Ryan 2012, p. 178.
- [338] Fischer 1964, p. 467; Shub 1966, p. 406; Volkogonov 1994, p. 343; Service 2000, p. 425; White 2001, p. 168; Read 2005, p. 220; Ryan 2012, p. 154.
- [339] Fischer 1964, p. 459; Leggett 1981, pp. 330–333; Service 2000, pp. 423–424; White 2001, p. 168; Ryan 2012, pp. 154–155.
- [340] Shub 1966, pp. 406–407; Leggett 1981, pp. 324–325; Rice 1990, p. 184; Read 2005, p. 220; Ryan 2012, p. 170.
- [341] Fischer 1964, pp. 469–470; Shub 1966, p. 405; Leggett 1981, pp. 325–326; Rice 1990, p. 184; Service 2000, p. 427; White 2001, p. 169; Ryan 2012, p. 170.
- [342] Fischer 1964, pp. 470–471; Shub 1966, pp. 408–409; Leggett 1981, pp. 327–328; Rice 1990, pp. 184–185; Service 2000, pp. 427–428; Ryan 2012, pp. 171–172.
- [343] Shub 1966, pp. 412–413.
- [344] Shub 1966, p. 411; Rice 1990, p. 185; Service 2000, pp. 421, 424–427, 429; Read 2005, p. 264.
- [345] Fischer, 1964 & pp 479–480; Sandle 1999, p. 155; Service 2000, p. 430; White 2001, pp. 170, 171.
- [346] Shub 1966, p. 411; Sandle 1999, pp. 153, 158; Service 2000, p. 430; White 2001, p. 169; Read 2005, pp. 264–265.

- [347] Shub 1966, p. 412; Service 2000, p. 430; Read 2005, p. 266; Ryan 2012, p. 159.
- [348] Fischer 1964, pp. 479; Shub 1966, p. 412; Sandle 1999, p. 155; Ryan 2012, p. 159.
- [349] Sandle 1999, p. 151; Service 2000, p. 422; White 2001, p. 171.
- [350] Service 2000, pp. 421, 434.
- [351] Pipes 1990, pp. 703–707; Sandle 1999, p. 103; Ryan 2012, p. 143.
- [352] Fischer 1964, pp. 423, 582; Sandle 1999, p. 107; White 2001, p. 165; Read 2005, p. 230.
- [353] Fischer 1964, pp. 567–569.
- [354] Fischer 1964, pp. 574, 576–577; Service 2000, pp. 432, 441.
- [355] Fischer 1964, pp. 424–427.
- [356] Fischer 1964, p. 414; Rice 1990, pp. 177–178; Service 2000, p. 405; Read 2005, pp. 260–261.
- [357] Volkogonov 1994, p. 283.
- [358] Fischer 1964, pp. 404–409; Rice 1990, pp. 78–179; Service 2000, p. 440.
- [359] Fischer 1964, pp. 409–411.
- [360] Fischer 1964, p. 433–434; Shub 1966, pp. 380–381; Rice 1990, p. 181; Service 2000, pp. 414–415; Read 2005, p. 58.
- [361] Fischer 1964, p. 434; Shub 1966, pp. 381–382; Rice 1990, p. 181; Service 2000, p. 415; Read 2005, p. 258.
- [362] Rice 1990, pp. 181–182; Service 2000, p. 416–417; Read 2005, p. 258.
- [363] Shub 1966, p. 426; Lewin 1969, p. 33; Rice 1990, p. 187; Volkogonov 1994, p. 409; Service 2000, p. 435.
- [364] Shub 1966, p. 426; Rice 1990, p. 187; Service 2000, p. 435.
- [365] Service 2000, p. 436; Read 2005, p. 281; Rice 1990, p. 187.
- [366] Volkogonov 1994, pp. 420, 425–426; Service 2000, p. 439; Read 2005, pp. 80, 282.
- [367] Volkogonov 1994, p. 43; Service 2000, p. 437.
- [368] Fischer 1964, pp. 598–599; Shub 1966, p. 426; Service 2000, p. 443; White 2001, p. 172; Read 2005, p. 258.
- [369] Service 2000, pp. 444–445.
- [370] Lerner, Finkelstein & Witztum 2004, p. 372.
- [371] Fischer 1964, p. 600; Shub 1966, pp. 426–427; Lewin 1969, p. 33; Service 2000, p. 443; White 2001, p. 173; Read 2005, p. 258.
- [372] Shub 1966, pp. 427–428; Service 2000, p. 446.
- [373] Fischer 1964, p. 634; Shub 1966, pp. 431–432; Lewin 1969, pp. 33–34; White 2001, p. 173.
- [374] Fischer 1964, pp. 600–602; Shub 1966, pp. 428–430; Leggett 1981, p. 318; Sandle 1999, p. 164; Service 2000, pp. 442–443; Read 2005, p. 269; Ryan 2012, pp. 174–175.
- [375] Volkogonov 1994, p. 310; Leggett 1981, pp. 320–322; Aves 1996, pp. 175–178; Sandle 1999, p. 164; Lee 2003, pp. 103–104; Ryan 2012, p. 172.
- [376] Lewin 1969, pp. 8–9; White 2001, p. 176; Read 2005, pp. 270–272.
- [377] Fischer 1964, p. 578; Rice 1990, p. 189.
- [378] Rice 1990, pp. 192–193.
- [379] Fischer 1964, p. 578.
- [380] Fischer 1964, pp. 638–639; Shub 1966, p. 433; Lewin 1969, pp. 73–75; Volkogonov 1994, p. 417; Service 2000, p. 464; White 2001, pp. 173–174.
- [381] Fischer 1964, p. 647; Shub 1966, pp. 434–435; Rice 1990, p. 192; Volkogonov 1994, p. 273; Service 2000, p. 469; White 2001, pp. 174–175; Read 2005, pp. 278–279.
- [382] Fischer 1964, p. 640; Shub 1966, pp. 434–435; Volkogonov 1994, pp. 249, 418; Service 2000, p. 465; White 2001, p. 174.
- [383] Fischer 1964, pp. 666–667, 669; Lewin 1969, pp. 120–121; Service 2000, p. 468; Read 2005, p. 273.
- [384] Fischer 1964, pp. 650–654; Service 2000, p. 470.
- [385] Shub 1966, pp. 426, 434; Lewin 1969, pp. 34–35.
- [386] Volkogonov 1994, pp. 263–264.
- [387] Lewin 1969, p. 70; Rice 1990, p. 191; Volkogonov 1994, pp. 273, 416.
- [388] Fischer 1964, p. 635; Lewin 1969, pp. 35–40; Service 2000, pp. 451–452; White 2001, p. 173.
- [389] Fischer 1964, pp. 637–638, 669; Shub 1966, pp. 435–436; Lewin 1969, pp. 71, 85, 101; Volkogonov 1994, pp. 273–274, 422–423; Service 2000, pp. 463, 472–473; White 2001, pp. 173, 176; Read 2005, p. 279.
- [390] Fischer 1964, pp. 607–608; Lewin 1969, pp. 43–49; Rice 1990, pp. 190–191; Volkogonov 1994, p. 421; Service 2000, pp. 452, 453–455; White 2001, pp. 175–176.
- [391] Fischer 1964, p. 608; Lewin 1969, p. 50; Leggett 1981, p. 354; Volkogonov 1994, p. 421; Service 2000, p. 455; White 2001, p. 175.
- [392] Service 2000, pp. 455, 456.
- [393] Lewin 1969, pp. 40, 99–100; Volkogonov 1994, p. 421; Service 2000, pp. 460–461, 468.
- [394] Rigby 1979, p. 221.

- [395] Fischer 1964, p. 671; Shub 1966, p. 436; Lewin 1969, p. 103; Leggett 1981, p. 355; Rice 1990, p. 193; White 2001, p. 176; Read 2005, p. 281.
- [396] Fischer 1964, p. 671; Shub 1966, p. 436; Volkogonov 1994, p. 425; Service 2000, p. 474; Lerner, Finkelstein & Witztum 2004, p. 372.
- [397] Fischer 1964, p. 672; Rigby 1979, p. 192; Rice 1990, pp. 193–194; Volkogonov 1994, pp. 429–430.
- [398] Fischer 1964, p. 672; Shub 1966, p. 437; Volkogonov 1994, p. 431; Service 2000, p. 476; Read 2005, p. 281.
- [399] Rice 1990, p. 194; Volkogonov 1994, p. 299; Service 2000, pp. 477–478.
- [400] Fischer 1964, pp. 673–674; Shub 1966, p. 438; Rice 1990, p. 194; Volkogonov 1994, p. 435; Service 2000, pp. 478–479; White 2001, p. 176; Read 2005, p. 269.
- [401] Volkogonov 1994, p. 435; Lerner, Finkelstein & Witztum 2004, p. 372.
- [402] Rice 1990, p. 7.
- [403] Rice 1990, pp. 7–8.
- [404] Fischer 1964, p. 674; Shub 1966, p. 439; Rice 1990, pp. 7–8; Service 2000, p. 479.
- [405] Rice 1990, p. 9.
- [406] Shub 1966, p. 439; Rice 1990, p. 9; Service 2000, pp. 479–480.
- [407] Volkogonov 1994, p. 440.
- [408] Fischer 1964, p. 674; Shub 1966, p. 438; Volkogonov 1994, pp. 437–438; Service 2000, p. 481.
- [409] Fischer 1964, pp. 625–626; Volkogonov 1994, p. 446.
- [410] Volkogonov 1994, pp. 444, 445.
- [411] Volkogonov 1994, p. 445.
- [412] Volkogonov 1994, p. 444.
- [413] Fischer 1964, p. 150.
- [414] Ryan 2012, p. 18.
- [415] Volkogonov 1994, p. 409.
- [416] Sandle 1999, p. 35; Service 2000, p. 237.
- [417] Sandle 1999, p. 41.
- [418] Volkogonov 1994, p. 206.
- [419] Sandle 1999, p. 35.
- [420] Shub 1966, p. 432.
- [421] Sandle 1999, pp. 42–43.
- [422] Sandle 1999, p. 38.
- [423] Sandle 1999, pp. 43–44, 63.
- [424] Sandle 1999, p. 36.
- [425] Ryan 2012, p. 19.
- [426] Ryan 2012, p. 3.
- [427] Ryan 2012, p. 13.
- [428] Sandle 1999, p. 57; White 2001, p. 151.
- [429] Sandle 1999, p. 29; White 2001, p. 1.
- [430] Service 2000, p. 173.
- [431] Service 2000, p. 203.
- [432] Sandle 1999, p. 34.
- [433] White 2001, pp. 150–151.
- [434] Fischer 1964, p. 213.
- [435] Fischer 1964, p. 54; Shub 1966, p. 423; Pipes 1990, p. 352.
- [436] Fischer 1964, pp. 88–89.
- [437] Fischer 1964, p. 87.
- [438] Fischer 1964, pp. 91, 93.
- [439] Fischer 1964, p. 310; Shub 1966, p. 442.
- [440] Sandle 1999, pp. 36–37.
- [441] Rice 1990, p. 121.
- [442] Volkogonov 1994, p. 471.
- [443] Shub 1966, p. 443.
- [444] Service 2000, pp. 159, 202; Read 2005, p. 207.
- [445] Fischer 1964, pp. 47, 148.
- [446] Pipes 1990, pp. 348, 351.
- [447] Volkogonov 1994, p. 246.
- [448] Fischer 1964, p. 57.
- [449] Fischer 1964, pp. 21–22.
- [450] Service 2000, p. 73.
- [451] Fischer 1964, p. 44; Service 2000, p. 81.
- [452] Service 2000, p. 118.
- [453] Service 2000, p. 232; Lih 2011, p. 13.
- [454] White 2001, p. 88.
- [455] Volkogonov 1994, p. 362.
- [456] Fischer 1964, p. 409.
- [457] Read 2005, p. 262.
- [458] Fischer 1964, pp. 40–41; Volkogonov 1994, p. 373; Service 2000, p. 149.
- [459] Service 2000, p. 116.
- [460] Pipes 1996, p. 11; Read 2005, p. 287.

- [461] Read 2005, p. 259.
- [462] Fischer 1964, p. 67; Pipes 1990, p. 353; Read 2005, pp. 207, 212.
- [463] Petrovsky-Shtern 2010, p. 93.
- [464] Pipes 1990, p. 353.
- [465] Fischer 1964, p. 69.
- [466] Service 2000, p. 244; Read 2005, p. 153.
- [467] Fischer 1964, p. 59.
- [468] Fischer 1964, p. 45; Pipes 1990, p. 350; Volkogonov 1994, p. 182; Service 2000, p. 177; Read 2005, p. 208; Ryan 2012, p. 6.
- [469] Fischer 1964, p. 415; Shub 1966, p. 422; Read 2005, p. 247.
- [470] Service 2000, p. 293.
- [471] Volkogonov 1994, p. 200.
- [472] Service 2000, p. 242.
- [473] Fischer 1964, p. 56; Rice 1990, p. 106; Service 2000, p. 160.
- [474] Fischer 1964, p. 56; Service 2000, p. 188.
- [475] Read 2005, pp. 20, 64, 132–37.
- [476] Shub 1966, p. 423.
- [477] Fischer 1964, p. 367.
- [478] Fischer 1964, p. 368.
- [479] Pipes 1990, p. 812.
- [480] Service 2000, pp. 99–100, 160.
- [481] Fischer 1964, p. 245.
- [482] Pipes 1990, pp. 349–350; Read 2005, pp. 284, 259–260.
- [483] Fischer 1964, pp. 489, 491; Shub 1966, pp. 420–421; Sandle 1999, p. 125; Read 2005, p. 237.
- [484] Fischer 1964, p. 79; Read 2005, p. 237.
- [485] Service 2000, p. 199.
- [486] Shub 1966, p. 424; Service 2000, p. 213; Rappaport 2010, p. 38.
- [487] Read 2005, p. 19.
- [488] Fischer 1964, p. 515; Volkogonov 1994, p. 246.
- [489] Petrovsky-Shtern 2010, p. 67.
- [490] Petrovsky-Shtern 2010, pp. 66–67.
- [491] Service 2000, p. 453.
- [492] Service 2000, p. 389.
- [493] Pipes 1996, p. 11; Service 2000, p. 389–400.
- [494] Volkogonov 1994, p. 326.
- [495] Service 2000, p. 391.
- [496] Volkogonov 1994, p. 259.
- [497] Read 2005, p. 284.
- [498] Fischer 1964, p. 414.
- [499] Resis, Albert. «Vladimir Ilich Lenin». *Encyclopædia Britannica*. Consultado em 1 de abril de 2017
- [500] White 2001, p. iix.
- [501] Service 2000, p. 488.
- [502] Read 2005, p. 283.
- [503] Ryan 2012, p. 5.
- [504] Remnick, David (13 de abril de 1998). «TIME 100: Vladimir Lenin». TIME. Consultado em 1º de abril de 2017
- [505] Sun, Feifei (4 de fevereiro de 2011). «Top 25 Political Icons: Lenin». TIME. Consultado em 1º de abril de 2017. Cópia arquivada em 14 de janeiro de 2015
- [506] Lee 2003, p. 14; Ryan 2012, p. 3.
- [507] Lee 2003, p. 14.
- [508] Lee 2003, p. 123.
- [509] Lee 2003, p. 124.
- [510] Fischer 1964, p. 516; Shub 1966, p. 415; Leggett 1981, p. 364; Volkogonov 1994, pp. 307, 312.
- [511] Leggett 1981, p. 364.
- [512] Lewin 1969, p. 12; Rigby 1979, pp. x, 161; Sandle 1999, p. 164; Service 2000, p. 506; Lee 2003, p. 97; Read 2005, p. 190; Ryan 2012, p. 9.
- [513] Fischer 1964, p. 417; Shub 1966, p. 416; Pipes 1990, p. 511; Pipes 1996, p. 3; Read 2005, p. 247.
- [514] Ryan 2012, p. 1.
- [515] Fischer 1964, p. 524.
- [516] Volkogonov 1994, p. 313.
- [517] Lee 2003, p. 120.
- [518] Ryan 2012, p. 191.
- [519] «Vladimir Lenin Biography». *Biography*. 2016. No minuto 42:10. A&E Television Networks
- [520] Ryan 2012, p. 3; Budgen, Kouvelakis & Žižek 2007, pp. 1–4.
- [521] «Lenin under the Knife. - Surgeon Extracts a Bullet Which Troubled Him for Three Years. - View Article». *The New York Times*. 26 April 1922. Consultado em 22 de maio de 2012 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [522] C. J. Chivers (22 June 2004). «A Retrospective Diagnosis Says Lenin Had Syphilis». *The New York Times*. Consultado em 5 de janeiro de 2012 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [523] Jean-Michel Rabaté. *1922*. [S.l.]: Cambridge University Press. p. 145. ISBN 9781107040540

## 8.12 Ligações externas

- Lenin, Arquiteto da Revolução Artigo de Schmidt Von Köln traduzido para o português
- A Chegada de Lenin em 1917. Trecho de '*A Rússia durante a Revolução de Outubro* Jean Marabini (Tradução Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras:1989 – (A Vida Cotidiana)
- “A Questão Leninista da Constituinte”, in MACEDO, Dimas. *A Metáfora do Sol* (5ª ed. Fortaleza: Edições Poeatria, 2014).
- Lênin e a transição socialista

### 8.12.1 Principais obras para leitura

- Lênine 1902, Que fazer?
- Lênine 1904, Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás
- Lênine 1905, Duas Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática
- Lênine 1910, As lições da Revolução
- Lênine 1911, À Memória da Comuna
- Lênine 1913 Três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo
- Lênine 1914, Karl Marx - Esboço biográfico e uma exposição do Marxismo
- Lênine 1914, Marxismo e Revisionismo
- Lênine 1916, O Oportunismo da II Internacional
- Lênine 1917, Cartas de Longe
- Lênine 1917, Teses de Abril
- Lênine 1917, O Estado e a Revolução
- Lênine 1918, A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky
- Ilyitch Uliánov, Vladimir (1902). *Que Fazer* (PDF) Primeira ed. Rússia: [s.n.] p. 107. 666. Consultado em 2 de maio de 2014

## Capítulo 9

# Leon Trótski

**Leon Trótski**<sup>[nota 1]</sup> (nascido **Lev Davidovich Bronstein**;<sup>[2]</sup> Ianovka, 7 de novembro de 1879 — Coyoacán, 21 de agosto de 1940) foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, organizador do Exército Vermelho e, após a morte de Lenin, rival de Stalin na disputa pela hegemonia do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Nos primeiros tempos da União Soviética, Trótski desempenhou um importante papel político, primeiro como Comissário do Povo (Ministro) para os Negócios Estrangeiros; posteriormente, como organizador e comandante do Exército Vermelho e fundador e membro do Politburo do PCUS.

Afastado do controle do partido por Stalin, Trotsky foi expulso deste e exilado da União Soviética, refugiando-se no México, onde veio a ser assassinado por Ramón Mercader, agente da polícia de Stalin.<sup>[3]</sup> As suas ideias políticas, expostas numa obra escrita de grande extensão, deram origem ao trotskismo, corrente ainda hoje importante no marxismo.

### 9.1 Primeiros anos

Trotsky nasceu numa pequena localidade do óblast de Kherson na atual Ucrânia, sendo o quinto filho de Anna (1850 - 1910) e David Leontyevich Bronstein ou Bronshstein (1847 - 1922), um humilde lavrador de origem judaica que havia aproveitado os esquemas de colonização tsaristas na Crimeia para abandonar a área tradicional de residência autorizada aos judeus (o “pálio”) e converter-se num próspero, ainda que iletrado, fazendeiro.

Embora a família fosse de origem judaica, não era religiosa; em casa, falava-se russo ou ucraniano e não ídiche. Aos nove anos, foi para Odessa, a fim de prosseguir seus estudos numa escola tradicional alemã que, ao longo dos anos em que Trotsky ali permaneceu, passou pelo processo de russificação,<sup>[4]</sup> conforme a política czarista da época.

Um bom aluno, Trotsky revelava já um temperamento de líder, organizando um protesto contra um professor impopular no 2º ano. Não mostrou, contudo, grande

interesse pela política nem pelo socialismo até 1896, quando se mudou para Nikolaev, onde cumpriu seu último ano de estudos secundários. Posteriormente cursou Matemática por um breve período na Universidade Nacional de Odessa.

Sua irmã Olga viria a se casar com Lev Kamenev, um dos principais líderes bolcheviques e membro do triunvirato liderado por Stálin, que afastaria o próprio Trotsky do poder, sendo também afastado posteriormente.<sup>[2]</sup>

### 9.2 Os dias da revolução: De Outubro a Brest-Litovski

 Ver artigos principais: [Revolução Russa de 1917](#) e [Revolução de Outubro](#)

No decurso da revolução, Trotsky deixa de acreditar na unificação de todas as facções social-democratas, abandona a sua trajectória anterior de socialista independente e junta-se ao partido bolchevique de Lénin. Destacando-se pelo seu talento como organizador e agitador, é eleito presidente do soviete de Petrogrado, participa ativamente na luta para derrubar o Governo Provisório de Alexander Kerenski, e lidera o Comité Militar Revolucionário que planeja e concretiza o assalto ao Palácio de Inverno, consumando a Revolução de Outubro.

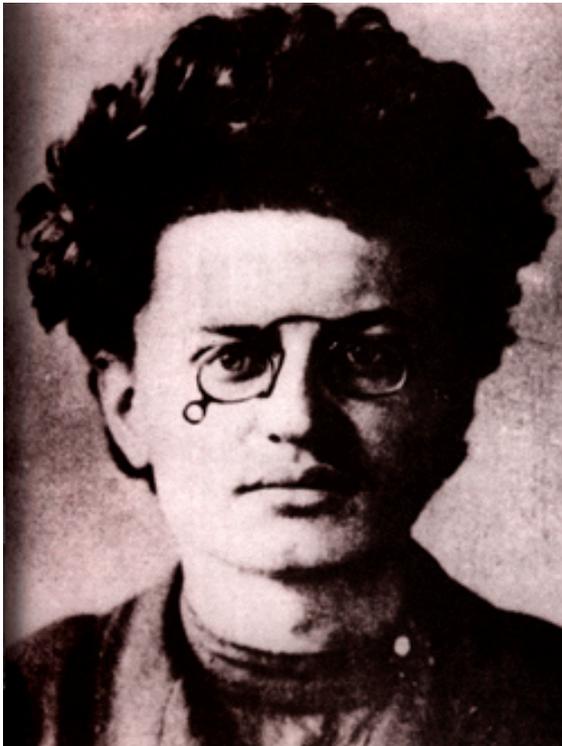
Após a conquista do poder pelos bolcheviques, Trotsky torna-se Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros, com a missão de negociar o armistício militar com a Alemanha e seus aliados.<sup>[2]</sup> A posição de Trotsky nas negociações do armistício foi oposta à de Lenin - que achava que um tratado deveria ser assinado com a Alemanha em quaisquer condições - mas também oposta a dos comunistas de esquerda, que propunham a guerra revolucionária; para ele, a posição a tomar seria de “nem paz, nem guerra”; o governo soviético deveria retirar-se das conversações e esperar pela agitação revolucionária no exército alemão. Através de uma combinação prévia com Lenin, que havia aceitado testar sua proposta (*“para estar de bem com Trotsky, vale a pena até perder a Letônia e a Estônia”*), teria dito Lenin), Trótski acaba por retirar-se de facto das conversações a 10 de fevereiro de 1918,

respondendo a Alemanha com um novo ataque, que obrigou o governo soviético a assinar por fim a 3 de março o desvantajoso **Tratado de Brest-Litovski**.

Trotsky abandona subsequentemente o cargo, mas ainda no mesmo mês é nomeado Comissário do Povo para os Assuntos Militares (até 1925) e, em setembro, líder do **Comité Militar Revolucionário** do regime soviético. É neste contexto que lidera de forma decisiva a criação e organização do Exército Vermelho, que acaba por vencer a longa e violenta **Guerra Civil Russa (1918-1920)** contra o **Exército Branco**, garantindo a sobrevivência do regime soviético.

## 9.3 Comissário da Guerra

### 9.3.1 1918: Formulação da política militar e primeiros sucessos



Leon Trótski

Contrariamente ao que a velha guarda bolchevique desejava, Trotsky reorganizou o Exército Vermelho em torno do recrutamento compulsório de camponeses, enquadrados por oficiais do antigo Exército Imperial Russo, os quais eram vigiados quanto às suas simpatias políticas por propagandistas e militantes bolcheviques (“comissários políticos”) encarregados de validar as ordens militares dadas por estes oficiais, e garantir sua confiabilidade (“comando dual”).<sup>[2]</sup> O Exército Vermelho foi assim constituído como uma organização hierarquizada e burocrática, que, como era norma em todos os exército desse

tempo, apoiava-se no uso de uma disciplina estrita que previa o uso liberal da **pena de morte** para atos de covardia e **deserção**, aplicável tanto aos ex-oficiais do exército imperial quanto aos comunistas. Como o próprio Trotsky explicou numa de suas proclamações:

Tal atitude levou a constantes protestos de militantes bolcheviques, que prefeririam um Exército Vermelho organizado como uma **milícia** popular dirigida exclusivamente por comunistas e dotada de oficiais eleitos. Para Trotsky - que nada tinha de militar profissional - no entanto, as necessidades de uma guerra moderna impunham a posse de conhecimentos técnicos especializados que poderiam ser encontrados apenas num corpo de militares de carreira, daí a necessidade absoluta do recurso a “especialistas burgueses”. Leve-se em conta que, pelo uso de uma disciplina tida por muitos como “brutal”, Trótski procurou impor a vigência do princípio meritocrático no Exército Vermelho: não teve qualquer hesitação em promover oficiais czaristas competentes a postos de responsabilidade, nem hesitou tampouco em validar punições e mesmo fuzilamentos de militantes comunistas tidos como culpados de covardia.<sup>[6]</sup>

Ajudou muito, aliás, na qualidade da sua liderança, que Trotsky, não obstante deixasse as decisões militares a cargo dos oficiais profissionais, houvesse passado boa parte da Guerra Civil deslocando-se para o fronte a bordo do seu lendário trem blindado - dotado de uma tipografia portátil, uma banda e outras instalações - a partir do qual podia realizar a propaganda, monitorar as atividades militares, resolver diferendos burocráticos e logísticos, e eventualmente lançar mão dos seus talentos oratórios para elevar o moral da tropa.

Na situação militar desesperada do verão de 1918, com os bolcheviques reduzidos à posse da parte da Rússia Europeia em torno de **Moscú** e **Petrogrado (S.Petersburgo)**, com os alemães e austríacos ocupando a fronteira ocidental, os ingleses e franceses o **Ártico russo**, e as várias formações antibolcheviques, a **Sibéria**, Trótski recebeu carta branca do partido para aplicar seus métodos. O primeiro grande sucesso militar do Comissário da Guerra seria a defesa da linha de frente dos **Urais** contra as tropas da **Legião Checoslovaca** - uma tropa de soldados checos emigrados mobilizados para a luta contra os austríacos ao lado do exército czarista, que haviam sido instigados pela **Entente franco-britânica (Entente Cordiale)** e pela oposição russa a lutarem contra os bolcheviques - defesa esta que culminou na tomada de **Kazan** pelo Exército Vermelho em 10 de setembro de 1918.<sup>[7]</sup>

Após esta vitória, como prova da confiança do partido na política militar de Trotsky, o Conselho Militar Supremo foi (temporariamente) extinto em favor do estabelecimento de um Comandante em Chefe do Exército Vermelho, o qual viria a ser o comandante do Regimento Vermelho de Fuzileiros Letões (a **Letônia** tendo sido uma das regiões de fronteira do **Império Russo** onde o **bolchevismo** tinha encontrado mais seguidores) Ioakim

Vatsetis (ou Jukums Vaciētis), homem de confiança do Comissário da Guerra. A medida que a situação militar da Rússia Soviética se tornava menos crítica, no entanto, a oposição ao Comissário da Guerra, paradoxalmente, recrudescia. Logo após a vitória no fronte dos Urais, Vatsetis propôs que uma estratégia puramente defensiva deveria ser seguida no fronte siberiano - onde a Legião Checoslovaca havia sido substituída pelas tropas do almirante branco Aleksandr Kolchak - de forma a poupar tropas para operações no fronte ucraniano, onde as tropas brancas do general Anton Ivanovich Denikin estavam na ofensiva. Esta proposta foi rejeitada pelo Comitê Central bolchevique, e como o avanço no fronte oriental acabou por provar-se bem sucedido - contra as expectativas de Trotsky e Vatsetis - este acabou por ser demitido da posição de Comandante em Chefe, que foi dada ao general Serguei Kamenev<sup>[8]</sup> (nenhum parentesco com o cunhado de Trotsky).<sup>[2]</sup>

Por trás de todas estas querelas, estava a defesa de Trótski do Exército Vermelho como organização não partidária, que fez com que ele tivesse, desde muito cedo, de defrontar-se com uma cabala no interior do partido, dirigida por Stalin - que, entre Maio e Outubro de 1918, estava encarregado de organizar serviços de intendência no fronte de Tsartsin - a futura Stalingrado - e havia tornado-se o governante informal da região do Baixo Volga, onde instalara um reinado de terror dirigido contra as antigas classes dirigentes e especialmente contra os antigos oficiais do exército imperial, fuzilados sob qualquer pretexto. Stalin e seu futuro Ministro da Defesa, Kliment Voroshilov, levaram sua oposição a Trótski ao ponto de recusarem subordinar-se ao ex-general czarista Andrei Snesev, nomeado por Trótski para dirigir as operações militares na região. Ao criticar a política de Trótski como hostil aos “velhos bolcheviques”, Stalin conseguiu uma primeira base de apoio na burocracia do partido que lhe seria muito útil na luta posterior pelo poder.

Em outubro de 1918, quando a ameaça dos exércitos brancos na frente dos Urais tinha desaparecido, no entanto, Trótski voltou sua atenção para a Frente Sul<sup>[9]</sup> e acabou por impor-se a Stalin, recebendo o apoio de Lenin, que, no entanto, ciente da necessidade de não diminuir Stalin diante de seus camaradas de partido, organizou sua remoção honrosa para Moscou e encarregou o então Secretário Geral do Partido, Sverdlov, de organizar um encontro de reconciliação entre os dois antagonistas, o qual, no entanto, falhou: Trotsky respondeu a Stalin, quando este pediu-lhe para que não perseguisse seus “rapazes”, que a revolução não tinha tempo para esperar que os “rapazes” crescessem...<sup>[10]</sup>

### 9.3.2 1919: Crise e restauração de prestígio

Continuamente importunado pela oposição da velha guarda bolchevique, comandada por Stalin, às suas po-

líticas, Trótski chegou, em julho de 1919, a oferecer sua renúncia ao cargo de Comissário da Guerra ao órgão do Comitê Central do Partido responsável pelas nomeações para cargos administrativos, o *Orgburo*, de forma a obrigar a cúpula do partido a expressar abertamente seu desacordo consigo ou apoiá-lo.<sup>[11]</sup> Que a segunda opção tenha sido a escolhida deveu-se antes de tudo a Lenin, que, muito embora encontrasse dificuldades em conciliar os atritos criados por Trótski, pelo seu comportamento arrogante, com o restante dos líderes do partido, continuou em última instância a apoiar sua política militar, chegando mesmo a, num dado momento em 1919, entregar-lhe um papel timbrado com sua assinatura que Trótski poderia utilizar para validar qualquer ordem sua.<sup>[12]</sup>

No entanto, Trótski continuaria tendo suas políticas contestadas surdamente pelo partido durante todo o início de 1919, especialmente pela estratégia tímida que havia proposto para o fronte siberiano (onde as tropas vermelhas continuavam a ter sucessos contra o Almirante Kolchak), assim como pela sua incapacidade de resolver a situação militar no fronte ucraniano, onde as tropas brancas do general Anton Denikin tinham sua base. No entanto, uma mudança de situação acabaria por restabelecer o seu prestígio.

Stalin e Serguei Kamenev propunham que a estratégia para lidar com a situação na Ucrânia deveria incluir um assalto à retaguarda de Denikin na região caucasiana do Kuban, onde havia uma concentração de aldeias de cossacos aliados dos Brancos. Trótski, por sua vez, alegava que tal estratégia nada mais faria do que soldar a aliança entre as forças cossacas e os brancos, e que a situação deveria ser resolvida por um ataque na direção do Leste da Ucrânia, onde a concentração de indústrias atrairia o apoio dos operários ao Exército Vermelho; os cossacos - que lutavam em defesa de suas terras - deixados a si mesmos, acabariam por ficar neutros. E, efetivamente, a execução do plano de Stalin apenas reforçou o Exército Branco, que, em setembro de 1919, tomou Orel e avançou para o Norte, na direção de Moscou e do centro de produção de munições de Tula, ameaçando a própria existência do regime soviético.<sup>[13]</sup> Ao final, seria o plano de Trótski que acabaria sendo adotado: em Outubro de 1919, dois ataques de flanco lançados contra o Exército Branco o separaram da cavalaria cossaca, forçando Denikin a recuar para a Ucrânia, de onde o Exército Branco, completamente desmoralizado, e sem contar mais com os subsídios do governo britânico, recuaria para a Crimeia.<sup>[14]</sup>

No entanto, os responsáveis pela defesa da Frente Sul jamais admitiram abertamente o seu débito para Trótski, o qual, inclusive, antes da ofensiva final, enviou ao Comitê Central do Partido uma carta defendendo sua estratégia e eximido-se de responsabilidade pelos erros anteriores do comando do Exército Vermelho na Ucrânia - uma reação que Lenin classificaria numa anotação à margem da carta de Trótski como produto de “nervosismo”.<sup>[15]</sup> O que reabilitaria decisivamente a reputação de Trótski se-

ria a sua eficiente defesa de Petrogrado contra as tropas do general branco Yudenich, que atacaria a antiga capital também em outubro de 1919, tentando solapar o moral do Exército Vermelho pela tomada do berço da revolução. Opondo-se às objeções de Lenin - que a princípio pensara em abandonar Petrogrado para concentrar-se na defesa da Frente Sul - Trótski comandou a defesa pessoalmente, chegando a cavalgar em direção às linhas inimigas sozinho para animar tropas em fuga. Esta vitória decisiva elevaria o Comissário da Guerra ao auge do seu prestígio - o qual foi imediatamente seguido pelo seu declínio.

Após a derrota de Denikin e Yudenich, o Exército Branco estava reduzido a um remanescente entrincheirado na Crimeia, sob o comando do **barão Pyotr Nikolayevich Wrangel**, remanescente este que poderia ser liquidado facilmente pelo Exército Vermelho, quando o ditador nacionalista da Polônia, **Józef Piłsudski**, resolveu aproveitar-se do vácuo de poder na Ucrânia - onde a autoridade dos bolcheviques encontrava dificuldade para afirmar-se diante da atividade dos nacionalistas ucranianos e dos bandos anarquistas comandados por **Nestor Makhno** - para intentar restaurar o antigo império polonês nesta região, avançando para o leste com seu exército e tomando Kiev em 7 de maio de 1920. A reação nacionalista que este ataque provocou na Rússia determinou que o contra-ataque do Exército Vermelho fosse extremamente bem sucedido, limpando a Ucrânia e a Bielorrússia ocidentais de tropas polonesas. Para Trótski, a contraofensiva deveria limitar-se a esta restauração do poder soviético nas repúblicas não-russas da fronteira ocidental, mas Lenin viu na situação a oportunidade de instalar um regime socialista na Polônia que servisse de elo de ligação entre a Rússia soviética e a Alemanha, onde as forças de Esquerda poderiam recuperar-se da repressão do levante spartakista de 1919, e ordenou uma ofensiva na direção de Varsóvia, onde esperava um levantamento operário na retaguarda de Piłsudski. Trótski, no entanto, considerava que os poloneses, recém-independentes, tenderiam a colocar a garantia de sua independência acima da transformação socialista, e a derrota do Exército Vermelho nos arredores de Varsóvia em agosto de 1920, se privou a Rússia soviética de uma fronteira comum com a Alemanha - para grande prejuízo do movimento comunista internacional - ao mesmo tempo aumentou o prestígio de Trótski, que havia considerado as expectativas de Lenin e dos bolcheviques como irrealistas e advertido contra o otimismo excessivo.<sup>[16]</sup> A instâncias de Trótski, foi firmado um tratado de paz com a Polônia, o qual permitiu que o Exército Vermelho liquidasse o bastião Branco na Crimeia em Novembro de 1920, encerrando a Guerra Civil.

### 9.3.3 O Pós-Guerra Civil

A autossuficiência de Trotsky, mesmo após a vitória dos Vermelhos na Guerra Civil, acabou por determinar que seu prestígio público sofresse abalos importantes: o primeiro, quando da repressão brutal das revoltas de Krons-

tadt e de Tambov, em que teve papel importante na adoção de uma política de repressão e de rejeição de qualquer compromisso com os rebeldes. Segundo, quando, após haver proposto um abandono do comunismo de guerra e um retorno parcial ao livre mercado, pela adoção do que viria a consistir na futura NEP, no início de 1920, foi desautorizado por Lenin, propondo então, como uma alternativa, que "os métodos de guerra fossem aplicados sistematicamente",<sup>[17]</sup> mediante um combate decidido ao desemprego decorrente da desmobilização e visando a rápida recuperação econômica da Rússia Soviética pela abolição total da independência, mesmo nominal, dos sindicatos e pela generalização do trabalho forçado através da formação de "exércitos do trabalho" que mobilizariam forçosamente trabalhadores ociosos. Somando-se à desconfiança dos veteranos bolcheviques por sua adesão tardia ao partido, estas posições lhe darão uma fama de bonapartista e ditador militar potencial, e em muito enfraquecerão sua posição diante de Stalin; Lenin, no seu Testamento Político, falará de Trotsky como "o homem mais capaz do presente Comitê Central", mas deplorará suas tendências autoritárias (nas palavras de Lenin, "sua tendência a abordar as questões apenas pelo lado administrativo").

## 9.4 Derrota diante de Stalin

 Mais informações: [Divergências entre Stalin e Trotsky](#)

Desde 1920, Lênin receia crescentemente a burocratização do partido e do estado<sup>[18]</sup> e criticava Trotsky pela sua falta de "opinião firme sobre o marxismo" e o condenava na tentativa de querer conciliar as diferentes classes sociais esquerdistas.<sup>[19]</sup> A sua morte, em 1924, gera um vácuo de poder que acirra a disputa interna entre o setor burocratizado e o setor em defesa de uma maior sovietaização do regime. O primeiro, simbolizado por Stálin, acaba por vencer, assumindo a direção quase total do partido. Nesse momento, Trótski não quis ou não pôde opor-se ativamente a Stalin, mantendo-se discreto no 12º congresso do partido em 1923, onde acaba por perder o poder para um triunvirato, também chamado de Troika, constituído por Stalin, Lev Kamenev e Grigori Zinoviev. Trótski e seus apoiantes organizam-se na Oposição de Esquerda, facção que nos anos seguintes luta no interior do partido contra Stalin.

Havia, no entanto, uma assimetria fundamental nesta luta faccionária: a oposição de esquerda, por mais bem implantada que estivesse no interior da militância comum do partido, não tinha qualquer poder no interior das instâncias decisórias de um Partido Bolchevique já totalmente burocratizado. Trótski, pela sua entrada tardia no partido e por não ter assumido responsabilidade por nomeações burocráticas como Stalin, não possuía capacidade de alavancar suas posições pelo exercício do

clientelismo. Mas ainda, desde o seu décimo congresso, em 1920, o Partido Bolchevique havia adotado - com o apoio de Trótski, diga-se de passagem - um novo regimento administrativo que proibia a existência de facções permanentemente organizadas no partido, o que tornava possível a qualquer contestação à liderança do Partido ser caracterizada como “faccionária”. Resumindo, o prestígio pessoal de Trotsky era inteiramente desproporcional aos recursos políticos concretos que ele poderia mobilizar no interior de um partido a cuja vida interna ele era estranho. Daí, em grande parte, a inação de Trotsky diante da ascensão de Stalin; na ausência de Lenin - que até então havia sempre abonado suas políticas em momentos decisivos - Trotsky escolheu não desafiar o conclave bolchevique, sabendo que suas chances de vitória eram reduzidas.<sup>[20]</sup>

Durante a preparação pelo Comintern de um levante revolucionário na Alemanha em finais de 1923- com Lenin ainda vivo mas incapacitado - Trótski já havia solicitado ao partido permissão para atender um convite feito pelo líder comunista alemão Heinrich Brandler e dirigir o levante projetado *in loco* como combatente revolucionário internacional - um projeto que de certa forma antecipava a aventura boliviana de Che Guevara. A permissão foi, no entanto, negada, pois Stalin temia que, se Trótski caísse prisioneiro ou morto, o embaraço que tal provocaria ao governo soviético, e temia mais ainda a possibilidade de que ele retornasse da Alemanha vitorioso, caso em que o aumento de seu poder e influência seria irresistível. O levante alemão, mal preparado e executado, foi um fracasso, e fortaleceu a tendência stalinista de abandonar a revolução socialista internacional pelo “socialismo num só país”.

No decorrer das lutas confusas que se seguiriam, Trótski buscou uma consolação - assim como um aumento da sua influência - pela concentração no trabalho teórico e intelectual. Trótski já havia, durante a Revolução de 1905, formulado a Teoria da Revolução Permanente - a proposição de que a revolução liberal-burguesa, nas condições de um país capitalista atrasado como a Rússia não se deteria na constituição de uma república democrática, mas avançaria para a revolução socialista, num processo sem solução de continuidade - contrariamente ao entendimento evolucionista do marxismo predominante à época, segundo o qual a revolução socialista seria um produto do esgotamento prévio das possibilidades de desenvolvimento capitalista nacional. Após a Revolução de 1917, passou a defender também que a revolução socialista era um processo mundial e que a Revolução Russa necessitaria continuar a desenrolar-se numa arena mundial, no âmbito de uma perspectiva internacionalista que contrastava claramente com a política estalinista do “socialismo num só país”. Defendeu a rápida industrialização da economia e o abandono da NEP (Nova Política Econômica) de Lenin, quando Stalin e o teórico Bukharin defendiam a industrialização gradual e a manutenção daquela política.

A dissidência no interior do partido vem a público quando

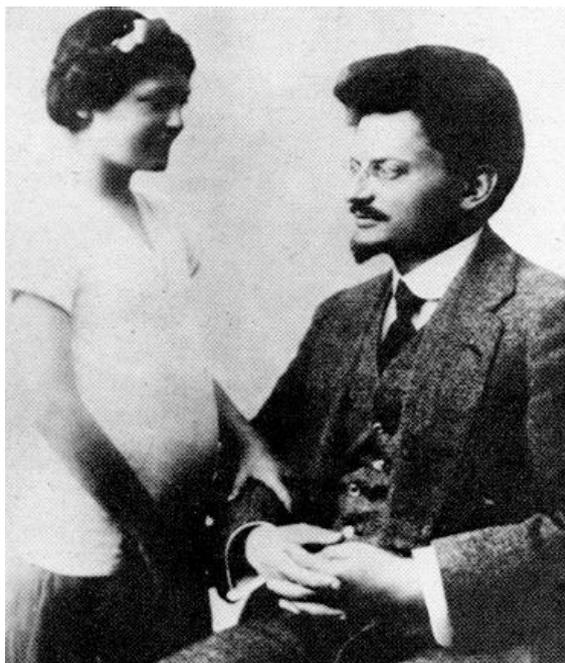
Trótski publica, em 1924, um prefácio à edição dos seus escritos de 1917, *As Lições de Outubro*, criticando a falta de estratégia revolucionária de Stalin e da Direção do Comintern na direção do levante alemão de 1923, e compara suas atitudes com a indecisão demonstrada por Kamenev e Zinoviev às vésperas da Revolução de Outubro. Estas discordâncias abertas afastam politicamente Trótski de Stalin, culminando na sua expulsão do partido a 12 de novembro de 1927, o exílio em Alma Ata (hoje Altana), na então República Socialista Soviética do Cazaquistão, a 31 de janeiro de 1928, e finalmente a expulsão da União Soviética em 1929. Ainda em julho desse ano, começa a publicar um boletim mensal da oposição, que continuaria a ser publicado e contrabandeado para o território soviético durante todo o seu exílio.

Ironicamente, afastado Trótski, Stalin vira-se contra Bukharin e acaba por apropriar-se de muitos dos preceitos da política econômica enunciados por Trótski, implementando-a, todavia, de uma forma criticada por uma grande maioria, como exageradamente violenta e autoritária. Tal “virada à Esquerda” de Stalin, no entanto, fez muito para privar a Oposição de Esquerda de grande parte dos seus partidários na URSS, que acabam por aderir a Stalin, que consideram estar realizando na prática o programa da oposição, nomeadamente o economista Ievguêni Preobrajenski e o antigo chefe de governo da Ucrânia soviética e amigo pessoal de Trótski desde a época de sua estadia nos Bálcãs, o socialista romeno de etnia búlgara Christian Rakovski - que, juntamente com a imensa maioria dos antigos trotskistas, haveriam de perecer nas Grandes Purgas dos anos 1930.

## 9.5 Exílio e morte

Após a deportação, Trotsky passou pela Turquia, França (julho de 1933 a junho de 1935) e Noruega (junho de 1935 a setembro de 1936), fixando-se finalmente no México, a convite do pintor Diego Rivera, vivendo temporariamente em casa deste e mais tarde em casa da esposa de Rivera, a pintora Frida Kahlo. A medida que aumenta a repressão stalinista, multiplicam-se os lutos familiares. Além da morte dos seus quatro filhos, os genros, noras, netos, e outros parentes próximos de Trotsky são igualmente vítimas da repressão por sua ligação com um “inimigo do povo” e desaparecem nos sucessivos expurgos da década de 1930, com exceção do único filho que Zina pôde levar consigo ao exterior, e que acabou por reunir-se ao avô no México, após complicadas negociações com a mulher francesa de Leon Sedov - que havia se responsabilizado pelo sobrinho até a sua própria morte num hospital parisiense.

No seu crescente isolamento pessoal e político, Trotsky, a partir desta altura, aumenta consideravelmente a sua produção escrita, escrevendo importantes obras como sua autobiografia, *Minha Vida* (1930), a *História da Revolução Russa* (em 2 vols., 1930 e 1932), *A Revolução Perma-*



Trótski e a sua filha Nina (França).

nente (1930) e *A Revolução Traída* (1936), uma crítica violenta ao Estalinismo. Apoiando-se sobre um panfleto de Rakovski, *Os Perigos profissionais do poder*, Trótski considerava em *A Revolução Traída* que a União Soviética se tornara num Estado de trabalhadores degenerado, controlado por uma burocracia não-democrática - derivada, no entanto, da própria classe operária (em um processo descrito como *Degenerescência Burocrática*) e que teria eventualmente de ser derrubada por uma 2ª revolução política que restaurasse o caráter democrático da revolução socialista, ou, então, degenerar ao ponto de regressar ao capitalismo.<sup>[21]</sup>

Trotsky rejeitou as teses ultraesquerdistas de certos opositores bolcheviques do estalinismo (notadamente os “Centralistas Democráticos” liderados por Sapronov), que consideravam que o stalinismo era uma restauração do capitalismo, algo similar à restauração da monarquia francesa pelos Bourbons em 1815. Através desta mesma analogia com a *Revolução Francesa*, Trotsky considerou que o regime de Stalin era um Termidor soviético, no sentido de que, assim como o 9 Termidor francês havia derrubado o radicalismo pequeno-burguês de Robespierre, Saint-Just e dos jacobinos, mas preservado o caráter burguês da sociedade francesa, do mesmo modo o estalinismo havia eliminado todos os elementos internacionalistas e de democracia proletária do regime soviético, mas não havia, de momento, abolido o caráter socialista da economia e das relações sociais na Rússia. Considerando a URSS estalinista, assim, como presa num estágio de transição entre o capitalismo e o socialismo, e não considerando que ela houvesse se convertido num capitalismo de Estado, Trótski opôs-se, no início da Segunda Guerra Mundial, àqueles entre seus seguidores

- especialmente fortes no partido trotskista americano, o *Socialist Workers' Party* (SWP), mas também figuras isoladas como o brasileiro Mário Pedrosa - que propunham retirar apoio à URSS em caso de ataque externo. Para Trótski, a defesa das aquisições da Revolução de Outubro exigia o respeito mais estrito à consigna de “defesa incondicional da União Soviética”. Muito embora opusesse-se ao *Pacto Molotov-Ribbentrop*, que considerava desmoralizante para o movimento operário, orientou seus partidários para que apoiassem a *expropriação* dos latifúndios e das fábricas realizadas por Stalin no leste da Polônia e nos Países Bálticos quando da sua incorporação forçada na URSS.



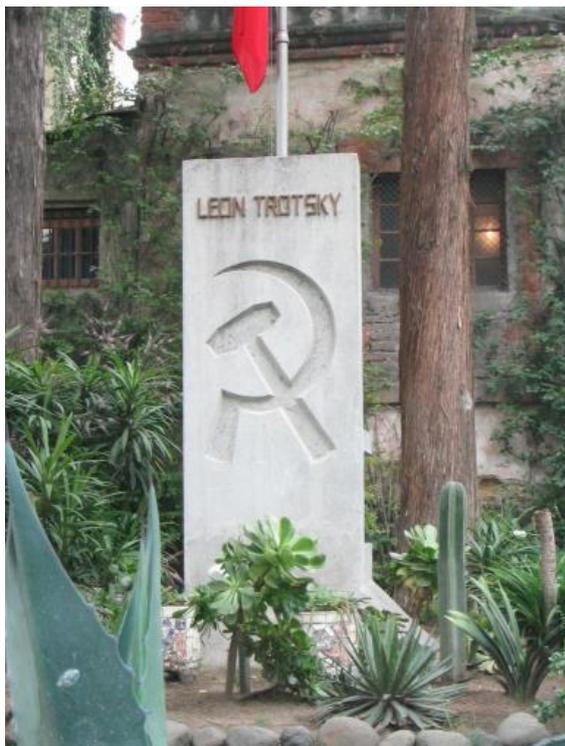
Trotsky no México, entre admiradores norte-americanos (1940)

A 3 de setembro de 1938, numa reunião com 25 delegados de 11 países, Trótski e seus seguidores fundam a *Quarta Internacional*, como alternativa à *Terceira Internacional* estalinista. Trótski tinha entrado entretanto em conflito com Diego Rivera - numa disputa que tinha tanto a ver com as pretensões políticas de Rivera no movimento trotskista, que Trótski desfavorecia, quanto com a breve ligação de Trótski com Frida Kahlo - e mudara-se em 1939 para uma casa própria no bairro de Coyoacán, na *Cidade do México*. A 24 de maio de 1940 sobrevive a um ataque à sua casa por assassinos alegadamente a mando de Stalin. Não sobreviverá, no entanto, ao segundo ataque de Stalin: a 20 de agosto] de 1940, o agente Ramón Mercader consegue sob disfarce entrar pacificamente na sua sala para um encontro, e, aproveitando um momento de distração, aplica com uma picareta um golpe fatal no seu crânio. Ao ouvir o ruído, os guarda-costas de Trótski precipitam-se para a sala e quase matam Mercader, mas Trótski detém-nos, exclamando:

Faleceu no dia seguinte.

O líder a URSS desejava ocultar fatos de seu passado, como suas ações de agente provocador a serviço a polícia secreta tsarista (a Okhrana).<sup>[22]</sup> Neste período, Trótski escrevia uma biografia não autorizada sobre Stálin e este seria um dos motivos do crime.<sup>[22]</sup>

A casa de Trotsky em Coyocán, preservada no mesmo estado em que se encontrava naquele dia, é hoje um museu, em cujos terrenos se encontra ainda o cenotáfio de Trótski, com a foice e martelo talhados sobre seu nome.



Túmulo de Leon Trótski em Coyoacán, bairro da cidade do México, no jardim da casa onde morou durante seus últimos anos de vida.

Trótski nunca foi formalmente reabilitado pelo governo soviético, seja durante a "desestalinização" de Khrushchov, seja durante a "Glasnost" de Mikhail Gorbachov, apesar da reabilitação, durante estes dois episódios, da maioria da velha guarda bolchevique morta durante os grandes expurgos de Stalin. Dos descendentes de Trotsky, o único que pôde preservar sua conexão com a família seria o seu neto, o engenheiro Esteban Volkov, filho de Zina, que seria criado por Natalia Sedova no México e muito faria pela preservação da memória do avô pela manutenção da sua casa de Coyoacán como um museu privado, depois apropriado pelo governo mexicano. Na década de 1990, Volkov viajaria à Rússia para encontrar-se, após sessenta anos de separação, com uma irmã recém-localizada, doente terminal de câncer, com a qual teve de conversar através de um intérprete, para explicar-lhe que a decisão de deixá-la na URSS havia sido imposta à sua mãe por Stalin.

## 9.6 A morte de Trotsky na imprensa

Um dos secretários de Trotsky, Joseph Hansen, entregou à imprensa um relato sobre o assassinato do líder comunista:

Segundo Hansen, Jackson chegou à casa de Trotsky às 5h30 da tarde do dia 20 de agosto, dizendo-lhe que havia

escrito um artigo, sobre o qual gostaria de sua opinião. Trotsky concordou e ambos se encaminharam para a sala de jantar, onde estava a sra. Trotsky. *"Alegando estar com a garganta seca, Jackson pediu um copo de água. A sra. Trotsky ofereceu-lhe chá. Ele agradeceu mas preferiu a água. Então, Trotsky convidou-o a passarem para o seu escritório"*.

O primeiro indício de que algo de anormal acontecera foi o som de gritos lancinantes e de uma luta violenta. A princípio os secretários e guarda-costas julgaram que havia acontecido algum acidente, mas, ao ingressarem no escritório, encontraram Trotsky com o rosto banhado em sangue. Um dos guarda-costas correu para socorrê-lo, enquanto o outro atracava-se com o assassino, que empunhava um revólver. *"Provavelmente o assassino atacou-o por trás, utilizando uma picareta cuja ponta penetrou-lhe o cérebro. Mas em vez de cair inconsciente, como o assassino planejava, Trotsky agarrou-se a ele"*.

Enquanto jazia, sangrando, no chão, Trotsky disse a Hansen: *"Jackson baleou-me com um revólver. Acho que, dessa vez, é o fim"*. Hansen tentou animá-lo, dizendo que o ferimento era superficial e que não podia ter sido causado por um tiro, já que ninguém tinha ouvido o estampido. *"Não, sinto aqui que desta vez eles conseguiram"* - disse Trotsky, apontando para o coração. Trotsky lutou pela vida por mais de 24 horas, vindo a falecer às 7h25 da noite de 21 de agosto.<sup>[23]</sup>

## 9.7 Biografias

Trotsky encontrou, na década de 1950, um grande biógrafo na pessoa do marxista polonês radicado na Inglaterra Isaac Deutscher, que escreveu a monumental biografia em três volumes: *O Profeta Armado - Trotsky 1879-1921*, *O Profeta Desarmado - Trotsky 1921-1929* e *O Profeta Banido - Trotsky 1929-1940*, a qual encontra-se atualmente disponível no original em publicação da Verso Editions, e em português numa tradução da Editora Civilização Brasileira, republicada recentemente pela Editora Record.

Trata-se de uma biografia polêmica, onde Deutscher questiona frequentemente as posições de Trotsky, o que a torna mais dinâmica que outra biografia também monumental e mais documentada e posterior do trotskista francês Pierre Broué, *Trotsky* (Paris, Fayard, 1988) não possui, por este defender diretamente as ideias de Trotsky.

## 9.8 Ver também

- Curva de desenvolvimento capitalista
- Grande Expurgo
- Lei do desenvolvimento desigual e combinado

- Liga Comunista (Brasil)
- Oposição de Esquerda
- Oposição Unificada
- Programa de Transição
- Quarta Internacional
- Revolução mundial
- Teoria da revolução permanente
- Trotskismo

## 9.9 Notas

- [1] Seu nome em ucraniano é Лев Давидович Троцкий, que pode ser transliterado como *Lev Davidóvitch Trótskii*. Todavia, seu verdadeiro sobrenome era **Bronstein** (Бронштейн)<sup>[2]</sup>. Pelo calendário juliano, utilizado nos países de tradição ortodoxa, nasceu em 26 de outubro de 1879.

## 9.10 Referências

- [1] *O Testamento de Leon Trotsky* 1940
- [2] «Leon Trotsky». UOL -Educação. Consultado em 12 de novembro de 2012
- [3] *Operações especiais: memórias de uma testemunha indesejada*/ Pavel Sudoplatov, Anatoli Sudoplatov, Mem Martins : Europa-América, D.L. 1994 ISBN 972-1-03771-0
- [4] North, David (2010). *In Defense of Leon Trotsky*. Mehring Books. p. 145
- [5] cf. Leon Trotsky, *My Life*, Penguin, 1988, pg.417
- [6] Robert Service, *A History of Twentieth-Century Russia*, Penguin,1997, pgs.105/106
- [7] Leon Trotsky, *My Life,op.cit.*, Cap.33
- [8] Leon Trotsky, *My Life,ibid.*, pg.470
- [9] Cf. Isaac Deutscher,*Stalin*, Penguin Books, 1982, pg.210
- [10] Cf. Deutscher, *ibid.*, pg. 210
- [11] Trotsky, *My Life, op.cit.*, pg.471
- [12] “Ciente do caráter rigoroso das ordens do Camarada Trótski, estou tão absolutamente convencido da sua correção, expediência e necessidade para o triunfo da causa, que as endosso sem quaisquer reservas.-V.ULYANOV/LENIN”-cf.Leon Trotsky, *My Life, op.cit.*, pg.487.
- [13] Trotsky, *My Life, op.cit.*, pgs. 471/473.
- [14] Cf. Richard Pipes, *Russia under the Bolshevik Regime*, Nova Iorque, Vintage, 1995, pgs.127/129
- [15] Cf. Richard Pipes, *ibid.*, pg. 126
- [16] Trotsky, *My Life, op.cit.*, pg.475
- [17] Leon Trotsky, *My Life, op.cit.*, pg.482
- [18] Marshall, Alex (2010). *The Caucasus Under Soviet Rule* (em inglês). [S.l.]: Taylor & Francis. p. 274. ISBN 0203847008
- [19] <http://pt.scribd.com/doc/51123583/Trotskismo-x-Leninismo-Indice-Apresentacao-e-Prefacio~{ }>
- [20] Cf., e.g., Orlando Figes, *A People's Tragedy*, Nova Iorque, Viking, 1997, pg.802
- [21] Leon Trotsky. «*A Revolução Traída*». marxists.org. Consultado em 17 de dezembro 2013
- [22] «História Viva» Stalin: Uma lenda fabricada sob medida. Documentos revelam que até 1917, por trás da fachada de revolucionário exemplar, o líder soviético operou como agente da polícia secreta do czar. Acessado em 12 de Outubro de 2012.
- [23] New York Times, edição de 22/08/1940.

## 9.11 Bibliografia

- Dmitri Volkogonov. “Trotsky — The Eternal Revolutionary”. Free Press/Simon & Schuster, 524 páginas, 1996

## 9.12 Ligações externas

- Programa de transicion
- Secção de Leon Trotsky em português no Marxists Internet Archive
- Trotsky em Português: esboço bibliográfico. Artigo de Alvaro Bianchi 2005
- O Chefe das Operações Especiais (assassinatos e terrorismo) de Stálin explica como coordenou o assassinato do revolucionário ucraniano, no México, em 1940, e o roubo dos segredos atômicos dos Estados Unidos. Operações Especiais — Memórias de uma Testemunha Indesejada. Publicações Europa-América, 543 páginas, 1994
- Artigo: Trotsky. Uma vida dedicada à revolução socialista
- O Marxismo de Leon TrotskiArtigo de Alvaro Bianchi - professor de ciência política - Unicamp
- Trótski: 65 anos depoisAto em homenagem ao 65 anos da morte de Trótski reúne 700 pessoas em São Paulo (2005)

espanhol

- Site Liga Internacional dos Trabalhadores

**inglês**

- The Lubitz TrotskyanaNet (em inglês) Informações relacionadas a Leon Trotsky, ao trotskismo e seguidores

## Capítulo 10

# Anarquismo

 **Nota:** “Anarquia” redireciona para este artigo. Para o personagem de banda desenhada, veja Anarquia (DC Comics).

**Anarquismo** é uma ideologia política que se opõe à todo tipo de hierarquia e dominação, seja ela política, econômica, social ou cultural, como o Estado, o capitalismo, as instituições religiosas, o racismo e o patriarcado.<sup>[1]</sup> Através de uma análise crítica da dominação, o anarquismo pretende superar a ordem social na qual esta se faz presente através de um projeto construtivo baseado na defesa da autogestão,<sup>[1][2]</sup> tendo em vista a constituição de uma sociedade libertária baseada na cooperação e na ajuda mútua entre os indivíduos e onde estes possam associar-se livremente.<sup>[3][4]</sup>

Os grandes meios para se alcançar tais objetivos são motivos de debates e divergências entre os anarquistas.<sup>[1][5]</sup> Com base em discussões estratégicas acerca da organização anarquista, das lutas de curto prazo e da violência, estabelecem-se duas correntes do anarquismo: o anarquismo insurrecionário e o anarquismo social ou de massas.<sup>[6]</sup> O anarquismo insurrecionário afirma que as lutas de curto prazo por reformas e que os movimentos de massa organizados são incompatíveis com o anarquismo, dando ênfase à **propaganda pelo ato** como o principal meio para despertar uma revolta espontânea revolucionária.<sup>[7]</sup> Já o anarquismo social ou de massas enfatiza a noção de que apenas movimentos de massa podem ser capazes de provocar a **transformação social** desejada pelos anarquistas, e que tais movimentos, constituídos normalmente por meio de lutas por reformas e questões imediatas, devem contar com a presença dos anarquistas, que devem trabalhar no sentido de radicalizá-los e transformá-los em agentes revolucionários.<sup>[8]</sup>

Historicamente, o anarquismo é um fenômeno moderno, surgindo na segunda metade do século XIX no contexto da Segunda Revolução Industrial, a partir da radicalização do mutualismo de Pierre-Joseph Proudhon no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), durante o final da década de 1860. Entre 1868 e 1894, o anarquismo já havia se desenvolvido significativamente e também havia sido difundido globalmente, exercendo, até 1949, grande influência entre os movimentos operá-

rios e revolucionários, embora tenha continuado a exercer influência significativa em diversos movimentos sociais do período pós-guerra até a contemporaneidade, entre fluxos e refluxos.<sup>[9]</sup>

### 10.1 Etimologia e terminologia

O termo *anarquismo* é composto pela palavra *anarquia* e pelo sufixo *-ismo*,<sup>[10]</sup> derivando do grego ἀναρχος, transliterado *anarkhos*, que significa “sem governantes”,<sup>[11][12]</sup> a partir do prefixo ἀν-, *an-*, “sem” + ἀρχή, *arkhê*, “soberania, reino, magistratura”<sup>[12]</sup> + o sufixo -ισμός, *-ismós*, da raiz verbal -ιζειν, *-izein*. O primeiro uso conhecido da palavra data de 1539.<sup>[11]</sup> A palavra passou a ser amplamente utilizada no contexto da Revolução Francesa,<sup>[13]</sup> sendo utilizada por Robespierre para desqualificar grupos radicais de oposição, como os *enragés* de Jacques Roux, tendo uma conotação essencialmente negativa.<sup>[14]</sup> O primeiro filósofo a declarar-se anarquista foi Pierre-Joseph Proudhon, em 1840, na sua obra *O Que É a Propriedade?*, ao perceber a ambiguidade da palavra grega *anarchos*, que pode significar não apenas a desordem, mas também a falta de governo em situações onde este é considerado desnecessário, proclamando-se anarquista com base neste último significado, numa tentativa de ressaltar que a crítica que se propunha fazer ao Estado e a autoridade não implicava na defesa da desordem,<sup>[15]</sup> tentando assim atribuir ao termo um sentido positivo.<sup>[16]</sup>

Entretanto, apenas progressivamente o termo foi perdendo sua conotação negativa, e os primeiros militantes anarquistas, no contexto da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), jamais se declararam como tal,<sup>[17]</sup> preferindo a utilização de termos como “socialismo revolucionário” ou “coletivismo”. Os termos “anarquia” e “anarquismo” passaram a ser reivindicados pelos militantes de uma forma mais generalizada apenas após a cisão da AIT e a formação da Internacional de Saint-Imier, em 1872.<sup>[18]</sup> Entretanto, não houve uma homogeneização nesse sentido, e outros termos tais como “socialismo libertário”, “comunismo libertário” e “socialismo antiautoritário” foram amplamente reivindicados por militantes anarquistas, embora não possam ser asso-

ciados como sinônimos do anarquismo em alguns casos, pois estendem-se também a outros setores da esquerda socialista e revolucionária.<sup>[19]</sup>

## 10.2 História

 Ver artigo principal: História do anarquismo

O surgimento do anarquismo relaciona-se a um contexto histórico particular da segunda metade do século XIX, que implicou mudanças sociais amplas e significativas.<sup>[20]</sup> Os historiadores Lucien van der Walt e Steven Hirsch apontam que, durante o século XIX, o capitalismo desenvolveu-se e globalizou-se, a partir da integração das estruturas econômicas mundiais, dentro de marcos estabelecidos pela Segunda Revolução Industrial;<sup>[21]</sup> ao mesmo tempo, os Estados Modernos consolidaram-se e levaram a cabo uma expansão imperial significativa ligada em grande parte ao aumento da produção mundial e às novas tecnologias desenvolvidas.<sup>[21]</sup> Tais processos são acompanhados por um crescimento significativo da imigração de trabalhadores, com aumentos sem precedentes na migração transoceânica e intracontinental<sup>[21]</sup> e, ao mesmo tempo por um desenvolvimento significativo das tecnologias em geral, em especial dos transportes e das comunicações.<sup>[21]</sup> A promoção do racionalismo e a circulação de valores modernos como a liberdade individual e a igualdade perante as leis, que ganharam relevância com a Revolução Francesa e contribuíram com o enfraquecimento da influência religiosa na sociedade<sup>[22]</sup> também são aspectos a serem levados em consideração no contexto de surgimento do anarquismo,<sup>[23]</sup> assim como a reorganização das classes sociais e seu protagonismo em conflitos nas cidades e nos campos, que em geral, acabaram contribuindo com o fortalecimento da noção de que a ação humana poderia modificar o futuro e, em especial, os conflitos de classe fortaleceram a noção de que os oprimidos, por meio de sua ação, poderiam transformar a sociedade,<sup>[24]</sup> noção favorecida pelo próprio surgimento e desenvolvimento das ideias socialistas durante o início do século XIX.<sup>[20]</sup> Nesse contexto, surgem movimentos que, não se sentindo contemplados pelas ideologias políticas em voga, desenvolvem, a partir de uma inter-relação prática-teórica, os elementos fundamentais do anarquismo,<sup>[25]</sup> que surge no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) no final da década de 1860 através da radicalização do mutualismo proudhonista.<sup>[26]</sup> O anarquismo, entre 1868 e 1894, já havia se desenvolvido significativamente e também havia sido difundido globalmente, e exerceu, até 1949, grande influência entre os movimentos operários e revolucionários, embora tenha continuado a exercer influência significativa em diversos movimentos sociais do período pós-guerra até a contemporaneidade, entre fluxos e refluxos.<sup>[19]</sup>

### 10.2.1 Antecedentes

Alguns autores vem identificando elementos considerados anarquistas em alguns autores anteriores a segunda metade do século XIX, como por exemplo, Lao Zi, Chuang-Tzu, Zenão de Cítio, Diógenes de Sinope e os demais cínicos, além de François Rabelais, Étienne de La Boétie,<sup>[27]</sup> William Godwin<sup>[28]</sup> e Max Stirner;<sup>[29]</sup> também apontam-se elementos do anarquismo em movimentos religiosos como o dos anabatistas e o dos hussitas,<sup>[27]</sup> e em movimentos radicais como o dos *diggers* de Gerrard Winstanley<sup>[30]</sup> e o dos *enragés* de Jacques Roux na Revolução Francesa.<sup>[31]</sup> O proeminente anarquista russo Piotr Kropotkin, ao buscar pelas origens do anarquismo, procurou encontrá-las não em filósofos isolados, mas sim nas massas populares anônimas.<sup>[32]</sup> Kropotkin afirmava que, através dos tempos, sempre houve duas correntes de pensamento e de ação em conflito nas sociedades humanas, sendo elas, de um lado a tendência ao apoio mútuo, exemplificada pelos costumes tribais, pelas comunidades aldeãs, pelas guildas medievais e por todas as outras instituições que Kropotkin afirmou serem “criadas e mantidas não através de leis mas pelo espírito criativo das massas”; e do outro lado, a tendência ao autoritarismo, representada pelas elites e governantes.<sup>[33]</sup> Para Kropotkin, assim, que as raízes do anarquismo remontavam aos tempos pré-históricos e a partir disso passou a analisar toda a gama de movimentos rebeldes até os primeiros sindicalistas franceses ao tentar construir a sua história do anarquismo.<sup>[27]</sup> Entretanto, novos historiadores do anarquismo têm criticado tais abordagens, consideradas “anistóricas”,<sup>[34]</sup> e defendem que a ideologia e o movimento anarquista são fenômenos relacionados ao contexto histórico particular da segunda metade do século XIX,<sup>[35]</sup> e também têm argumentado que muitos dos filósofos considerados “pré-anarquistas”, tais como Godwin e Stirner, não tiveram qualquer impacto significativo no desenvolvimento do anarquismo, sendo resgatados pelos militantes anarquistas posteriormente, quando o anarquismo já estava bem estabelecido globalmente.<sup>[36]</sup>

O socialismo utópico de Charles Fourier influenciou fortemente os primeiros anarquistas, inclusive Pierre-Joseph Proudhon,<sup>[37]</sup> cujo pensamento teve um impacto significativo entre os trabalhadores do século XIX e constituiu as bases do anarquismo.<sup>[38]</sup> As teorias econômicas de Proudhon criticavam a propriedade privada, a exploração e interpretavam a sociedade de classes e o processo de luta de classes, afirmando que o “regime proprietário”, colocando em oposição as classes sociais, tem como fundamento a “exploração do homem pelo homem”.<sup>[39]</sup> Juntamente com a sua crítica econômica, Proudhon criticou o Estado e o governo, unindo numa mesma crítica, desde suas primeiras obras, a propriedade capitalista e o estadismo governamentalista, relacionando o capitalismo, a “exploração do homem pelo homem”, e o estadismo, “governo do homem pelo homem”.<sup>[40]</sup> Há também em Proudhon a crítica à religião e à educação, que para ele atuavam como instrumentos de legitimação do



*O francês Pierre-Joseph Proudhon é considerado o precursor do anarquismo.*

capitalismo e do Estado. Para a solução do que chamou de “problema social”, Proudhon propõe o mutualismo na economia e o federalismo na política, de modo que os trabalhadores viessem a se organizar em uma sociedade que se autogerisse economicamente e se autoadministrasse politicamente.<sup>[41]</sup> O mutualismo federalista de Proudhon teria ainda como objetivo tornar “o trabalho do povo” e “a sociedade trabalhadora” as forças maiores que inverteriam as “fórmulas atuais da sociedade e envolva o capital e o Estado e os subjuguem”, de modo que os trabalhadores, organizados de baixo para cima em associações mútuas (agrícolas e industriais de produção, de consumo e de crédito), deveriam “simultaneamente inverter as relações do capital e do trabalho e inverter as relações do governo e da sociedade”.<sup>[42]</sup> Entretanto, há aspectos na obra de Proudhon que o distanciam do anarquismo, tais como posturas ambíguas em relação ao processo revolucionário, ora defendendo a violência e a revolução social e ora defendendo um processo gradual de mudança através de cooperativas mutualistas; ao próprio Estado, que em alguns momentos é duramente criticado e em outros considera-se a sua existência, ainda que de maneira descentralizada,<sup>[43]</sup> além de ter sustentado, em alguns momentos, conciliações entre a burguesia e o proletariado.<sup>[44]</sup> Entretanto, a crítica da dominação e a defesa da autogestão, além de sua ênfase na organização autogestionária e federalista dos trabalhadores constituíram as bases do anarquismo, que surge no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) no final da década de 1860, com a radicalização do mutualismo proudhoniano.<sup>[26]</sup>

## 10.2.2 A Associação Internacional dos Trabalhadores, surgimento e desenvolvimento

Ver artigos principais: Associação Internacional dos Trabalhadores e Internacional de St. Imier

Em meio ao contexto histórico da segunda metade do século XIX, em setembro de 1864, um número significativo de operários reunidos no St. Martin’s Hall, em Londres, fundou a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), conhecida posteriormente como Primeira Internacional. A AIT tinha por objetivo criar um organismo internacional no qual a classe trabalhadora pudesse se associar para discutir projetos comuns, constituindo um espaço que propiciou as condições para o surgimento do movimento anarquista, alguns anos após sua fundação.<sup>[45]</sup> No início, as organizações operárias que integravam a AIT eram muito distintas entre si, incluindo sindicalistas reformistas, republicanos e democratas radicais, mutualistas proudhonianos e comunistas.<sup>[46]</sup> Em um primeiro momento, a organização buscou articular-se em níveis locais, por meio de suas seções, e após o estabelecimento de suas bases de acordo passa a agir internacionalmente. Em um primeiro momento, são realizados congressos anuais a partir de 1866.<sup>[47]</sup>

O primeiro congresso, realizado em Genebra, na Suíça, aprovou os estatutos gerais da associação, deliberou pela estrutura federalista<sup>[47]</sup> e foi reconhecida a função fundamental dos sindicatos, por constituírem eficientes centros de organização e luta da classe trabalhadora.<sup>[48]</sup> O segundo congresso, ocorrido em Lausanne no ano de 1867, foi marcado pela forte presença dos mutualistas, que deliberaram o estímulo às cooperativas de crédito e de produção, nas quais se deveria fazer penetrar o espírito mutualista e federalista.<sup>[47][49]</sup> Já o terceiro congresso, realizado em Bruxelas, na Bélgica, em 1868, marcou um momento de radicalização da AIT, onde foram aprovadas resoluções sobre a socialização dos meios de produção e o incentivo à criação de novos sindicatos e ao ingresso das massas na AIT.<sup>[47]</sup> Nesse congresso, a AIT recomendou o método federalista, devendo as decisões nos sindicatos ser tomadas pelas bases e com as delegações submetidas ao controle dos trabalhadores e também foi sugerido o uso da greve geral como instrumento revolucionário. Os próprios movimentos populares que constituíam as bases da AIT haviam se radicalizado nesse período.<sup>[26]</sup>



Delegados do Congresso da Basileia de 1869.



Giuseppe Fanelli, militante da Aliança da Democracia Socialista, no centro e ao fundo, e o grupo fundador da AIT em Madrid, Espanha, em outubro de 1869.

O Congresso de Bruxelas havia representado o triunfo do coletivismo sobre o mutualismo no seio da AIT,<sup>[50]</sup> consolidado pela radicalização de muitos antigos mutualistas proudhonianos e no Congresso da Basileia de 1869,<sup>[51]</sup> que contou com a presença de Mikhail Bakunin e outros coletivistas da Aliança da Democracia Socialista (ADS), que haviam acabado de romper com a Liga da Paz e da Liberdade<sup>[52]</sup> e apresentado um pedido de adesão à Internacional, inicialmente rejeitado, sob o argumento de que a Aliança da Democracia Socialista também era uma organização internacional por si mesma, e apenas organizações nacionais eram permitidas enquanto membros da AIT; a Aliança então foi dissolvida e os vários grupos que a formavam uniram-se à Internacional separadamente. A Aliança é tida como a primeira organização específica anarquista<sup>[53]</sup> e seu programa buscava estimular organizações de massas e veículos de propaganda pública e, ao mesmo tempo, articular uma organização política que teria como objetivo fortalecer a intervenção da ADS entre as massas. Seus militantes foram os responsáveis pela criação de seções da AIT em países onde ela ainda não existia, como na Espanha, na Itália, em Portugal e mesmo na América Latina através de correspondências, além da criação de novas seções em países onde a associação já operava, como a Federação do Jura na Suíça.<sup>[52]</sup> Criando ou participando das seções da AIT, esses anarquistas promoveram programas que sustentavam a necessidade de mobilizações amplas de trabalhadores, articulados em movimentos classistas, para a realização de lutas populares combativas, independentes e organizadas em bases federalistas que fossem capazes de proporcionar conquistas imediatas aos trabalhadores e também caminhar rumo à revolução social e ao socialismo, passando necessariamente pela derrubada do capitalismo e do Estado.<sup>[54]</sup>

Desde o Congresso da Basileia de 1869, os conflitos entre

os federalistas, dentre os quais se encontravam Mikhail Bakunin e os anarquistas coletivistas, e os centralistas, que se encontravam fundamentalmente ao redor de Karl Marx Conselho Geral, se tornaram cada vez maiores. A Conferência de Londres, realizada em 1871, que teve participação restrita, sem representação das seções, constituiu as bases da cisão que se daria em 1872, no quinto congresso da AIT, em Haia.<sup>[55]</sup> Esse congresso marcou a cisão definitiva da Internacional e do próprio movimento operário europeu; os centralistas, que exerciam influência nas seções da Alemanha, Inglaterra e algumas dos Estados Unidos decidiram transferir o Conselho Geral de Londres para Nova Iorque, declarando o fim da Internacional em 1876; os federalistas, que exerciam influência nas seções da Espanha, Itália, Bélgica, Suíça, França e também algumas dos Estados Unidos, fundaram ainda em 1872 a Internacional de Saint-Imier, que esteve ativa até 1877 e operou sob princípios federalistas.<sup>[55]</sup> Foi com a formação da Internacional de Saint Imier que o anarquismo atingiu sua maturidade plena, tornando-se um corpo teórico que organiza, sistematiza, representa e justifica a luta, e os métodos de luta, para chegar a uma pretendida transformação profunda da sociedade.<sup>[56]</sup>

De modo geral, durante a sua existência, AIT havia estabelecido uma estrutura orgânica, com presença em diversos países, articulando permanentemente trabalhadores e movimentos classistas, internacionalistas e que, em meio às suas produções teóricas e práticas, amadureceram e radicalizaram suas posições. As mobilizações locais de trabalhadores tiveram o apoio da associação e estimularam a solidariedade entre os operários; experiências positivas e negativas foram utilizadas como base de reflexão crítica para a continuidade do movimento e discutiram-se questões centrais do movimento operário em geral, e do socialismo em particular, elementos que foram imprescindíveis para o surgimento e o desenvolvimento do anarquismo.<sup>[26]</sup> Os militantes da Aliança da Democracia Socialista, atuando através da AIT, tiveram um papel determinante na difusão do anarquismo em diversas partes do mundo, especialmente na Europa, atuando de maneira significativa para o estabelecimento e crescimento das seções da Internacional na Espanha, Itália, Portugal e Suíça, onde ocorreram os primeiros grandes marcos históricos do movimento anarquista.<sup>[57]</sup>

### 10.2.3 Primeira onda (1868-1894)

Esse período foi marcado pelo surgimento do anarquismo no interior da AIT, entre os coletivistas, e pela sua difusão, por obra dos militantes da Aliança da Democracia Socialista, em diversos países, principalmente na Europa mas também através de correspondências com países fora do continente europeu, entre 1868 e 1872,<sup>[57]</sup> e pelo amadurecimento do anarquismo no contexto da Internacional de Saint Imier.<sup>[56]</sup> Nesse período, sua maior força encontrou-se na Europa e nas Américas, e sua estratégia fundamental foi o sindicalismo de intenção revolucionária.

ria, embora também tenha encontrado força em ações insurrecionais, tanto revoltas armadas como atentados, nas organizações específicas anarquistas, assim como em publicações e outras iniciativas culturais, como a criação de centros de cultura e escolas libertárias.<sup>[58][59]</sup>

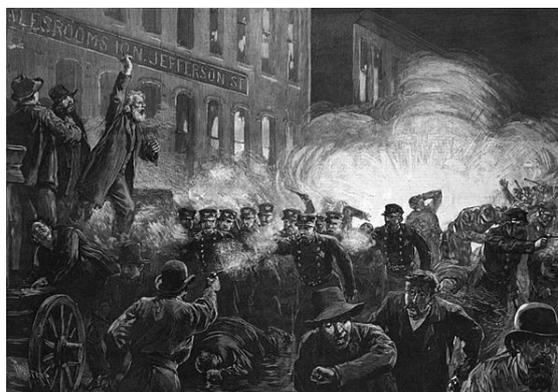
As primeiras iniciativas anarquistas ocorreram na Europa, em especial, na Espanha, onde os anarquistas fundaram organizações operárias, organizações específicas anarquistas e tiveram papel importante nas **Revoltas Cantonalistas** de 1873, que buscaram estabelecer por meio das armas, um federalismo radical, implicando a autonomia das cidades e dos cantões; e na Itália, onde fundam-se organizações operárias e organizações específicas anarquistas e tentam-se insurreições em 1874 e 1877.<sup>[58]</sup> A Comuna de Paris, na França, é tida como o acontecimento mais relevante desse período; proclamada em 18 de março de 1871, a Comuna é considerada o primeiro governo operário da história, e nela tomaram parte muitos membros federalistas da AIT, incluindo alguns anarquistas.<sup>[60]</sup> Embora estes não estivessem em maioria, o historiador **George Woodcock** chamou a atenção para sua participação nas atividades da Comuna.<sup>[61]</sup>

*Uma importante contribuição às atividades da Comuna e, em particular, à organização dos serviços públicos, foi feita por membros de várias facções anarquistas, incluindo-se os mutualistas Courbet, Longuet e Vermorel, os coletivistas libertários Varlin, Malon e Lefrançais e os bakuninistas Élie e Élisée Reclus e Louise Michel.*

A grande repressão que se seguiu à Comuna de Paris — 30 mil mortos, cerca de 40 mil detenções e milhares de fugitivos — arrasou o movimento operário francês, e o anarquismo naquele país ingressou numa onda insurrecional, com diversos atentados levados a cabo ao final de 1890.<sup>[60]</sup> Os principais atentados de anarquistas na França ocorreram entre 1892 e 1894, iniciados por Ravachol<sup>[62]</sup> e sucedidos por Léauthier, Théodule Meunier,<sup>[63]</sup> Auguste Vaillant,<sup>[64]</sup> Émile Henry<sup>[65]</sup> e Sante Caserio.<sup>[66]</sup>

O movimento anarquista, nesse período, também consolidou-se nas Américas; no México, já em 1868 foi fundada uma organização específica anarquista, *La Social*, e entre 1877 e 1878, os anarquistas constituíram hegemonia no movimento operário mexicano, articulados no *Gran Círculo de Obreros en México* (GCOM).<sup>[55][67]</sup> O anarquismo também surgiu em Cuba entre 1883 e 1885, com a formação de organizações específicas anarquistas e organizações operárias; os anarquistas cubanos também tomaram parte na luta anticolonial e na Guerra de Independência Cubana nesse período.<sup>[67]</sup> Na parte sul do continente, o anarquismo surgiu no Uruguai e no Chile em 1872, a partir da constituição de seções da AIT nesses países, e começa a se desenvolver logo em seguida.<sup>[68]</sup> Na Argentina, o movimento anarquista surge em 1876,

com a fundação do *Centro de Propaganda Obrera* e, depois, do *Círculo Comunista Anárquico*; visitas de anarquistas italianos ao país em 1887 possibilitaram a fundação do sindicato dos padeiros e também trouxeram para a Argentina o debate acerca do organizacionismo e antiorganizacionismo.<sup>[67]</sup>



*Representação artística da Revolta de Haymarket.*

Nos Estados Unidos, o movimento anarquista consolidou-se com o Congresso de Pittsburgh, em 1883, e com a fundação da *International Working People's Association* (IWPA), mais conhecida como **Internacional Negra**, expressão de massas anarquista que, em 1886, chegou a ter 2 500 militantes e contar com 10 000 colaboradores; outros marcos significativos foram a fundação, em 1884, da *Central Labor Union* (CLU), que somente em Chicago chegou a ter 28 mil trabalhadores em 1886, e a greve pelas oito horas de trabalho ocorrida em maio daquele mesmo ano, que envolveu cerca de 300 mil trabalhadores ao redor dos EUA e terminou com a condenação à morte de cinco militantes anarquistas em Chicago, após o incidente que ficou conhecido como **Revolta de Haymarket**.<sup>[69]</sup> Em 1889, o Primeiro de Maio foi estabelecido pela Segunda Internacional como o **Dia Internacional dos Trabalhadores**, em homenagem aos cinco militantes anarquistas mortos, que ficaram conhecidos como **Mártires de Chicago**.<sup>[59]</sup>

Na África, o movimento anarquista surgiu em 1876 no Egito, com imigrantes italianos que constituíram, em 1877, uma seção da Internacional de St. Imier e, em 1881, o Círculo Europeu de Estudos Sociais. Na África do Sul, a propaganda anarquista surgiu em 1886, por obra de imigrantes ingleses, mas o movimento anarquista nesse país só foi se desenvolver alguns anos mais tarde.<sup>[59]</sup>

Dentre os elementos que contribuíram com o refluxo dessa onda, destacam-se a dura repressão aos anarquistas, ocasionada como resposta à Comuna de Paris, aos atentados na França e ao movimento operário nos Estados Unidos, além do fortalecimento das estratégias eleitorais entre os trabalhadores.<sup>[59]</sup>

### 10.2.4 Segunda onda (1895-1923)

A segunda onda do movimento anarquista é considerada a maior e mais relevante, marcada pela consolidação do sindicalismo de intenção revolucionária e das organizações específicas anarquistas em tempos de guerra e reação. O contexto em que se insere esse período é o da expansão do capitalismo, potencializada nos anos 1890 com a abertura de colônias africanas e várias partes da Ásia à dominação imperialista. A Primeira Guerra Mundial também teve grande impacto nesse período, e a posição de parte do movimento anarquista, de apoio aos Aliados, gerou conflitos internos relevantes. Durante a guerra, iniciou-se um processo lento de substituições das importações que possibilitou a formação de um incipiente parque industrial em diversos países da América Latina,<sup>[70]</sup> de modo que o movimento anarquista consolidou-se nessa região através de estratégias e mobilizações anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias.<sup>[71]</sup> O período também é marcado por uma onda massiva de mobilizações crescentes entre 1917 e 1923, nas quais os anarquistas exerceram um papel fundamental.<sup>[70]</sup> Influências individualistas se aproximaram dos anarquistas nesse período, em localidades como Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra e Rússia.<sup>[71]</sup>

Em termos internacionais, as duas experiências de maior influência no mundo, e que contaram, em sua formação, com participação anarquista determinante, foram a *Confédération Générale du Travail* (CGT), fundada na França, em 1895, e que, em 1906, elaborou a Carta de Amiens, que teve impacto significativo no mundo hispano-lusófono;<sup>[70]</sup> e a *Industrial Workers of the World* (IWW), fundada em 1905 nos Estados Unidos, que teve um impacto muito relevante no mundo anglófono, mesmo com a cisão de 1908, entre a IWW de Chicago e a IWW de Detroit, que se reproduziu em outros países.<sup>[72]</sup> A CGT chegou a ter 400 mil membros e 850 mil em 1914; criou estruturas de mobilização sindical e um aparato de educação popular sem precedentes, enquanto a IWW configurou-se como uma organização internacional e estabeleceu-se em diversos países. Outra experiência internacional relevante foi o Congresso Anarquista de Amsterdã, que reuniu 80 delegados de diversos países; durante o congresso, diversos temas foram debatidos, em particular sobre as mobilizações e estratégias do movimento anarquista, a educação popular, a greve geral e o antimilitarismo. Além disso, em 1922, foi fundada, em Berlim, uma nova Associação Internacional dos Trabalhadores, de orientação anarcossindicalista, que em seu auge, chegou a representar mais de um milhão de trabalhadores mundialmente.<sup>[73]</sup>

Na Europa, diversos sindicatos foram formados baseados nos princípios do sindicalismo revolucionário, sendo o caso mais expressivo a CGT francesa, e do anarcossindicalismo, cujo maior expoente foi a *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) espanhola.<sup>[71]</sup> O continente europeu também foi marcado

por uma série de atentados levados a cabo por anarquistas que preconizavam a **propaganda pelo ato**, especialmente na França e na Itália durante o final do século XIX e início do século XX, e também pelo estabelecimento e pelas atividades de agrupamentos especificamente anarquistas. Os anarquistas também tiveram papel relevante nos acontecimentos do *Biennio Rosso* na Itália, atuando principalmente nas ocupações das fábricas e dos campos, bem como nos acontecimentos revolucionários na Alemanha entre 1918 e 1923.<sup>[74]</sup>

Outro elemento relevante na Europa desse período foi o alto investimento dos anarquistas nos processos de educação popular; na França, no começo do século XX, havia 150 *bourses du travail*, ligadas à CGT, e uma de suas principais atividades era a educação em três eixos: técnico/profissional, cultural e formação política; também ligadas à CGT estavam 250 universidades populares, que funcionaram até 1914. Foram criadas escolas modernas e universidades populares em vários outros países: na Espanha, a Escola Moderna de Barcelona (1901-1906); na Itália, a Escola Moderna Racionalista de Clivio (1909-1922), que foi uma das muitas que floresceram até a chegada dos fascistas ao poder; a Escola Ferrer (1910-1921), na Suíça; entre outras muitas iniciativas na Inglaterra entre 1907 e 1921.<sup>[74]</sup>

No leste europeu, os anarquistas macedônios tiveram uma atuação determinante na revolta de Ilinden-Preobrazhenie, um levante armado contra o Império Otomano liderado pela Organização Revolucionária Interna da Macedônia (ORIM) que se dividiu em dois episódios: o primeiro, em 2 de agosto, no qual os rebeldes haviam tomado a região de Kruševo, estabelecendo um governo provisório revolucionário; e em 19 de agosto, após a captura de Kruševo, os rebeldes tomaram a região de Strandzha, proclamando uma comuna revolucionária.<sup>[74]</sup> A Comuna de Strandzha estabeleceu uma série de experiências de autogestão durante vinte e seis dias, constituindo assim a primeira tentativa local de construir uma nova sociedade baseada nos princípios do comunismo libertário. Após a repressão que culminou no fim das revoltas e das experiências por ela estabelecidas, grupos anarquistas vieram a fundar a Federação dos Anarco-Comunistas da Bulgária (FAKB) em 1919.<sup>[75]</sup>

Na Rússia, os anarquistas participaram das revoluções de 1905 e de 1917. Em um primeiro momento, os anarquistas dividiram-se entre insurrecionalistas e anarcossindicalistas; participaram da fundação dos soviets de São Petersburgo e Moscou, além de terem fundado a Cruz Negra Anarquista para auxiliar presos políticos, organização que se espalhou por diversos países. Durante a Revolução de Outubro, os anarquistas participaram ativamente das atividades revolucionárias em Moscou e Petrogrado; em 1918, destacaram-se conferências sindicalistas impulsionadas pelos anarquistas.<sup>[75]</sup> Na Ucrânia, destacou-se a experiência do Exército Insurgente Makhnovista, articulado com a Confederação Anarquista Ucraniana (*Nabat*), que chegou a 110 mil voluntários em



*Nestor Makhno ao lado de membros do Exército Insurgente Makhnovista.*

1918 e que protagonizou lutas decisivas contra o Exército Branco durante a Guerra Civil Russa; o exército de Nestor Makhno também realizou grandes expropriações de terras para os camponeses e teve em seu controle uma área bastante ampla da Ucrânia, onde a articulação política se dava por meio de Congressos de Camponeses, Operários e Insurgentes, que era a instância de base responsável pelas decisões do movimento.<sup>[76]</sup> O movimento makhnovista foi duramente reprimido pelos bolcheviques durante o fim da Guerra Civil Russa e após a Revolta de Kronstadt, em 1921, que contou com uma participação anarquista relevante, os bolcheviques consolidam-se no poder e o anarquismo praticamente desaparece dentro do território soviético.<sup>[77]</sup>

Nas Américas, a fundação da IWW nos Estados Unidos em 1905 e no Canadá em 1906, com influência anarquista significativa em ambas as localidades e defendendo um sindicalismo revolucionário e combativo, constitui uma das experiências mais relevantes do movimento operário da América do Norte.<sup>[77]</sup> O movimento operário nos Estados Unidos, entretanto, passou por um momento de dura repressão após a Revolução Russa, quando um crescente temor diante da possibilidade de uma revolução mundial fez com que o governo tomasse uma série de medidas contra o movimento sindical e em especial contra os socialistas e anarquistas, medidas que atingiram seu ponto máximo com os Atos de Exclusão Anarquista de 1918 e as *Palmer Raids* de 1919,<sup>[78]</sup> acompanhadas por uma série de prisões e deportações de militantes anarquistas.<sup>[79]</sup>

Em Cuba, o anarquismo continuou a ser força hegemônica nos sindicatos durante esse período, enquanto no México, os anarquistas protagonizaram episódios relevantes durante a Revolução Mexicana, iniciada em 1910. O Partido Liberal Mexicano, fundado alguns anos antes pelos irmãos Enrique e Ricardo Flores Magón, já em 1908 era uma organização específica anarquista, e colocou-se à frente da rebelião da Baixa Califórnia, em 1911, que se estendeu a outras cidades e recebeu o apoio da IWW. Emiliano Zapata, um dos principais líderes da Revolução Mexicana, foi fortemente influenciado pelo



*Guerrilheiros magonistas com a bandeira "Tierra y Libertad" em Tijuana, 1911.*

anarquismo e em 1915, contava com um exército de 70 mil combatentes.<sup>[77]</sup>

Na América do Sul, a experiência de maior destaque foi a *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA), fundada na Argentina em 1904; o movimento operário no país era hegemonicamente anarquista, razão que possibilitou, em 1905, um vínculo programático entre o anarquismo e o sindicalismo na FORA, constituindo a primeira experiência anarcossindicalista da América Latina. Episódios como *Semana Trágica* de 1919 e as revoltas na Patagônia entre 1920 e 1921, além do atentado ao coronel Ramón Lorenzo Falcón, marcaram a força do movimento anarquista argentino. No Brasil, a fundação da *Confederação Operária Brasileira* (COB) em 1906 — que incluiu federações operárias locais de São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre —, além de uma greve geral em 1917 e de uma insurreição em 1918 marcaram a hegemonia anarquista no movimento operário do país nesse período.<sup>[80]</sup> No Uruguai, Chile, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela os anarquistas tiveram participação relevante no movimento operário e em alguns desses países ajudaram a fundar novos sindicatos de intenção revolucionária.<sup>[81]</sup> Na região do Rio da Prata, houve ações levadas a cabo por anarquistas expropriadores. Também uma série de iniciativas no campo da educação foram tomadas pelos anarquistas na América Latina, destacando-se as experiências da Argentina, Brasil, Peru e Cuba.<sup>[82]</sup>

Na Ásia, experiências anarquistas na China, no Japão e na Coreia entralaçaram-se, a partir de viagens de estudantes para o exterior. Na China, os anarquistas participaram da fundação do Kuomintang e, durante toda a segunda onda, constituíram a força hegemônica do movimento revolucionário chinês, criando os primeiros sindicatos do país, pautando a mobilização na cidade e no campo, a libertação da mulher e a educação universal. No Japão, o anarquismo consolidou-se na década de 1910, como uma das três maiores forças do movimento revolu-

cionário; entre 1918 e 1922, os anarquistas japoneses criaram e participaram de vários sindicatos.<sup>[82]</sup> Na Coreia, o anarquismo já havia se desenvolvido desde 1910, na região da **Manchúria**, consolidando-se em 1919, a partir de um vínculo estreito com o movimento de libertação nacional; neste ano, os anarquistas envolveram-se de forma determinante no **Movimento Primeiro de Março**, que mobilizou 2 milhões de pessoas na luta pela independência do país.<sup>[83]</sup>

Na África, o anarquismo se consolidou principalmente no Egito e na África do Sul, através de atividades sindicais e de propaganda. No Egito, foi fundada pelos anarquistas uma Universidade Popular em 1901 e realizado um congresso anarquista em 1909; na África do Sul, sindicatos pautados no programa do sindicalismo revolucionário conseguiram mobilizar um grande número de trabalhadores de diferentes etnias, superando o problema do racismo que assolava o movimento operário no país.<sup>[84]</sup>

Na Oceania, o anarquismo constituiu uma pequena corrente da esquerda, tendo surgido com o *Melbourne Anarchist Club*, ainda em 1886. Entretanto, foi o sindicalismo revolucionário da IWW, que se estabeleceu em 1911 na Austrália e em 1912 na Nova Zelândia, que potencializou as lutas operárias e deu visibilidade a elas no continente.<sup>[84]</sup>

Além de problemas e insuficiências internas do movimento anarquista, a dura repressão, a perda de todas as revoluções, incluindo a russa, na qual os anarquistas foram liquidados pelos bolcheviques em 1921, bem como a própria ascensão do **bolchevismo**, e também do **nacionalismo** e do **fascismo**, são apontados como os principais fatores responsáveis pelo refluxo dessa onda.<sup>[85]</sup>

### 10.2.5 Terceira onda (1924-1949)

A terceira onda do movimento anarquista, apesar de ter sido menor que a segunda, pode ser considerada como uma das mais relevantes. O período caracterizou-se pelas revoluções contra o imperialismo e a resistência ao fascismo e ao bolchevismo. A ascensão do fascismo e do bolchevismo teve duras consequências aos anarquistas; o primeiro, por meio de uma aberta e fortíssima repressão contrarrevolucionária, de direita, que impôs grandes derrotas ao movimento anarquista em diversos países; o segundo, por meio de uma incidência enorme nas classes trabalhadoras, utilizando-se de um discurso libertador e do bem sucedido exemplo da **Revolução de Outubro**, apesar de ter investido em muitos casos na repressão aberta aos anarquistas. Esse contexto também contou, em diversos países, com a participação de antigos anarquistas na criação de partidos comunistas, com um processo de bolchevização desses partidos e um alinhamento com a Rússia.<sup>[86]</sup> Esse período também foi marcado pela Crise de 1929 e pela Segunda Guerra Mundial, além do avanço do conservadorismo, do reformismo e das medidas de bem-estar social em vários países, como nos

casos do Uruguai, Suécia e Estados Unidos, assim com a institucionalização dos sindicatos promovida pelos governos e o surgimento do **populismo** em países como Brasil e Argentina, que prejudicaram diretamente o desenvolvimento do movimento anarquista ao integrar parte significativa das classes operárias aos projetos políticos dos governantes.<sup>[86]</sup> A luta contra o fascismo e alguns processos revolucionários protagonizados por anarquistas tem destaque nesse período. Nesse período também surgem questões internas relevantes, como o debate acerca de um modelo organizativo e as polêmicas em torno da *Plataforma* e da *Síntese*.<sup>[87]</sup>

Entre as iniciativas internacionais relevantes desse período, estão a *East Asian Anarchist Federation* (EAAF), fundada em 1928, com organizações dos países do leste asiático; a *Asociación Continental Americana de Trabajadores* (ACAT), que se constituiu como o ramo da AIT anarcossindicalista na América Latina; a fundação da Comissão de Relações Internacionais Anarquistas (CRIA) na Europa, em 1948, que, na América Latina, ficou conhecida como *Comisión Continental de Relaciones Anarquistas* (CCRA), durando até a década de 1960; ambas constituindo relações entre organizações, periódicos e individualidades anarquistas de diversos países da Europa, Ásia, África e América Latina durante o período em que estiveram em atividade.<sup>[88]</sup>

Na Europa, houve uma série de experiências relevantes nesse período; na Bulgária, a FAKB protagonizou experiências envolvendo sindicalismo urbano e rural, cooperativas, guerrilha e mobilização da juventude. Durante esse período, o anarquismo constituiu a terceira maior força política de esquerda do país, e a FAKB adotou a *Plataforma* do grupo Dielo Truda. Entre 1941 e 1944, uma poderosa guerrilha anarquista combateu o fascismo, aliando-se à Frente Patriótica na organização da insurreição de setembro de 1944, contra a ocupação nazista. Lutando, ao mesmo tempo, contra os fascistas e contra o comunismo, o fim da terceira onda do movimento anarquista no país foi marcada pela repressão stalinista e cerca de mil militantes da FAKB acabaram nos campos de concentração comunistas.<sup>[89]</sup>

Na Espanha, após uma tentativa de golpe de Estado em 1936 que desencadeou a Guerra Civil Espanhola, os trabalhadores tomaram o controle de Barcelona e de grandes áreas rurais da Espanha, dando início à **Revolução Espanhola**; os anarquistas, que haviam se articulado na *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) e na **Federação Anarquista Ibérica** (FAI), estabeleceram fortalezas na Catalunha, Aragão e Valência.<sup>[90]</sup> Segundo Woodcock:<sup>[91]</sup>

*Durante vários meses as forças armadas dessas regiões foram, em geral, milícias controladas pelos anarquistas. As fábricas foram em grande parte tomadas pelos trabalhadores e dirigidas pelos comitês da CNT, enquanto centenas de aldeias ou dividiam ou coletivizavam a*



Manifestação em *Barcelona* em 1936, onde trabalhadores seguraram uma faixa do periódico *Solidaridad Obrera*, ligado a CNT-AIT.

*terra, e muitas tentaram organizar comunidades libertárias do tipo defendido por Kropotkin.*

Apesar do relativo sucesso das experiências libertárias na Espanha, no decorrer da guerra civil os anarquistas foram perdendo espaço em uma luta cada vez mais dura com os stalinistas. Tropas lideradas pelo **Partido Comunista da Espanha** (PCE) suprimiram as áreas coletivizadas e perseguiram tanto os anarquistas como os marxistas dissidentes do **Partido Operário de Unificação Marxista** (POUM); além disso, o avanço do fascismo, a problemática guerra-revolução e a própria participação de alguns anarquistas no governo deram um fim ao processo revolucionário.<sup>[90]</sup>



*Os maquis franceses resistiram à ocupação da França pela Alemanha nazista.*

Dentre outras experiências europeias importantes, destacaram-se a resistência contra a ocupação nazista na

França<sup>[92]</sup> e a resistência contra o fascismo na Itália;<sup>[93]</sup> nesses dois países, também são formados sindicatos com bases sindicalistas revolucionárias e federações anarquistas.<sup>[94]</sup> Na Alemanha, militantes anarquistas proeminentes, como **Erich Mühsam**, foram assassinados pelo regime nazista; após o fim da guerra, os anarquistas reorganizaram-se em sindicatos e em organizações específicas anarquistas.<sup>[95]</sup> Na Ucrânia, a *Nabat* foi restabelecida e protagonizou um levante armado em 1943 e que teve continuidade até 1945; também há indícios da existência de uma organização makhovista secreta dentro do **Exército Vermelho** do pós-guerra.<sup>[96]</sup>

Em toda a América Latina, houve a formação de sindicatos, organizações específicas anarquistas e centros culturais em Cuba, México, Brasil, Chile, Argentina e Venezuela.<sup>[95][97]</sup> Na África, os anarquistas tomam parte em movimentos de libertação nacional na Argélia, Marrocos e Tunísia. Na Ásia, destacou-se a experiência da **Comuna de Shinmin**, entre 1929 e 1931, que constituiu um dos episódios mais importantes da história do anarquismo. Fundada em 1929, a Federação Anarquista Coreana na Manchúria (KAF-M) e a Federação Anarquista Comunista Coreana (KACF) protagonizaram, depois de um acordo com o **Exército de Independência Coreano**, a transformação da prefeitura de Shinmin em uma estrutura administrativa socialista libertária. Levado a cabo em um contexto de luta anti-imperialista contra o Japão, esse processo revolucionário foi liderado, em termos militares, por **Kim Jwa-Jin**, criando a **Liga Geral dos Coreanos** (HCH), uma estrutura autogestionária comunal, conformada em um território que compreendia 2 milhões de habitantes, a qual teve de lidar com questões como a guerra, agricultura, educação, finanças, propaganda, juventude e saúde, criando alternativas construtivas libertárias. A experiência durou até a entrada do Japão na região, em 1931, quando os anarquistas coreanos recuaram, deslocando-se para o sul da China, onde permaneceram combatendo, em armas, o imperialismo japonês até 1945.<sup>[97]</sup>

O refluxo da terceira onda pode ser atribuído também à repressão, levada a cabo pelos fascistas e também pelos comunistas, cuja ascensão representou outro motivo desse refluxo, além do próprio contexto marcado pela **Segunda Guerra Mundial**, que modificou completamente o plano geopolítico mundial e teve impacto determinante no anarquismo e nas próprias lutas populares.<sup>[98]</sup>

### 10.2.6 Quarta onda (1950-1989)

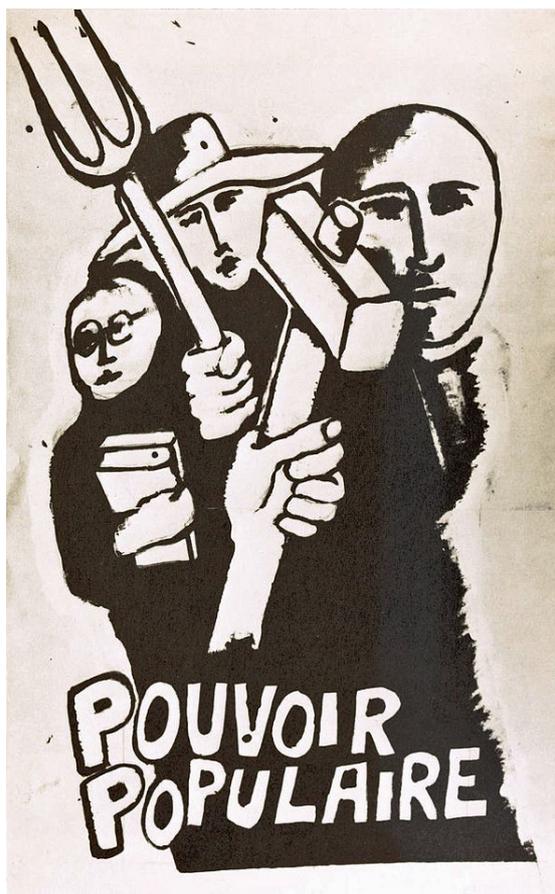
A quarta onda do movimento anarquista, menor que as três primeiras, foi marcada pela Guerra Fria e pela descolonização da África e da Ásia; mesmo constituindo um período de refluxo, apesar das tentativas de uma articulação internacional, observa-se o desenvolvimento significativo do anarquismo em algumas regiões, como no **Oriente Médio**.<sup>[99]</sup> O contexto desse período foi marcado pelo *boom* capitalista pós-Segunda Guerra, pelas ditadu-

ras de direita na América Latina, que tiveram apoio direto dos Estados Unidos, pela vitória do maoísmo na China, em 1949, e pelo totalitarismo branco e vermelho na Coreia, a partir de 1953.<sup>[100]</sup> Guerrilhas anarquistas surgem em resposta as ditaduras de direita e de esquerda.<sup>[99]</sup> Destacaram-se, também, os protestos de 1968, com uma crise que implicou a piora de condições no mundo ocidental e na Rússia, além da influência da Nova Esquerda em diversos países, assim como o surgimento de novos movimentos sociais, os quais passaram a promover bandeiras como a ecologia e as lutas contra a opressão de gênero e de orientação sexual.<sup>[100]</sup> Nesse contexto, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, surgiram grupos de influência anarquista promovendo o primitivismo e estilos de vida alternativos; diversos movimentos da juventude, como os provos, hippies e punks, adotaram ideias anarquistas; também nessa onda, surgiram os okupas. Principalmente na Europa, também foram comuns as tentativas de síntese do anarquismo com outras ideologias como o marxismo, situacionismo e autonomismo.<sup>[101]</sup>

Em relação às iniciativas internacionais, destacaram-se a rearticulação da AIT anarcossindicalista em 1951, a rearticulação da Cruz Negra Anarquista no final da década de 1960 e a fundação da Internacional de Federações Anarquistas (IFA) em 1968, baseada nos princípios sintetistas.<sup>[102]</sup>

Na Europa, os anarquistas continuaram a investir em iniciativas sindicais e na formação de organizações específicas anarquistas.<sup>[103]</sup> Os anarquistas tiveram participação ativa nos protestos de 1968, em especial, no maio de 1968 francês, em que greves de estudantes articularam-se com ocupações de fábricas e levaram a uma greve geral que abalou o governo.<sup>[104]</sup> Durante essa onda de mobilizações de 1968, os anarquistas tiveram participação importante entre os setores estudantis mais radicais. Nesse período, também apareceram guerrilhas anarquistas e grupos insurrecionalistas, tais como os grupos *Defensa Interior* e *Grupo Primero de Mayo*, na Espanha franquista; o *Movimento 2 de Junho* e o *Rote Armee Fraktion* (RAF) na Alemanha; a *Angry Brigade* na Inglaterra e o grupo *Action Directe* na França. Os anarquistas também integraram-se nos processos de luta armada do autonomismo italiano e atuaram nas insurreições de 1973 na Grécia. O anarquismo grego ganhou força nas décadas de 1970 e 1980, desenvolvendo táticas insurrecionais buscando aliar manifestações de rua e confrontos com a polícia a ações armadas.<sup>[103]</sup>

No Oriente Médio, o anarquismo surgiu com força durante a década de 1970; organizações do Irã, como a *The Scream of the People* (CHK), e do Iraque, como a *Workers Liberation Group* (JS, ou *Shagila*), articularam, juntas, quase mil militantes e participaram por meio de uma guerrilha da Revolução Iraniana, na qual alguns processos radicais foram levados a cabo: organização de mulheres, tomada de terra por camponeses, mobilizações de trabalhadores, criação de conselhos de base (*shoras*) e de comitês de bairro armados (*komitehs*).<sup>[105]</sup>



"Poder popular": cartaz do maio de 1968. Os anarquistas tiveram papel determinante nos protestos de maio de 1968 na França, principalmente entre o movimento estudantil.

Nas Américas, destacaram-se, nos Estados Unidos e Canadá, a presença renovada da IWW e de anarquistas envolvidos em movimentos inspirados pela Nova Esquerda, sustentando questões ambientais, de gênero e contra as guerras;<sup>[106]</sup> em Cuba, os anarquistas participaram de guerrilhas contra a ditadura de Fulgencio Batista e durante a Revolução Cubana, que culminou em 1959, os anarquistas participaram de maneira determinante nas lutas, articulados na *Asociación Libertaria de Cuba* (ALC) e até mesmo no *Movimento 26 de Julho* de Fidel Castro; com o passar dos anos, o governo cubano reprimiu fortemente os anarquistas, que foram presos, torturados ou partiram para o exílio.<sup>[107]</sup> Na América do Sul, destacaram-se as experiências da *Federación Anarquista Uruguaya* (FAU) fundada em 1956 e defendendo o que chamou de "anarquismo especificista", organizando movimentos sindicais, estudantis e de resistência, inclusive armados, contra a ditadura;<sup>[108]</sup> na Argentina, continuaram as atividades da FORA e em 1974 foi fundado o grupo *Resistencia Libertaria* organização que destacou-se por seus trabalhos de massa nos sindicatos, bairros e grêmios estudantis, e também por um braço armado de resistência contra a ditadura, articulado com a FAU. Experiências sindicais relevantes se deram também no Chile, antes da ditadura de Pinochet, e na Venezuela;<sup>[109]</sup> no Brasil, du-

rante a ditadura militar, os anarquistas atuaram através da criação de grupos culturais, editoriais e periódicos.<sup>[110]</sup>

Na África, os anarquistas participaram das diversas lutas de libertação nacional no continente, com destaque na luta de independência da Argélia, em 1962. Na Ásia, os acontecimentos mais relevantes envolveram a participação de anarquistas coreanos na Revolução de Abril, em 1960, que inaugurou a Segunda República Coreana, e nas mobilizações que culminaram no levante de Gwangju em 1980, contra o regime do general ditador Chun Doo-Hwan; e na China, quando após a Revolução de 1949, cerca de 10 mil anarquistas passaram para a clandestinidade, e algumas guerrilhas, como a de Chu Cha-pei, se instalaram na província de Yunnan para combater o novo regime.<sup>[110]</sup> Na Oceania, ocorrem experiências sindicais relevantes na Austrália e Nova Zelândia.<sup>[111]</sup>

O refluxo do anarquismo nesse período deu-se em grande parte por conta das ditaduras, tanto de direita como de esquerda, em diversos países, acompanhadas da repressão ao movimento anarquista. A quarta onda terminou com o fim do bloco soviético e do socialismo real, com a queda do Muro de Berlim e o desmantelamento da União Soviética, fenômeno que, novamente, modificou radicalmente a geopolítica mundial e proporcionou, em muitos dos antigos países soviéticos, as condições para a rearticulação do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária.<sup>[111]</sup>

### 10.2.7 Quinta onda (1990 ao presente)

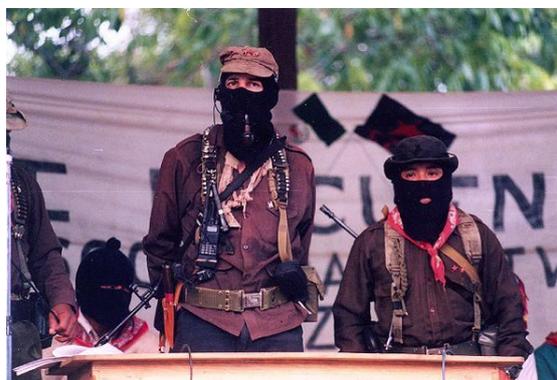
A quinta onda é caracterizada pelo momento posterior ao colapso do modelo socialista soviético e pela generalização do neoliberalismo ao redor do mundo; o fim da União Soviética possibilitou a reorganização do movimento anarquista em vários países do antigo bloco e movimentos antes clandestinos tornaram-se públicos; na América Latina, o fim das ditaduras também fez com que fosse possível a rearticulação dos anarquistas; bem como o fim do apartheid na África do Sul e o fim das ditaduras na Ásia e no Leste Europeu.<sup>[112]</sup> Na quinta onda, assemelhou-se a influência anarquista minoritária no campo da esquerda em geral, e das lutas populares em particular, ainda que a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética tenham proporcionado uma potencialização do anarquismo nos países então socialistas.<sup>[113]</sup> Também permaneceram as questões que chegaram com a influência da Nova Esquerda<sup>[114]</sup> e diversos setores do movimento anarquista vem enfatizando a necessidade de os anarquistas retomarem o protagonismo em movimentos sociais e lutas populares.<sup>[115]</sup>

A quinta onda continuou a ser marcada pelas iniciativas internacionais precedentes como a IFA e a AIT anarcossindicalista; entre as novas iniciativas internacionais, destaca-se o projeto *Anarkismo.net*, criado em 2005 e que reúne, em torno de um site, organizações plataformistas de diversas partes do mundo. Com o advento da internet,

surgiram fóruns de discussão e projetos para divulgação de notícias, como o Centro de Mídia Independente (CMI) e o *A-Infos*; também passaram a ser articuladas em diversos países Feiras do Livro Anarquistas.<sup>[112]</sup>

Os anarquistas também tiveram papel relevante no movimento antiglobalização, entre os meados da década de 1990 e o início da década de 2000, e estiveram articulados, em grande medida, na Ação Global dos Povos, criada em 1998. Com o foco das mobilizações em torno da luta contra o neoliberalismo, o movimento desdobrou-se em protestos massivos em todo o mundo, contra instituições como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e também contra acordos como o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) e a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), além de manifestações contra as guerras promovidas pelos Estados Unidos no Oriente Médio.<sup>[116]</sup> Durante esses protestos, a tática black bloc ganhou popularidade.<sup>[117]</sup>

Na Europa, os anarquistas continuam investindo em iniciativas sindicais e em organizações específicas anarquistas; na Grécia em especial, desde 1990, vem crescendo uma tradição insurrecionalista muito forte.<sup>[118]</sup> Com o fim do regime soviético, destaca-se o surgimento e o crescimento de organizações na Polônia, Tchecoslováquia e na própria Rússia, além da Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão e Ucrânia.<sup>[119]</sup>



*Subcomandante Marcos, líder do EZLN, organização que liderou o levante em Chiapas em 1994*

Nas Américas, o anarquismo foi significativamente marcado pelo movimento antiglobalização. Nos Estados Unidos, os protestos contra o encontro da OMC em Seattle destacaram-se como um dos mais significativos eventos com participação anarquista durante o movimento antiglobalização.<sup>[119]</sup> Também destacou-se a participação dos anarquistas no movimento Occupy Wall Street em 2011.<sup>[120]</sup> No México, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, de significativa influência anarquista, realizou um levante em 1994, e após a revolta, formaram-se vários grupos anarquistas de apoio aos zapatistas no país;<sup>[119]</sup> em 2006, os anarquistas mexicanos também participaram da rebelião de Oaxaca em 2006, onde, a partir de uma greve de 70 mil professores, articularam-se trabalhadores sin-

dicalizados, camponeses e estudantes na luta contra o governo de Ulises Ruiz Ortiz, estabelecendo a *Asamblea Popular de los Pueblos de Oaxaca* (APPO), que tomou prédios públicos, estabeleceu organizações de mulheres, como a *Comisión de Mujeres de Oaxaca*, tomou rádios e televisões e terminou sendo duramente reprimida pelo governo.<sup>[121]</sup>

Na região sul do continente, destacou-se a influência da FAU na difusão do especificismo, auxiliando no estabelecimento de organizações anarquistas em outros países, como no Brasil, com a *Federação Anarquista Gaúcha* (FAG) e a *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ). Organizações especificistas também foram fundadas na Argentina e no Chile. Essas organizações vêm tendo participação relevante, ainda que na maioria dos casos minoritária, em movimentos sociais do continente, dentre os quais se encontram sindicatos, associações comunitárias e de bairro, movimentos rurais, de estudantes, desempregados, sem-teto, sem-terra e outros; dentre as grandes mobilizações ocorridas na América do Sul que contaram com participação anarquista relevante, destacam-se as manifestações de 2001 na Argentina, em resposta à crise econômica que assolava o país,<sup>[122]</sup> as mobilizações estudantis em 2006 no Chile<sup>[123]</sup> e as manifestações de 2013 no Brasil.<sup>[124]</sup>

Na África, experiências baseadas no sindicalismo revolucionário tem tido relevância, bem como a formação de organizações específicas anarquistas como a *Zabalaza Anarchist Communist Federation* (ZACF), na África do Sul.<sup>[125]</sup> No Oriente Médio, o anarquismo surgiu na Turquia durante a década de 1990, com a criação de grupos como a *Anarchist Youth Federation* (AGF), *Anatolian Anarchists* (AA) e o *Karasin Anarchist Group* (KAG); o anarquismo ganhou também influência entre os curdos<sup>[119]</sup> e tanto no norte da África como no Oriente Médio os anarquistas tiveram participação significativa na chamada Primavera Árabe.<sup>[126]</sup> Na Ásia, há poucas referências anarquistas contemporâneas. Na Oceania, algumas experiências anarcossindicalistas têm tido relevância na Austrália.<sup>[113]</sup>

## 10.3 Princípios políticos e ideológicos do anarquismo

 Ver artigo principal: Princípios do anarquismo

O anarquismo se fundamenta em três princípios básicos: uma crítica da dominação, que a considera como injusta construída socialmente; uma defesa da autogestão, que tem em vista a constituição de uma sociedade libertária baseada na ajuda mútua e na livre associação; e os meios e estratégias que possam realizar essa transformação social e que devem ser coerentes com os fins.<sup>[1][2]</sup>

### 10.3.1 Crítica da dominação

O anarquismo formulou uma crítica da dominação, fundamentada na crítica da exploração econômica dos sistemas capitalista e pré-capitalista; da dominação político-burocrática e da coação física, levadas a cabo pelo Estado; da dominação cultural e ideológica, perpetrada pela religião, pela escola e mais recentemente, pela mídia. Essa crítica possui como base uma noção ética, que considera, por meio de análises racionais da sociedade, que a dominação é construída socialmente e que é injusta, e por isso, deve ser modificada. Por meio de uma leitura classista da realidade, o anarquismo critica a dominação de classe, junto com as dominações imperialistas, das relações de gênero e de raça.<sup>[127]</sup>

#### Exploração capitalista e pré-capitalista

Tendo surgido como um tipo de socialismo libertário, o anarquismo possui uma crítica ao capitalismo similar às outras correntes socialistas, sustentando que o capitalismo implica a exploração dos trabalhadores pelos proprietários dos meios de produção.<sup>[128]</sup> As críticas econômicas de Proudhon, e em certa medida, até mesmo as de Karl Marx,<sup>[nota 1]</sup> influenciaram os anarquistas significativamente, e os argumentos de ambos constituem as bases da crítica anarquista da exploração.<sup>[130]</sup> Segundo Michael Schmidt e Lucien van der Walt, os anarquistas compreendem como exploração a “transferência de recursos de uma classe produtiva para outra dominante, porém improdutiva”, e que a exploração no sistema capitalista “ocorre no trabalho e por meio do salarido”.<sup>[131]</sup> Para os anarquistas, o trabalho assalariado do capitalismo permite aos proprietários se apropriarem de um excedente produzido pelos trabalhadores, o que caracterizaria a exploração.<sup>[130]</sup>

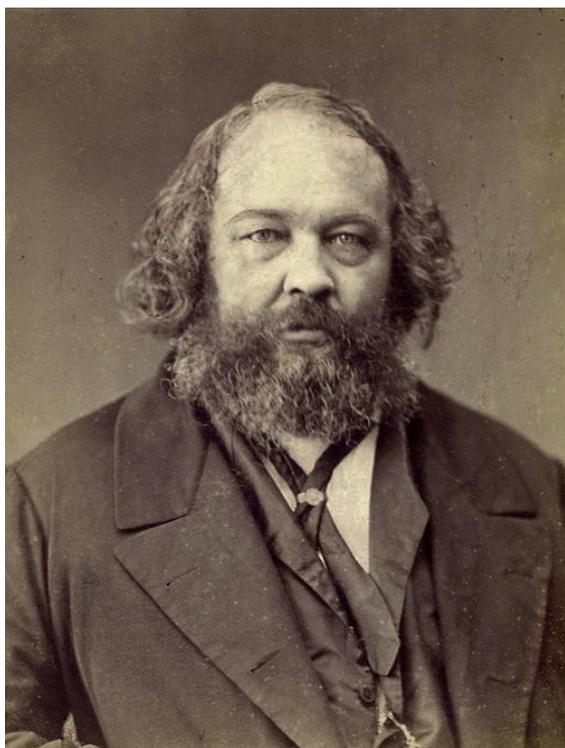
Entretanto, a crítica econômica anarquista não se restringe ao capitalismo; outros modos de produção, considerados pré-capitalistas, cujos traços permanecem em sociedades modernas por razão dos distintos níveis de desenvolvimento econômico, também são levados em conta. Por não sustentar um imperativo da evolução dos modos de produção para que o socialismo libertário seja atingido, os anarquistas sustentam ser possível impulsionar, com sucesso, dentro de modos de produção predominantemente pré-capitalistas, processos de luta por uma sociedade socialista libertária, sem que se tenha de passar, necessariamente, por uma fase capitalista.<sup>[132]</sup> Para os anarquistas, os proprietários de terra exercem em sociedades menos desenvolvidas o mesmo papel da burguesia industrial, explorando o trabalho dos camponeses.<sup>[133]</sup> Sendo assim, a propriedade da terra nos moldes das economias pré-capitalistas também é alvo de críticas pelos anarquistas, fundamentalmente, por se basear na exploração do campesinato. Além disso, os anarquistas criticam as relações de dominação que envolvem aqueles que realizam trabalhos precários, desempregados e

marginalizados.<sup>[134]</sup>

A exploração capitalista, caracterizada pelo trabalho assalariado, e também pré-capitalista, fundamentada na propriedade da terra, juntamente com as dominações que atingem trabalhadores precarizados e marginalizados em geral, constituem, na esfera econômica, os fundamentos sobre os quais os anarquistas vêm formulando sua crítica da dominação.<sup>[134]</sup>

### Estado

Errico Malatesta, anarquista italiano, define o Estado como sendo “um conjunto de instituições políticas, legislativas, judiciárias, militares e financeiras”.<sup>[135]</sup> Para os anarquistas, o Estado é responsável por alguns tipos de dominação, como a coação física e a dominação político-burocrática.<sup>[134]</sup> Há, na crítica anarquista ao Estado, uma dupla perspectiva: primeiro, uma oposição à hierarquia, e segundo, uma ligação entre o Estado e as classes sociais, nesses dois casos, o Estado constitui um meio para que uma minoria governe uma maioria.<sup>[136]</sup>



O russo Mikhail Bakunin, em sua obra *Estatismo e Anarquia*, de 1873, desenvolve sua teoria do Estado. Sua crítica ao estatismo se estende para todas as suas formas, desde as mais autoritárias até as mais liberais.

Na teoria do Estado desenvolvida pelos anarquistas, constata-se que a dominação política existe tanto pelo monopólio da força, quanto pelo monopólio das tomadas de decisão da sociedade. Para os anarquistas, Estado e dominação são indissociáveis,<sup>[134]</sup> posição enfatizada por Bakunin ao afirmar que “quem diz Estado, diz necessariamente dominação e, em consequência, escravidão; um

Estado sem escravidão, declarada ou disfarçada, é inconcebível; eis porque somos inimigos do Estado”.<sup>[137]</sup> Os anarquistas sustentam que o Estado submete as classes dominadas que estão sob sua jurisdição à coação física, utilizada quando sua legitimidade não é suficiente; além disso, sustentam que as classes dominadas estão submetidas também a uma dominação político-burocrática, responsável por sua alienação política, que se evidencia na hierarquia existente entre governantes e governados, a qual implica na existência de um grupo que toma as decisões para uma dada população. Essa crítica anarquista ao Estado estendeu-se amplamente, para todas as suas formas e seus distintos sistemas de governo, desde os mais autoritários até os mais liberais.<sup>[136]</sup>

Para os anarquistas, o Estado é um elemento central na estrutura social que caracteriza os sistemas de dominação. Essa crítica à dominação política protagonizada pelo Estado é um fundamento central do anarquismo, principalmente por razão de o Estado não ser considerado um simples reflexo das relações que se dão na esfera econômica; para os anarquistas, o Estado é, ao mesmo tempo, consequência e causa do capitalismo, ao possibilitar elementos para sua constituição, ao mesmo tempo em que por ele é constituído.<sup>[138]</sup> Ao defender tal posição, Kropotkin afirmou que o Estado é a “proteção da exploração, da especulação, da propriedade privada”, e que o proletário, “que só possui como riqueza seus braços, nada tem a esperar do Estado”, encontrando nele “apenas uma organização feita para impedir a qualquer preço sua emancipação”.<sup>[139]</sup> Por acreditarem nessa relação de interdependência entre o Estado e o capitalismo, constituindo um elemento central no sistema de dominação, os anarquistas sustentam que a tomada ou participação nas instâncias do Estado não podem constituir meios de luta para o estabelecimento de poderes autogestionários e sistemas de autogestão.<sup>[138]</sup>

A crítica da democracia representativa, fundamentada parcialmente na crítica do Estado, realiza-se por razão dessa noção de que Estado e dominação, Estado Moderno e capitalismo, são indissociáveis, interdependentes.<sup>[138]</sup> A ênfase progressiva que se deu, entre os anarquistas, a não participação das eleições, fato que se consolidou após experiências práticas e vários debates, tomou por base o vínculo entre Estado e dominação.<sup>[140]</sup> Para os anarquistas a utilização do Estado como um meio de luta constitui um processo de legitimação da dominação. Tais concepções têm subsidiado a rejeição dos anarquistas ao socialismo estatal; para os anarquistas, ainda que a economia seja modificada, passando a ser propriedade do Estado, como resultado de um eventual processo de reformas ou revolução, isso não colocaria em xeque o modelo de poder vigente, que continuaria a ser dominador.<sup>[141]</sup>

### Religião, educação e mídia

As instituições responsáveis pela produção cultural e ideológica são também fundamentais para a legitimação dos

sistemas de dominação, segundo os anarquistas, e por isso têm sido alvo de suas críticas. Classicamente, instituições como a religião e a educação receberam bastante atenção.<sup>[141]</sup>

De acordo com os anarquistas, a moral religiosa forja uma noção de certo e errado que tem por objetivo fortalecer o *status-quo* dos sistemas de dominação; para eles, se a ordem, caracterizada pelas estruturas sociais, é estabelecida pelas divindades, qualquer questionamento evidenciava um mau comportamento, passível de punição; o mais adequado seria conformar-se e obedecer.<sup>[141]</sup> Os anarquistas também sustentam que as religiões seriam fundamentais para a sustentação econômica e política do capitalismo e do Estado, aos instituir alianças com as classes dominantes.<sup>[142]</sup>

Sobre a escola, o anarquista brasileiro José Oiticica sustentava que, por meio de suas práticas pedagógicas, ela transmite uma série de valores, “gravando, à força de repetições, sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas ideias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos”, de modo que, aos poucos, tais ideias vão se tornando “verdadeiros dogmas indiscutíveis”.<sup>[143]</sup> Para os anarquistas, a escola também funciona, na maioria dos casos, como uma instituição responsável por forjar culturas e ideologias capazes de promover a permanência do sistema vigente.<sup>[142]</sup>

Ambas as instituições, a religião e a educação, teriam um papel fundamental na manutenção *status-quo*, conforme explicitou o anarquista lituano Alexander Berkman, ao afirmar que a igreja e a escola estão do lado “dos ricos contra os pobres, ao lado dos poderosos contra suas vítimas, com a lei e a ordem contra a liberdade a justiça”, para ele, a obediência é o “eterno brado da igreja e da escola, independente da vileza do tirano, independente do quão opressivas e injustas são suas leis e ordens”.<sup>[144]</sup>

Além da crítica da religião e da escola, mais recentemente, por razão dos desenvolvimentos da sociedade, o anarquismo vem criticando também o papel da mídia, que durante o século XX, ganhou relevância central na problemática ideológica e cultural do poder.<sup>[142]</sup> Os anarquistas sustentam que a mídia capitalista e demais instituições elaboram discursos válidos que fundamentam a forma de dominação contemporânea.<sup>[145]</sup>

### Dominação de classe

Os anarquistas consideram, desde o surgimento do anarquismo, que a sociedade capitalista é uma sociedade de classes.<sup>[146]</sup> Segundo os anarquistas, essas classes são antagônicas e implicam, necessariamente, um processo de luta de classes; defendendo essa posição, o anarquista mexicano Ricardo Flores Magón afirmou que “a desigualdade social torna as classes sociais inimigas naturais umas das outras”.<sup>[147]</sup> Destaca-se, assim, no anarquismo, a relevância das classes sociais e da luta de classes.<sup>[146]</sup> Entretanto, essa centralidade da luta de classes não pode ser

confundida com um determinismo econômico ou com a exclusiva centralidade da exploração das classes trabalhadoras, já que o classismo anarquista é, em geral, definido pelo conceito de dominação, sendo a exploração econômica apenas um dos tipos de dominação.<sup>[148]</sup> Lucien van der Walt afirma que esse classismo leva em conta “tanto a propriedade privada dos meios de produção”, como “a propriedade injusta dos meios de coerção e dos meios de administração”.<sup>[149]</sup> Nessa concepção, estariam no campo das classes dominantes os proprietários dos meios de produção, tanto a burguesia industrial quanto os proprietários de terras, bem como os gestores do capitalismo, do Estado, os militares, juízes e parlamentares em geral; dentre as classes dominadas, estariam os trabalhadores, o campesinato e os precarizados e marginalizados de maneira geral.<sup>[150]</sup>

Para os anarquistas, nessa estrutura de classes, as classes dominantes exercem a dominação sobre as classes dominadas; por razão de terem interesses de classe antagônicos, umas e outras estão em permanente conflito. Os anarquistas sustentam que as classes sociais concretas representam, em cada tempo e lugar, os agrupamentos que constituem esses conjuntos mais amplos de dominantes e dominados. Para os anarquistas, relações nas esferas política, econômica, ideológica e cultural contribuem para que essas classes sejam estabelecidas e que, entre elas, se estabeleça permanentemente um conflito social, que é a base dinâmica da mudança e da transformação social.<sup>[150]</sup>

### Imperialismo, dominações de gênero e de raça

Ainda que o anarquismo afirme a centralidade da luta de classes, ele se opõe à dominação de maneira geral; três outros tipos de dominação foram, e ainda são, objeto da crítica anarquista: o imperialismo, as dominações de gênero e de raça.<sup>[150]</sup> Historicamente, os anarquistas estiveram envolvidos em lutas contra essas opressões mais específicas; ao integrarem essas lutas, os anarquistas em geral apresentam programas próprios de ações, visando ligar essas lutas com o objetivo da revolução social e dar a elas um caráter classista e internacionalista.<sup>[151]</sup>

Nas regiões que conviveram com as consequências do imperialismo, o anti-imperialismo foi central nas lutas dos anarquistas. A participação dos anarquistas em lutas anti-imperialistas e de libertação nacional pautou-se, historicamente, em programas classistas que possuíam objetivos revolucionários e se opunham, constantemente, ao nacionalismo, que defendia a colaboração de classes em prol dos interesses do país na luta contra os inimigos imperiais.<sup>[152]</sup>

A crítica à dominação de gênero também é outro traço característico do anarquismo. As mulheres anarquistas tiveram papel determinante na construção dessa crítica,<sup>[152]</sup> porém os elementos feministas do anarquismo não foram campo exclusivo das mulheres militantes e as atividades das mulheres anarquistas militantes não podem ser redu-



A anarquista lituana *Emma Goldman* elaborou muitas críticas à dominação de gênero.

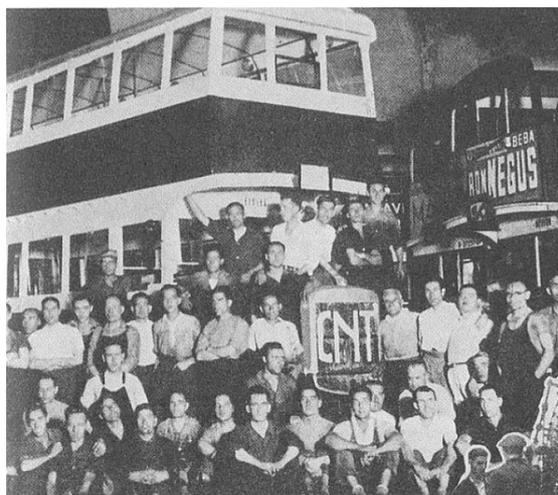
zidas à defesa da perspectiva feminista.<sup>[153]</sup> *Emma Goldman*, anarquista lituana que atuou a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, sustentou que o combate à dominação de gênero deveria ser encampado por homens e mulheres, já que a liberdade da mulher estaria inteiramente ligada à liberdade do homem; *Lucy Parsons*, anarquista norte-americana, relacionando gênero e classe, enfatizava que as mulheres seriam “escravas dos escravos”, sendo exploradas pelo capitalismo e sendo vítimas da dominação de gênero.<sup>[154]</sup>

Os anarquistas também criticaram a dominação de raça, à qual as minorias étnicas estariam expostas, para além da dominação de classe. Os anarquistas tiveram papel fundamental em diversos países nas lutas contra o racismo, por meio de lutas pela igualdade de direitos e contra a segregação racial.<sup>[127]</sup>

### 10.3.2 Defesa da autogestão

A defesa anarquista da autogestão envolve, igualmente, a mesma noção ética que norteia sua crítica da dominação. Se através de uma análise social racional os anarquistas identificam certas relações de dominação, e se elas são consideradas injustas, realiza-se uma proposição que visa superar esse problema; tais são as bases da defesa anarquista da autogestão.<sup>[155]</sup> A defesa da autogestão defendida pelos anarquistas também tem como foco as esferas econômica, política, ideológica e cultural.<sup>[156]</sup>

### Socialização da propriedade



A socialização dos meios de transporte urbanos na *Revolução Espanhola* foi uma bem sucedida experiência de autogestão econômica sob os moldes anarquistas.

Os anarquistas defendem a socialização da propriedade privada dos meios de produção como um aspecto central na defesa da autogestão econômica. Isso implicaria, necessariamente, na coletivização das máquinas, equipamentos, ferramentas, tecnologias, instalações, fontes de energia, meios de transporte, matérias primas e terra.<sup>[156]</sup> O anarquista luso-brasileiro *Neno Vasco*, nesse sentido, afirmou que tal socialização significa “confiar a produção ao trabalho coletivo organizado”, sendo que “os meios de produção devem ser postos à disposição de todos” em “uma sociedade em que o trabalho, tendendo à satisfação das necessidades dos indivíduos, seja escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores”.<sup>[157]</sup> Os anarquistas sustentam que, com a autogestão econômica, a lógica condutora do trabalho não seria a busca do lucro, envolvendo a exploração levada a cabo por meio da apropriação de parte do trabalho realizado pelos trabalhadores pelos proprietários; o trabalho assalariado, da maneira como funciona nos sistemas capitalistas, deixaria de existir.<sup>[158]</sup> Como afirmou Berkman, uma sociedade fundada nos princípios anarquistas reorganizaria a produção “com base nas necessidades do povo”;<sup>[159]</sup> as necessidades populares norteariam a economia autogestionária. Sob a autogestão econômica, sustentam os anarquistas, os trabalhadores usufruiriam de todos os frutos de seu trabalho, e seu envolvimento nos processos decisórios econômicos é realizado de maneira proporcional a quanto eles são afetados.<sup>[158]</sup>

Segundo os anarquistas, a socialização autogestionária deveria ser levada a cabo tanto no campo como na cidade, em localidades com modos de produção mais ou menos desenvolvidos; no campo, poderia se optar pela coletivização ou pela propriedade individual ou familiar, num sistema de posse, onde não haveria exploração do trabalho.<sup>[158]</sup> Estariam envolvidos na socializa-

ção urbana e rural produtores e consumidores, articulados por meio de conselhos populares. Tais conselhos teriam por objetivo romper com a **divisão social do trabalho** e garantir a equidade na remuneração, por meio de processos de trabalho que estejam em harmonia com a natureza e aproveitem as tecnologias para benefício dos trabalhadores.<sup>[160]</sup>

### Autogoverno democrático

A autogestão política defendida pelos anarquistas implicaria na abolição do Estado, a qual deveria ser levada a cabo ainda durante o processo revolucionário, acabando com a divisão entre governantes e governados. As propostas de socialismo de Estado, como período de transição, são veementemente rejeitadas pelos anarquistas, da mesma maneira que os procedimentos da democracia representativa, que implicariam uma delegação de poder sem controle da base, segundo sustentam os anarquistas. A proposta anarquista de autogestão política é o autogoverno democrático, onde o poder político seria totalmente socializado.<sup>[160]</sup> As instituições que substituíram o Estado e constituiriam as bases da autogestão política seriam os **conselhos**, associações voluntárias que, conforme sustentou Kropotkin, “representariam uma rede entrelaçada, composta por uma infinita variedade de grupos e federações de todos os tamanhos e graus, locais, regionais, nacionais e internacionais, temporárias, mais ou menos permanentes, para todos os objetivos possíveis”.<sup>[161]</sup> Tais associações fundamentariam-se em um modelo de poder autogestionário que permitiria a participação efetiva de todos nas mais diversas decisões. O conjunto de conselhos, cuja base seria constituída por grupos e associações livres, tomariam as decisões de maneira local e democrática, de baixo para cima, com participação generalizada e ampla, controlando a execução dessas decisões e solucionando conflitos, reunindo as funções tradicionais dos **três poderes** sob uma perspectiva autogestionária. Tais organismos seriam os responsáveis por deliberarem e executarem todas as medidas relativas aos serviços públicos.<sup>[162]</sup>

Todo o processo político autogestionário, para funcionar em larga escala, implicaria uma articulação que teria por base o mecanismo **federalista**, que, segundo o anarquista brasileiro **Domingos Passos**, congregaria “homens diversos em organismos ou sociedades na federação, sem a perda da autonomia societária”.<sup>[163]</sup> O federalismo permitiria a articulação das estruturas por meio de delegações que levam às instâncias mais amplas decisões das bases e garantem sua execução; os delegados possuiriam autonomia relativa, seriam controlados pela base, suas funções seriam rotativas e seus mandatos revogáveis a qualquer momento.<sup>[162]</sup> Esse modelo federalista, desenvolvido inicialmente por Proudhon, foi posto em prática em algumas seções da AIT e durante **Comuna de Paris**.<sup>[164]</sup>

No autogoverno democrático, haveria amplas liberdades civis, conforme explicitou Magón; para ele “o direito de

pensar, emitir seu pensamento, reunir-se, exercer o ofício, a profissão ou a indústria que o acomode, transitar pelo território nacional entre muitos outros direitos e prerrogativas” seriam garantidos.<sup>[165]</sup> Ainda que conciliadas com a liberdade coletiva, as liberdades individuais também seriam garantidas.<sup>[162]</sup>

### Cultura autogestionária

Juntamente com as propostas para a economia e a política, o anarquismo, historicamente, preocupou-se com questões ideológicas e culturais. Para os anarquistas, se a religião, a educação e a mídia vêm sendo responsáveis por legitimar a dominação, os anarquistas devem propor uma cultura distinta, que legitime sua proposta de autogestão.<sup>[166]</sup> Então, para além da autogestão econômica e política, os anarquistas propõe a criação de uma cultura autogestionária, forjada em bases ideológicas e em uma ética pautada em valores, capaz de sustentar seu projeto econômico e político. Essa ética anarquista é o elemento universal promovido transversalmente em todos os contextos, pautada nos seguintes valores: liberdade individual e coletiva, no sentido do desenvolvimento pleno das faculdades, capacidades e pensamento crítico de cada um e de todos; igualdade, em termos econômicos, políticos e sociais, promovida por meio da autogestão e incluindo questões de gênero e raça; solidariedade e apoio mútuo, sustentando relações fraternas e colaborativas entre as pessoas e não de individualismo e competição; estímulo permanente à felicidade, à motivação e à vontade. A intervenção dos anarquistas de acordo com esses valores éticos deve fortalecer as associações voluntárias, de maneira a promover a cultura autogestionária defendida pelos anarquistas.<sup>[167]</sup>

Um dos aspectos muito desenvolvidos no anarquismo foi a educação, por meio da discussão sobre a **pedagogia libertária**.<sup>[167]</sup> Para o francês **Élisée Reclus**, “o ideal dos anarquistas não é suprimir a escola, ao contrário, é fazê-la crescer, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensinamento mútuo, onde todos seriam simultaneamente alunos e professores”.<sup>[168]</sup> Para os anarquistas, essa ampliação da educação, estendendo-a ao conjunto da sociedade, é fundamental para estimular os valores condizentes com a prática da autogestão.<sup>[167]</sup> Essa educação seria integral, pois buscaria fortalecer completamente o desenvolvimento individual; intelectualmente, por meio do conhecimento científico das distintas áreas da vida e do estímulo permanente à cultura; tecnicamente, preparando para o trabalho e capacitando para a realização de tarefas manuais e intelectuais; fisicamente, tendo por objetivo promover a saúde e o bem-estar.<sup>[167]</sup> O espanhol **Francisco Ferrer y Guardia** enfatizou que o objetivo anarquista na educação seria criar “homens capazes de evoluir incessantemente; capazes de destruir, de renovar constantemente os meios, renovar-se a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que nunca se sujeitem ao que quer que seja, dispostos a aceitar sem-



*Francisco Ferrer y Guardia foi um dos maiores defensores da pedagogia libertária e fundou a Escola Moderna em Barcelona, na Espanha, em 1901.*

pre o melhor, feliz pelo triunfo das novas ideias e que aspirem a viver vidas múltiplas em uma única vida”.<sup>[169]</sup>

Também faz parte dessa cultura autogestionária o investimento em lazer; no tempo livre, os anarquistas consideram fundamental a participação em atividades que envolvem esportes, artes, música, televisão, cinema, teatro e literatura, tanto para o descanso, como para a própria instrução cultural. Os valores éticos do anarquismo constituem os fundamentos dessa produção popular e autogestionária do lazer. Os meios de comunicação defendidos pelos anarquistas seriam autogeridos, possuiriam ampla participação e promoveriam a diversidade e o pensamento crítico, informando, discutindo e divertindo.<sup>[155]</sup>

### 10.3.3 Estratégia do anarquismo

Os anarquistas não possuem uma estratégia única de atuação; ainda assim, há uma concepção estratégica comum, que constitui parte dos princípios anarquistas.<sup>[170]</sup> Historicamente, os anarquistas estiveram envolvidos nas mais diversas lutas populares e incidiram sobre as esferas econômica, política, cultural e a ideológica; a preocupação em desenvolver estratégias que pudessem combater a dominação em todos esses níveis é um traço comum

entre os anarquistas.<sup>[171]</sup>

#### Sujeitos revolucionários

A perspectiva classista do anarquismo fornece as bases para que se forje uma noção de sujeito revolucionário, compreendido como o agente social que, inserido no processo de luta de classes, possui capacidade de realização e interesses, mas fundamentalmente, consciência de classe para investir ativamente em um processo de transformação social revolucionária. Os anarquistas, de modo geral, sustentam que a ação humana possui capacidade significativa de transformar as estruturas sociais, e que essa transformação deve ser dada pelos sujeitos revolucionários.<sup>[170]</sup> A concepção anarquista de sujeito revolucionário tem como base as classes dominadas de maneira geral e, historicamente, envolveu trabalhadores da cidade e do campo, empregados, precarizados, desempregados e marginalizados, assalariados e pequenos proprietários, fundamentalmente camponeses e artesão.<sup>[172]</sup> Para os anarquistas, o sujeito revolucionário deve ser criado em um processo longo, que exige a construção e reconstrução dos tecidos sociais, mobilizações, lutas, derrotas e vitórias; elementos objetivos e subjetivos, racionais e emocionais, não estando esse sujeito determinado *a priori*; dentro da concepção anarquista, ele se forja historicamente, dentro dos processos de luta das classes dominadas contra as classes dominantes.<sup>[173]</sup>

#### Revolução social e violência

A estratégia do anarquismo é revolucionária e, portanto, sustenta-se na perspectiva de realizar uma revolução social, que possa ir além das mudanças políticas,<sup>[174]</sup> como afirmou Magón, “uma revolução que não garanta povo o direito de viver, é uma revolta de políticos a quem devemos, nós, os deserdados, dar as costas; nós, os pobres, necessitamos de uma revolução social, e não de uma revolução política”.<sup>[175]</sup> Os anarquistas sustentam que apenas uma revolução social, concebida como um processo de transformação social profundo, com implicações significativas em todas as esferas sociais, poderia trazer a perspectiva de uma sociedade libertária; as classes dominadas, por meio de sua força social, iriam impor suas posições no processo da luta de classes a fim de proporcionar as transformações sociais capazes de superar a sociedade de classes, tornando-se imprescindível, para os anarquistas, a derrubada do capitalismo e do Estado.<sup>[176]</sup>

Para os anarquistas, um processo revolucionário dessa magnitude não poderia descartar completamente a possibilidade da utilização da violência; ainda que se tenha discutido o nível de violência necessário em um processo revolucionário, foi constante a crença de que ela seria, muito provavelmente, necessária.<sup>[176]</sup> É notável a preocupação de se diminuir o nível de violência tão logo o processo revolucionário esteja estabilizado, instaurando

a paz assim que o funcionamento pleno do poder autogestionário estivesse garantido; porém, durante o processo revolucionário, a violência provavelmente teria de ser utilizada.<sup>[177]</sup>

Entretanto, há anarquistas que acreditam na possibilidade de uma revolução praticamente sem violência, como é o caso daqueles que conferem centralidade à propaganda e à educação em suas estratégias, acreditando ser possível transformar a sociedade pelo convencimento, praticamente sem violência.<sup>[177]</sup> Reclus, por exemplo, afirma que quanto maior for a consciência dos trabalhadores e de sua força potencial, “mais as revoluções serão fáceis e pacíficas”, podendo toda a oposição “ceder, até mesmo sem luta”.<sup>[178]</sup> A possibilidade de uma revolução não violenta, para esses anarquistas, é, entretanto, uma probabilidade; as ações pacíficas, na maioria dos casos, são defendidas uma questão de estratégia e não de princípios. Ainda assim, posições externas ao anarquismo, que consideram a não-violência um princípio, como as de **Henry David Thoreau** e **Liev Tolstói**, exerceram alguma influência entre os anarquistas.<sup>[177]</sup>

O processo revolucionário, de acordo com as distintas avaliações anarquistas, é concebido por alguns como um processo lento, fundamentalmente pela envergadura da transformação; para outros, é um processo que inserido numa conjuntura favorável, pode ser acelerado significativamente.<sup>[171]</sup>

### Estratégia de luta

A estratégia revolucionária do anarquismo é formulada a partir de três elementos: a crítica do sistema de dominação, o objetivo de um sistema de autogestão e o conjunto de meios a serem utilizados, por meio de uma prática política coerente para promover a transformação social desejada. Para os anarquistas, o sistema de dominação é o resultado de uma imposição de força por parte das classes dominantes às classes dominadas; assim, a estratégia fundamental do anarquismo deve contar com sujeitos revolucionários, criados no seio das classes dominadas, que consigam modificar a correlação de forças colocada e implantar um sistema de autogestão. A força social das classes dominadas é, para os anarquistas, o que há de mais relevante para impulsionar essa transformação; fazer das classes dominadas os sujeitos revolucionários e protagonistas da transformação social desejada é um dos elementos fundamentais da estratégia anarquista.<sup>[179]</sup>

Os anarquistas sustentam que há uma necessidade de coerência em termos estratégicos; defendendo uma congruência entre táticas, estratégias e objetivos.<sup>[179]</sup> Tal questão foi levada em consideração entre os anarquistas frequentemente por meio da discussão entre meios e fins; para Malatesta, é preciso “empregar os meios adaptados” à realização daquilo que se deseja, “esses meios não são arbitrários”, para ele, “derivam necessariamente dos fins” a que os anarquistas se propõem e das circunstân-

cia nas quais lutam.<sup>[180]</sup> Malatesta ainda sustentou que se os anarquistas se equivocassem na escolha dos meios, inevitavelmente afastariam-se dele “rumo a realidades frequentemente opostas”, que seriam “a consequência natural e necessária” aos métodos empregados de maneira equivocada.<sup>[180]</sup> Os anarquistas em geral sustentam a necessidade de uma subordinação dos meios aos fins, da tática à estratégia e da estratégia ao objetivo; para se chegar à autogestão generalizada, devem-se utilizar meios autogestionários. É por esse motivo que os anarquistas descartam a utilização do Estado como um meio de atuação e transformação social; para os anarquistas, a **ação direta** implica a priorização da prática política das classes dominadas fora do Estado e, em grande medida, contra ele.<sup>[181]</sup> Ao criar e participar de organizações, os anarquistas defendem um modelo orgânico pautado na autogestão; esse modelo envolve relações autogestionárias entre os militantes de um grupo ou organização, assim como relações autogestionárias entre grupos, organizações e os movimentos populares, reforçando a independência e autonomia de classe, que garante o protagonismo das classes dominadas na construção de uma prática política desenvolvida a partir das bases sem que haja submissão a relações de dominação internas ou externas.<sup>[174]</sup>

De modo geral, os anarquistas sustentam que para romper com o sistema de dominação e constituir um sistema de autogestão, é fundamental utilizar meios autogestionários nas distintas estratégias e táticas empregadas, em todas as esferas sociais.<sup>[174]</sup> Historicamente, diferentes estratégias foram levadas a cabo pelos anarquistas em diversos contextos, priorizando algumas ações em relação a outras, mas sempre levando esse princípio em consideração. Na esfera econômica, os anarquistas atuaram criando cooperativas de produção nos moldes mutualistas, participando em ocupações de fábricas, greves expropriadoras e da luta dos trabalhadores articulando-se em organizações sindicais e articulando organizações camponesas para a luta pela terra;<sup>[182]</sup> na esfera política, os anarquistas vêm afirmando a necessidade de ações que envolvam a intervenção direta contra o capitalismo e o Estado, através da organização das classes populares ou do uso da violência;<sup>[183]</sup> na esfera cultural e ideológica, os anarquistas preconizaram a propaganda e iniciativas no campo da educação, além das próprias mobilizações populares, no sentido em que elas pudessem fortalecer uma certa consciência de classe.<sup>[184]</sup> Entretanto, houve diversos debates relevantes acerca dessas estratégias entre os anarquistas,<sup>[185]</sup> embora as lutas promovidas pelos anarquistas nas três esferas sustentaram, de modo geral, ações reivindicativas, insurrecionais, revolucionárias, mais ou menos violentas em determinados contextos e buscaram, permanentemente, promover a revolução social, a partir de transformações estruturais nas três esferas.<sup>[186]</sup>

## 10.4 Debates e questões internas

 Ver artigo principal: Debates no anarquismo

As posições dos anarquistas em relação a certas questões não constituem um todo homogêneo, e o anarquismo têm sido marcado por diversos debates e divergências. Os debates mais relevantes entre os anarquistas se dão em torno da defesa da autogestão e da estratégia.<sup>[5]</sup>

### 10.4.1 Debates relevantes em torno da autogestão

Em relação à defesa da autogestão econômica e a socialização da propriedade, apresentam-se dois debates relevantes, entre os anarquistas que defendem o mercado autogestionário e os que defendem a planificação democrática, e entre os que defendem o coletivismo e os que defendem o comunismo como forma de distribuição do trabalho. Em relação à defesa da autogestão política, os debates se dão entre os que sustentam que a articulação política deve se dar no local de trabalho e os que sustentam que ela deve se dar no local de moradia. Há ainda um debate sobre os limites e as possibilidades da cultura na criação de uma sociedade autogestionária.<sup>[187]</sup>

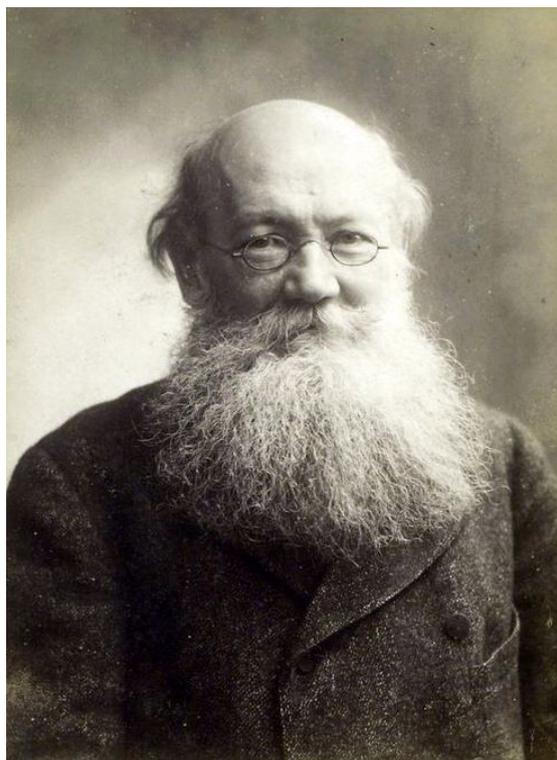
#### Mercado autogestionário ou planificação democrática

Há anarquistas que defendem que, em termos econômicos, a sociedade futura deverá ter por base um mercado autogestionário; anarquistas que defendem essa posição afirmam que o mercado é um ambiente de circulação e distribuição de mercadorias que sempre existiu, mesmo antes do capitalismo, e sendo o mercado um espaço em que circulam as informações a respeito da oferta e da demanda de bens, ele seria a única forma eficiente de equilibrá-las.<sup>[187]</sup> Anarquistas que defendem essa posição sustentam que a sociedade é muito complexa para que uma planificação eficiente e que atenda todas as demandas sociais seja possível; somente o mercado poderia constituir esse canal de informações imprescindíveis para a economia e sua supressão geraria, necessariamente, uma planificação arbitrária e autoritária, contrariando os princípios da autogestão.<sup>[188]</sup>

Outros anarquistas, entretanto, defendem um tipo de planificação democrática, com a necessidade da supressão do mercado e do dinheiro.<sup>[189]</sup> Alexander Berkman, que defendeu essa posição, sustentou que na sociedade libertária “a troca será livre”, “sem a intermediação do dinheiro e sem lucro, tendo por base as requisições e o abastecimento à disposição”.<sup>[190]</sup> Outros anarquistas que defendem essa perspectiva econômica afirmam que a interação entre locais de moradia e trabalho, produtores e consumidores, permitiria a planificação econô-

mica democrática, não só participativa, mas em larga escala. Não havendo o Estado para coordenar a produção com um planejamento central ou uma produção ajustada pelo mercado e pelo sistema de preços, surgiria uma economia socializada e autogestionada fundada em uma federação econômica de empresas e comunidades auto-geridas, com uma assembleia no topo, que balancearia oferta e demanda, direcionando e distribuindo a produção com base nas demandas que surgiriam de baixo para cima.<sup>[191]</sup> Essa posição é majoritária entre os militantes do anarquismo.<sup>[192]</sup>

#### Coletivismo ou comunismo



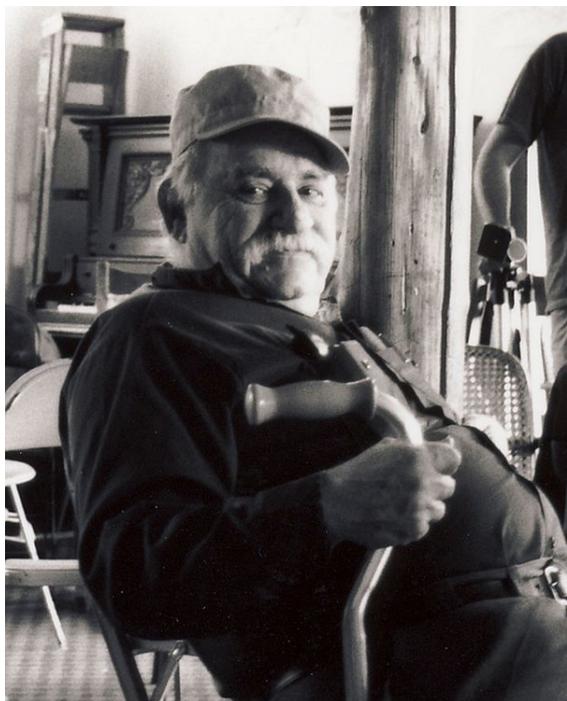
*O russo Piotr Kropotkin foi um dos maiores defensores do que se convencionou a chamar de anarquismo comunista. Para ele, o coletivismo, na medida em que defendia a remuneração baseada no trabalho realizado, seria inadmissível, e que o modo de distribuição comunista seria o mais adequado em uma sociedade libertária.*

O debate entre anarquistas que defendem o coletivismo e os que defendem o comunismo como modo de distribuição, evidenciou-se, marcadamente, em meados da década de 1870 e teve, depois disso, algum impacto entre os anarquistas.<sup>[193]</sup> Até aquela época, a maioria dos anarquistas defendia o coletivismo, sistema de remuneração baseado no trabalho realizado, reconhecido na máxima “a cada um segundo seu trabalho”.<sup>[194]</sup> Mikhail Bakunin, que sustentou essa perspectiva, afirmou que na sociedade libertária “cada um deverá trabalhar para viver, cada um será livre para morrer de fome por não trabalhar, a menos que encontre uma associação ou uma co-

muna que consinta alimentá-lo por piedade”, excluindo, entretanto, crianças, velhos e pessoas sem condições para o trabalho.<sup>[195]</sup> O comunismo, modo de distribuição reconhecido pela máxima “de cada um segunda suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades”, passou a ser defendido por alguns anarquistas entre 1874 e 1876, e a partir de 1880, tornou-se hegemônico. Nesse sistema, defendido por anarquistas notáveis, como **Piotr Kropotkin**, cada um trabalharia nas medidas de suas possibilidades e consumiria nas medidas de suas necessidades, exigindo um aprofundamento ético sem precedentes e a garantia de que se cooperará em tal sentido. Cientes disso, houve anarquistas que defenderam posições intermediárias, como **James Guillaume** e **Errico Malatesta**, aceitando o coletivismo em uma primeira fase da sociedade libertária e tentando-se chegar progressivamente ao comunismo.<sup>[196]</sup>

### Política no local de moradia ou de trabalho

Tratando do local mais adequado para a articulação das instâncias políticas da sociedade autogestionária, há fundamentalmente, três perspectivas: uma que defende a articulação pelo local de moradia (comunas), outra, que defende a articulação pelo local de trabalho (sindicatos), e uma terceira, que sustenta uma perspectiva moderada entre ambas.<sup>[196]</sup>



*O anarquista americano Murray Bookchin foi um defensor da organização política no local de moradia, tendo como base o município. Seu conjunto de ideias ficou conhecido como municipalismo libertário.*

Defensor da primeira perspectiva, Murray Bookchin sustentava que o município deveria ser a base para relações

sociais diretas, servindo como base para uma “democracia frontal” e para a “intervenção pessoal do indivíduo”, “para que as freguesias, comunidades e cooperativas convirjam na formação de uma nova esfera pública”.<sup>[197]</sup> Para ele, somente uma confederação desses municípios poderia lançar um movimento popular capaz de produzir condições para a abolição do Estado.<sup>[197]</sup> Sua defesa da organização comunitária como um poder popular dual, que se antagoniza com o poder estatal, marca sua crença exclusiva na mobilização em nível comunitário.<sup>[198]</sup>

Defensores da segunda perspectiva, em geral, defensores do sindicalismo, acreditam que o poder autogestionário deveria ser articulado pelo local de trabalho, a partir da produção e do consumo, tendo uma base econômica.<sup>[198]</sup> **Diego Abad de Santillán** afirmou que “a república dos trabalhadores não se faz no parlamento nem por decreto do Estado, há que se construí-la com os trabalhadores, nos locais de trabalho, e não fora deles”;<sup>[199]</sup> para **Neno Vasco**, de modo semelhante, “o sindicato é o grupo essencial, o órgão específico de luta de classes e o núcleo reorganizador da sociedade futura”, e constituiu o agrupamento que “manterá a continuidade da vida social, assegurando a produção do indispensável”.<sup>[200]</sup>

A terceira perspectiva, mais moderada, é majoritária entre os anarquistas,<sup>[192]</sup> e sustenta que grupos locais democráticos no local de trabalho e de moradia seriam o núcleo do movimento social que criaria o socialismo libertário.<sup>[191]</sup> Os defensores dessa perspectiva acreditam que o poder da sociedade futura deveria ser compartilhada entre os locais de trabalho e de moradia, conciliando decisões econômicas e políticas.<sup>[201]</sup>

### Limites e possibilidades da cultura

No anarquismo, o debate que envolve a cultura se dá em torno das distintas expectativas em relação aos seus limites e possibilidades, envolvendo duas concepções teóricas distintas em relação às esferas sociais e os limites e possibilidades da esfera cultural e ideológica em relação às esferas política e econômica, variando entre dois pólos com algumas posições intermediárias.<sup>[201]</sup>

De um lado, compreende-se que a criação de uma cultura autogestionária com todos os valores que ela implica é significativamente limitada por elementos políticos e principalmente econômicos. **Mikhail Bakunin**, que sustentava posições materialistas, afirmava que embora as esferas política e cultural pudessem determinar a esfera econômica, esta última constituiria sempre uma base sobre a qual se desenvolvem as outras.<sup>[201]</sup> Bakunin afirmava que a questão da educação não era a mais importante para a luta dos anarquistas, que, “em primeiro lugar”, estaria a sua “emancipação política, que engendra necessariamente sua emancipação econômica e, mais tarde, sua emancipação intelectual e moral”,<sup>[202]</sup> e para ele, uma educação libertária só poderia se desenvolver plenamente sob um regime de autogestão econômica.<sup>[203]</sup>

De outro lado, há anarquistas que compreendem que a criação de uma cultura autogestionária é imprescindível para a sustentação da autogestão nas esferas política e econômica e que ela possui relevância de primeira ordem.<sup>[203]</sup> Para **Rudolf Rocker**, um dos anarquistas que mais concedeu relevância para a esfera cultural e ideológica no processo de estruturação social, a economia certamente possui influência relevante na sociedade; todavia, ele sustentou que “há na história milhares de fatos que não se deixam explicar unicamente por bases puramente econômicas”, e que além da política, “a vontade de poder” é “em geral uma das forças motrizes mais significativas da história”, e portanto, a esfera cultural e ideológica possui lugar de destaque na determinação de fatos econômicos ou mesmo políticos.<sup>[204]</sup> Estudando a relevância da cultura na determinação dos fatos sociais, Rocker ainda afirmou que “é inegável o influxo da conformação psicológica do homem sobre a formação do ambiente social”, ressaltando a relevância central da esfera cultural e ideológica, tanto pelo papel da cultura nos embates contra a dominação e da vontade na determinação das estruturas sociais, quanto pela crença de que a política emana, em grande medida, da concepção religiosa, e que a economia possui naturezas culturais.<sup>[205]</sup> Também defendendo a relevância central da esfera cultural e ideológica, o anarquista chinês **Wu Zhihui** afirmava que “quando a educação é popularizada, todos abandonam os velhos hábitos e começam uma nova vida”, sendo a revolução “apenas um claro efeito dessa transformação”.<sup>[206]</sup>

Entre essas duas posições antagônicas, há uma série de posições intermediárias, sendo uma das mais relevantes a dos anarquistas que consideram que as ações da esfera cultural e ideológica são necessárias e possuem potencial significativo, ainda que reconheçam os limites estruturais e a necessidade de intervirem, ao mesmo tempo, nas esferas política e econômica.<sup>[192]</sup> De modo geral, as posições que atribuem menos capacidade à esfera cultural e ideológica priorizam como estratégias de luta o sindicalismo e as cooperativas, enquanto as posições que atribuem a essa esfera maior capacidade priorizam a educação e a propaganda.<sup>[203]</sup>

#### 10.4.2 Debates relevantes em torno da estratégia

Em relação às estratégias anarquistas, apresentam-se quatro debates relevantes. O primeiro trata das distintas posições em torno da organização, com concepções anarquistas contrárias e favoráveis à organização; o segundo apresenta as diferentes concepções em relação às reformas e lutas de curto prazo e as distintas compreensões em relação ao seu papel para se atingir a revolução; o terceiro trata das posições em relação ao momento e ao contexto da utilização da violência; o quarto, transversal aos outros, apresenta as diferentes concepções sobre a organização específica anarquista.<sup>[185]</sup>

#### Antiorganizacionismo e organizacionismo

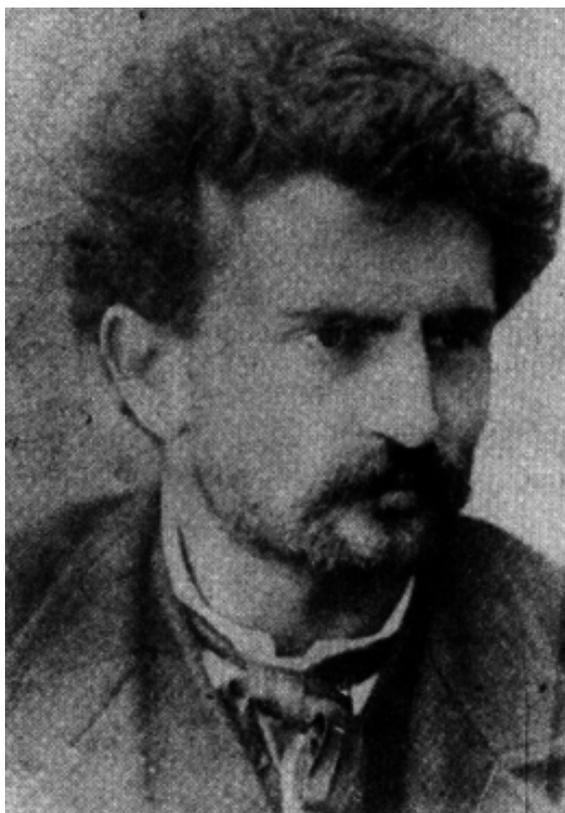
O debate sobre a questão da organização no anarquismo envolve três posições fundamentais: o antiorganizacionismo, dos anarquistas que são contrários à organização e que defendem, de modo geral, a atuação individual ou em pequenas redes ou grupos informais; o sindicalismo e o comunitarismo, dos anarquistas que sustentam que a organização dos anarquistas deve se dar somente no nível social e de massas, e que criar organizações específicas anarquistas seria algo redundante na medida em que os movimentos populares poderiam levar a cabo toda a estratégia anarquista; e o dualismo organizacional, que sustenta serem necessárias, além das organizações de massa, as organizações específicas para promover o anarquismo de maneira mais consistente.<sup>[185]</sup>



*O ítalo-americano Luigi Galleani foi um dos mais notórios anarquistas antiorganizacionistas. Para ele, os anarquistas deveriam atuar por meio da educação, da propaganda e da ação violenta.*

Os antiorganizacionistas sustentam que qualquer organização política, ainda que fosse anarquista, conduziria necessariamente a uma hierarquia de tipo governamental, violando a liberdade individual, e sustentam também que os anarquistas deveriam se associar em redes pouco orgânicas, quase informais, pois a organização conduziria, necessariamente, à dominação.<sup>[207]</sup> Tais posições são assumidas também em relação aos movimentos populares; Luigi Galleani, notório antiorganizacionista, afirmava que “o movimento anarquista e o movimento operário percorrem caminhos paralelos e a constituição geométrica de linhas paralelas é feita de maneira que elas nunca possam se encontrar ou coincidir”, sendo o anarquismo e o movimento operário corpos distintos, ainda

para Galleani, as organizações operárias seriam vítimas de um “conservadorismo cego e parcial”, responsável por “estabelecer um obstáculo, muitas vezes um perigo” aos objetivos anarquistas.<sup>[208]</sup> Em geral, os antiorganizacionistas sustentam que os anarquistas deveriam atuar por meio da educação, da propaganda e da ação violenta.<sup>[207]</sup> Muitas vezes, as posições dos antiorganizacionistas foram sustentadas tendo como base alguns argumentos individualistas de origem exterior ao anarquismo, em especial, de autores como Stirner e Nietzsche.<sup>[209]</sup>



*O italiano Errico Malatesta defendeu o organizacionismo dual. Para ele, os anarquistas deveriam se organizar no nível social, dos sindicatos, como trabalhadores, e no nível político, como anarquistas.*

Os sindicalistas e comunitaristas acreditam que o movimento popular possui as condições de abarcar posições libertárias, de maneira a cumprir todas as funções estratégicas necessárias a um processo revolucionário, opondo-se a criação de organizações específicas anarquistas. Entre os anarquistas que defendem as organizações exclusivamente comunitárias, posições relevantes encontram-se na obra de Bookchin, que defendia mobilizações de massa exclusivamente no campo comunitário, envolvendo trabalhadores, camponeses, profissionais e técnicos e superando os interesses corporativos e setoriais, vinculados necessariamente aos sindicatos. Entre os anarquistas que defendem o sindicalismo, encontram-se ainda duas estratégias fundamentais: o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário; a primeira defende uma vinculação programática entre o

anarquismo e o sindicalismo, enquanto a segunda sustenta fundamentalmente a neutralidade, a independência e a autonomia dos sindicatos, não vinculando-se a nenhuma ideologia específica.<sup>[209]</sup>

O dualismo organizacional apoia-se na ideia de que deve haver dois níveis de organização: um social, de massas, e outro político e ideológico, anarquista; no nível social, dos sindicatos, os anarquistas organizariam-se como trabalhadores; no nível político, como anarquistas.<sup>[210]</sup> **Errico Malatesta**, um dos mais notórios defensores dessa posição, afirmava que “o partido anarquista” como “o conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por consequência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer”, deveria ser o responsável pela concepção da estratégia dos anarquistas e por sua aplicação no campo popular.<sup>[211]</sup>

### Reformas e lutas de curto prazo

Todos os anarquistas defendem uma perspectiva revolucionária de transformação social, entretanto, há um debate relevante entre os anarquistas a respeito das reformas e lutas de curto prazo. Alguns anarquistas defendem a posição de que as lutas de curto prazo e as reformas seriam meios para se chegar à revolução, enquanto outros são contrários a essas lutas e às próprias reformas. Geralmente, os primeiros são chamados de possibilistas e os segundos de impossibilistas.<sup>[212]</sup>

Posições impossibilistas foram defendidas constantemente entre os anarquistas e, em alguns contextos, tiveram expressões bastante significativas. Anarquistas que defendem tais posições argumentam que as greves seriam eficazes apenas se tivessem por objetivo imediato a revolução social;<sup>[212]</sup> nesse sentido, **Emma Goldman** criticou os operários norte-americanos que lutavam pela jornada de oito horas, dizendo que isso era “uma perda de energia e de tempo” e que seria uma “estupidez os trabalhadores lutarem por tão pouco”.<sup>[213]</sup> Os impossibilistas defendem diferentes meios para a atuação anarquista; enquanto uns defendem a **propaganda pelo ato** e sustentam que a utilização da violência por meio de atentados deveria ser a principal estratégia anarquista, outros defendem estratégias insurrecionais distintas, além da propaganda e da educação popular como meio de atuação.<sup>[214]</sup>

Posições possibilistas também foram bastante comuns entre os anarquistas, muitos dos quais envolvidos com a militância sindical ou comunitária.<sup>[214]</sup> Para esses anarquistas, as lutas reivindicativas podem ser responsáveis pelo desenvolvimento daquilo que alguns chamam de “gimnástica revolucionária” e, dependendo de como forem levadas a cabo, podem contribuir com o objetivo revolucionário anarquista. Malatesta foi um defensor dessa posição, ao afirmar que os anarquistas deveriam tomar ou conquistar as eventuais reformas “no mesmo espírito daquele que arranca pouco a pouco do inimigo o terreno que ele ocupa, para avançar cada vez mais”.<sup>[215]</sup>



*Manifestação da FORA pela jornada de oito horas de trabalho.*

Entretanto, a participação dos anarquistas em lutas de curto prazo não significa a adoção de uma postura reformista; Neno Vasco, nesse sentido, afirmou que os anarquistas deveriam favorecer “as reformas ou melhoramentos que sejam uma vantagem verdadeira para o proletariado ou que pelo menos não contrariem ou retardem o fim essencial”,<sup>[216]</sup> devendo os anarquistas defender lutas classistas, combativas, autônomas, construídas pela base por mecanismos autogestionários e com uma perspectiva revolucionária.<sup>[214]</sup>

#### **Momento e contexto da utilização da violência**



*O momento e o contexto da utilização da violência têm gerado debates relevantes entre os anarquistas.*

A maioria dos anarquistas considera que, muito provavelmente, a violência deverá ser utilizada, em maior ou menor grau, para promover a transformação revolucionária desejada. De qualquer forma, há um debate fundamental em relação ao momento e ao contexto da utilização da violência, envolvendo seus objetivos. Nesse debate, existem duas posições fundamentais: uma, que sustenta que a violência funciona como uma ferramenta para criar movimentos revolucionários, sendo ela uma forma de propaganda que inspira os membros das classes populares a ingressarem em um processo revolucionário de luta; e outra, que defende que a violência deve ser utilizada a partir de movimentos populares previamente estabelecidos, de maneira a aumentar sua força nos conflitos de classe,

sendo a violência, nesse caso, uma ferramenta para favorecer as lutas de massas já existentes.<sup>[217]</sup>

Alfredo Bonanno, defensor da primeira posição, afirmou que “a violência é a organização preventiva e o ataque preventivo sobre as forças burguesas”.<sup>[218]</sup> Galleani, também notório defensor dessa posição, sustentava que “em vez das inefetivas conquistas de curto prazo, as táticas de corrosão e de ataque contínuo devem ser priorizadas”, somente as greves gerais teriam condições de promover a revolução, a qual deveria ser buscada “por meio da inevitável utilização da força e da violência”.<sup>[219]</sup> Anarquistas como Ravachol e Severino di Giovanni, que realizaram atentados durante suas vidas, acreditavam que seus atos de violência seriam, além de uma forma de propaganda, uma vingança contra os capitalistas. Embora historicamente minoritária,<sup>[220]</sup> a defesa dessa posição foi adotada por um certo período por anarquistas notórios como Kropotkin e Malatesta.<sup>[221]</sup>

Anarquistas que defendem a segunda posição enfatizam que a violência deveria dar suporte ao movimento sindical e de massas durante um processo revolucionário.<sup>[222]</sup> Nesse sentido, a violência é reivindicada como uma forma de autodefesa dos anarquistas e deveria ser utilizada somente nos momentos e contextos em que se vislumbra o fortalecimento do movimento de massas. Em geral, anarquistas envolvidos com o movimento sindical defenderam essa posição, que também foi adotada pela maior parte dos anarquistas, inclusive Kropotkin e Malatesta, durante a maior parte de suas vidas.<sup>[223]</sup>

#### **Organizações específicas anarquistas**

Muitos anarquistas defenderam a necessidade, criaram e participaram de organizações anarquistas ao longo da história.<sup>[223]</sup> Bakunin teorizou sobre o tema e, juntamente com outros outros anarquistas, fundou a Aliança da Democracia Socialista em 1868.<sup>[224]</sup> Kropotkin, defendendo a organização anarquista, afirmou que “o partido que mais fez agitação revolucionária, que mais manifestou vida e audácia, esse partido será mais escutado no dia em que for preciso agir, em que for preciso avançar para a revolução”.<sup>[225]</sup> Malatesta sustentava que “permanecer isolado, agindo ou querendo agir cada um por sua conta, sem se entender com os outros, sem preparar-se, sem enfeixar as fracas forças dos isolados”, significa, para os anarquistas, “condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação”.<sup>[226]</sup> Emma Goldman sustentava que a organização anarquista deveria se fundamentar no respeito absoluto por todas as iniciativas individuais; Voltairine de Cleyre afirmava que a associação dos anarquistas deveria encontrar sua forma organizativa a partir da experiência; Max Nettlau, que os anarquistas deveriam organizar-se conservando sua autonomia, mas apoiando-se reciprocamente; e José Oiticica reivindicava o dualismo organizacional, sustentando que a organização anarquista deveria ser separada da orga-

nização sindical, e as duas deveriam trabalhar em dois níveis complementares de organização e atuação.<sup>[224]</sup>

Organizações específicas anarquistas também tiveram papel fundamental em diversos acontecimentos relevantes na história do anarquismo,<sup>[227]</sup> e vários anarquistas defenderam a necessidade de tais organizações, articulando e participando de associações do tipo. Entretanto, dentre esses anarquistas, há um debate, que tem como foco o modelo dessa organização, envolvendo questões como o nível de afinidade teórica, ideológica, estratégica e programática, critério de ingresso e grau de autonomia dos membros. Destacam-se duas posições fundamentais entre os anarquistas sobre essa questão; a primeira, defende um modelo de organização flexível, que insiste na necessidade de agrupar o maior número possível de anarquistas, ainda que com distintas perspectivas estratégicas; a segunda, defende um modelo de organização programático, que prioriza, entre os anarquistas, aqueles que possuem maior afinidade políticas e estratégias.<sup>[228]</sup> Historicamente, o debate mais rico sobre esses modelos de organização anarquista ocorreu em meados da década de 1920 e início da década de 1930, em torno da polêmica entre a *Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários* e a *Síntese Anarquista*; com os defensores da primeira sustentando um modelo de organização programático, e os defensores da segunda, um modelo de organização mais flexível.<sup>[229]</sup>

Anarquistas que defendem um modelo de organização programático partem do pressuposto que há contradições fundamentais entre aqueles que se consideram anarquistas, sendo a solução para isso a criação de uma organização forte, com afinidade ampla entre os membros para incidir de maneira mais adequada nas lutas populares, devendo a organização se dar de modo federalista e autogestionário, com uma organicidade bem definida, direitos e deveres, autodisciplina e responsabilidade, além da defesa de uma unidade tática, ideológica, teórica e estratégica. Os anarquistas que defendem um modelo de organização flexível, por sua vez, parte do pressuposto que há grandes afinidades entre aqueles que se consideram anarquistas, e que deve-se buscar o fim das rugas entre os anarquistas e a sua união em torno da luta pelos mesmos objetivos, devendo a organização se dar também de modo federalista e autogestionário, porém com uma organicidade limitada e com a participação de todos os anarquistas e prezando a autonomia dos indivíduos e grupos organizados, a diversidade nas posições ideológicas, teóricas e estratégicas.<sup>[230]</sup>

## 10.5 Correntes do anarquismo

 Ver artigo principal: Correntes do anarquismo

A série de divergências existentes entre os anarquistas constituíram as bases para uma reflexão acerca do es-

tabelecimento de correntes anarquistas.<sup>[220]</sup> Entretanto, as diferenciações entre as correntes anarquistas foram estabelecidas de acordo com diferentes critérios pelos autores,<sup>[231]</sup> não havendo nenhum consenso definido.<sup>[232]</sup> Os critérios mais utilizados pelos autores clássicos, como Max Nettlau e George Woodcock, para definir as correntes do anarquismo, foram a distribuição dos produtos do trabalho na sociedade futura, subsidiando uma distinção entre coletivistas e comunistas; os sujeitos mobilizados pelos anarquistas e as estratégias adotadas por eles — subsidiando uma distinção entre anarcossindicalismo, sindicalismo revolucionário, “anarquismo terrorista” e “anarquismo pacifista” — e critérios de ordem política e filosófica, como a defesa da liberdade individual.<sup>[233]</sup> Para Woodcock, por exemplo, haveria três correntes anarquistas: mutualismo, coletivismo e anarcocomunismo; baseadas respectivamente nas obras de Proudhon, Bakunin e Kropotkin, levando em conta os modos de distribuição do trabalho na sociedade libertária; anarcossindicalismo ou sindicalismo revolucionário, levando em conta os sujeitos mobilizados e as estratégias de luta; anarquismo pacifista, levando em conta também as estratégias de luta, baseadas no repúdio à violência e fundamentadas na obra de Tolstói; e anarco individualismo, levando em conta critérios de ordem filosófica, como a defesa radical das liberdades individuais e baseada nas obras de Godwin e Stirner.<sup>[234]</sup> Entretanto, novos estudiosos do anarquismo, como Michael Schmidt e Lucien van der Walt, têm contestado esses critérios, argumentando que tais definições são insuficientes e que elas foram forjadas levando em conta um conjunto de pensadores muito restrito, alguns dos quais não seriam anarquistas — como Godwin, Stirner e Tolstói —; para eles, foram os debates acerca da estratégia que historicamente dividiram os anarquistas; a centralidade e a relevância desses debates indicariam que é em meio a eles que se devem buscar elementos para estabelecer as correntes anarquistas.<sup>[235]</sup> Seguindo esse critério, os novos estudiosos do anarquismo estabeleceram duas correntes: o anarquismo insurrecional e o anarquismo social ou de massas.<sup>[236]</sup>

### 10.5.1 Anarquismo insurrecional

 Ver artigo principal: Anarquismo insurrecional

O anarquismo insurrecional, segundo Michael Schmidt e Lucien van der Walt,

*... afirma que as reformas são ilusórias e que os movimentos de massa organizados são incompatíveis com o anarquismo, dando ênfase à ação armada — a propaganda pelo ato — contra a classe dominante e suas instituições, como o principal meio de despertar uma revolta espontânea revolucionária.<sup>[7]</sup>*

Sendo assim, os anarquistas insurrecionais fazem parte do campo antiorganizacionista e posicionam-se, na mai-



Representação artística da segunda prisão de Ravachol, após um de seus atentados. Embora historicamente minoritário, o anarquismo insurrecionário foi a corrente anarquista que mais se difundiu no imaginário popular e que ficou forjada na imagem do anarquista conspirador e terrorista.

oria dos casos, contrários aos movimentos de massa organizados.<sup>[236]</sup> Para eles, o sindicalismo é, em geral, considerado um movimento que tende à burocratização e à busca exclusiva de reformas, constituindo um perigo ao anarquismo, que é, para esses anarquistas, essencialmente revolucionário. Em relação à articulação com outros anarquistas, os insurrecionários preferem grupos de afinidade sem muita organicidade às organizações mais estruturadas e programáticas.<sup>[237]</sup>

Para os anarquistas insurrecionários, as lutas reivindicativas são inúteis e, em última instância, ajudam a fortalecer o *status-quo*; para eles, somente a revolução social é que poderia promover a transformação social desejada. As reformas são condenadas ou consideradas supérfluas, já que afastam as classes populares dos objetivos prioritariamente revolucionários, na visão desses anarquistas.<sup>[237]</sup>

Os anarquistas insurrecionários são defensores da **propaganda pelo ato**, ou seja, acreditam que o anarquismo deve ser propagado por atos de violência contra a burguesia e membros do Estado, tomando corpo em assassinatos, atentados à bomba ou insurreições sem bases populares organizadas de antemão. Esses anarquistas consideram que esses atos individuais de violência teriam a capacidade de funcionar como um gatilho para influenciar trabalhadores e camponeses, gerando, a partir deles, movimentos insurrecionais e revoltas populares, capazes de levar a cabo a revolução social. Essa estratégia sustenta que a violência pode ocorrer fora dos movimentos populares organizados e sem o respaldo destes.<sup>[237]</sup>

Muitos dos que foram rotulados ou se identificaram como “anarquistas individualistas” foram incentivadores ou adeptos destas estratégias, principalmente por conta de suas posições contrárias à organização. Apesar de

ser historicamente minoritária, essa corrente foi a que mais se difundiu no imaginário popular e que ficou forjada na imagem do anarquista conspirador e terrorista. O anarquismo insurrecionário foi defendido por anarquistas como Luigi Galleani, Émile Henry, Ravachol, Nicola Sacco, Bartolomeo Vanzetti e Severino di Giovanni e grupos como o Bando Bonnot, francês, e o *Chernoznamia*, russo; encontrou respaldo também, por algum tempo, em anarquistas como Nestor Makhno, Kropotkin e Malatesta.<sup>[237]</sup>

## 10.5.2 Anarquismo social ou de massas

Ver artigo principal: Anarquismo social

O anarquismo social ou de massas, como definido por



Operários e anarquistas marcham portando bandeiras negras pela cidade de São Paulo durante a greve de 1917. O anarquismo social ou de massas sustenta que os anarquistas devem participar dos movimentos populares de massa para radicalizá-los e transformá-los em alavancas para a transformação revolucionária.

Michael Schmidt e Lucien van der Walt,

... enfatiza a visão de que somente os movimentos de massa podem criar uma transformação revolucionária na sociedade, que tais movimentos são normalmente construídos por meio de lutas em torno de questões imediatas e de reformas (em torno de salários, brutalidade policial ou altos preços, etc), e que os anarquistas devem participar desses movimentos para radicalizá-los e transformá-los em alavancas para a transformação revolucionária.<sup>[238]</sup>

Os defensores do anarquismo social ou de massas constituem o setor organizacionista do anarquismo, sendo favoráveis à organização; defendem que a transformação social só pode se dar pelo protagonismo dos movimentos populares, sejam eles construídos nos locais de trabalho ou nas comunidades.<sup>[239]</sup> Entretanto, houve alguns casos de antiorganizacionistas que se vincularam ao anarquismo social ou de massas, embora constituam exceção.<sup>[240]</sup>

Ao contrário dos anarquistas insurrecionários, os anarquistas que defendem o anarquismo social ou de massas se posicionam favoráveis em relação as lutas de curto prazo e sustentam que as reformas — desde que sejam conquistadas pelos próprios movimentos populares e não vindas “de cima” como obra da burguesia ou dos governos — são os primeiros objetivos da luta popular de massas. Essa luta, que deve constituir-se com a mobilização social em torno de reivindicações, segundo eles, fortalece a consciência e solidariedade de classe e melhora as condições do povo, quando há conquistas. Assim, para esses anarquistas, reformas e revolução não são necessariamente contraditórias; dependendo de como forem conquistadas, podem ser complementares; é na luta pelas reformas que se forjam as condições para realizar a revolução, segundo eles.<sup>[239]</sup>

Sobre a questão da violência, esses anarquistas concordam que as ideias anarquistas também devem ser difundidas por atos, ainda que entendam por atos as mobilizações populares de massa, e não os atos isolados de violência; atos que também devem ser conciliados com as intervenções por meio de discursos e escritos. A violência não deve, deste ponto de vista, ser realizada com o objetivo de criar movimentos insurrecionais, mas ser perpetrada a partir de movimentos populares amplos já existentes, e, portanto, ter significativo respaldo popular; uma violência que deve ser levada a cabo pela própria classe organizada, de maneira a fortalecê-la nos conflitos de classe.<sup>[239]</sup>

Essa corrente foi historicamente majoritária e teve como adeptos militantes e teóricos proeminentes como Mikhail Bakunin, Buenaventura Durruti, Fernand Pelloutier, Rudolf Rocker, Voline, Ricardo Flores Magón, Ba Jin e Edgard Leuenroth, além de Makhno, Kropotkin e Malatesta, que durante a maior parte de suas vidas, defenderam essa abordagem.<sup>[241]</sup>

O anarquismo social ou de massas, entretanto, teria duas subdivisões de ordem estratégica em relação às abordagens sindicais e antissindicais.<sup>[242]</sup> Dentre as abordagens sindicais, estão as posições anarcossindicalistas e sindicalistas revolucionárias; entre as abordagens antissindicalistas, estão as posições que defendem as mobilizações de massa pelos locais de moradia.<sup>[241]</sup>

## 10.6 Críticas

As críticas mais comuns ao anarquismo sustentam que este seria uma ideologia utópica e inviável, na medida em que, para esses críticos, as forças repressivas seriam absolutamente necessárias para a manutenção da ordem social, relacionando o anarquismo com a destruição, o caos, a desorganização e com posturas anti-sociais e desagregadoras, geralmente violentas ou criminosas.<sup>[14]</sup> Também são comuns críticas no sentido de que o anarquismo se trataria de uma ideologia juvenil, visto que por razão da idade, os jovens estariam mais naturalmente envolvidos

em problemas com a autoridade e em revolta contra as concepções morais e sociais dos mais velhos.<sup>[243]</sup>

O anarquismo também tem sido apontado por diversos críticos como uma ideologia incoerente, e sustentam que a “disputa e a discórdia sempre fizeram parte de sua mais genuína natureza”,<sup>[244]</sup> e ainda apontam que o anarquismo jamais teve impacto popular relevante e que encontrou a oposição de todas as classes.<sup>[245]</sup> Murray Rothbard, um dos expoentes do **libertarianismo**, sustentou o programa anarquista “não faz sentido”, ao alegar que, tentando derubar o capitalismo e o Estado simultaneamente e propondo sua substituição por federações de comunas, “uma agência central iria planejar e dirigir os vários subgrupos” e, com isso, essas agências teriam o poder de “usar a força para colocar suas decisões em prática”; para ele, o “resultado inevitável” desse fenômeno seria o restabelecimento do Estado.<sup>[246]</sup> Rothbard ainda sustentou que os anarquistas “salientam a espontaneidade, as emoções e os instintos, ao invés da supostamente fria e cruel lógica”, e ao fazerem isso, “permanecem cegos para a irracionalidade de suas posições”.<sup>[246]</sup>

Críticos marxistas, por sua vez, geralmente afirmam que o anarquismo seria uma doutrina pequeno-burguesa, alheia ao proletariado, sem fundamentos, voluntarista, idealista, individualista e sectária,<sup>[247]</sup> muitas vezes argumentando que o anarquismo se sustenta em versões extremadas do liberalismo individualista e que ele não teria qualquer contribuição significativa para a teoria socialista e o movimento operário de modo geral.<sup>[248]</sup> Marxista notório, o historiador inglês Eric Hobsbawm afirmou que em todos os países onde o anarquismo teve um papel importante na vida política, as estratégias dos anarquistas foram totalmente ineficazes,<sup>[249]</sup> considerando-o “um capítulo definitivamente encerrado no desenvolvimento dos movimentos revolucionários e operários modernos”, tratando-o como um fenômeno pré-político e pré-industrial que encontrou expressão apenas em países menos desenvolvidos economicamente;<sup>[250]</sup> para ele, “o principal atrativo do anarquismo era emocional e não intelectual”.<sup>[251]</sup>

## 10.7 Ver também

- Anarcocapitalismo
- Anarquismo no Brasil
- Anarquismo em Portugal
- Tópicos no anarquismo

## 10.8 Notas

- [1] Mikhail Bakunin, anarquista russo, apesar de suas divergências com o comunista alemão Karl Marx, havia se comprometido com a tradução do primeiro volume de *Das*

*Kapital* para o russo, afirmando que a obra apresentava uma “análise tão profunda, tão iluminada, tão científica, tão decisiva”, ao “expor a formação do capital burguês e a exploração sistemática e cruel que o capital continua a exercer sobre o trabalho do proletariado”.<sup>[129]</sup> Além disso, o anarquista italiano Carlo Cafiero elaborou uma versão popular deste volume de *Das Kapital*, de maneira que ele pudesse ser difundido entre os trabalhadores, a qual foi aprovada pelo próprio Marx.<sup>[130]</sup>

## 10.9 Referências

- [1] «Anarchism». *International Encyclopedia of Political Science*. Thousand Oaks: Bertrand Badie. 2011
- [2] Corrêa 2014, p. 79.
- [3] «Anarchism». *Encyclopedia Britannica*
- [4] «Anarchism». *The Concise Encyclopedia of Sociology*. Chichester: Wiley-Blackwell. 2011
- [5] Corrêa 2014, p. 159.
- [6] Corrêa 2014, p. 255.
- [7] Schmidt & van der Walt 2009, p. 123
- [8] Schmidt & van der Walt 2009, p. 124
- [9] Corrêa 2012, p. 70.
- [10] «Anarchism». Online Etymology Dictionary. Consultado em 11 de setembro de 2015
- [11] «Anarchy». Merriam-Webster Online. Consultado em 11 de setembro de 2015
- [12] Liddell, Henry George; Scott, Robert. «A Greek-English Lexicon». Perseus Digital Library. Consultado em 11 de setembro de 2015
- [13] Corrêa 2014, p. 41.
- [14] Corrêa 2014, p. 42.
- [15] Woodcock 2002a, p. 10.
- [16] Corrêa 2014, p. 46.
- [17] Enckel 1991, p. 199.
- [18] Corrêa 2014, p. 47.
- [19] Corrêa 2014, p. 48.
- [20] Corrêa 2012, p. 14.
- [21] Hirsch & van der Walt 2010, p. 34
- [22] Corrêa 2012, p. 16-17.
- [23] Corrêa 2012, p. 15.
- [24] Corrêa 2012, p. 17.
- [25] Corrêa 2012, p. 18.
- [26] Corrêa 2012, p. 21.
- [27] Woodcock 2002a, p. 40.
- [28] Pilla Vares 1988, p. 20.
- [29] Pilla Vares 1988, p. 22-23.
- [30] Woodcock 2002a, p. 48-58.
- [31] Woodcock 2002a, p. 59-64.
- [32] Woodcock 2002a, p. 39.
- [33] Woodcock 2002a, p. 39-40.
- [34] Corrêa 2012, p. 8.
- [35] Corrêa 2012, p. 10.
- [36] Corrêa 2014, p. 149–150.
- [37] Corrêa 2014, p. 148.
- [38] Corrêa 2014, p. 153.
- [39] Berthier 2008, p. 55.
- [40] Bancal 1984, p. 175.
- [41] Bancal 1984, p. 179.
- [42] Bancal 1984, p. 182.
- [43] Corrêa 2014, p. 155.
- [44] Berthier 2008, p. 85-86.
- [45] Corrêa 2012, p. 19.
- [46] Musto 2014, p. 21-22.
- [47] Corrêa 2012, p. 20.
- [48] Musto 2014, p. 31-32.
- [49] Musto 2014, p. 37-38.
- [50] Samis 2011, p. 156.
- [51] Samis 2011, p. 149.
- [52] Corrêa 2012, p. 22.
- [53] Corrêa 2012, p. 24.
- [54] Corrêa 2012, p. 24-25.
- [55] Corrêa 2012, p. 32.
- [56] Colombo 2011, p. 127.
- [57] Corrêa 2012, p. 30.
- [58] Corrêa 2012, p. 31.
- [59] Corrêa 2012, p. 34.
- [60] Corrêa 2012, p. 31-32.
- [61] Woodcock 2002b, p. 68-69.
- [62] Woodcock 2002b, p. 89.
- [63] Woodcock 2002b, p. 94.
- [64] Woodcock 2002b, p. 95.

- [65] Woodcock 2002b, p. 96.
- [66] Woodcock 2002b, p. 98.
- [67] Corrêa 2012, p. 33.
- [68] Corrêa 2012, p. 32-33.
- [69] Corrêa 2012, p. 33-34.
- [70] Corrêa 2012, p. 36.
- [71] Corrêa 2012, p. 44.
- [72] Corrêa 2012, p. 36-37.
- [73] Corrêa 2012, p. 37.
- [74] Corrêa 2012, p. 38.
- [75] Corrêa 2012, p. 39.
- [76] Corrêa 2012, p. 39-40.
- [77] Corrêa 2012, p. 40.
- [78] Woodcock 2002b, p. 285.
- [79] Woodcock 2002b, p. 285-286.
- [80] Corrêa 2012, p. 41.
- [81] Corrêa 2012, p. 41-42.
- [82] Corrêa 2012, p. 42.
- [83] Corrêa 2012, p. 42-43.
- [84] Corrêa 2012, p. 43.
- [85] Corrêa 2012, p. 43-44.
- [86] Corrêa 2012, p. 45.
- [87] Corrêa 2012, p. 51.
- [88] Corrêa 2012, p. 45-46.
- [89] Corrêa 2012, p. 46.
- [90] Corrêa 2012, p. 47.
- [91] Woodcock 2002b, p. 152.
- [92] «Anarchist Activity in France during World War Two». [blackened.flag.net](http://blackened.flag.net). Consultado em 12 de setembro de 2015
- [93] «1943–1945: Anarchist partisans in the Italian Resistance». [libcom.org](http://libcom.org). Consultado em 12 de setembro de 2015
- [94] Corrêa 2012, p. 47-48.
- [95] Corrêa 2012, p. 48.
- [96] Corrêa 2012, p. 448.
- [97] Corrêa 2012, p. 49.
- [98] Corrêa 2012, p. 50.
- [99] Corrêa 2012, p. 58.
- [100] Corrêa 2012, p. 52.
- [101] Corrêa 2012, p. 59.
- [102] 2012, p. 52.
- [103] Corrêa 2012, p. 53.
- [104] Corrêa 2012, p. 52-53.
- [105] Corrêa 2012, p. 54.
- [106] Corrêa 2012, p. 54-55.
- [107] Corrêa 2012, p. 55.
- [108] Corrêa 2012, p. 55-56.
- [109] Corrêa 2012, p. 56.
- [110] Corrêa 2012, p. 57.
- [111] Corrêa 2012, p. 58.
- [112] Corrêa 2012, p. 60.
- [113] Corrêa 2012, p. 64.
- [114] Corrêa 2012, p. 65.
- [115] Corrêa 2012, p. 64-65.
- [116] Corrêa 2012, p. 61.
- [117] «Autonomia and the Origin of the Black Bloc». A-Infos. Consultado em 12 de setembro de 2015
- [118] Corrêa 2012, p. 61-62.
- [119] Corrêa 2012, p. 62.
- [120] Graeber, David. «Occupy and anarchism's gift of democracy». *The Guardian*. Consultado em 12 de setembro de 2015
- [121] Corrêa 2012, p. 62-63.
- [122] Corrêa 2012, p. 63.
- [123] Moraga Lovera, Marcos. «En las revueltas estudiantiles hay un germen anarquista potente». *La Nación*. Consultado em 10 de agosto de 2015
- [124] Avelino, Nildo. «As revoltas de junho no Brasil e o anarquismo». *Espaço Acadêmico*. Consultado em 10 de agosto de 2015
- [125] Corrêa 2012, p. 63-64.
- [126] Tashjian, Yeghig. «The Fruits of "Arab Spring"; Islamism, Anarchism & Feminism» (PDF). *Strategic Outlook*. Consultado em 26 de setembro de 2015
- [127] Corrêa 2014, p. 115.
- [128] Corrêa 2014, p. 104.
- [129] Bakunin 2007, p. 17.
- [130] Corrêa 2014, p. 105.
- [131] Schmidt & van der Walt 2009, p. 49-50

- [132] Corrêa 2014, p. 106.
- [133] Schmidt & van der Walt 2009, p. 49
- [134] Corrêa 2014, p. 107.
- [135] Malatesta 2001, p. 15.
- [136] Corrêa 2014, p. 108.
- [137] Bakunin 2003, p. 114.
- [138] Corrêa 2014, p. 109.
- [139] Kropotkin 2005, p. 30.
- [140] Corrêa 2014, p. 109-110.
- [141] Corrêa 2014, p. 110.
- [142] Corrêa 2014, p. 111.
- [143] Oiticica 2006, p. 53.
- [144] Berkman 2003, p. 40.
- [145] Corrêa 2014, p. 111-112.
- [146] Corrêa 2014, p. 112.
- [147] Magón 2003, p. 66.
- [148] Corrêa 2014, p. 112-113.
- [149] van der Walt 2011, p. 30.
- [150] Corrêa 2014, p. 113.
- [151] Corrêa 2014, p. 142.
- [152] Corrêa 2014, p. 114.
- [153] Schmidt & van der Walt 2009, p. 23
- [154] Corrêa 2014, p. 114-115.
- [155] Corrêa 2014, p. 125.
- [156] Corrêa 2014, p. 116.
- [157] Vasco 1984, p. 20.
- [158] Corrêa 2014, p. 117.
- [159] Berkman 2003, p. 225.
- [160] Corrêa 2014, p. 118.
- [161] Kropotkin 1987, p. 19.
- [162] Corrêa 2014, p. 119.
- [163] Passos, Domingos. «Federalismo e Centralismo». Coletivo de Estudos Anarquistas Domingos Passos. Consultado em 22 de setembro de 2015
- [164] Corrêa 2014, p. 122.
- [165] Magón 2003, p. 69.
- [166] Corrêa 2014, p. 123.
- [167] Corrêa 2014, p. 124.
- [168] Reclus 2002, p. 108.
- [169] Ferrer y Guardia 2006, p. 67-68.
- [170] Corrêa 2014, p. 127.
- [171] Corrêa 2014, p. 135.
- [172] Corrêa 2014, p. 129.
- [173] Corrêa 2014, p. 129-130.
- [174] Corrêa 2014, p. 132.
- [175] Magón 2003, p. 45.
- [176] Corrêa 2014, p. 133.
- [177] Corrêa 2014, p. 134.
- [178] Reclus 2011, p. 44.
- [179] Corrêa 2014, p. 130.
- [180] Malatesta 2000, p. 11.
- [181] Corrêa 2014, p. 131.
- [182] Corrêa 2014, p. 135-138.
- [183] Corrêa 2014, p. 138-139.
- [184] Corrêa 2014, p. 139-140.
- [185] Corrêa 2014, p. 168.
- [186] Corrêa 2014, p. 141.
- [187] Corrêa 2014, p. 160.
- [188] Corrêa 2014, p. 160-161.
- [189] Corrêa 2014, p. 161.
- [190] Berkman 2003, p. 217.
- [191] Schmidt & van der Walt 2009, p. 68
- [192] Corrêa 2014, p. 167.
- [193] Corrêa 2014, p. 161-162.
- [194] Corrêa 2014, p. 162.
- [195] Bakunin 2009, p. 85.
- [196] Corrêa 2014, p. 163.
- [197] Bookchin 1999, p. 33-44.
- [198] Corrêa 2014, p. 164.
- [199] Santillán 1980, p. 87.
- [200] Vasco 1984, p. 76.
- [201] Corrêa 2014, p. 165.
- [202] Bakunin 2003, p. 93-94.
- [203] Corrêa 2014, p. 166.
- [204] Rocker 1956, p. 11-24.
- [205] Rocker 1956, p. 31-56.

- [206] Zhihui 2005, p. 347-348.
- [207] Corrêa 2014, p. 169.
- [208] Galleani, Luigi. «The End of Anarchism?» (PDF). The Anarchist Library. Consultado em 26 de setembro de 2015
- [209] Corrêa 2014, p. 170.
- [210] Corrêa 2014, p. 172.
- [211] Malatesta 2000, p. 56.
- [212] Corrêa 2014, p. 173.
- [213] Goldman, Emma. «Living My Life» (PDF). The Anarchist Library. Consultado em 26 de setembro de 2015
- [214] Corrêa 2014, p. 174.
- [215] Malatesta 1989, p. 146.
- [216] Vasco 1984, p. 108.
- [217] Corrêa 2014, p. 176.
- [218] Bonanno, Alfredo. «The Insurreccional Project» (PDF). The Anarchist Library. Consultado em 26 de setembro de 2015
- [219] Galleani, Luigi. «The Principal of Organization to the Light of Anarchism» (PDF). The Anarchist Library. Consultado em 26 de setembro de 2015
- [220] Corrêa 2014, p. 186.
- [221] Corrêa 2014, p. 177.
- [222] Corrêa 2014, p. 177-178.
- [223] Corrêa 2014, p. 178.
- [224] Corrêa 2014, p. 179.
- [225] Kropotkin 2005, p. 212.
- [226] Malatesta 2000, p. 55.
- [227] Corrêa 2014, p. 179-180.
- [228] Corrêa 2014, p. 180.
- [229] Corrêa 2014, p. 180-184.
- [230] Corrêa 2014, p. 185.
- [231] Bonomo 2007, p. 178.
- [232] Corrêa 2014, p. 187.
- [233] Corrêa 2014, p. 190.
- [234] Woodcock 2002a, p. 19-22.
- [235] Corrêa 2014, p. 194-195.
- [236] Corrêa 2014, p. 195.
- [237] Corrêa 2014, p. 196.
- [238] Schmidt & van der Walt 2009, p. 124
- [239] Corrêa 2014, p. 197.
- [240] Corrêa 2014, p. 199.
- [241] Corrêa 2014, p. 198.
- [242] Schmidt & van der Walt 2009, p. 171
- [243] Joll 1970, p. 330.
- [244] Kedward 1971, p. 6.
- [245] Kedward 1971, p. 120.
- [246] Rothbard, Murray. «Are Libertarians “Anarchists”?». Mises Institute. Consultado em 3 de outubro de 2015
- [247] Kolpinsky 1976, p. 333.
- [248] Hobsbawm 1985, p. 96.
- [249] Hobsbawm 1985, p. 92.
- [250] Hobsbawm 1985, p. 90.
- [251] Hobsbawm 1985, p. 91.

## 10.10 Bibliografia

- Bakunin, Mikhail (2003). *A Instrução Integral*. São Paulo: Imaginário
- Bakunin, Mikhail (2003). *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário
- Bakunin, Mikhail (2007). *O Sistema Capitalista*. São Paulo: Faísca
- Bakunin, Mikhail (2009). *Catecismo Revolucionário e Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário
- Bancal, Jean (1984). *Proudhon: pluralismo e autogestão*. Brasília: Novos Tempos
- Berkman, Alexander (2003). *What is Anarchism?* (em inglês). Oakland: AL Press
- Berthier, René (2008). *Philosophie Politique de l'Anarchisme*. Essai sur les fondements théoriques de l'anarchisme (em francês). Paris: Mounde Nouveau
- Bonomo, Alex Buzeli (2007). *O Anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935)* (Dissertação de Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- Bookchin, Murray (1999). *Municipalismo Libertário*. São Paulo: Imaginário
- Colombo, Eduardo (2011). *Democracia e poder: a escamoteação da vontade*. São Paulo: Imaginário
- Corrêa, Felipe (2014). *Bandeira Negra*. Rediscutindo o anarquismo. São Paulo: Prismas

- Corrêa, Felipe (2012). *Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo* (PDF). São Paulo: Faísca
- Enckel, Marianne (1991). *La Fédération Jurassienne. Les origines de l'anarchisme en Suisse*. Saint-Imier: Canevas
- Ferrer y Guardia, Francisco (2006). *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário
- Guérin, Daniel (1968). *O Anarquismo*. Da doutrina à ação. Rio de Janeiro: Germinal
- Hirsch, Steven; van der Walt, Lucien (2010). *Rethinking Anarchism and Syndicalism. The colonial and postcolonial experience, 1873 - 1940* (em inglês). Leiden: Koninklijke NV
- Hobsbawm, Eric (1985). *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Joll, James (1970). *Anarquistas e Anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote
- Kedward, Roderick (1971). *The Anarchists. The men who shocked an era* (em inglês). Londres: Library of the Twentieth Century
- Kolpinsky, N.Y (1976). *Acerca del Anarquismo y Anarcossindicalismo* (em espanhol). Moscou: Progreso
- Kropotkin, Piotr (1987). *Textos Escolhidos*. Porto Alegre: L&PM
- Kropotkin, Piotr (2005). *Palavras de um Revoltado*. São Paulo: Imaginário
- Magón, Ricardo Flores (2003). *A Revolução Mexicana*. São Paulo: Imaginário
- Malatesta, Errico (1989). *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Cortez
- Malatesta, Errico (2000). *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Imaginário
- Malatesta, Errico (2001). *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário
- Musto, Marcello (2014). *Trabalhadores, uni-vos!*. Antologia Política da Primeira Internacional. São Paulo: Boitempo
- Nettlau, Max (2008). *História da Anarquia*. São Paulo: Hedra
- Oiticica, José (2006). *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro: Achiamé
- Pilla Vares, Luiz (1988). *O Anarquismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Reclus, Élisée (2002). *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*. São Paulo: Imaginário
- Reclus, Élisée (2011). *A Anarquia pela Educação*. São Paulo: Hedra
- Rocker, Rudolf (1956). *A Insuficiência do Materialismo Histórico*. Rio de Janeiro: Simões
- Samis, Alexandre (2011). *Negras Tormentas*. O federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Hedra
- Santillán, Diego Abad de (1980). *Organismo Econômico da Revolução*. A autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense
- Schmidt, Michael; van der Walt, Lucien (2009). *Black Flame*. The revolutionary class politics of anarchism and syndicalism (em inglês). Oakland: AK Press
- van der Walt, Lucien (2011). *Debating Power and Revolution in Anarchism* (em inglês). Johannesburgo: [s.n.]
- Vasco, Neno (1984). *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Porto: Afrontamento
- Woodcock, George (2002a). *A História das Idéias e Movimentos Anarquistas, vol. I. A Idéia*. Porto Alegre: L&PM
- Woodcock, George (2002b). *A História das Idéias e Movimentos Anarquistas, vol. II. O Movimento*. Porto Alegre: L&PM
- Zhihui, Wu (2005). «Education as Revolution». In: GRAHAM, Robert (org.). *Anarchism: a documentary history of libertarian ideas* (em inglês). Montreal: Black Rose Books

## 10.11 Ligações externas

- Anarkismo.net (em português, alemão, inglês, espanhol, francês e italiano)
- [The Anarchist Library](http://theanarchistlibrary.org) (em inglês). theanarchistlibrary.org
- Instituto de Teoria e História Anarquista. [ithanarquista.wordpress.com](http://ithanarquista.wordpress.com)
- Libcom (em inglês)
- Regeneración (em espanhol). [www.regeneracionlibertaria.org](http://www.regeneracionlibertaria.org)
- “Prominent Anarchists and Left-Libertarians”, de [flag.blackened.net](http://flag.blackened.net)
- The Antiauthoritarian Encyclopedia from the Daily Bleed Calendar

# Capítulo 11

## Proletariado

**Proletariado** (do latim *proles*, “filho, descendência, progênie”) é um conceito usado para definir a classe antagônica à classe capitalista. O proletário consiste daquele que não tem nenhum meio de vida exceto sua força de trabalho (suas aptidões), que ele vende para sobreviver.

O proletário se diferencia do simples trabalhador, pois este último pode vender os produtos de seu trabalho (ou vender o seu próprio trabalho enquanto serviço), enquanto o proletário só vende sua capacidade de trabalhar (suas aptidões e habilidades humanas), e, com isso, os produtos de seu trabalho e o seu próprio trabalho não lhe pertencem, mas àqueles que compram sua força de trabalho e lhe pagam um salário.

A existência de indivíduos privados de propriedade, privados de meios de vida, permite que os capitalistas (os proprietários dos meios de produção e de vida) encontrem no mercado um objeto de consumo que age e pensa (as capacidades humanas oferecidas no mercado de trabalho), que eles consomem para aumentar seu capital. Ao vender sua força de trabalho, o proletário ajuda a gerar bens para a população e aumenta suas habilidades como trabalhador, possibilitando que cobre cada vez mais pela força de seu trabalho.<sup>[carece de fontes?]</sup> O comprador (o capitalista) comanda o trabalho do proletário e se apropria de seus produtos para vendê-los no mercado.

A palavra proletariado define o conjunto dos proletários considerados enquanto formando uma classe social.<sup>[1][2][3]</sup>

### 11.1 História

A origem da palavra “proletariado” remonta à Roma Antiga, o rei Sêrvio Túlio (século VI a.C.) usou o termo proletários (*proletarii*) para descrever os cidadãos de classe mais baixa, que não tinham propriedades e cuja única utilidade para o Estado era gerar *proles* (prole) para engrossar as fileiras dos exércitos do império.<sup>[4][5][6]</sup> O termo *proletário* foi utilizado num sentido depreciativo, até que, no século XIX, socialistas, anarquistas e comunistas utilizaram-no para identificar a classe dos sem propriedade de meios de vida do capitalismo industrial.

Historicamente, o proletariado surge com o capitalismo industrial (na Europa, entre os séculos XIV e XIX), quando todas as relações sociais entre os indivíduos passaram a ser mediatizadas pelo mercado, que substituiu os laços comunitários que caracterizavam as sociedades anteriores. Com isso, todos os bens passaram a ser mercadorias, ou seja, o acesso a eles passou a ser permitido apenas a quem tivesse o dinheiro para comprá-los. Isso só foi possível mediante a chamada **acumulação primitiva** do capital, que se caracteriza por expulsões de camponeses de suas terras (cercamentos) e pela destruição dos laços não-mercantis do artesanato urbano (por exemplo, as **corporações de ofício**), formando uma massa de indivíduos destituídos de meios de produção e que nada tinham para oferecer ao mercado senão sua força de trabalho<sup>[7]</sup>.

Essa separação dos homens dos seus meios de produção é também chamada de **proletarização**<sup>[8][9]</sup> e foi na maioria das vezes imposta pelo Estado. Além disso, os artesãos urbanos (pequenos produtores de mercadorias) não podiam concorrer no mercado com os capitalistas, cujos capitais rapidamente se acumulavam mediante o uso de força de trabalho e pela extração da **mais-valia** que esta proporciona, e esses artesãos falidos contribuíram para aumentar ainda mais a massa de proletários disponíveis para a indústria capitalista nascente. A formação, manutenção e o controle (através do aparato repressivo do Estado) de uma massa de indivíduos destituídos de tudo e tendo somente a sua força de trabalho para vender (qualificada ou não) é a condição *sine qua non* da acumulação do capital em qualquer lugar do mundo, até os tempos presentes, pois a força de trabalho é a única mercadoria que produz mais-valia<sup>[10]</sup>.

A ideia de proletariado como uma classe antagônica à dos capitalistas surgiu no século XIX, quando operários conseguiram pela primeira vez organizar greves de dimensões consideráveis e questionar a situação em que viviam de maneira que, para muitos, suas exigências eram irreconciliáveis com a sociedade capitalista. Os proletários desenvolveram ideias comunistas, socialistas e anarquistas que depois ficaram conhecidas através de autores como Karl Marx, Mikail Bakunin e Piotr Kropotkin. Essas ideias desenvolveram-se pela sistematização do objetivo que emergia espontaneamente nas lutas proletárias que era o de estabelecer uma Livre associação de produ-

tores. Do fim do século XIX até meados do século XX, mediante a pressão constante das lutas radicais dos operários, os Estados de diversos países resolveram conceder **direitos trabalhistas** e regular os **sindicatos**, que passaram a ser instituições de negociação entre o Estado, os empresários e os operários. Em 1917, na **Rússia**, também mediante a pressão de lutas radicais dos operários, os **bolcheviques** tomaram o poder do Estado usando o nome do proletariado, que, no entanto, foi massacrado por eles e submetido a um regime de trabalho militarista<sup>[11]</sup> que, na opinião de anarquistas e comunistas de conselhos, não tem absolutamente nada a ver com as reivindicações dos proletários, os quais, em suas lutas, sempre se opuseram à intensificação do trabalho, à ditadura dos chefes e à própria **escravidão assalariada**<sup>[12][13][14]</sup>.

### 11.1.1 Tempos atuais

De meados do século XX até o presente, o Estado conseguiu administrar o antagonismo proletário a ponto de aparentemente dissolvê-lo (através de diversas medidas, tais como: leis trabalhistas, a transformação dos sindicatos em mediadores entre capitalistas e trabalhadores, repressão, dissolução do internacionalismo proletário nos nacionalismos e demais conflitos interburgueses), fazendo o proletariado ser hoje dificilmente reconhecível na superfície da sociedade. Alguns afirmam que a luta proletária continua, mas de forma subterrânea e invisível, enquanto não ocorre o momento histórico-mundial propício para sua emergência.

Atualmente, nos pontos capitalistas mais avançados do globo (países desenvolvidos ou cidades/bairros/regiões desenvolvidas de países pouco desenvolvidos), o proletariado tem padrão de vida muito superior em relação às suas condições do início da **Revolução Industrial**, quando jornadas de mais de doze horas e a intensa utilização de mão-de-obra infantil eram a regra. Em geral, os órgãos de estatística estatais e privados classificam como “classe média” esse grupo social. No entanto, aquilo que define-os como “proletariado” continua existindo, a saber, a sua separação de todos os meios de vida e produção e o consequente constrangimento imposto a eles de vender sua força de trabalho em troca do salário que lhe permita a sobrevivência. O proletariado define-se pelo modo como produz suas condições de vida, que é alienado e opressivo, e não pelo consumo a que ele tem acesso através de seu salário”.

No entanto, as condições de trabalho nos países/regiões/cidades desenvolvidos vem regredindo nos últimos anos com a introdução de reformas neoliberais, com jornadas cada vez maiores e a precarização advindos da flexibilização das leis trabalhistas. Em outros países, o trabalho infantil, os salários simbólicos e jornadas cada vez maiores são práticas comuns, chegando até o extremo do uso de mão-de-obra escrava. Os trabalhadores imigrantes, em especial, têm sido submetidos a condições de trabalho degradantes na

Europa. E temos a migração das fábricas para países sem leis trabalhistas.

## 11.2 Críticas

Economistas **liberais** (por exemplo, **Joseph Schumpeter**) não acreditam em exploração e sustentam que a existência do proletariado é um **sofisma**. Para eles todos os indivíduos são iguais perante o mercado, e o mercado retorna à cada pessoa o exato valor que essa pessoa introduziu nele; os capitalistas seriam apenas pessoas que são fortes adeptas da poupança e cujas contribuições ao mercado são de qualidade superior às contribuições do restante da população, que, com isso, ganha menos do que eles. Portanto, eles negam que haja um conflito intrínseco ao capitalismo e inseparável dele, como por exemplo, negam a existência do proletariado e as motivações de suas lutas, que eles interpretam moralisticamente como motivadas meramente por inveja dos menos capazes com relação aos mais capazes.

Autores anarquistas e comunistas contra-argumentam que é natural que aqueles que formam a classe dominante (ou que servem a ela) afirmem que não exista exploração e nem dominação, pois os capitalistas necessitam domesticar os proletários para que estes ofereçam sua força de trabalho sem nenhuma reserva, procurando fazê-los acreditar que a compra e venda de força de trabalho é apenas um fato natural, imutável, e que, já que seria imutável, o melhor que o proletário pode fazer é não questionar, lutando apenas para ser um “funcionário do mês”.

## 11.3 Galeria



- Uma operária de Torno mecânico numa fábrica do Texas na década de 1940



- Operadores de telemarketing



- Controlador de tráfego aéreo



- Uma operadora de caixa de supermercado

## 11.4 Ver também

- Luta de classes
- Burguesia
- Lumpemproletariado
- Livre associação de produtores
- Fetichismo da mercadoria
- escravidão assalariada
- Força de trabalho

## 11.5 Referências

- [1] Trabalho assalariado e Capital, Karl Marx
- [2] Reemergência do Movimento Comunista, François Martin and Jean Barrot
- [3] ABC do Anarquismo, Alexander Berkman
- [4] *The Free Dictionary*. Proletarian
- [5] *Dicionário Houaiss*. proletário
- [6] (em espanhol) ArteHistoria. Reformas de Servio Tulio
- [7] Ver parte 8 do primeiro volume de *O Capital (Das Kapital)*, de Karl Marx
- [8] What is proletarianisation?
- [9] Ernest Mandel (1968) Workers Under Neo-capitalism
- [10] Ver parte 8 do primeiro volume de *O Capital (Das Kapital)*, de Karl Marx
- [11] Ver artigos Capitalismo de Estado, Comunismo de guerra e Revolta de Kronstadt
- [12] *Partido e Classe Trabalhadora*. Por Anton Pannekoek
- [13] Alexander Berkman. *ABC of Anarchism*
- [14] John Crump (1987) *The Thin Red Line: Non-Market Socialism in the Twentieth Century*

# Capítulo 12

## Luta de classes

A **luta de classes** refere-se a um fenômeno social de tensão ou antagonismo que existe entre pessoas de diferentes **classes sociais** devido aos competitivos interesses sócio-econômicos e desejos dessas pessoas diante da lógica do modo de produção capitalista, dando forma a um conflito que se expressa nos campos econômico, ideológico e político.

### 12.1 Origens

Segundo pensadores como David Ricardo, Pierre-Joseph Proudhon, Karl Marx e Mikhail Bakunin, a *luta de classes* seria a força motriz por trás das grandes revoluções na história, fornecendo a alavanca para radicais mudanças sociais. Esse conflito teria começado com a criação da propriedade privada dos meios de produção. A partir daí, a sociedade passou a ser dividida entre *proprietários* (burguesia) e *trabalhadores* (proletariado), ou seja, possuidores dos meios de produção e possuidores unicamente de sua força de trabalho. Na sociedade capitalista, a burguesia retém a mercadoria produzida pelo proletariado, e o produtor dessa mercadoria recebe um salário que é pago de acordo com a qualificação profissional dele.

Outra característica importante do capitalismo é o conceito criado por Karl Marx da *mais-valia*. A *mais-valia* consiste basicamente dessa porcentagem a mais que os capitalistas retiram da classe do proletariado. O acréscimo dessa porcentagem pode ser atingida, por exemplo, aumentando o tempo de trabalho dos operários e mantendo o salário. A luta de classes, segundo Karl Marx, só acabará com o fim do capitalismo e com o fim das classes sociais. O socialismo, que seria como uma fase de transição do capitalismo para o comunismo, foi implementado em diversos países no século XX, a maioria porém reverteu novamente para o capitalismo ou para um sistema econômico misto.<sup>[2]</sup> A proposta mais radical é abolição do Estado e sua reorganização descentralizada em moldes federativos anarquistas. Embora essa última seja criticada por criar “mini-Estados” sem um poder central colocando o fim do poder estatal como uma utopia.

Apesar de uma parte da história da humanidade, segundo Karl Marx, ter sido a história da luta de classes, a sociedade original, segundo ele, não possuía divisões sociais. Ainda segundo Marx, as primeiras sociedades indígenas das Américas não possuíam estratificação social, sendo o cacique e o pajé apenas figuras simbólicas. Isso se deveria ao fato de que, nesse estágio das forças produtivas sociais, não havia praticamente excedente. Todos os membros da sociedade eram por isso obrigados a participar do processo produtivo, de modo que era impossível a formação de uma hierarquia que diferenciasse as pessoas dessa sociedade. Uma das primeiras formas de hierarquização dos membros foi a divisão homem/mulher, quando os homens começaram a explorar as mulheres. A luta de classes origina-se, então, no momento em que a sociedade passa a ser composta de diferentes castas.

Essa divisão dos membros em classes foi possibilitada quando as forças produtivas atingiram um certo nível de produtividade, onde o excedente já promovia maior segurança à sociedade em relação às suas necessidades. Mas, apesar de garantir uma proteção em tempos escassos, por exemplo, o excedente abriu a possibilidade do jogo político. O controle sobre o excedente se desenvolve em conjunto com a formação de uma minoria que ganha assim poder sobre todos outros membros da sociedade. Dessa maneira origina-se uma diferenciação quanto à tarefa social de cada membro. Entre as diversas classes que podem se formar, estão sempre presente as classes dos senhores (não-trabalhadores) e a classe trabalhadora.

Com o desenvolvimento das forças produtivas, a classe dominante (diferente para cada período histórico) é posta em questão. As classes de baixo reconhecem que a regência da classe exploradora torna-se desnecessária para a continuação do desenvolvimento técnico, enquanto esta tenta, por meios oficiais, manter seu poder. Nessas épocas de desacordo entre as relações sociais de produção vigentes e o patamar técnico dos meios de produção, a probabilidade de uma revolução tende a ser maior. A antiga classe exploradora é, assim, deposta, e uma nova entra em seu lugar. Dessa maneira, a história da sociedade humana é a história de classes dominantes, uma após a outra.

## 12.2 Ver também

- Escravidão do salário
- O Ópio dos Intelectuais
- Sociedade sem classes

## 12.3 Referências

[1] Correspondência de Marx para Joseph Weydemeyer em 5 de março de 1852 em Karl Marx & Frederick Engels, *Collected Works Vol. 39* (International Publishers: New York, 1983) paginas 62–65.

[2] Market Economy and Socialist Road *Duan Zhongqiao*

Karl Marx - Joseph\_Weydemeyer (5 de março de 1852).<sup>[1]</sup>

## 12.4 Ligações externas

- “Lutas de Classes”
- “Movimento Luta de Classes”

[1] Correspondência de Marx para Joseph Weydemeyer em 5 de março de 1852 em Karl Marx & Frederick Engels, *Collected Works Vol. 39* (International Publishers: New York, 1983) paginas 62–65.

# Capítulo 13

## Meios de produção

Segundo a teoria marxista, **meios de produção** são o conjunto formado por *meios de trabalho* e *objetos de trabalho* - ou tudo aquilo que medeia a relação entre o trabalho humano e a natureza, no processo de transformação da natureza em si.<sup>[1]</sup>

- Os *meios de trabalho* incluem os instrumentos de produção: instalações prediais (fábricas, armazéns, silos etc), infraestrutura (abastecimento de água, fornecimento de energia, transportes, telecomunicações, máquinas, ferramentas, etc).
- Os *objetos de trabalho* são os elementos sobre os quais é aplicado o trabalho humano - recursos naturais (terra, matérias-primas).

Segundo a teoria marxista, a **força de trabalho humana** e os meios de produção constituem as **forças produtivas**, as quais, juntamente com as **relações de produção** (sociais e técnicas), constituem o modo de produção - comunista primitivo, asiático, escravagista, feudal, capitalista ou socialista.<sup>[2]</sup> A cada modo de produção corresponde uma estrutura social - ou seja, um modo de organização da sociedade - e um determinado padrão de **relações** entre os membros da sociedade. De acordo com a teoria marxista, ao modo de produção capitalista corresponde uma estrutura de classes, na qual a **propriedade dos meios de produção** determina a posição da burguesia como classe dominante.

### 13.1 Referências

[1] SANDRONI, *Novíssimo Dicionário de Economia*. Verbete: "Meios de produção".

[2] SANDRONI, *op.cit.* Verbete: "Modo de produção".

### 13.2 Ver também

- Materialismo histórico
- Modo de produção
- Relações de produção

- Forças produtivas
- Trabalho produtivo e improdutivo

## Capítulo 14

# Burguesia

 **Nota:** Se procura o álbum musical faixa-título, veja *Burguesia* (álbum).

A **burguesia** é uma palavra originária da língua fran-



O estereótipo do burguês no *Monsieur Jourdain*, personagem principal da peça *Le Bourgeois gentilhomme*, de Molière.

cesa (*bourgeoisie*), usada nas áreas de economia política, filosofia política, sociologia e história, e que originalmente era uma classe social que surgiu na Europa na Idade Média (séculos XI e XII) com o renascimento comercial e urbano.<sup>[1][2]</sup> No mundo ocidental, desde o final do século XVIII, a burguesia descreve uma classe social, caracterizada por sua propriedade de capitais, sua relaci-

onada "cultura", e sua visão materialista do mundo. Na filosofia marxista, o termo "burguesia" denota a classe social que detém os meios de produção de riqueza, e cuja preocupações sociais são o valor da propriedade e da preservação do capital, a fim de garantir a sua supremacia econômica na sociedade.<sup>[3]</sup> Na contemporânea teoria social o termo *burguesia* denota a classe dominante das sociedades capitalistas.<sup>[4]</sup>

### 14.1 A formação da burguesia

Inicialmente os burgueses eram os habitantes dos burgos (pequenas cidades protegidas por muros), estes eram pessoas que dedicavam-se ao comércio de mercadorias (roupas, especiarias, joias) e prestação de serviços e não eram bem vistas por integrantes da nobreza, que até então eram os principais detentores do poder.

Desprezados pelos nobres, estes burgueses eram herdeiros da classe medieval dos vassalos e, por falta de alternativas, dedicavam-se ao comércio que, alguns séculos mais tarde, serviria de base para o surgimento do capitalismo.

Com o surgimento da teoria marxista a partir do século XIX, a burguesia passou a ser identificada como a classe detentora dos meios de produção na ordem social capitalista. Como tal, lhe foram atribuídos os méritos do progresso tecnológico, mas foi também responsabilizada pela reprodução da opressão pelo trabalho na sociedade contemporânea. Os marxistas cunharam também o conceito de "pequena burguesia", que foi como chamaram o setor das camadas médias da sociedade atual, regido por valores e aspirações da burguesia.

As igrejas do Período Medieval, além de dar o conhecimento religioso aos cristãos, tomaram conta do ensinamento nas escolas, que ficavam anexas aos mosteiros. O surgimento da burguesia fez com que parte das novas escolas fossem administradas por esta classe e que, além do conhecimento religioso, ensinavam novas matérias.

## 14.2 Ascensão da burguesia

Na **Baixa Idade Média**, quando as cidades começaram a se formar e crescer, artesãos e comerciantes começaram a emergir como uma força econômica. Eles formaram as **guildas**, que eram associações e companhias que tinham o objetivo de promover o comércio e seus próprios interesses. Essas pessoas eram os burgueses originais. Na baixa Idade Média, aliaram-se com a nobreza através de casamentos, para enfraquecer o sistema feudal, transformando-se gradualmente na classe governante de nação-estados industrializadas.

Além das guildas houve também as corporações de ofícios, caracterizados pela formação de um grupo de pessoas com as mesmas profissões. Eram divididos em três grupos, sendo um de profissionais com ampla experiência, uma de profissionais mediano, até aqui recebiam salários, e um com jovens aprendizes que não recebiam salários mas adquiriam muito conhecimento em sua profissão, com os outros profissionais

No século XVII e XVIII, essa classe de forma geral apoiou a **revolução americana** e a **revolução francesa** fazendo cair as leis e os privilégios da ordem feudal **absolutista**, limpando o caminho para a rápida expansão do comércio. Os conceitos tais como liberdades pessoais, direitos religiosos e civis, e livre comércio todos derivam-se das filosofias burguesas. Com a expansão do comércio e da economia de mercado, o poder e a influência da burguesia cresceu. Em todos os países industrializados, a aristocracia perdeu gradualmente o poder ou foi expurgada por revoltas burguesas, passando a burguesia para o topo da hierarquia social. Com os avanços da indústria, surgiu uma classe mais baixa inteiramente nova, o **proletariado** ou classe trabalhadora.

## 14.3 Aprofundamento

Pela forte carga ideológica que o termo hodiernamente acarreta, falar em **burguesia** para períodos anteriores ao século XVII constitui, senão um erro, pelo menos uma inexatidão histórica que convém precisar. Se desde o século XII há burgueses (*id est*, os habitantes dos *burgos*), e estes paulatinamente vão fazendo do comércio a sua fonte de receitas, no entanto, para este grupo é preferível usar expressões neutras do ponto de vista ideológico, como **mercadores** ou **comerciantes**.

Na verdade, no quadro de uma sociedade europeia dividida em Três Ordens ou Três Estados (remontando esta ideologia trinitária - considerada de origem providencial - à **Idade Média**, com a oposição e interdependência entre *oratores*, *bellatores* e *laboratores*), aquilo que vulgarmente se designa por **clero**, **nobreza** e **povo**, facilmente se compreende, ante a difícil e lenta mutação dos quadros mentais, a existência da burguesia como “ordem” (e muito menos como **classe social**, termo marxista apenas

aplicável após à **Revolução Industrial**).

Isto, porém, não impede subestratificações dentro das ordens. Em Portugal, por exemplo, o clero divide-se entre os que fazem vida no século e o que a fazem debaixo de uma regra monástica; a nobreza, divide-se, consoante a riqueza e as funções, em ricos-homens, infanções (mais tarde fidalgos) e cavaleiros; o povo, em variadíssimos estratos, consoante a ocupação e a riqueza. E assim também, a partir do século XII, com o renascimento das cidades, emergem os seus habitantes, os quais, feitos **mercadores**, vão progressivamente aumentar as suas riquezas e aspirar ao ingresso na Ordem superior que é a nobreza.

Consoante as épocas e as regiões, será mais ou menos fácil a mobilidade social entre elementos enriquecidos do **Terceiro Estado** e elementos do grupo nobre. Sucede muitas vezes nobres arruinados financeiramente casarem com filhas de **mercadores** (ou vice-versa), para dessa forma revitalizarem as suas casas; consoante a permeabilidade dos soberanos, poderão os novos representantes dessas famílias manter ou não o estatuto nobiliárquico.

Mas a ascensão do elemento burguês também se verifica através, por exemplo, do estudo - o acumular de riquezas possibilita aos filhos dos **mercadores** estudar nas universidades, instruírem-se, tornarem-se no corpo de *letrados* que auxilia o rei numa época de restauração do direito e de fortalecimento do poder real, conducente mais tarde ao que se chamou de **absolutismo**. Muitos destes **letrados**, filhos de burgueses, que servem devotadamente o rei, são recompensados, muitas das vezes, com títulos de nobreza, verificando-se assim a estreita fusão entre os dois grupos que muitos, entre os burgueses, propugnavam (mas que, muitas vezes, à nobreza tradicional, de sangue, desagradava).

## 14.4 Economia

Na atualidade, especialmente para os intelectuais alinhados ao pensamento **marxista**, burguesia pode querer significar uma classe social detentora dos meios de produção e empregadora do **proletariado**, que vende sua **força de trabalho** e seu tempo a fim de se sustentar.

A burguesia tinha como principal economia o comércio, lá por sua vez criaram-se as oficinas; formadas por mestres, oficiais, aprendizes, as oficinas governadas pela corporação de ofício; formada pelos mestres de todas as oficinas de um mesmo produto (ex: tapetes), a burguesia mais tarde na **Alta Idade Média** aliou-se aos reis (que tinham apenas uma figura decorativa) pois os reis estavam querendo o poder dos Senhores Feudais, que eram donos desses centros denominados **burgos**. Esse fato foi chamado “centralização política da Alta Idade Média”.

## 14.5 Ver também

- Renascimento do Século XII

## 14.6 Referências

- [1] Bourgeoisie, “burguesía” in the *Diccionario de la Real Academia Española* (1994)
- [2] *Webster's New Twentieth Century Dictionary of the English Language — Unabridged* (1951) p. 205.
- [3] «" Bourgeois Society "» (em inglês). marxists.org
- [4] Dictionary.com, Dictionary.com. «bourgeoisie». Random House, Inc. Consultado em 19 April 2012 Verifique data em: |laccessodata= (ajuda)

## Capítulo 15

# Mais-valia

**Mais-valia** (tradução livre do original alemão *Mehrwert*) é o termo famosamente empregado por Karl Marx à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho, que seria a base do lucro no sistema capitalista.<sup>[1]</sup>

### 15.1 A mais-valia em Marx e na Escola Clássica Inglesa

Ao analisar a gênese do lucro capitalista, Marx toma como ponto de partida as categorias da Escola Clássica Inglesa: já Adam Smith havia observado que o trabalho incorporado em uma mercadoria (o seu custo de produção em termos de salários), era inferior ao “trabalho comandado” (aquilo que a mercadoria podia, uma vez vendida, “comprar” em termos de horas de trabalho). Para Smith, esta discrepância é que explicava a existência do lucro, mas não suas causas. Smith considerava que o lucro estava associado à propriedade privada do capital, na medida em que a renda de um empresário dependia menos do seu trabalho como gerente do que do volume dos seus investimentos, mas tal não explicava a existência do lucro como um *overhead* sobre os custos de produção em termos de salários. Uma das saídas que Smith considera, é que lucro é proveniente da oferta e da procura. Ou seja, o lucro é criado pelo mercado. Distancia o lucro (riqueza) do processo de trabalho.

Para David Ricardo tal se dava devido ao fato de o salário gravitar sempre em torno dos seus níveis “naturais” - isto é, de um mínimo de subsistência fisiológica. Caso, em função de uma escassez de mão-de-obra, o salário subisse além do nível natural, os operários se reproduziriam de tal forma que a oferta excessiva de trabalho deprimiria de novo os salários ao mesmo nível natural. Para Ricardo, o lucro acabava sendo simplesmente um “resíduo” - aquilo que sobrava como renda do empresário depois de pagos os salários de subsistência e as rendas da terra; como a teoria da renda da terra ricardiana propunha que a ocupação de terras sempre piores inflava os custos de reprodução da mão de obra, haveria uma tendência aos lucros serem comprimidos no longo prazo.

Marx adotou tal teoria ricardiana nas suas obras de ju-

ventude, como o *Manifesto Comunista*; mais tarde, no entanto, verificou que os valores dos salários, variando de uma sociedade a outra, não se reduziam ao elemento biológico, mas pelo contrário incorporavam elementos sociais e culturais (“como poderia um operário francês subsistir sem seu vinho?” diz ele em *O Capital*). Ele também reparou que o lucro dependia, pelo menos em parte, da produtividade física do capital, o que fez com que buscasse sair das constatações simples de seus predecessores para elaborar uma teoria mais aprofundada das causas efetivamente sociais do lucro capitalista.

É importante lembrar que, segundo o Marx maduro, o valor do trabalho não é uma grandeza concreta: o operário não vende sua “força” (caso contrário um operário fisiculturista deveria ser mais bem remunerado que um outro de físico normal que realizasse o mesmo trabalho) ou sua “habilidade”. Pelo contrário, o progresso da mecanização garante um padrão uniforme de produtividade física dentro de cada ramo de atividade e para cada tipo de ocupação, igualando, até certo ponto, a habilidosos e obtusos. Como coloca Marx, se o valor em trabalho (e, portanto, o valor do salário como parcela do valor da mercadoria) correspondesse ao tempo concreto gasto na produção de cada mercadoria individual, seriam os trabalhadores *menos habilidosos* que produziriam as mercadorias mais valiosas, pois demorariam mais tempo para produzi-las.

O valor do trabalho é *abstrato*, no sentido em que o valor padrão de um salário para uma determinada atividade (e para uma determinada duração da jornada de trabalho) é dado pelo Mercado, isto é, pela demanda agregada dos capitalistas. Para Marx, em princípio o salário capitalista é “justo”: o capitalista não necessita explorar seus operários do seu salário de mercado para lucrar; o lucro tem uma causa concreta: ele tem por causa a propriedade privada do capital; mas supor que ele seja uma remuneração automática deste mesmo capital, uma vez investido, é, para Marx, “fetichismo”, pois supõe que uma coisa possa gerar sua remuneração, que o capital produza lucros e/ou juros como uma laranjeira produz laranjas. Esta origem do lucro não está, na sociedade capitalista, numa espoliação direta, como a apropriação da pessoa como trabalhador escravo, ou a cobrança de uma renda feudal, mas na medida em que o próprio salário “justo”

tem seu valor estabelecido de modo a remunerar os trabalhadores com um valor menor do que o valor total das mercadorias por eles produzidas durante a jornada de trabalho contratada; é o que Marx chama de “jornadas de trabalho simultâneas” (uma paga, a outra não).

É certo, como dirá mais tarde a economia neoclássica, que a mais-valia necessitaria ser realizada pela venda lucrativa da mercadoria, e que esta venda dependerá das flutuações da demanda, e que nem sempre o excedente potencial resultante da exploração irá realizar-se aos níveis esperados; como dirá o economista inglês Alfred Marshall, o custo de produção e a demanda são duas lâminas de uma mesma “tesoura” entre as quais é determinado o preço da mercadoria. A teoria de Marx, no entanto, preocupa-se menos com o lucro capitalista enquanto tal e mais com a sua gênese social; ele se importa menos com o modo como o lucro é realizado e dividido do que com a maneira como é gerado. O lucro capitalista, para Marx, não é apenas um simples excedente; ele é o excedente *como mediado por uma relação social historicamente específica*.

## 15.2 Mais-valia absoluta e relativa

Karl Marx chamou a atenção para o fato de que os capitalistas, uma vez pago o salário de mercado pelo uso da força de trabalho, podem lançar mão de duas estratégias para ampliar sua taxa de lucro: estender a duração da jornada de trabalho mantendo o salário constante - o que ele chama de mais-valia *absoluta*; ou ampliar a produtividade física do trabalho pela via da mecanização - o que ele chama de mais-valia *relativa*. Em fazendo esta distinção, Marx rompe com a ideia ricardiana do lucro como “resíduo” e percebe a possibilidade de os capitalistas ampliarem autonomamente suas taxas de lucro sem dependerem dos custos de simples reprodução física da mão-de-obra. Produção de mais-valia relativa é um modo de incrementar a produção do excedente a ser apropriado pelo capitalista. Já a mais-valia absoluta consiste na intensificação do ritmo de trabalho, através de uma série de controles impostos aos operários, que incluem da mais severa vigilância a todos os seus atos na unidade produtiva até a cronometragem e determinação dos movimentos necessários à realização das suas tarefas. O capitalista obriga o trabalhador a trabalhar a um ritmo tal que, sem alterar a duração da jornada, produzem mais mercadorias e mais valor que sem esses controles.<sup>[2]</sup>

## 15.3 Marxismo e economia neoclássica

Segundo os marxistas existe um problema, no entanto, nas críticas neoclássicas, que é o fato de, nesta escola, o juro ser tido como a remuneração *natural* do capital

monetário, a qual é gerada pelo seu uso produtivo; daí, na crítica de Böhm Baverck, os trabalhadores, ao abrirem mão de pouparem seu salário, consentem implicitamente no lucro capitalista. Para Marx, esta noção de que o juro seja uma remuneração “natural” do capital é uma característica daquilo que ele chama, nas suas *Teorias de Mais-Valia*, “economia vulgar”: o juro não é uma categoria natural, e sim *social*; para Marx, os trabalhadores não podem “escolher” gastar seus salários “mais tarde” (o que já era proposto, com o nome de “teoria da abstinência” por um pós-ricardiano, Nassau William Senior, que Marx critica n'*O Capital*), pela simples razão de que necessitam deles para sobreviver materialmente; o lucro, por sua vez, depende de processos de produção concretos para existir: se eu coloco um capital de longo prazo para render juros com um prazo de carência de 15 anos, e neste ínterim o negócio em que investi falir, ficarei tão inadimplente quanto ficaria se fosse menos “devoto”.

Para Marx, o juro é apenas e tão somente uma forma pela qual a mais-valia social *geral* – a soma das várias mais-valias particulares – circula ao nível microeconômico e é *redistribuída* entre os vários capitalistas - fundamentalmente, daqueles que realizam a produção industrial para os portadores do capital financeiro.

Existe aí, portanto, entre o marxismo e a economia neoclássica, um vácuo conceitual não facilmente resolvível, especialmente quando se trata de autores da escola Austríaca, que, seguindo os princípios estritos dos fundadores da escola neoclássica, o inglês William Stanley Jevons e o alemão naturalizado austríaco Menger, tentam explicar todos os fenômenos econômicos com base na ideia de *utilidade marginal* e não dão nenhum papel a quantidade de mão de obra na determinação do valor, contrariamente à escola neoclássica inglesa de Alfred Marshall, que, como já dito, busca uma síntese entre a Economia Clássica Inglesa, e o neoclassicismo jevoniano.  
\*\*\*\*\*

## 15.4 Ver também

- Teoria do valor-trabalho
- Trabalho produtivo e improdutivo

## 15.5 Referências

[1] Karl Marx, *O Capital*, Volume I, Parte III, Capítulo VII, *Processo de Trabalho e Processo de Produção de Mais Valia*, Secção 2, *O Processo de Produção de Mais Valia* [em linha]

[2] NETO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia Política

## 15.6 Ligações externas

- Conceito de Mais Valia (em português)
- O Capital Volume 1 - Parte III (em português)

## 15.7 Fontes

- Marx, Karl: *O Capital, Crítica da Economia Política*. Livro I, várias edições (Civilização Brasileira/Bertrand Brasil e Abril Cultural); *Teorias de Mais-Valia*, ed. Civilização Brasileira/Bertrand Brasil.
- Rosdolsky, Roman: *Gênese e Estrutura do Capital de Marx*. Editora Contraponto/UERJ.
- Crítica original de Böhm-Baverck a Marx

## 15.8 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças

### 15.8.1 Texto

- Socialismo** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo?oldid=48285831> *Contribuidores:* Patrick-br, Plataformista, Hashar, PauloColacino, Manuel Anastácio, Joaotg, Mschhindwein, Rui Silva, Pedro Aguiar, Rui Malheiro, Lugusto, E2mb0t, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Alexg, Sitenl, Lusitana, Sidcerveja, Santana-freitas, Campani, Get It, Indech, NTBot, Carlos Serrano, Thiago90ap, RobotQuistnix, JP Wartrin, Hugo lopes, Rei-artur, Jcmo, Epinhoiro, Slade, Leandromartinez, João Carvalho, Fetofs, Agil, OS2Warp, Lampiao, 555, Chobot, Adailton, RafaelG-ptwiki, Lijealso, Fasouzafreitas, YurikBot, Cícero, Porantim, Bonás, FlaBot, Redrag, Luís Felipe Braga, Teteu, Arges, Missionary, Dantadd, Armagedon, Salgueiro, Xandi, Borga, Marcos Br, Davemustaine, VictorGuarnieri, Rodrigozanatta, Reynaldo, Mário Felizardo, Nice poa, FSogumo, Marcelo Victor, Luan borges, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Filomeninha, Santista1982, Belandia, Daimore, BOT-Superzerocool, Ganesh, Left-wing, MSBOT, JSSX, Rossicev, Deusoke, JAnDbot, Alchimista, AdriAg, Angr, Kleiner, Gustavo Duarte, Rconde, Dilermando, MarceloB, Bisbis, Ajabutres, Brizolão, Buenas, Sorocabrasil, KruG, Jack Bauer00, Alexanderps, Rjclaudio, JODOLIVEIRA.JD, Idioma-bot, EuTuga, Mateus RM, Der kenner, Renatomail, TXiKiBoT, Tumnus, Abrivio, Gunnex, VolkovBot, Amandinhahh, SieBot, Bilungada, Francisco Leandro, Lechatjaune, Yone Fernandes, Bluedenim, Cdmafra, Viniciusromk, YonaBot, Teles, AlleborgoBot, GOE, Kaktus Kid, Chronus, Kim richard, Sociali, Arthemius x, Inox, Beria, Willgo, Georgez, Denis Moura dos Santos, RafaAzevedo, Angriffen, Lguipontes, RedArmy, AltCtrlDel, Vmss, RadiX, 2(L.L.K.)2, SilvenonBot, Dayanyhah, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Asd147, Richard Melo da Silva, SpBot, ChristianH, Arjoninha, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, HerculeBot, Socialismo e liberdade, Gugavic, LaaknorBot, AlineAS, Erfilho, Luiz F. Fritz, Physecks, Vanthorn, Salebot, Yonidebot, ArthurBot, Zorclub, RamissesBot, Lauro Chieza de Carvalho, Matheus-sma, Coltsfan, SuperBraulio13, Rodrigogomesoneto, Mobyduck, Xqbot, PViz, GhalyBot, JotaCartas, Darwinius, Gullit Torres, LucienBOT, RibotBOT, MisterSanderson, Thayna katriny, Ts42, MauritsBot, Tumelero, OnlyJonny, Thiago R Brandão, TobeBot, Laerciop, Shadow Master, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, Tumelero, Mário Gaúcho, TjBot, Viniciusmc, Dbastro, José caio, Thyeres Almeida Novaes, Aleph Bot, EmausBot, Joao.pimentel.ferreira, ZéroBot, Érico, Rodolfo Rodrigues Luna, Salamat, Hallel, Reporter, Dreispt, Jbribeiro1, Седьмая волна, Valdemar Mendes, Stuckkey, WikitanvirBot, PedR, WikiGT, Gamer1450, MerlIwBot, Evangelista 456, L'editeur, Brenda Lacerda, Antero de Quintal, PauloEduardo, Rodrigolopes, Gabriel Yuji, Épico, Luizpuodzius, DARIO SEVERI, Musashijapan, Shgür Datsügen, Zoldyick, Matheus Faria, Max51, TaahCaaroline, Jml3, Pingo7, Bya97, Oxe, LeandroB, Danielmunozcornejo, Dextbot, FrancisAkio, Leon saudanha, Hume42, Prima.philosophia, Önni, Legobot, EVinente, Paula Rafaina, Luk3, Holdfz, Trllperson, Izahias, Maragato Vermelho, Auto Ajuda, Jordeñ, Marcos dias de oliveira, Sir Tomm, Krapf, Dhmarcos, Athena in Wonderland, Marcondes26, CapitalismoAgora, BolinhoZ, O revolucionário aliado, Russel Hammond, Franchiseslib, Mbassis, Eurodix, Ewerson wiki, Fckspayno, Josesimbus, Gato Preto, Llakhil, Telles Ferreira, Leonardo Gabriel Fusineli Silva, Mr. Fulano, YB4tman, Dblackssi, Phillippi Areias Aguiar, Uzer123456789987654321, Aspargos, ArealHistoriaa e Anônimo: 611
- Capitalismo** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo?oldid=47939569> *Contribuidores:* Angela, Youssefsan, JoaoMiranda, Jorge-ptwiki, Herr Klugbeisser, Manuel Anastácio, Harshmellow, Joaotg, Mschhindwein, Lugusto, Deák, NH-ptwiki, Smelo, E2mb0t, Borg-ptwiki, Juntas, LeonardoRob0t, Diotti, Lusitana, Santana-freitas, Whooligan, Get It, Indech, NTBot, Killian, RobotQuistnix, Rei-artur, Leslie, Meira, Clara C., Epinhoiro, Tschulz, 333-ptwiki, Sergio333, João Carvalho, LuisGuilherme, OS2Warp, Lameiro-ptwiki, Brederodes, 555, Victorwss, Adailton, Sonali, RafaelG-ptwiki, Lijealso, Fasouzafreitas, Cícero, Lfrocha, FlaBot, Luís Felipe Braga, Teteu, Arges, Joseolgon, Missionary, Tilgon, Chlewbob, Leonardo.stabile, Felipearaldi, Janela, LijeBot, ISoron, Uniemelk, Daniel.thyrso, Aavalente92, Retornaire, U.m, Fvmp, Davemustaine, Timor, João Sousa, Guilenc, Reynaldo, Girino, GoEThe, Arthur Welle, FSogumo, Marcelo Victor, Yanguas, Thijs!bot, Leandro.rosario, Rei-bot, GRS73, Escarbot, Biologo32, Belandia, Daimore, Thiago Ferrari Turra, Godot-ptwiki, JSSX, Fabiobarros, Ródi, JAnDbot, Alchimista, Pilha, Kleiner, Tarsis Salvatore, MarceloB, Delemon, Rodrigo7887, Bisbis, Brunopedrozo, André Teixeira Lima, Ricardodvnd, CommonsDelinker, Buenas, Maxtremus, Eaboth, Alexanderps, Guru2001, Oritemis, Eric Duff, Rjclaudio, Drccrash, AntoniusJ, Idioma-bot, Der kenner, Luckas Blade, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, Bendinellinho, Abrivio, Gunnex, SieBot, Thales tcr, Tiago Walter Fagundes, Synthebot, Lechatjaune, Yone Fernandes, Super riqeeee, Brunobauer, Bluedenim, Luisjunior, OTAVIO1981, YonaBot, Teles, Endpytcat, Vini 175, Loveless, BotMultichill, Mário Henrique, Jeferson, AlleborgoBot, GOE, Gomesluiz, Faunas, José3, PipepBot, Chronus, Kim richard, Mauriciodbadman, Amats, Felipe2468, Inox, DragonBot, Alexandrepaste, Georgez, RafaAzevedo, FilRB, AltCtrlDel, Arley, Pediboi, RadiX, MeLM, Pietro Roveri, !Silent, OffsBlink, Vitor Mazuco, Maurício I, Louperibot, Joaasac, Mwaldeck, CarsracBot, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Mateus Trigo, Nallimbob, Owlbr, Pbotgourou, LuanSP, MestreASA, Higor Douglas, Eamaral, Luiz F. Fritz, Millennium bug, Osvanildes gomes moia, Vanthorn, Salebot, RamissesBot, Matheus-sma, Xqbot, GhalyBot, Gean, Darwinius, SassoBot, Kikocherman, JetBradley, RafaTocci, MisterSanderson, ANDERSON NO-GUEIRA ALVES, Bernardo Kyotoku, Luiz Bathory, Luizmlopes, Odlne, João Vítor Vieira, Cp2904, TobeBot, Rjbot, Prowiki, Braswiki, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, HVL, Leandro Arndt, Rafael Kenneth, TjBot, Viniciusmc, Dbastro, Opraco, Capitão Pirata Bruxo, FMTtbot, Andrei Cvhdsee Brazil, Carolina07, EmausBot, HRoestBot, Renato de carvalho ferreira, Bernardo Heller, Salamat, Hallel, Igor313, Dreispt, Cleitongaara, Arnaldo Arnolde, Stuckkey, WikitanvirBot, PedR, WikiGT, Gamer1450, A. Stein, MerlIwBot, L'editeur, Antero de Quintal, PauloEduardo, Vagobot, Gabriel Yuji, Takeshi-br, HiW-Bot, DARIO SEVERI, Zoldyick, Jml3, Bya97, Dextbot, Leon saudanha, Pedrohoneto, Hume42, Lufema18, Gusta, Önni, Legobot, TheBr0s, LucasFVenturini, EVinente, Holdfz, Alta Foz, Merck77, Jordeñ, Oérequo, Ixocactus, Nakinn, Jujuba123456, O revolucionário aliado, Hahaa-ptwiki, G.Braun, Grind24, Russel Hammond, Vítor, Mbassis, Tetra quark, Omegah8, BG3, Everymypsandfamily, Gabrielgd2000, Gato Preto, Kawruh, Llakhil, Júlio Chagas, Papa Christus, Thiênio E. da Costa, Mr. Fulano, Jaytt Corrêa, Lucas RamosC., Raphaelfer e Anônimo: 665
- Comunismo** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo?oldid=48282612> *Contribuidores:* Robbot, Plataformista, Hashar, Manuel Anastácio, Joaotg, Scott MacLean, Mschhindwein, Rui Silva, Pedro Aguiar, Lugusto, Gbitten, E2m, NH-ptwiki, João Xavier, Smelo, Andre L C Oliveira, E2mb0t, Juntas, LeonardoRob0t, לַעֲרִי רִינְהָאָרְט, Pedrassani, Malafaya, Jic, Sitenl, Santana-freitas, Campani, Nuno Tavares, Get It, NTBot, RobotQuistnix, Rei-artur, Levs, Leslie, Sturm, Clara C., Caiodaier, Thiago Penedo, Epinhoiro, Tschulz, Leandromartinez, Sergio333, André Koehne, Klemen Kocjancic, OS2Warp, Mr.Rocks, 555, Disnei, Adailton, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Cícero, Porantim, Luís Felipe Braga, Arges, Joseolgon, Missionary, Dantadd, Luizabpr, Leonardo.stabile, Orlando, Xandi, LijeBot, Aavalente92, Nuno Inacio, Drefe, Jo Lorib, Ibérico, João Sousa, He7d3r, Reynaldo, Vigia, FSogumo, Marcelo Victor, Thijs!bot, MachoCarioca, Rei-bot, Celiopro ca, Filomeninha, RoboServien, JCOMP, Santista1982, Belandia, Daimore, Ganesh, JSSX, Victor Lopes, LsCThirso, Syber, Alchimista, ZackTheJack, Luiza Teles, AdriAg, Rconde, MarceloB, Bisbis, Photek, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, Alexanderps, Eric Duff, Rjclaudio, Idioma-bot, EuTuga, Carlos28, TXiKiBoT, Gandbranco, WaldirBot, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Pelagio de las Asturias, Synthebot, Rautopia, Yone Fernandes, Bluedenim, Teles, Rush, Vini 175, AlleborgoBot, Zdrtrik, Direita, Adonjs, Dornicke, Kaktus Kid, Kamikaze6, Merrill, José1, Vmvieira, PipepBot, Chronus, Airtonb-junior, Mins, Kim richard, Esopo, Lisboeta, LeoBot, Tatudojeca, Beria, Alexandrepaste, Georgez, RafaAzevedo, R psleite, LooOl,

Lucasmontec, RUCÉ, Frei Tibúrcio, Alexbot, Lourencoalmada, WWII-ptwiki, Darkicebot, Pediboi, RadiX, Robson correa de camargo, Cliff, 2(L.L.K.)2, Theus PR, Thiago Consíglío Cruz, Deko1234, Marcos Botelho, Pietro Roveri, Vini 17bot5, !Silent, Vitor Mazuco, God is Big!, Asd147, Joaosac, Richard Melo da Silva, Missigno, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, CreHu, Socialismo e liberdade, Mahlie, CAVEIRAPE, Leão Magno, AlineAS, Nallimbot, Ptbotgourou, Eamaral, Luiz F. Fritz, L'Éclipse, System007, Vanthorn, Salebot, ArthurBot, Guto2003, Luckaz1917, Alumnum, Caetano 77, SuperBráulio13, Rodrigogomesonetwo, Mobyduck, Xqbot, Puer Metallii, GhalyBot, JotaCartas, Gean, Almbot, Darwinius, LucienBOT, RibotBOT, DuCoudray, Wikicorretor, ThiagoRuiz, Francisco do Vale, MisterSanderson, Uchiha90210, Egmontbot, João Vítor Vieira, RedBot, Gabo02, Thales tc, Escoria79, TobeBot, Cadubts, Prowiki, Cremino-ptwiki, Francisco Javier Arce, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Nanny321, Rafael Kenneth, Viniciusmc, Yvano, Defender, Aleph Bot, EmausBot, Qwe258, ZéroBot, HRoestBot, Érico, Wilson potter, Reporter, Klestacio, Dreispit, Darian Bartley, Diego Ger Bot, Mmp96, Jcarballo, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Militante Vermelho, Pedro MRA Pereira, CocuBot, PedR, Colaborador Z, MerlIwBot, L'editeur, Antero de Quintal, G.M, Rafael Caruccio, Épico, Luís Locke, J. A. S. Ferreira, Luizpuodzius, Ryu1234567, Geovani.s, DARIO SEVERI, Elton Felipedes de Campos, Musashijapan, Brancaleone, Shgür Datsügen, Zoldyick, Max51, Jml3, Bya97, Runlaw, FrancisAkio, Hume42, Prima.philosophia, Lord Trustworthy, Legobot, 1997pedro, Holdfz, Juuhniioor, Chen10k2, ScraTUp, Jordeñ, Mautericius Valavaciús, Athena in Wonderland, Endreitaite wiki, Marcondes26, Zozs, O revolucionário aliado, Diogoarsimoes, Russel Hammond, Vítor, GuilhermeAlvs, Bielhfp96, Mbassiss, Hamletism74, MatheusMX, Eurodix, Joucknuckbr, Pimenta republica, Jones Guevara, Jefferson1e11, Mathloko, Gbriel123, Micheldfwjudeu, Thiago silva 201, Wfdm1002, Telles Ferreira, Icecomun, Reviewer of articles., Mr. Fulano, JGFR, Heitor Barreto Bonfim, Yuitsu, Bakuhon, AndréFelipeeeeeeeee, 007 Escarlata, Constitucional2016, Eyuy, Raphaelfer, Jonikey Roos, Bolsopexe e Anónimo: 491

- **Karl Marx** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl\\_Marx?oldid=48366139](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx?oldid=48366139) *Contribuidores:* JoaoMiranda, Jorge-ptwiki, Robbot, Patrick-br, Plataformista, Carlosar-ptwiki, Herr Klugbeisser, Manuel Anastácio, Joaotg, Sidney Dias, Muriel Gottrop, Mschindwein, Rui Malheiro, HCerqueira, Lugusto, NH-ptwiki, Osias, E2mb0t, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Pedrassani, Jic, Alexg, Sitenl, Santana-freitas, Campani, Aka, Dvulture, Get It, Indech, NTBot, Killian, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Túlio Vianna, Epineheiro, Lindomir, DAR7, Gabrielquinteiro, Leandromartinez, 333-ptwiki, Pinheiro-ptwiki, João Carvalho, Cirobrandao, Erico Koerich, Leandrod, Agil, Giro720, OS2Warp, Marcoavgdm, 555, Ozymandias, Águia, Eduardo.mps, Adailton, Bonifácio, Lijealso, 1978, Fasouzafreitas, YurikBot, Cícero, Nemerson, Porantim, Fernando S. Aldado, Gpvos, Nunobot, Rmfbeto, Milton Dias, Tonyjeff, FlaBot, SallesNeto BR, Luís Felipe Braga, Mosca, Arges, Fê, Missionary, PatríciaR, Chlewb0t, Dantadd, Jorge Morais, Luizabpr, Leonardo.stabile, Ehbhmg, Xandi, Dcolli, Desambiguador-assistido, Chicocvenancio, Kriptonis, Tiago Vasconcelos, Davemustaine, He7d3r, Fulviusbsas, Reynaldo, Everton137, Nice poa, Dinkuiki, FSogumo, Marcelo Victor, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Mister8, Escarbot, Biologo32, Filomeninha, Belanidia, Daimore, BOT-Superzerocool, Izquierdito, Gjpab, JSSX, Ródi, JAnDbot, Alchimista, ZackTheJack, Luiza Teles, Rodrigo Padula, MarceloB, Delemon, Bisbis, Brizolão, Mister X-ptwiki, Mrhardes, Ale.rossetti, CommonsDelinker, Vinne Oliveira, Augusto Reynaldo Caetano Schereiber, Iratxoak-ptwiki, Alexanderps, Ascosta, Net Esportes, Eric Duff, Rjclaudio, Maneco2007, Bot-Schafte, AntoniusJ, Idioma-bot, Der kenner, Luckas Blade, Spoladore, Matheusbonibittencourt, TXiKiBoT, Tumnus, Sr draco, Gunnex, VolkovBot, Jesielt, SieBot, (roteirista) dedo, Cerm, Francisco Leandro, Ricardosgo, Raffaeldantas, Synthebot, Javali-ptwiki, Rautopia, Yone Fernandes, Nelson pt Ix, BOTijo, Clééeston, Fabsouza1, YonaBot, Teles, Vini 175, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, BotMultichill, Mário Henrique, Stokeinos, Jefferson, Mp roder, AlleborgoBot, GOE, Kaktus Kid, Crazyaboutlost, One People, Exutilizador, Chronus, Leandro Drudo, Lobolins, Esopo, Arthemius x, Heiligenfeld, Frajolex, Inox, MisterMario92, Andersonnery, Alexandrepaste, Peter Gomes, Pascoal IV, Georgez, RafaAzevedo, FilRB, Shiryu500, Ittoria, AltCtrlDel, BOTarate, Lourencoalmada, RadiX, Robson correa de camargo, Baptista alves, Stathislisboa, BotSottile, Daltonagre, SilvononBot, Catuireal, Pietro Roveri, !Silent, OffsBlink, Vitor Mazuco, Maurício I, Raimundo57br, Dosansil, ChristianH, Numbo3-bot, Mr Yahoo!, ThrasherÜbermensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Muro Bot, Batata strogonof, Feliciomendes, LaaknorBot, Bresson, Luizld, Ptbotgourou, Eamaral, Vitor Palmeiras para Sempre, DragonflySixtyseven, Millennium bug, Vanthorn, Salebot, ArthurBot, Niva Neto, XZeroBot, Coriakin, Tomasbarao, Rafael.roliveira, Editor br, Giovane7, Vitor12345, SuperBráulio13, Paulo Arntung, Rodrigogomesonetwo, Mobyduck, Lord Mota, Thgoiter, Xqbot, WellingtonSM, GhalyBot, JotaCartas, Gean, Rubinbot, Darwinius, SassoBot, LucienBOT, Pauloudineti, Phoenix™, General Pehhers, MauritsBot, RedBot, CasteloBot, TobeBot, Rjbot, Cadubts, Prowiki, Aly Bot, Euproprio, Braswiki, Stegop, Cremino-ptwiki, Petrucizinho, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Rafael Kenneth, Viniciusmc, YuryCassini, Vencelins, WikiFer, Francisco Quiumento, Crash Overclock, Aleph Bot, EmausBot, HRoestBot, Érico, Salamat, Hallel, Reporter, Pablodiego15, Arnaldo Arnolde, Jordibuma, ChuispastonBot, Samuelweb, Renato Remotto, Capitalista, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, Gaylot, Alvaro Azevedo Moura, PedR, Colaborador Z, Joao AMA, Dr. J.J Felix, MerlIwBot, Antero de Quintal, Aleth Bot, PauloEduardo, Racconish, Fronteira, G.M, Gabriel Yuji, Épico, J. A. S. Ferreira, Luizpuodzius, Dianakc, Edonis, DARIO SEVERI, Musashijapan, Brancaleone, Shgür Datsügen, Zoldyick, Matheus Faria, BiellaLL, Max51, Jml3, FlavioAquinno, N4TR!UMbr, Bya97, Dexbot, Denis Arlington, Leon saudanha, Pedrohoneto, Hume42, Nidono, Prima.philosophia, Önni, Legobot, Usien6, BernardoTS, ScraTUp, Manogusp, Athena in Wonderland, Bifalucci, Ismaelbarbosa, Ixocactus, PatriciaMalfoy, Petrus gorg, Jorge Guedes Dsign, Stanglavine, Paulo.rsj, O revolucionário aliado, Marcelo Silva Santiago, Vítor, Zé maria filho, GualdimG, Wikimasterbz, Marxthe11, Faltur, Ever Jobim, Tetra quark, Adolfo Graciano Pohali, Stefanny Catarine, FranciscusVulpes, Leo da Motta, Freitas11, FelipeOCouto, Marxismonao, Incendiary Iconoclasm, Papa Christus, Erivam Galdino, MrThorFx, Nilson Rio40, O Sem Autoridade, 123qwe123qweedd, Abioluz Robson Behrend e Anónimo: 798
- **Friedrich Engels** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Engels?oldid=48046941](https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels?oldid=48046941) *Contribuidores:* João Xavier, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Santana-freitas, Campani, Get It, NTBot, JucaZero, Getbot, RobotQuistnix, Rei-artur, Simoes, Sturm, Agil, OS2Warp, 555, Adailton, Lijealso, YurikBot, Cícero, Porantim, Fernando S. Aldado, Gpvos, Bonás, Luís Felipe Braga, MalafayaBot, Armagedon, Xandi, Pilgerowski, Jo Lorib, Johann Wartzmann, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, Escarbot, Filomeninha, JSSX, JAnDbot, Alchimista, ZackTheJack, Delemon, Bisbis, Mrhardes, CommonsDelinker, Fesz, Matheusbonibittencourt, TXiKiBoT, Tumnus, VolkovBot, SieBot, Yone Fernandes, Nelson pt Ix, Fabsouza1, Jeferson, AlleborgoBot, Nanatopia, Heiligenfeld, LeoBot, Ittoria, BOTarate, Alexbot, BodhisattvaBot, Baptista alves, Pietro Roveri, OffsBlink, Raimundo57br, CarsracBot, NjardarBot, Numbo3-bot, Luckas-bot, Guilherme Kroll, Batata strogonof, Nallimbot, Ptbotgourou, GoeBOThe, Leols, Salebot, ArthurBot, Niva Neto, Gabryelsl, Xqbot, Gean, Darwinius, LucienBOT, RibotBOT, Sapuia, Lukask-ptwiki, BenzolBot, DruKason, TobeBot, Rjbot, Prowiki, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, TjBot, Dbastor, Aleph Bot, EmausBot, Joao.pimentel.ferreira, Дьбонпоѳка, ZéroBot, ChuispastonBot, Fixer88, Bruno Meireles, MerlIwBot, L'editeur, Antero de Quintal, Hipersyl, Edonis, Shgür Datsügen, Zoldyick, Jml3, Nathanael Everton, Makeecat-bot, Davidorpheu, Önni, Legobot, EVinente, Athena in Wonderland, Clarice Falcão, Matsievsky, Wieralee, Jucalinkings, Aspargos, FranciscoMG e Anónimo: 94
- **Manifesto Comunista** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto\\_Comunista?oldid=46752066](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista?oldid=46752066) *Contribuidores:* LeonardoG, Muriel Gottrop, Gbitten, Pedrassani, Campani, NTBot, JucaZero, RobotQuistnix, Rei-artur, André Koehne, Agil, Giro720, OS2Warp, 555, Lijealso, YurikBot, Jupotter, Luís Felipe Braga, Leonardo.stabile, LijeBot, EricoB2015, Johann Wartzmann, Thijs!bot, Filomeninha, Thiago Ferrari Turra, JAnDbot, Alchimista, Efrain Maciel e Silva, Delemon, Joapochagas2, TXiKiBoT, Tumnus, VolkovBot, SieBot, Rautopia, Fabsouza1, Adonjs, Gerakibot, DorganBot, Georgez, RafaAzevedo, Robson correa de camargo, Baptista alves, SilvononBot, Catuireal,

Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Numbo3-bot, Luckas-bot, Nallimbot, Salebot, Yonidebot, ArthurBot, DirlBot, Xqbot, GhalyBot, Rubinbot, Darwinus, RibotBOT, MisterSanderson, Ts42, MauritsBot, Isaacrmhmd, RedBot, Escoria79, TobeBot, Braswiki, Dinamik-bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Viniciusmc, LilyKitty, Aleph Bot, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, Braswiki, Stuckkey, WikitanvirBot, Colaborador Z, MerlIwBot, Rozival Z, Épico, Zoldyick, Max51, Minsbot, Jml3, JYBot, PauloMSimoes, Proferafa2, Hume42, Legobot, Caçador de Palavras, Maninhobom, Rafael Chalegre, Athena in Wonderland, Mbassis, Jaci oliveira, Marcelo1917 e Anónimo: 78

- **O Capital** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Capital?oldid=48174235](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital?oldid=48174235) *Contribuidores:* Joaotg, LeonardoG, Mschindwein, NH-ptwiki, LeonardoRob0t, Indech, RobotQuistnix, Clara C., Epinheiro, Slade, Leandromartinez, João Carvalho, LuisGuilherme, Agil, OS2Warp, 555, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Dantadd, LijeBot, Bemelmans, Jo Lorib, Yanguas, Thijs!bot, Escarbot, Belanidia, JAnDbot, Delemon, Der kenner, TottyBot, VolkovBot, SieBot, (roteirista) dedo, Rautopia, Yone Fernandes, Kaktus Kid, Crazyaboutlost, Biladacoca, WikiBotas, Primo Dang, LeoBot, Georgez, Alexbot, Catuireal, Pietro Roveri, OffsBlink, Vitor Mazuco, Louperibot, Numbo3-bot, Luckas-bot, LaaknorBot, Nallimbot, Ptbogourou, Eamaral, Salebot, ArthurBot, Rafael.roliveira, Xqbot, MisterSanderson, BenzolBot, RedBot, Escoria79, TobeBot, Lucasvic-ptwiki, FMTbot, Defender, EmausBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Skapata, PedR, MerlIwBot, KL-Bot2, PauloEduardo, Racconish, BendelacBOT, Épico, Zoldyick, Jml3, Raul Caarvalho, Athena in Wonderland, DaddyCell, Vítor, GualdimG, Wikimasterbz, Lucas Ribeiro de Souza e Anónimo: 65
- **Lenin** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenin?oldid=48434417> *Contribuidores:* Patrick-br, Plataformista, Carlosar-ptwiki, Manuel Anastácio, Joaotg, Mschindwein, Pedro Aguiar, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Lusitana, Nuno Tavares, Get It, NTBot, Pedroic, RobotQuistnix, Leslie, Epinheiro, Slade, Ciro-ptwiki, João Carvalho, Leandro, Daniloprates, Agil, Giro720, Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Lampiao, Chobot, Jorunn, Belegurth, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Fernando S. Aldado, Gpvos, Bonás, Borguin, Methuselah, FlaBot, Luís Felipe Braga, MalafayaBot, Missionary, Chlewbob, Dantadd, LijeBot, Servitiu, JYMMI, NMaia, Maddox, Sukigu, Tiago Vasconcelos, Dsabba77, Rbpinto, Davemustaine, AlessandroBispo, Claudio Oliveira-ptwiki, Ibérico, Probatista, Reynaldo, Nice poa, FSogumo, Marcelo Victor, Atorriani, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Dtavares, Felipe P, Escarbot, Filomeninha, JulioNather, Daimore, BOT-Superzerocool, Lucas de Castro, JAnDbot, Alchimista, ZackTheJack, Luiza Teles, Dilermando, Bisbis, Fromgaliza, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Cachopo, Alexanderps, Caio Brandão Costa, Eric Duff, Bot-Schafter, Idioma-bot, Der kenner, TXiKiBoT, Tumnus, WaldirBot, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Schieese, Nelson pt lx, Trebaruna, Clééston, Fabsouza1, BotMulti-chill, Blamed, AlleborgoBot, Crazyaboutlost, One People, Vmveira, PipepBot, Chronus, Leandro Drudo, WikiBotas, Raafael, Esopo, Heiligenfeld, César Nogueira, Beria, DragonBot, DutchDevil, RafaAzevedo, AltCtrlDel, Alexbot, Pediboi, RadiX, Robson correa de camargo, BodhisatvaBot, Baptistas alves, 2(L.L.K.)2, Daltonagre, Luizjr8, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Damdamdam-ptwiki, EdBever, Austreger, Dosansil, SpBot, ChristianH, Numbo3-bot, ThrasherÜberschensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Diguimir, AlnoktaBOT, LaaknorBot, Mateus Trigo, Nallimbot, Lucia Bot, Alexandre F., Ptbogourou, Eamaral, Leols, Vanthorn, Salebot, Yonidebot, ArthurBot, DumZiBoT, XZeroBot, DirlBot, Coltsfan, Vitor12345, Tokiohotelover, SuperBraulio13, Lord Mota, Xqbot, GhalyBot, Gean, Almbot, Darwinus, LucienBOT, RibotBOT, Ironic-ptwiki, MisterSanderson, General Pehhers, João Vítor Vieira, DruKason, MaFe Meghioli, Castelbot, TobeBot, Prowiki, Alch Bot, Dinamik-bot, Francisco Javier Arce, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Rafael Kenneth, TjBot, Ripchip Bot, Dbastro, Renataangelica, Aleph Bot, EmausBot, ZéroBot, Érico, Renato de carvalho ferreira, Sálvora, Hallel, Reporter, Koemann, Nelson Teixeira, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, EdgarFabiano, CocuBot, Alvaro Azevedo Moura, Leytor, PedR, Breogan2008, Namaacha, Lorencia1997, Antero de Quintal, Aleth Bot, DARIO SEVERI, Zoldyick, Max51, Ednaldo Lopes, Jml3, Dexbot, Leon saudania, Önni, Legobot, Southpedro, Gbasilva, OskNe, Marcos dias de oliveira, Athena in Wonderland, Bifaluccci, Alex98, Titiatum, Antiracista, Ixocactus, Urticaurens, O revolucionário aliado, Mbassis, LuisCaué, Brendo102x, Gato Preto, Telles Ferreira, LF337, DougBogie, Daniel14Fernandes, Jnr silvah, Bakuhon, Aspargos, Nonato III, Poeta Português e Anónimo: 334
- **Leon Trótski** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Leon\\_Tr%C3%B3tski?oldid=48364426](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leon_Tr%C3%B3tski?oldid=48364426) *Contribuidores:* Manuel Anastácio, Joaotg, Paul Beppler-ptwiki, LuisBrudna, Mschindwein, Pedro Aguiar, E2m, Koenige, E2mb0t, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Pedrassani, Alexg, Sitenl, Joildo, Lusitana, Nuno Tavares, Get It, NTBot, JucaZero, Arouck, RobotQuistnix, Rei-artur, Gil mnogueira, Sturm, Sheiks, Clara C., Slade, Tintazul, Mathieu Struck, Agil, OS2Warp, Lampiao, 555, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Bonás, Borguin, Luís Felipe Braga, Mosca, Chlewbob, Piccilli, Dantadd, LijeBot, Borga, Servitiu, Patrickgalba, Ibérico, João Sousa, He7d3r, Ben Yehoshua, Nice poa, Marcelo Victor, Thijs!bot, MachoCarioca, Rei-bot, GRS73, Escarbot, Filomeninha, Robson camargo, Left-wing, Adonissilver, Alexandremags, LsCThirso, JAnDbot, Alchimista, ZackTheJack, Luiza Teles, BetBot-ptwiki, Fromgaliza, CommonsDelinker, Cachopo, Caio Brandão Costa, Fabiomassumpcao, Idioma-bot, Luckas Blade, TXiKiBoT, Tumnus, VolkovBot, SieBot, Cerm, Yone Fernandes, BO-Tijo, OTAVIO1981, Fabsouza1, YonaBot, Vini 175, AlleborgoBot, Zdrlik, GOE, Leandro Drudo, Esopo, Maañón, Lusitano-Português, Alexandrepastre, RafaAzevedo, Ittoria, BOTarate, Lourencoalmada, Almir Cezar Baptista Filho, RadiX, Robson correa de camargo, Luisa Sousa, Daltonagre, Alvaro Rodrigues, Pietro Roveri, OffsBlink, Vitor Mazuco, Austreger, ChristianH, Numbo3-bot, ThrasherÜberschensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Pauline Alana, Ptbogourou, Leols, Vanthorn, Salebot, Mircezar, ArthurBot, Lauro Chiezza de Carvalho, Coltsfan, SuperBraulio13, Xqbot, GhalyBot, Nomarcland, Almbot, Darwinus, LucienBOT, DuCoudray, DruKason, RedBot, Castelbot, Escoria79, Rjbot, Prowiki, Alch Bot, Coelhomig, TjBot, Ripchip Bot, Vassily.Spasky, Aleph Bot, EmausBot, Érico, Salamata, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, MerlIwBot, Antero de Quintal, Vagobot, DARIO SEVERI, Zoldyick, Dravinia, Max51, Ednaldo Lopes, Dhedhalhus, Jml3, Gustavo Mizanin, Dexbot, Spartacus VT, Hume42, Legobot, EVinente, Holdfz, Athena in Wonderland, Alex98, Marco57644, Daniel14Fernandes, Aspargos, Nathan meneghetti, Balabinrm, CommunistDaughterNMH e Anónimo: 147
- **Anarquismo** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anarquismo?oldid=48434738> *Contribuidores:* Jorge-ptwiki, Robbot, Plataformista, Hajor-ptwiki, Manuel Anastácio, Harshmellow, Webkid-ptwiki, LeonardoG, Osnor, Mschindwein, Rui Silva, Pedro Aguiar, Augusto, Espardo, Diego UFCG-ptwiki, E2m, Chico, LeonardoRob0t, Pedrassani, Andre v, Santana-freitas, Whoooligan, Dvulture, Indech, Thiago90ap, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Clara C., Cesarius, Leandromartinez, André Koehne, Tiagopassos, Abmac, OS2Warp, Mr.Rocks, Lampiao, 555, Ozymandias, Adailton, Zwobot, Tylerdurden, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Nunobaton, Bonás, Tm, Brunoslessa, Mosca, Arges, Gabrielt4e, PatríciaR, Leonardo.stabile, Welling-ptwiki, Janela, LijeBot, Madeu, Marcos Viana "Pinguim", Mansueto77, Reynaldo, Semente, FSogumo, Marcelo Victor, Marcusmbz, Maziotis, Yanguas, Rei-bot, GRS73, Biologo32, Tarsie, Belanidia, Castelobranco, Daimore, JSSX, Joaon, JAnDbot, Alchimista, Soulbot, Biglia, Rconde, Lexicon-ptwiki, MarceloB, Delemon, Bisbis, Daniel Souza, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Sedrev, Cleberz, GabrielOPadoan, Raphael feliz, Osrenan, Bot-Schafter, Beremiz, Idioma-bot, EuTuga, Der kenner, TXiKiBoT, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Francisco Leandro, Jotapefim, Lechatjaune, Yone Fernandes, Bluedenim, Junius, Teles, Jeferson, Zdrlik, Msousa-ptwiki, GOE, Kaktus Kid, GOE2, Tetraktyos, Victor Andrade, GiuseppeVicentini, HyperBroad, Chronus, Leandro Drudo, BenitoMaeso, Brazilmm, David The Wikieditor, Kim richard, Arthemius x, Amats, Beria, Georgez, RafaAzevedo, LP Sérgio LP, AltCtrlDel, BOTarate, Nightmarelh, Lourencoalmada, Pediboi, Pcjrm, RadiX, Berganus, Theus PR, Casaprimux, SilvonenBot, Pietro Roveri, Rafanormal, Vitor Mazuco, Maurício I, Joaosac, Fabiano Tatsch, CarsracBot, Numbo3-bot, ThrasherÜberschensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Nallimbot, Luizdl, Owlbr, Ptbogourou, Eamaral, Vanthorn, Salebot, ArthurBot, Solstag, Feen, WikiYuri, SuperBraulio13, Juliosergiosouza, Xqbot, MigueldePortugal, GhalyBot, Gean, Rubinbot,

- Darwinus, SassoBot, LucienBOT, RibotBOT, MisterSanderson, Egmontbot, D'ohBot, Bal Tremembé, Tuga1143, OnlyJonny, TobeBot, Cleitonx1, Morenoveado, Alch Bot, Braswiki, Stegop, Dinamik-bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, HVL, Nanny321, Erico Tachizawa, TjBot, Alph Bot, Viniciusmc, WikiFer, Dbastro, Tiago Peixoto, EmausBot, Joao.pimentel.ferreira, ZéroBot, HRoestBot, Hipopótamo-ptwiki, Hallel, Diego Grez Bot, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, Colaborador Z, WikiGT, Vilmamaria, L'editeur, Antero de Quintal, Victorzito, Gabriel Yuji, Épico, Luizpuodzius, DARIO SEVERI, Musashijapan, Shgür Datsügen, Zoldyick, Cadós, Bya97, Dexbot, NandoBC, PauloHenrique, Leon saudanha, Pedrohoneto, GrenadeF1, Gapangarte, Legobot, Gabriel14532, EVinente, Pablostinger, Holdfz, Marcos dias de oliveira, Gustavomts7, MCarsten, Athena in Wonderland, Marcondes26, Ixocactus, Estranhononinho, ZapZeck, O revolucionário aliado, Caiohenriquek, Noiser, Paulo123paulo, Mbassis, Yiolhandha, Eurodix, Armagedon2000, Vlad III, Príncipe da Valáquia, Julio Auler, Proplaya123, Maneiro123, FFeitosa, Pensamento insignificante, Albalupus, Kiosnk, Mr. Fulano, João portugues, Tati zaki, Dblackssi, Bakuon, Tylerxxxrext, CesarAzevedo, Hendrix Royal, Saquarema e Anónimo: 498
- **Proletariado** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado?oldid=46790143> *Contribuidores:* JoaoMiranda, Joaotg, Mschindwein, LeonardoRob0t, Nuno Tavares, NTBot, RobotQuistnix, OS2Warp, 555, Fasouzafreitas, YurikBot, FlaBot, Mosca, MalafayaBot, LijeBot, Al Lemos, Econt, Thijs!bot, Cadum, Rei-bot, Escarbot, JCMP, Ruligan, JAnDbot, Alchimista, ZackTheJack, MarceloB, CommonsDelinker, Create, Idioma-bot, Der kenner, Rpxx, TXiKiBoT, Theshotgun, Tjlo Elétrico, Aibot, VolkovBot, SieBot, Lechatjaune, Yone Fernandes, BotMultichill, GOE, Maañón, Georgez, RafaAzevedo, Alexbot, Catuereal, Vitor Mazuco, Joasac, SpBot, Luckas-bot, Nallimbob, Lucia Bot, Felipe.Frederico, Salebot, ArthurBot, Obersachsebot, Xqbot, GhalyBot, Darwinus, LucienBOT, RibotBOT, Ts42, Escoria79, Felipe lord, Prowiki, Alch Bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Aleph Bot, EmausBot, JackieBot, Renato de carvalho ferreira, Davi Dechen, Stuckkey, MerllwBot, Antero de Quintal, Takeshi-br, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Max51, Jean PS, Jml3, Önni, Legobot, Marcos dias de oliveira, Ixocactus, Stanglavine, O revolucionário aliado, Russel Hammond, Telles Ferreira, Sutensa e Anónimo: 54
  - **Luta de classes** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta\\_de\\_classes?oldid=48207379](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes?oldid=48207379) *Contribuidores:* Joaotg, Mschindwein, Gaf.arq, Epinheiro, Erico Koerich, Chaves, OS2Warp, Mr.Rocks, 555, Campola, FlaBot, Arges, Dantadd, Leonardo.stabile, Xandi, FSogumo, Thijs!bot, Rei-bot, JCMP, Daimore, ZackTheJack, Kleiner, MarceloB, Delemon, Albmont, Daniel Souza, Create, Idioma-bot, Aibot, VolkovBot, SieBot, Lechatjaune, Rautopia, Nelson pt lx, Hxhbot, Chronus, LeoBot, Georgez, RafaAzevedo, AltCtrlDel, RadiX, Catuereal, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Gonçalo Veiga, Asd147, SpBot, NjardarBot, Luckas-bot, Muro Bot, Salebot, RamissesBot, Xqbot, Almbot, RibotBOT, Escoria79, Dinamik-bot, FMTbot, PU1JFC, LilyKitty, EmausBot, Érico, Salamat, Hallel, Dreispt, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Colaborador Z, WikiGT, L'editeur, Antero de Quintal, J. A. S. Ferreira, DARIO SEVERI, Musashijapan, Zoldyick, Jml3, Leon saudanha, Legobot, Lary Danyy, Alexandre174 e Anónimo: 67
  - **Meios de produção** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios\\_de\\_produ%C3%A7%C3%A3o?oldid=48167174](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o?oldid=48167174) *Contribuidores:* Juntas, Alexg, Lusitana, RobotQuistnix, OS2Warp, Mr.Rocks, YurikBot, Luís Felipe Braga, LijeBot, Rei-bot, Mr.Magoo, JCMP, JAnDbot, ZackTheJack, SieBot, Miguel Couto, Idneysilva, Yone Fernandes, AlleborgoBot, Georgez, Pietro Roveri, Minoik, Vitor Mazuco, Luckas-bot, MystBot, Salebot, DumZiBoT, WikiYuri, Darwinus, D'ohBot, Escoria79, Dinamik-bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, FMTbot, EmausBot, ZéroBot, Dreispt, Antero de Quintal, Victorzito, DARIO SEVERI, TaahCaaroline, Jml3, Legobot, DaddyCell e Anónimo: 41
  - **Burguesia** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia?oldid=48360782> *Contribuidores:* Robbot, Manuel Anastácio, Rui Silva, Gaf.arq, E2m, Andreas Herzog, E2mb0t, Juntas, Chico, Pedrassani, Lusitana, Nuno Tavares, NTBot, RobotQuistnix, Epinheiro, 333-ptwiki, André Koehne, Leinad-Z-ptwiki, OS2Warp, 555, Chobot, Adailton, YurikBot, Chlewbob, Vitorpansa, FSogumo, Marcelo Victor, Rei-bot, GRS73, Escarbot, Biologo32, Filomeninha, Belandia, ExPeRt, JAnDbot, MarceloB, Delemon, Bisbis, ArturGontijo, Jack Bauer00, Idioma-bot, EuTuga, Der kenner, Tumnus, VolkovBot, SieBot, Jcomonian, Lechatjaune, Yone Fernandes, Teles, Mário Henrique, GOE, Hxhbot, Gerakibot, Chronus, Leandro Drudo, Kim richard, Frajolex, Georgez, RadiX, MelM, Catuereal, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, LeoS500, Clessiomendes, Luckas-bot, Higor Douglas, Jean Felipe05, Vanthorn, Salebot, RamissesBot, Xqbot, GhalyBot, Gean, Darwinus, RibotBOT, Ts42, Egito, MastiBot, Escoria79, Braswiki, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Viniciusmc, WikiFer, Johnmartins, Defender, Aleph Bot, EmausBot, Érico, Salamat, Dreispt, Stuckkey, Alvaro Azevedo Moura, Colaborador Z, Antero de Quintal, Ariel C.M.K., Takeshi-br, DARIO SEVERI, Musashijapan, Zoldyick, Matheus Faria, Minsbot, Jml3, Mimi franchikoski, Rafael-Miya, Victorers1, FrancisAkio, Hume42, EVinente, Addbot, Holdfz, Jordeñ, Rodrigolopesbot, Nakinn, ZapZeck, O revolucionário aliado, Sabrinah Martorelli Lins, Mr. Fulano, Gustavo seibe, Alexandre174 e Anónimo: 245
  - **Mais-valia** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia?oldid=48397708> *Contribuidores:* E2m, Heitor, Juntas, LeonardoRob0t, NTBot, RobotQuistnix, Waldir, Leslie, Clara C., Caiopolesi, 333-ptwiki, André Koehne, Luis.imperator, Agil, Lampiao, 555, RafaelG-ptwiki, YurikBot, Fábio Soldá, Raphaelcaria, Mike Werther, Luís Felipe Braga, Arges, Armagedon, Ksacilotto, NMaia, He7d3r, Thijs!bot, Rei-bot, JCMP, Daimore, JAnDbot, ZackTheJack, MarceloB, Delemon, Albmont, CommonsDelinker, Alexanderps, Stego, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, Cerm, Rautopia, Teles, Arthurrss, Crazyaboutlost, Arthemius x, Igor Malgor, DragonBot, Georgez, PixelBot, RafaAzevedo, Shiryu500, Ribas1978, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Louperibot, Joasac, Ginosbot, Keds0, Balabiot, Salebot, Darwinus, Fabiano Uggeri Severo, OnlyJonny, Escoria79, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Francisco Quiumento, EmausBot, PauloSoria, Salamat, Hallel, Pablodiego15, Stuckkey, Bruno Meireles, Colaborador Z, Sanya3, MerllwBot, Rozival, Antero de Quintal, PauloEduardo, DARIO SEVERI, Zoldyick, Jml3, RafaelMiya, Hume42, Aua1422, JMadeira89, Cacovsky, Addbot, Holdfz, Paulo pvk, Werquinigo, Athena in Wonderland, DaddyCell e Anónimo: 128

## 15.8.2 Imagens

- **Ficheiro:19190501-lenin\_speech\_red\_square.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/47/19190501-lenin\\_speech\\_red\\_square.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/47/19190501-lenin_speech_red_square.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://i065.radikal.ru/1112/96/6fc72311c8f9.jpg> *Artista original:* Goldstein G.
- **Ficheiro:ASDE-X.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ee/ASDE-X.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Ambox\_rewrite.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Ambox\\_rewrite.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Ambox_rewrite.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* self-made in Inkscape *Artista original:* penubag
- **Ficheiro:An\_Indian\_call\_center.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ed/An\\_Indian\\_call\\_center.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ed/An_Indian_call_center.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Transferido de en.wikipedia para o Commons por IngerAlHaosului utilizando CommonsHelper. *Artista original:* Sonamsaxena em Wikipédia em inglês
- **Ficheiro:Anarchy-symbol.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7a/Anarchy-symbol.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Linuxerist, Froztbyte, Arcy

- **Ficheiro:Archie\_McPhee\_checkout.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Archie\\_McPhee\\_checkout.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Archie_McPhee_checkout.jpg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Photo by Joe Mabel *Artista original:* Joe Mabel
- **Ficheiro:Bakunin\_Nadar.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Bakunin\\_Nadar.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Bakunin_Nadar.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The New York Public Library [1] *Artista original:* Félix Nadar
- **Ficheiro:Baselerkongress\_1869.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5f/Baselerkongress\\_1869.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5f/Baselerkongress_1869.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [http://fractal-vortex.narod.ru/International/First\\_images/Bazel\\_congress\\_1869.jpg](http://fractal-vortex.narod.ru/International/First_images/Bazel_congress_1869.jpg) *Artista original:* Desconhecido<a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:Books-aj.svg\_aj\_ashton\_01.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Books-aj.svg\\_aj\\_ashton\\_01.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Books-aj.svg_aj_ashton_01.png) *Licença:* CC0 *Contribuidores:* <https://openclipart.org/detail/105859/booksajsvg-aj-ashton-01> *Artista original:* AJ on openclipart.org
- **Ficheiro:British\_Museum\_from\_NE\_2.JPG** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/British\\_Museum\\_from\\_NE\\_2.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/British_Museum_from_NE_2.JPG) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Ham
- **Ficheiro:Brodskiy's Lenin.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dc/Brodskiy%27s\\_Lenin.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dc/Brodskiy%27s_Lenin.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.art-in-exile.com/forums/39783-post61.htmlh> *Artista original:* Isaak Brodsky
- **Ficheiro:Bundesarchiv\_Bild\_183-R15068\_Leo\_Dawidowitsch\_Trotsky.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Bundesarchiv\\_Bild\\_183-R15068%2C\\_Leo\\_Dawidowitsch\\_Trotsky.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Bundesarchiv_Bild_183-R15068%2C_Leo_Dawidowitsch_Trotsky.jpg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 de *Contribuidores:* Esta imagem foi doada à Wikimedia Commons pelos Arquivos Federais da Alemanha (*Deutsches Bundesarchiv*) dentro de um projecto comum. Os Arquivos Federais da Alemanha garantem a autenticidade da fotografia, graças à utilização exclusiva de originais (positivos/negativos) de seus arquivos de imagens numéricos e sua numeração. *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:Bundesarchiv\_Bild\_183-R92623\_Brest-Litowsk\_Waffenstillstandsabkommen.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Bundesarchiv\\_Bild\\_183-R92623%2C\\_Brest-Litowsk%2C\\_Waffenstillstandsabkommen.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Bundesarchiv_Bild_183-R92623%2C_Brest-Litowsk%2C_Waffenstillstandsabkommen.jpg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 de *Contribuidores:* Esta imagem foi doada à Wikimedia Commons pelos Arquivos Federais da Alemanha (*Deutsches Bundesarchiv*) dentro de um projecto comum. Os Arquivos Federais da Alemanha garantem a autenticidade da fotografia, graças à utilização exclusiva de originais (positivos/negativos) de seus arquivos de imagens numéricos e sua numeração. *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:CNT-AIT-FAL.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/34/CNT-AIT-FAL.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://theanarchistlibrary.org/library/sam-dolgoff-editor-the-anarchist-collectives> *Artista original:* Desconhecido<a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:Clive.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Clive.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [http://www.sterlingtimes.org/memorable\\_images56.htm](http://www.sterlingtimes.org/memorable_images56.htm) ([http://www.sterlingtimes.org/clive\\_of\\_india.jpg](http://www.sterlingtimes.org/clive_of_india.jpg)) **NPG link:** <http://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw01347/Robert-Clive-and-Mir-Jafar-after-the-Battle-of-Plassey-1757>  
*Artista original:* Francis Hayman
- **Ficheiro:Coat\_of\_arms\_of\_the\_Soviet\_Union.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Coat\\_of\\_arms\\_of\\_the\\_Soviet\\_Union.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Coat_of_arms_of_the_Soviet_Union.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Own work from Image:Soviet Hammer and Sickle and Earth.svg and Image:Soviet coat of arms.svg. It was then corrected and is believed to be close to official version, for example, one from the 3rd ed. of the Great Soviet Encyclopedia, available online here *Artista original:* Madden, reworked by F l a n k e r
- **Ficheiro:Commons-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Commons-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This version created by Pumbaa, using a proper partial circle and SVG geometry features. (Former versions used to be slightly warped.) *Artista original:* SVG version was created by User:Grunt and cleaned up by 3247, based on the earlier PNG version, created by Reidab.
- **Ficheiro:Communism.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/Communism.svg> *Licença:* CC SA 1.0 *Contribuidores:* Own work, based on File:BlankMap-World6.svg and File:Communism.PNG. *Artista original:* Claritas
- **Ficheiro:Communist-manifesto.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/86/Communist-manifesto.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* from www.marxists.org via en.wikipedia *Artista original:* Friedrich Engels, Karl Marx
- **Ficheiro:Communist\_countries\_1979-1983.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a8/Communist\\_countries\\_1979-1983.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a8/Communist_countries_1979-1983.png) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Communist\_countries.svg *Artista original:* Communist\_countries.svg: Smurfy
- **Ficheiro:Communist\_star.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Communist\\_star.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/Communist_star.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* File:Red star.svg & File:Hammer and sickle.svg (see below) *Artista original:* Zscout370, F l a n k e r, Penubag
- **Ficheiro:Crystal\_Clear\_app\_Login\_Manager.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Crystal\\_Clear\\_app\\_Login\\_Manager.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Crystal_Clear_app_Login_Manager.png) *Licença:* LGPL *Contribuidores:* All Crystal Clear icons were posted by the author as LGPL on kde-look; *Artista original:* Everaldo Coelho and YellowIcon;
- **Ficheiro:Disambig\_grey.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig\\_grey.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Bub's
- **Ficheiro:Dom\_ulyanovyh.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Dom\\_ulyanovyh.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Dom_ulyanovyh.jpg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Oblam
- **Ficheiro:Drapeau\_noir.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Drapeau\\_noir.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Drapeau_noir.svg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Image:Black flag.jpg sur wiki fr *Artista original:* [historicaïr 22:31, 9 November 2006 \(UTC\)](https://www.wikidata.org/wiki/12231)

- **Ficheiro:Emblem-money.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Emblem-money.svg> *Licença:* GPL *Contribuidores:* <http://www.gnome-look.org/content/show.php/GNOME-colors?content=82562> *Artista original:* perfectska04
- **Ficheiro:Emma\_Goldman\_seated.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/03/Emma\\_Goldman\\_seated.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/03/Emma_Goldman_seated.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Library of Congress[1] *Artista original:* T. Kajiwara (1876–1960)
- **Ficheiro:Engels.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/71/Engels.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:ErricoMalatesta.gif** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/ErricoMalatesta.gif> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:F-exhibiciones-ciudad-libertaria-9.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/F-exhibiciones-ciudad-libertaria-9.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Desconhecido *Artista original:* Desconhecido <a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:Fanelli\_Madrid.JPG** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Fanelli\\_Madrid.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Fanelli_Madrid.JPG) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://anarcoefemerides.balearweb.net/> *Artista original:* Koroesu
- **Ficheiro:Flag\_of\_Germany.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Flag\\_of\\_Germany.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Flag_of_Germany.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Flag\_of\_Mexico.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fc/Flag\\_of\\_Mexico.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fc/Flag_of_Mexico.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Este desenho vetorial foi criado com Inkscape. *Artista original:* Alex Covarrubias, 9 April 2006
- **Ficheiro:Flag\_of\_Prussia\_(1892-1918).svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Flag\\_of\\_Prussia\\_%281892-1918%29.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Flag_of_Prussia_%281892-1918%29.svg) *Licença:* Copyrighted free use *Contribuidores:* Own Work, Custom Creation according to the flag description *Artista original:* Drawing created by David Liuzzo
- **Ficheiro:Flag\_of\_Russia.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Flag\\_of\\_Russia.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Flag_of_Russia.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Государственный флаг Российской Федерации. Цвета флага: (Blue - Pantone 286 C, Red - Pantone 485 C) взяты из [1][2][3][4] *Artista original:* Zscout370
- **Ficheiro:Flag\_of\_the\_German\_Empire.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Flag\\_of\\_the\\_German\\_Empire.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Flag_of_the_German_Empire.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Recoloured Image:Flag of Germany (2-3).svg *Artista original:* User:B1mbo and User:Madden
- **Ficheiro:Flag\_of\_the\_Kingdom\_of\_Prussia\_(1803-1892).svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Flag\\_of\\_the\\_Kingdom\\_of\\_Prussia\\_%281803-1892%29.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c1/Flag_of_the_Kingdom_of_Prussia_%281803-1892%29.svg) *Licença:* Copyrighted free use *Contribuidores:* Own Work, Custom Creation according design specifications of the previous file *Artista original:* Drawing created by David Liuzzo
- **Ficheiro:Flag\_of\_the\_Soviet\_Union.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a9/Flag\\_of\\_the\\_Soviet\\_Union.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a9/Flag_of_the_Soviet_Union.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://pravo.levonevsky.org/> *Artista original:* СССР
- **Ficheiro:Flag\_of\_the\_United\_Kingdom.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Flag\\_of\\_the\\_United\\_Kingdom.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Flag_of_the_United_Kingdom.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio per data at <http://flagspot.net/flags/gb.html> *Artista original:* Original flag by Acts of Union 1800
- **Ficheiro:Francisco\_Ferrer\_Guardia.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Francisco\\_Ferrer\\_Guardia.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Francisco_Ferrer_Guardia.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:GDP\_of\_China\_in\_RMB.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/GDP\\_of\\_China\\_in\\_RMB.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/GDP_of_China_in_RMB.svg) *Licença:* CC0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Delphi234
- **Ficheiro:Gadewar.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7d/Gadewar.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Jordogbeton
- **Ficheiro:General\_Autobus\_Company\_1936.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/General\\_Autobus\\_Company\\_1936.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/21/General_Autobus_Company_1936.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://theanarchistlibrary.org/library/sam-dolgoff-editor-the-anarchist-collectives> *Artista original:* Desconhecido <a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:Grave\_of\_Karl\_Marx\_Highgate\_Cemetery\_in\_London\_2016\_(12).jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Grave\\_of\\_Karl\\_Marx\\_Highgate\\_Cemetery\\_in\\_London\\_2016\\_%2812%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Grave_of_Karl_Marx_Highgate_Cemetery_in_London_2016_%2812%29.jpg) *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Paasikivi
- **Ficheiro:Hammer\_and\_sickle.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7e/Hammer\\_and\\_sickle.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7e/Hammer_and_sickle.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <a href="//commons.wikimedia.org/wiki/File:Coat\_of\_arms\_of\_the\_Soviet\_Union\_(1923%E2%80%931936).svg" class="image"></a> Coat of arms of the Soviet Union 1923–1936.svg and various flags, including those at Hammer and sickle *Artista original:* Russia

- **Ficheiro:Hammer\_and\_sickle\_red\_on\_transparent.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Hammer\\_and\\_sickle\\_red\\_on\\_transparent.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Hammer_and_sickle_red_on_transparent.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <a href="//commons.wikimedia.org/wiki/File:Flag\_of\_the\_Soviet\_Union\_(1955-1980).svg" class="image"></a> <a href="//commons.wikimedia.org/wiki/File:Flag\_of\_the\_Soviet\_Union.svg" class="image"></a> From the Flags of the Soviet Union Between 1955-1991, albeit Red instead of Gold *Artista original:* odder
- **Ficheiro:HaymarketRiot-Harpers.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/HaymarketRiot-Harpers.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.chicagohs.org/hadcv/visuals/59V0460v.jpg> *Artista original:* Harper's Weekly
- **Ficheiro:Herkulaneischer\_Meister\_002.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Herkulaneischer\\_Meister\\_002.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Herkulaneischer_Meister_002.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. *Artista original:* Herkulaneischer Meister
- **Ficheiro:History\_hourglass.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bd/History\\_hourglass.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bd/History_hourglass.svg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:*
- *History.svg* *Artista original:* History.svg: ~DarKobra at Deviantart
- **Ficheiro:House\_of\_Lenin\_in\_Zurich.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/House\\_of\\_Lenin\\_in\\_Zurich.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/House_of_Lenin_in_Zurich.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Published in the 1920 book *Barbarous Soviet Russia* by Isaac McBride (inset between pages 70 and 71). *Artista original:* Isaac McBride
- **Ficheiro:Imagination\_Graphique\_24\_Pouvoir\_Populaire.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/64/Imagination\\_Graphique\\_24\\_Pouvoir\\_Populaire.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/64/Imagination_Graphique_24_Pouvoir_Populaire.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6532558s/f10.image> *Artista original:* Charles Perussaux (1920?–1995) & Bibliothèque nationale (Paris)
- **Ficheiro:Karl\_Marx\_(signature).gif** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/Karl\\_Marx\\_%28signature%29.gif](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/Karl_Marx_%28signature%29.gif) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [1] [2] *Artista original:* Karl Marx
- **Ficheiro:Karl\_Marx\_001.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d4/Karl\\_Marx\\_001.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d4/Karl_Marx_001.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* International Institute of Social History in Amsterdam, Netherlands *Artista original:* John Jabez Edwin Mayall
- **Ficheiro:Karl\_Marx\_Frau.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Karl\\_Marx\\_Frau.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Karl_Marx_Frau.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Karl-Marx-Haus in Trier *Artista original:* User Stefan Kühn on de.wikipedia
- **Ficheiro:Le-bourgeois-gentilhomme.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/42/Le-bourgeois-gentilhomme.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Lenin-statue-in-Berlin.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ed/Lenin-statue-in-Berlin.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:LeninEnSuizaMarzo1916--barbarousovietr00mcbr.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/LeninEnSuizaMarzo1916--barbarousovietr00mcbr.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.archive.org/details/barbarousovietr00mcbr> Published in the 1920 book *Barbarous Soviet Russia* by Isaac McBride (inset between pages 62 and 63). *Artista original:* Wilhelm Plier
- **Ficheiro:Lenin\_1919-03-18.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/ff/Lenin\\_1919-03-18.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/ff/Lenin_1919-03-18.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://jakutsevich.ru/iso/fotografii-lenina-grigoriya-goldshtejna/> *Artista original:* Goldshtein G.
- **Ficheiro:Lenin\_Krupskaya\_and\_Ulyanova\_in\_car\_at\_Red\_Army\_parade\_full\_photo\_19180501.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/92/Lenin\\_Krupskaya\\_and\\_Ulyanova\\_in\\_car\\_at\\_Red\\_Army\\_parade\\_full\\_photo\\_19180501.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/92/Lenin_Krupskaya_and_Ulyanova_in_car_at_Red_Army_parade_full_photo_19180501.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://lenin-ulijanov.narod.ru/38.jpg> *Artista original:* P.K.Novizky or G.P. Goldshtein
- **Ficheiro:Leon\_Trotsky\_-\_Okhranka\_mugshot.gif** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Leon\\_Trotsky\\_-\\_Okhranka\\_mugshot.gif](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/Leon_Trotsky_-_Okhranka_mugshot.gif) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Leon\_Trotsky\_Signature.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Leon\\_Trotsky\\_Signature.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Leon_Trotsky_Signature.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Own work by uploader, traced in Adobe Illustrator from File:Trotsky signature.jpg *Artista original:* Connormah, Leon Trotsky
- **Ficheiro:Leon\_Trotsky\_and\_American\_admirers\_Mexico\_-\_NARA\_-\_283642.tif** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/df/Leon\\_Trotsky\\_and\\_American\\_admirers\\_Mexico\\_-\\_NARA\\_-\\_283642.tif](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/df/Leon_Trotsky_and_American_admirers_Mexico_-_NARA_-_283642.tif) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* U.S. National Archives and Records Administration *Artista original:* Desconhecido <a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a> ou não especificado
- **Ficheiro:Lev\_Trotsky.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Lev\\_Trotsky.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Lev_Trotsky.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The Russian Bolshevik Revolution (free pdf from Archive.org) *Artista original:* Published by Century Co, NY, 1921
- **Ficheiro:Locomotive\_293.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/Locomotive\\_293.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dd/Locomotive_293.jpg) *Licença:* Attribution *Contribuidores:* en:User:JGHowes *Artista original:* Original uploader was JGHowes at en.wikipedia

- **Ficheiro:Logo\_sociology.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Logo\\_sociology.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Logo_sociology.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Tomeq183
  - **Ficheiro:Logoeconomia.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/Logoeconomia.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.faa.edu.br/imgs/Logo%20Economia.jpg> *Artista original:* FAA
  - **Ficheiro:Lorrain.seaport.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/29/Lorrain.seaport.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* 1. [ibiblio.org](http://ibiblio.org) *Artista original:* Claude Lorrain (1604/1605–1682)
  - **Ficheiro:Lugi\_Gallean2.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cd/Lugi\\_Gallean2.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cd/Lugi_Gallean2.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:Magnifying\_glass\_01.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying\\_glass\\_01.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying_glass_01.svg) *Licença:* CC0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:Makhno\_group.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f0/Makhno\\_group.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f0/Makhno_group.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:Mansion\_of\_Lenin.JPG** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/Mansion\\_of\\_Lenin.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/Mansion_of_Lenin.JPG) *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Ferran Cornellà
  - **Ficheiro:Mao.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Mao.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* photograph User:Wliiam-Shakespeare. Mao Zedong portrait attributed to Zhang Zhenshi and a committee of artists (see [1],<sup>[#cite\_note-1 [1]]</sup>), this version hung at Tiananmen Gate prior to about 1967.
  - **Ficheiro:Maquina\_vapor\_Watt\_ETSIIIM.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Maquina\\_vapor\\_Watt\\_ETSIIIM.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Maquina_vapor_Watt_ETSIIIM.jpg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Enciclopedia Libre *Artista original:* Nicolás Pérez
  - **Ficheiro:Marx+Family\_and\_Engels.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Marx%2BFamily\\_and\\_Engels.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Marx%2BFamily_and_Engels.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.marxists.org/archive/marx/photo/family/pages/64daug.htm> / <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Jelem.jpg> *Artista original:* Desconhecido<a href='https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718' title='wikidata:Q4233718'><img alt='wikidata:Q4233718' src='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/20px-Wikidata-logo.svg.png' width='20' height='11' srcset='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/30px-Wikidata-logo.svg.png 1.5x, https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/40px-Wikidata-logo.svg.png 2x' data-file-width='1050' data-file-height='590' /></a>
  - **Ficheiro:Marx-Engels-Forum01.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/85/Marx-Engels-Forum01.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* [en.wikipedia.org](http://en.wikipedia.org): 19:54, 3 September 2005 . . Bronks . . 500x335 (36630 bytes) *(Statue of Marx and Engels in Alexanderplatz, Berlin.* `|` *Esta imagem foi colocada no domínio público pelo seu autor ou pelo detentor dos direitos de autor, os seus direitos de autor expiraram ou não pode estar sujeita a direitos de autor. Condição válida em todos os países. |* - *Nota: Esta marcação não deve mais ser utilizada! Por favor a substitua por:*
    - `{{PD-PTBR}}` *(para trabalhos cujo autor já morreu há mais de 70 anos),*
    - `{{PD-Arte}}` *(para fotos de pinturas antigas),*
    - `{{PD-self}}` *(caso o usuário(a) que carregou o arquivo tenha liberado seus direitos),*
    - `{{DP-SO}}` *(caso se trate de um símbolo oficial brasileiro definido em lei,*
    - `{{PD-user|user}}` *(se outro usuário(a) liberou seus direitos), ou {{Uso livre}}.*
    - *Se o trabalho estiver sob o domínio público por outra razão utilize {{PD-porque|razão}}.*
- |}
- Artista original:* Bronks
- **Ficheiro:Marx1867.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/60/Marx1867.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.marxists.org/archive/marx/photo/lifeandwork/images/67km2.jpg> *Artista original:* Friedrich Karl Wunder
  - **Ficheiro:Marx1869.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Marx1869.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.marxists.org/archive/marx/photo/lifeandwork/images/69kmjm.jpg> *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:Marx4.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1e/Marx4.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:MarxEngels\_3a.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/MarxEngels\\_3a.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/MarxEngels_3a.jpg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
  - **Ficheiro:Marx\_Moscow.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/6/6d/Marx\\_Moscow.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/6/6d/Marx_Moscow.jpg) *Licença:* cc-by-sa *Contribuidores:* O autor, Graham Beards *Artista original:* Graham Beards
  - **Ficheiro:Marx\_and\_Engels.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Marx\\_and\\_Engels.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Marx_and_Engels.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Transferido de Wikipedia para o Commons. *Artista original:* Este ficheiro foi inicialmente carregado por Σ em Wikipédia em inglês
  - **Ficheiro:Marx\_old.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a2/Marx\\_old.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a2/Marx_old.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.marxists.org/archive/marx/photo/index.htm> (direct link: <http://www.marxists.org/archive/marx/photo/marx/pages/82km1.htm>) *Artista original:* original unknown ; edited by de:Benutzer:Tets
  - **Ficheiro:Members\_of\_the\_Maquis\_in\_La\_Tresorerie.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/Members\\_of\\_the\\_Maquis\\_in\\_La\\_Tresorerie.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/Members_of_the_Maquis_in_La_Tresorerie.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?

- **Ficheiro:Mockb1356.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e5/Mockb1356.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que seja obra própria, baseando-se nas informações sobre direito autoral. *Artista original:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que a autoria seja de Lampiao3, baseando-se nas informações sobre direito autoral.
- **Ficheiro:Murray\_Bookchin.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Murray\\_Bookchin.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Murray_Bookchin.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Janet Biehl *Artista original:* Janet Biehl
- **Ficheiro:NY\_stock\_exchange\_traders\_floor\_LC-U9-10548-6.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/NY\\_stock\\_exchange\\_traders\\_floor\\_LC-U9-10548-6.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/NY_stock_exchange_traders_floor_LC-U9-10548-6.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Floor of the New York Stock Exchange *Artista original:* Thomas J. O'Halloran, photographer
- **Ficheiro:NoFonti.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b5/NoFonti.svg> *Licença:* CC BY-SA 2.5 *Contribuidores:* Image:Emblem-important.svg *Artista original:* RaminusFalcon
- **Ficheiro:Old\_Russia\_-\_Yakov\_Sverdlov\_1918\_&\_Lenin\_&\_Avanesov.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/67/Old\\_Russia\\_-\\_Yakov\\_Sverdlov\\_1918\\_%26\\_Lenin\\_%26\\_Avanesov.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/67/Old_Russia_-_Yakov_Sverdlov_1918_%26_Lenin_%26_Avanesov.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* books (источник: Свердлова К. Т. Яков Михайлович Свердлов. - 4-е изд.- М.: Мол. Гвардия, 1985.), update from <http://lenin-ulijanov.narod.ru/80.jpg> *Artista original:* Desconhecido<a href='https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718' title='wikidata:Q4233718'><img alt='wikidata:Q4233718' src='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/20px-Wikidata-logo.svg.png' width='20' height='11' srcset='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/30px-Wikidata-logo.svg.png 1.5x, https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/40px-Wikidata-logo.svg.png 2x' data-file-width='1050' data-file-height='590' /></a>
- **Ficheiro:PT-Anarquismo.ogg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0e/PT-Anarquismo.ogg> *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* CesarAzevedo
- **Ficheiro:Peter\_Kropotkin\_circa\_1900.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Peter\\_Kropotkin\\_circa\\_1900.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Peter_Kropotkin_circa_1900.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* NYPL *Artista original:* F. Nadar
- **Ficheiro:Pogrzeb\_Lenina1924.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/03/Pogrzeb\\_Lenina1924.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/03/Pogrzeb_Lenina1924.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This image was published in *Pravda* in 1924 *Artista original:* Desconhecido<a href='https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718' title='wikidata:Q4233718'><img alt='wikidata:Q4233718' src='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/20px-Wikidata-logo.svg.png' width='20' height='11' srcset='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/30px-Wikidata-logo.svg.png 1.5x, https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/fff/Wikidata-logo.svg/40px-Wikidata-logo.svg.png 2x' data-file-width='1050' data-file-height='590' /></a>
- **Ficheiro:Portrait\_Pierre-Joseph\_Proudhon.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Portrait\\_Pierre-Joseph\\_Proudhon.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Portrait_Pierre-Joseph_Proudhon.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio (Scan) *Artista original:* Félix Nadar
- **Ficheiro:Pyramid\_of\_Capitalist\_System.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/Pyramid\\_of\\_Capitalist\\_System.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bf/Pyramid_of_Capitalist_System.png) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Uni Hamburg *Artista original:* Artist not credited. Published by International Pub. Co., Cleveland, Ohio.
- **Ficheiro:Question\_book.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/97/Question\\_book.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/97/Question_book.svg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Ravachol\_-\_Arrestation\_crop.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/Ravachol\\_-\\_Arrestation\\_crop.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/Ravachol_-_Arrestation_crop.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:*
- **Ravachol\_-\_Arrestation.jpg** *Artista original:* Ravachol\_-\_Arrestation.jpg: Le Petit Journal
- **Ficheiro:Red\_flag\_II.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Red\\_flag\\_II.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Red_flag_II.svg) *Licença:* CC BY 2.5 *Contribuidores:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que seja obra própria, baseando-se nas informações sobre direito autoral. *Artista original:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que a autoria seja de Ssolbergj, baseando-se nas informações sobre direito autoral.
- **Ficheiro:Red\_stylized\_fist.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Red\\_stylized\\_fist.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Red_stylized_fist.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Rafaelgr
- **Ficheiro:Robert\_Owen\_statue\_-\_Manchester\_-\_April\_11\_2005.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/Robert\\_Owen\\_statue\\_-\\_Manchester\\_-\\_April\\_11\\_2005.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c6/Robert_Owen_statue_-_Manchester_-_April_11_2005.jpg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Sao\_Paulo\_Stock\_Exchange.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b8/Sao\\_Paulo\\_Stock\\_Exchange.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b8/Sao_Paulo_Stock_Exchange.jpg) *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* Flickr *Artista original:* Rafael Matsunaga
- **Ficheiro:Searchtool.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Searchtool.svg> *Licença:* LGPL *Contribuidores:* <http://ftp.gnome.org/pub/GNOME/sources/gnome-themes-extras/0.9/gnome-themes-extras-0.9.0.tar.gz> *Artista original:* David Vignoni, Ysangkok
- **Ficheiro:SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* from "Hortus deliciarum" of Herrad von Landsberg - date: about 1180 *Artista original:* User:Markus Mueller
- **Ficheiro:Sound-icon.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/47/Sound-icon.svg> *Licença:* LGPL *Contribuidores:* Derivative work from Silsor's versio *Artista original:* Crystal SVG icon set
- **Ficheiro:Stalin\_1945.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Stalin\\_1945.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Stalin_1945.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Esta image está disponível na Divisão de Impressos e Fotografias da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos sob o número de identificação digital cph.3a14367. Esta marcação não indica o status de direito autoral da obra aqui mostrada. Uma marcação normal de direitos autorais ainda é necessária. Veja Commons: Licenciamento para mais informações. *Artista original:* US Army Signal Corps
- **Ficheiro:Subcomandante\_Marcos.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Subcomandante\\_Marcos.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Subcomandante_Marcos.jpg) *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* taken from flickr. Link: <http://flickr.com/photos/uncut/64601617/> *Artista original:* tj scenes / cesar bojqreuz (flickr)

- **Ficheiro:São\_Paulo\_(Greve\_de\_1917).jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/S%C3%A3o\\_Paulo\\_%28Greve\\_de\\_1917%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/S%C3%A3o_Paulo_%28Greve_de_1917%29.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.alunosonline.com.br/historiab/anarquismo-no-brasil/> *Artista original:* Desconhecido<a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:The\_Soviet\_Union\_1970\_CPA\_3906\_stamp\_(Friedrich\_Engels).jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/The\\_Soviet\\_Union\\_1970\\_CPA\\_3906\\_stamp\\_%28Friedrich\\_Engels%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/The_Soviet_Union_1970_CPA_3906_stamp_%28Friedrich_Engels%29.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Scanned 600 dpi by User Matsievsky from personal collection *Artista original:* USSR Post
- **Ficheiro:Thefalloftheberlinwall1989.JPG** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Thefalloftheberlinwall1989.JPG> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Original photo by unknown author. Reproduction from public documentation/memorial by Lear 21 em Wikipédia em inglês. *Artista original:* Unknown photographer, Reproduction by Lear 21 em Wikipédia em inglês.
- **Ficheiro:Tijuana\_Tierra\_y\_Libertad\_1911.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Tijuana\\_Tierra\\_y\\_Libertad\\_1911.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Tijuana_Tierra_y_Libertad_1911.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.sandiegohistory.org/journal/80fall/revolutionimages.htm> *Artista original:* ? (San Diego Historical Society's Title Insurance and Trust Collection).
- **Ficheiro:Trotsky\_grave.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/00/Trotsky\\_grave.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/00/Trotsky_grave.jpg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra própria do carregador original *Artista original:* en>User:fabioj
- **Ficheiro:Trotsky\_nina1915.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Trotsky\\_nina1915.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/94/Trotsky_nina1915.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Union-de-Lucha.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Union-de-Lucha.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.marxists.org/archive/lenin/photo/1895-1917/1897-1.htm> *Artista original:* Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939)
- **Ficheiro:Unterschrift\_Lenins.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/Unterschrift\\_Lenins.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/Unterschrift_Lenins.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* M Vilez
- **Ficheiro:VictimOfInternational.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/VictimOfInternational.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Reproduced in various historical studies of revolutionary Russia, and on various websites, including that of the Victoria and Albert Museum, which has a copy of the poster in its collection. *Artista original:* An anonymous author known only as "M.V."
- **Ficheiro:Victims\_of\_the\_1921\_famine\_in\_Russia.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Victims\\_of\\_the\\_1921\\_famine\\_in\\_Russia.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Victims_of_the_1921_famine_in_Russia.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ArtUkraine.com *Artista original:* Dr Fridtjof Nansen (1861 - 1930)
- **Ficheiro:Vote.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/A\\_coloured\\_voting\\_box.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/A_coloured_voting_box.svg) *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Resizia
- **Ficheiro:Wiki\_letter\_w.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Wiki\\_letter\\_w.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Wiki_letter_w.svg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio; Wikimedia Foundation *Artista original:* SVG Jarkko Piironen; rights, design and origin Wikimedia Foundation
- **Ficheiro:Wikipedia-logo\_A\_pt.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/34/Wikipedia-logo\\_A\\_pt.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/34/Wikipedia-logo_A_pt.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Image:Anarchist logo.svg e Image:Wikipedia-logo BW-hires.svg *Artista original:* Econt (<a href="//commons.wikimedia.org/wiki/User\_talk:Econt" title="User talk:Econt">talk</a>)
- **Ficheiro:Wikiquote-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikiquote-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Rei-artur
- **Ficheiro:Wikisource-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Wikisource-logo.svg> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Rei-artur *Artista original:* Nicholas Moreau
- **Ficheiro:Wiktionary-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Wiktionary-logo.svg> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:WomanFactory1940s.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1a/WomanFactory1940s.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Esta imagem está disponível na Divisão de Impressos e Fotografias da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos sob o número de identificação digital fsac.1a34951. Esta marcação não indica o status de direito autoral da obra aqui mostrada. Uma marcação normal de direitos autorais ainda é necessária. Veja Commons: Licenciamento para mais informações. *Artista original:* Howard R. Hollem
- **Ficheiro:World\_GDP\_Capita\_1-2003\_A.D.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/World\\_GDP\\_Capita\\_1-2003\\_A.D.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/World_GDP_Capita_1-2003_A.D.png) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Data Source: Angus Maddison's "World Population, GDP and Per Capita GDP, 1-2003 AD" (This en:Microsoft Excel file can also be read by using the free OpenOffice) at The Groningen Growth and Development Centre. <http://www.ggd.net/> The chart includes data for the years 1, 1000, 1500, 1600, 1700, 1820, 1900, and 2003 A.D. Western Europe is line 23, "Total 29 Western Europe". Western offshoots is line 29 "Total Western offshoots" (Australia, New Zealand, Canada, and the United States). Eastern Europe is line 38, "Total 7 East European Countries". Former USSR is line 65, "Total Former USSR". Latin America is line 94, "Total Latin America". Asia is line 139, "Total Asia". Africa is line 195, "Total Africa". World is line 199, "World Average". The y scale is in 1990 International en:Geary-Khamis dollars. *Artista original:* Ultramarine em Wikipédia em inglês
- **Ficheiro:Zentralbibliothek\_Zürich\_Das\_Kapital\_Marx\_1867.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Zentralbibliothek\\_Z%C3%BCrich\\_Das\\_Kapital\\_Marx\\_1867.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/Zentralbibliothek_Z%C3%BCrich_Das_Kapital_Marx_1867.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This document was created as part of the Zentralbibliothek Zürich project. *Artista original:* Zentralbibliothek Zürich
- **Ficheiro:Совет\_народных\_комиссаров\_(Ленин,\_Штейнберг,\_Комков,\_Бонч-Бруевич,\_Трутовский...),\_1918.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/1%D0%A1%D0%BE%D0%B2%D0%B5%D1%82\\_%D0%BD%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B4%D0%BD%D1%8B%D1%85\\_%D0%BA%D0%BE%D0%BC%D0%B8%D1%81%D1%81%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B2\\_%28%D0%9B%D0%B5%D0%BD%D0%B8%D0%BD%2C\\_%D0%A8%D1%82%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/1%D0%A1%D0%BE%D0%B2%D0%B5%D1%82_%D0%BD%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B4%D0%BD%D1%8B%D1%85_%D0%BA%D0%BE%D0%BC%D0%B8%D1%81%D1%81%D0%B0%D1%80%D0%BE%D0%B2_%28%D0%9B%D0%B5%D0%BD%D0%B8%D0%BD%2C_%D0%A8%D1%82%29.jpg)

D0%B5%D0%B9%D0%BD%D0%B1%D0%B5%D1%80%D0%B3%2C\_%D0%9A%D0%BE%D0%BC%D0%BA%D0%BE%  
D0%B2%2C\_%D0%91%D0%BE%D0%BD%D1%87-%D0%91%D1%80%D1%83%D0%B5%D0%B2%D0%B8%D1%87%  
2C\_%D0%A2%D1%80%D1%83%D1%82%D0%BE%D0%B2%D1%81%D0%BA%D0%B8%D0%B9...%29%2C\_1918.jpg  
*Licença:* Public domain *Contribuidores:* State museum of political history of Russia *Artista original:* Desconhe-  
cido<a href='https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718' title='wikidata:Q4233718'><img alt='wikidata:Q4233718' src='https:  
//upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/20px-Wikidata-logo.svg.png' width='20' height='11'  
srcset='https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/30px-Wikidata-logo.svg.png 1.5x,  
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/ff/Wikidata-logo.svg/40px-Wikidata-logo.svg.png 2x' data-file-width='1050'  
data-file-height='590' /></a>

### 15.8.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0